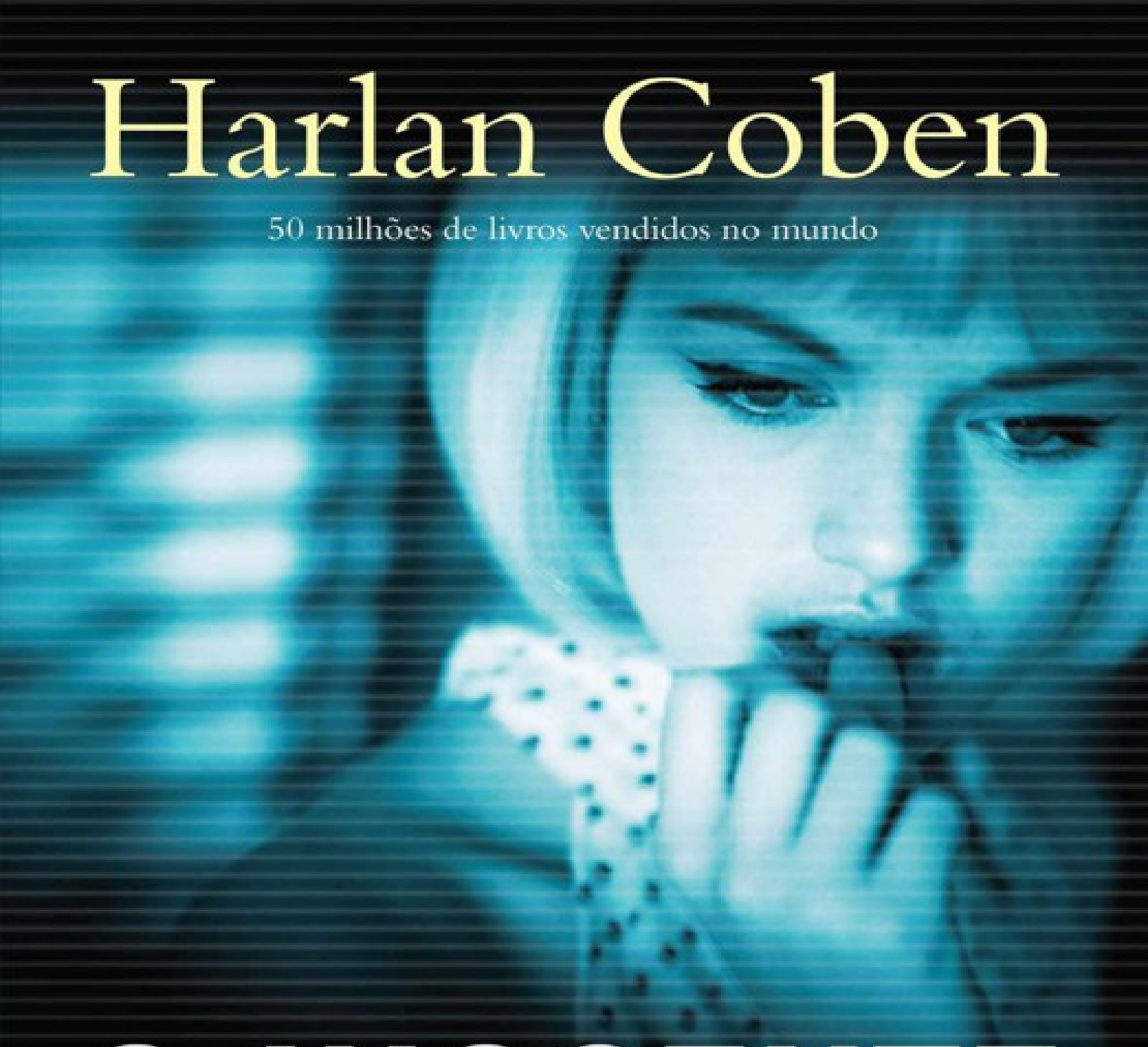
Harlan Coben

50 milhões de livros vendidos no mundo



O INOCENTE

Alguns erros podem mudar sua vida para sempre

ARQUEIRO

O INOCENTE



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Harlan Coben



O INOCENTE

ARQUEIRO

Título original: *The Innocent*
Copyright © 2005 por Harlan Coben
Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Therezinha Monteiro Deutsch e Sylvio Monteiro Deutsch
preparo de originais: Taís Monteiro
revisão: Flávia Midori e Luis Américo Costa
projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira
capa: Raul Fernandes
imagens de capa: Latinstock / Studio MPM / Corbis (DC)
produção digital: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C586i

Coben, Harlan, 1962-
O inocente [recurso eletrônico] / Harlan Coben [tradução de Therezinha Monteiro Deutsch e Sylvio Monteiro Deutsch]; São Paulo: Arqueiro, 2013.
recurso digital

Tradução de: The innocent
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-229-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Monteiro, Thereza. II. Deutsch, Sylvio Monteiro. III. Título.

13-05749

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Em memória de
Steven Z. Miller.

Para todos nós que tivemos a sorte de ser seus amigos –
tentamos ser gratos pelo tempo que passamos juntos,
mas é muito difícil.

E para a família dele, em especial Jesse, Maya T. e Nico –
quando estivermos mais fortalecidos, falaremos sobre o pai de vocês,
porque ele foi o melhor ser humano que conhecemos.

prólogo

VOCÊ NÃO TINHA INTENÇÃO de matá-lo.

Seu nome é Matt Hunter. Tem 20 anos de idade e cresceu em um bairro de classe média alta nos subúrbios do norte de Nova Jersey, perto de Manhattan. Mora na parte menos favorecida da cidade, mas é uma cidade muito rica. Seus pais trabalham duro e o amam de maneira incondicional. Você é o filho do meio. Tem um irmão mais velho, a quem idolatra, e uma irmã mais nova, a quem tolera.

Como todo jovem de sua cidade, você cresceu pensando no futuro e em qual faculdade iria fazer. Estuda muito e tira boas notas, embora não espetaculares. Sua média é 8. Não está entre os dez por cento melhores, mas chega perto. Realiza algumas atividades extracurriculares, incluindo um período como tesoureiro da escola. Joga futebol americano e basquete e é bom o suficiente para fazer parte do time principal, mas não para conseguir uma bolsa de estudos. É meio metido e tem um charme natural. É um dos mais populares da escola. Quando faz o teste de admissão para a faculdade, sua alta pontuação surpreende o orientador educacional.

Tenta entrar nas universidades mais prestigiosas, mas não consegue por pouco. Em Harvard e Yale, é rejeitado de cara. Em Penn e Colúmbia, entra na lista de espera. Acaba indo para a Bowdoin, uma pequena instituição particular frequentada pela elite em Brunswick, no Maine. Você adora o lugar. As turmas são pequenas e você faz amizades. Não tem namorada, mas provavelmente não está à procura de uma. No segundo ano, entra para o time principal de futebol americano. Também faz parte do de basquete e, agora que o melhor jogador se formou, você tem uma grande chance de conseguir se destacar.

Então, um dia, ao voltar para o campus entre o primeiro e o segundo semestres do terceiro ano, você mata uma pessoa.

As férias com sua família estão maravilhosas, mas os treinos de basquete recomeçam. Você dá um beijo de despedida em sua mãe e em seu pai e segue de carro para a faculdade junto com seu melhor amigo e colega de quarto, Duff. Ele é de Westchester, Nova York. É baixinho e tem as pernas grossas. Também joga no time de futebol americano e é reserva no de basquete. É o maior bebedor da universidade. Nunca perde uma competição de copo.

Você dirige.

Duff quer parar na Universidade de Massachusetts – mais conhecida como UMass – em Amherst, que fica no caminho. Um amigo dele da época do colégio é membro de uma famosa fraternidade de lá. Eles darão uma grande festa.

Você não está muito animado, mas não é de perder uma boa festa. Fica mais à vontade em reuniões menores, nas quais conheça todo mundo. Bowdoin tem cerca de 1.600 alunos, enquanto a UMass tem quase 40 mil. É início de janeiro e faz muito frio. O chão está coberto de neve. Você consegue ver a própria respiração se condensar à sua frente enquanto se dirige à casa onde funciona a fraternidade.

Você e Duff jogam seus agasalhos em uma pilha. Você se lembrará disso muitas vezes ao longo dos anos, daquele monte de casacos. Se tivesse ficado com o seu, se o tivesse deixado no carro, se o tivesse colocado em qualquer outro lugar...

Mas nada disso aconteceu.

A festa está boa. Frenética, sim, mas você acha que é uma agitação forçada. O amigo de Duff quer que vocês dois durmam no quarto dele. Você concorda. Você bebe bastante – afinal, é uma festa de faculdade –, mas nada comparado a Duff. O ânimo da festa começa a esfriar. A certa altura, vocês vão buscar os casacos. Duff está segurando uma cerveja. Ele pega o agasalho e o joga no ombro.

Então entorna um pouco da bebida.

Não muito. Só um pouco. Mas é o suficiente.

O líquido cai em um casaco vermelho fino. Essa é uma de suas lembranças. O frio lá fora está congelante, mas apesar disso alguém levou apenas um agasalho leve. Outra coisa que você nunca vai esquecer é que a peça é impermeável. O pouquinho de cerveja

derramada não a estragará. Não a manchará. O tecido poderia ser lavado com facilidade.

Mas alguém grita:

– Ei!

Ele, o dono do casaco, é um cara grande, mas não gigantesco. Duff dá de ombros. Não pede desculpas. O sujeito, o Sr. Casaco Vermelho, começa a reclamar com ele. Isso é um erro. Você sabe que Duff é bom de briga e tem o pavio curto. Toda faculdade tem um Duff, aquele sujeito que você nunca imaginaria perdendo uma disputa.

Esse é o problema, claro. Toda faculdade tem um Duff, e às vezes o Duff de uma esbarra com o Duff de outra.

Você tenta acabar com aquilo bem rápido, tenta levar na brincadeira, mas está lidando com dois cabeças-duras que beberam demais e já estão com o rosto vermelho e os punhos em riste. Um deles – você não lembra qual – desafia o outro e todos saem para a noite fria. Você percebe que está em uma bela enrascada.

O sujeito do casaco vermelho está com vários amigos.

Há oito ou nove deles, e você e Duff estão sozinhos. Você procura o amigo de Duff, o tal de Mark, ou Mike, algo assim, mas ele não se encontra por perto.

Logo a briga começa.

Duff abaixa a cabeça como um touro e parte para cima de Casaco Vermelho. O outro desvia para o lado e agarra Duff em um mata-leão. Dá um soco em seu nariz e em seguida, ainda segurando-o, mais um. E outro. E outro.

A cabeça de Duff está abaixada. Ele se contorce para se libertar, mas não adianta nada. Por volta do sétimo ou oitavo soco, para de se mexer. Os amigos de Casaco Vermelho começam a gritar, animados. Os braços de Duff estão caídos dos lados de seu corpo.

Você quer acabar com aquilo, mas não sabe como. Casaco Vermelho continua o trabalho de forma metódica, sem pressa, soco após soco. Os amigos dele o aplaudem, gritando efusivamente a cada golpe.

Você está aterrorizado.

Seu amigo está sendo espancado, mas você está mais preocupado consigo mesmo. Isso o deixa envergonhado. Quer fazer

algo, porém sente medo, muito medo. Não consegue se mover – suas pernas parecem feitas de borracha e seus braços formigam. Você se odeia por isso.

Casaco Vermelho acerta outro soco em Duff e o solta. Duff cai no chão como um saco de roupa suja. Casaco Vermelho chuta-lhe as costelas.

Você é o pior amigo de todos. Está assustado demais para ajudar. Nunca esquecerá essa sensação. Covardia. Pensa que isso é pior do que ser espancado. O silêncio, a terrível sensação de desonra.

Outro chute. Duff geme e vira-se de costas. O rosto dele está cheio de listras vermelho-escuras. Mais tarde você ficará sabendo que os ferimentos foram leves – ele vai ficar com os dois olhos roxos e vários hematomas, nada mais. Naquele momento, porém, ele parece muito mal. Você sabe que Duff nunca ficaria assistindo a você ser espancado daquela maneira.

Você não consegue mais aguentar e sai da multidão.

Todos olham para você. Por um instante, ninguém se mexe, ninguém fala. Casaco Vermelho está ofegante. É possível ver a respiração dele se condensando no ar gelado. Você treme. Tenta parecer racional. “Ei”, diz, “já chega.” Abre os braços, dá seu sorriso charmoso, fala que Duff perdeu a briga, que está acabado. “Você venceu”, diz para Casaco Vermelho.

Alguém pula em cima de você por trás, envolvendo-o com os braços e apertando-o com força.

Você está imobilizado.

Casaco Vermelho vai em sua direção. Seu coração bate tão forte que quase pula do peito. Você joga a cabeça para trás e seu crânio acerta o nariz de quem o está segurando. Casaco Vermelho está mais próximo agora. Você se esquiva. Mais alguém surge da multidão. Ele tem cabelos louros e é corado. Você presume que seja outro amigo de Casaco Vermelho.

O nome dele é Stephen McGrath.

Ele tenta agarrá-lo, mas você escapa. Outros vão atrás de você, que entra em pânico. Stephen McGrath põe as mãos em seus ombros. Você tenta se soltar e gira com violência.

Nesse momento, consegue se desvencilhar e agarra o pescoço dele.

Foi você que o atacou? Foi ele que o puxou ou você que o empurrou? Você não sabe. Um de vocês perdeu o equilíbrio? Foi culpa do gelo? Você se lembrará desse momento inúmeras vezes, mas a resposta nunca ficará clara.

De qualquer forma, os dois caem.

Você continua com as mãos no pescoço dele, na altura da garganta, e não solta.

Vocês atingem o chão com um baque surdo. A nuca de Stephen McGrath bate na beirada da calçada. Ouve-se um som horrível e infernal de algo se quebrando, de algo molhado e oco, um ruído diferente de tudo o que você já escutou.

O som marca o fim da vida como você a conhece.

Você sempre se lembrará dele, daquele barulho horrível. Ele nunca o abandonará.

Tudo para. Você olha para baixo. Stephen McGrath está com os olhos abertos, sem piscar. Mas você já sabe. Percebeu no momento em que o corpo dele ficou repentinamente inerte, no momento em que ouviu aquele som horrível e infernal.

As pessoas se afastam. Você não se mexe. Não se move por um longo tempo.

Então tudo acontece muito rápido. Os seguranças do campus aparecem. Depois, a polícia. Você conta a eles o que aconteceu. Seus pais contratam uma ótima advogada de Nova York. Ela o orienta a dizer que foi legítima defesa. Você obedece.

E continua ouvindo aquele som horrível.

O promotor ridiculariza sua versão. “Senhoras e senhores do júri”, diz ele, “o réu por acaso escorregou com as mãos ao redor do pescoço de Stephen McGrath? Ele quer mesmo que acreditemos nisso?”

O julgamento não vai bem.

Nada tem importância para você. Antes, você se importava com notas e horários de jogos. Que ridículo. Amigos, garotas, posição social, festas, sucesso, essas coisas. Todas elas são ilusórias. Todas elas foram substituídas por aquele som terrível de crânio se espatifando no concreto.

No julgamento, você ouve seus pais chorarem, mas são os rostos de Sonya e Clark McGrath, pais da vítima, que vão assombrá-lo.

Sonya o fuzila com o olhar o tempo todo. Ela o desafia a encará-la.

Você não consegue.

Você tenta ouvir o júri anunciar o veredicto, mas os outros sons o atrapalham. Eles nunca param, nunca diminuem de volume, nem quando o juiz olha para baixo com seriedade e pronuncia a sentença. A imprensa está atenta. Você não será enviado a um presídio cheio de regalias para onde são mandados rapazes brancos de posição social privilegiada. Não em um ano de eleições.

Sua mãe desmaia. Seu pai tenta ser forte. Sua irmã corre para fora do tribunal. Seu irmão, Bernie, fica paralisado.

Você é algemado e levado. O modo como foi criado não o ajudará em nada a enfrentar o que virá pela frente. Você viu na televisão e ouviu todas as histórias sobre estupro na cadeia. Isso não ocorre – nada de violência sexual –, mas você é espancado na primeira semana. Comete o erro de identificar quem o agrediu. É atacado mais duas vezes e passa três semanas na enfermaria. Anos depois, você ainda verá vestígios de sangue na urina algumas vezes, lembrança de uma pancada no rim.

Você vive em um estado de medo constante. Quando volta para a cela, descobre que o único jeito de sobreviver é aliando-se a uma bizarra ramificação da Nação Ariana. Eles não têm grandes ideias nem uma visão grandiosa de como os Estados Unidos deveriam ser. Basicamente, apenas adoram odiar.

Seis meses depois da condenação, seu pai morre em decorrência de um infarto. Você sabe que a culpa é sua. Quer chorar, mas não consegue.

Fica quatro anos na prisão. Quatro anos – o mesmo período de tempo que a maioria dos estudantes passa na faculdade. Seu aniversário de 25 anos está quase chegando. Dizem que você mudou, mas você não tem tanta certeza.

Quando sai do presídio, anda com passos hesitantes, como se o chão sob seus pés pudesse ceder, como se a terra pudesse afundar a qualquer instante.

De certa forma, você andará assim para sempre.

Seu irmão, Bernie, está lá fora para recebê-lo. Acabou de se casar. A esposa dele, Marsha, está grávida do primeiro filho. Ele passa o braço pelos seus ombros. Você quase sente os últimos

quatro anos se esvaírem. Bernie faz uma brincadeira qualquer e você ri com vontade pela primeira vez em muito tempo.

Você estava enganado: sua vida não terminou naquela noite fria em Amherst. Seu irmão o ajudará a reencontrar a normalidade. Você até conhecerá uma bela mulher mais à frente. O nome dela é Olivia. Ela o fará muito feliz.

Vocês dois se casarão.

Um dia, nove anos depois de ter atravessado aquele portão, você ficará sabendo que sua bela esposa está grávida. Decide comprar celulares com câmera para que vocês possam se falar a qualquer instante. Enquanto está no trabalho, seu aparelho toca.

Seu nome é Matt Hunter. O telefone toca pela segunda vez. E então você atende...

NOVE ANOS DEPOIS

capítulo 1

RENO, NEVADA
18 DE ABRIL

A CAMPAINHA TIROU KIMMY DALE de um sono profundo.

Ela se espreguiçou na cama, suspirou e olhou para o despertador digital no criado-mudo.

11h47.

Apesar de ser quase meio-dia, o interior do trailer permanecia escuro. Era assim que Kimmy gostava. Ela trabalhava durante a noite e tinha o sono leve. Quando morava em Las Vegas, passara anos testando cortinas, persianas, venezianas e máscaras para dormir até achar uma combinação que conseguisse de fato impedir a entrada do forte sol de Nevada enquanto ela dormia. Os raios solares em Reno eram menos implacáveis, mas ainda assim atravessavam até a menor fresta.

Kimmy sentou-se na cama *king size.* A televisão, um aparelho de segunda mão que comprara de um pequeno hotel local quando os donos enfim decidiram fazer uma reforma, ainda estava ligada, mas sem som. As imagens flutuavam, fantasmagóricas, em algum mundo distante. Ela tinha dormido sozinha, mas essa era uma condição que mudava com frequência. Houvera um tempo em que cada visitante, cada possível namorado, levava esperança para aquela cama, despertando em Kimmy a sensação otimista de ter encontrado o homem certo, sentimento que, avaliando em retrospecto, ela percebia que sempre terminava em desilusão.

Agora já não havia mais nem essa esperança.

Ela se levantou devagar. Os seios inchados por causa da última cirurgia plástica doíam a cada movimento. Era a terceira vez que ela fazia implante de silicone nas mamas, e não era mais nenhuma garotinha. Não desejara a cirurgia, mas Chally, que achava ter um olho bom para esse tipo de coisa, insistira. Suas gorjetas estavam

cada vez menores e sua popularidade diminuía. Então Kimmy concordara. Mas a pele dos seios tinha ficado esticada demais depois da intervenção anterior. Quando ela se deitava de costas, os malditos caíam para os lados e os mamilos ficavam parecendo olhos de peixe.

A campainha tocou outra vez.

Kimmy olhou para as pernas cor de ébano. Aos 35 anos, nunca tivera filhos, mas as varizes cresciam como vermes bem alimentados. Passara anos demais em pé. Chally queria que ela as operasse também. Ainda estava em forma, ainda tinha uma silhueta impecável e um bumbum fantástico, mas, claro, 35 anos não são 18. Tinha um pouco de celulite, e aquelas veias pareciam um maldito mapa em relevo.

Pôs um cigarro na boca. A caixa de fósforos tinha o nome do lugar onde trabalhava, uma boate de striptease chamada Eager Beaver. No passado, Kimmy se apresentara em Las Vegas com o nome artístico Magia Negra. Não tinha saudade daquele tempo. Na verdade, não sentia falta de nenhuma época de sua vida.

Kimmy Dale vestiu um robe e abriu a porta do quarto. A sala não tinha proteção contra o sol. A claridade a atingiu em cheio e ela protegeu os olhos, piscando sem parar. Não era comum receber visitas – nunca trabalhava em casa –, e imaginou que devia ser alguma testemunha de Jeová. Ao contrário da maioria das pessoas, Kimmy não se importava com as ocasionais intromissões deles. Sempre convidava o pregador a entrar e o ouvia com atenção, invejando-o por ter encontrado algo em que acreditar, desejando conseguir ter a mesma fé. Como acontecia com os homens em sua vida, ela torcia para que aquele fosse diferente, que pudesse convencê-la e fazê-la crer nele.

Abriu a porta sem perguntar quem era.

– Seu nome é Kimmy Dale?

A garota parada na soleira era jovem, devia ter uns 20 anos no máximo. Não, não era uma testemunha de Jeová. Não tinha aquele sorriso extasiado típico de alguém cujo cérebro foi esvaziado. Por um momento, Kimmy imaginou se seria uma das recrutas de Chally, mas não havia como. Não que a garota fosse feia, nada disso, mas não estava à altura dele. Chally gostava de brilho, de glamour.

– Quem é você? – perguntou Kimmy.

– Isso não importa.

– Como assim, não importa?

A jovem baixou os olhos e mordeu o lábio inferior. Kimmy percebeu algo vagamente familiar no gesto e sentiu uma pontada no peito.

– Você conheceu a minha mãe – disse a garota.

Kimmy mexeu no cigarro com nervosismo.

– Eu conheço muitas mães.

– A minha era Candace Potter.

Kimmy estremeceu ao ouvir aquele nome. Fazia um calor escaldante, mas ela subitamente fechou mais o robe.

– Posso entrar? – perguntou a garota.

Será que ela respondeu que sim? Não sabia. Deu um passo para o lado e a garota entrou.

– Não estou entendendo – falou Kimmy.

– Candace Potter era minha mãe. Ela me entregou para adoção no dia em que nasci.

Kimmy tentou orientar-se enquanto fechava a porta do trailer.

– Quer beber alguma coisa?

– Não, obrigada.

As duas se olharam por um momento e Kimmy cruzou os braços.

– Não entendi o que você quer.

A jovem falou como se tivesse ensaiado:

– Há dois anos descobri que fui adotada. Amo meus pais adotivos, então não quero que você me entenda mal. Eles são maravilhosos, assim como minhas duas irmãs. Sempre foram muito bons para mim. Não tem nada a ver com eles. É só que... quando você descobre algo assim, quer saber mais.

Kimmy assentiu, porém sem saber por quê.

– Então comecei a procurar informações. Não foi fácil, mas existem grupos que ajudam pessoas adotadas a encontrar os pais biológicos.

Kimmy tirou o cigarro da boca. Sua mão tremia.

– Mas você sabe que Candi... quero dizer, sua mãe, Candace...

– Está morta. Sim, eu sei. Foi assassinada. Descobri na semana passada.

As pernas de Kimmy começaram a tremer. Ela se sentou, tomada por lembranças dolorosas.

Candace Potter, conhecida como Candi Cane nas casas noturnas.

– O que você quer de mim? – perguntou ela.

– Falei com o policial que investigou o assassinato dela, Max Darrow. Você se lembra dele?

Ah, sim, ela se lembrava do bom e velho Max. Já o conhecia antes do assassinato. No início, ele mal investigara o caso. Falara algo sobre baixa prioridade. Stripper morta, sem família. Para ele, Candi era apenas mais uma. Então Kimmy entrara em cena, trocando favores por favores. Era assim que o mundo funcionava.

– Sim – disse –, eu lembro.

– Ele está aposentado agora. Diz que sabe quem matou minha mãe, mas não tem ideia de onde está o assassino.

Kimmy sentiu as lágrimas lhe enchendo os olhos.

– Isso foi há muito tempo.

– Você era amiga da minha mãe?

Kimmy conseguiu assentir. Ainda se recordava de tudo, claro. Candi tinha sido muito mais do que uma amiga. Naquele tipo de vida, não se conhecia muita gente em quem se pudesse confiar de fato. Candi fora uma pessoa assim, talvez a única desde a morte de Mama, quando Kimmy tinha 12 anos. As duas eram inseparáveis, Kimmy e aquela garota branca, e às vezes se denominavam, ao menos profissionalmente, de Pic e Sayers, por causa daquele filme antigo *Glória e derrota.* E então, como no filme, a amiga branca morreu.

– Ela era prostituta? – quis saber a garota.

Kimmy fez que não com a cabeça e disse uma mentira que tinha um fundo de verdade:

– De jeito nenhum.

– Mas ela fazia striptease.

Kimmy não respondeu.

– Não a estou julgando – atalhou a garota.

– Então o que você quer?

– Saber mais sobre ela.

– Não faz diferença nenhuma agora.

– Para mim, faz.

Kimmy lembrou-se de quando ouvira a notícia pela primeira vez. Estava no palco, em um bar perto de Tahoe, fazendo um número de música lenta para os clientes do almoço. Aquele era o maior grupo de fracassados da história da humanidade: homens com botas sujas de terra e um vazio no coração que se tornava ainda maior só de olhar as mulheres nuas. Fazia três dias que não via Candi, mas também era verdade que Kimmy nunca ficava muito tempo em um só lugar. Tinha sido ali, em cima do palco, que ela escutara os rumores pela primeira vez. Percebera que tinha acontecido algo ruim e rezara para que não tivesse nada a ver com a amiga.

Mas tinha.

– Sua mãe teve uma vida difícil – disse.

A garota sentou-se, hipnotizada.

– Candi achava que conseguiríamos sair daquela vida, sabe? No início ela pensava que seria algum cliente da boate, alguém que nos encontraria e nos tiraria dali, mas isso é bobagem. Algumas meninas até tentam, mas nunca conseguem. Os homens querem uma fantasia, não uma mulher. Sua mãe descobriu isso bem rápido. Era uma sonhadora, mas tinha os pés no chão.

Kimmy parou e desviou os olhos.

– E aí? – perguntou a garota.

– Aí aquele canalha acabou com ela como se ela fosse um inseto.

A jovem se remexeu na cadeira.

– O detetive Darrow disse que o nome dele era Clyde Rangor.

Kimmy assentiu.

– Também mencionou uma mulher chamada Emma Lemay. Era a parceira dele?

– Em alguns aspectos, sim. Mas não sei os detalhes.

Kimmy não chorara ao saber do acontecido. Ela estava além disso. Mas não ficara quieta. Arriscara tudo ao procurar Darrow para contar o que sabia.

O problema era que, naquele tipo de vida, não havia muitas garantias. Mas Kimmy não trairia Candi, mesmo àquela altura, quando já era tarde demais para ajudar. Porque, quando Candi se fora, o que havia de melhor em Kimmy morrera junto.

Então ela fora falar com os policiais, sobretudo com Max Darrow. Quem quer que houvesse feito aquilo – e ela estava certa de que

tinham sido Clyde e Emma – poderia machucá-la ou matá-la, mas ela não se deixaria intimidar.

No fim, os dois não foram atrás dela. Em vez disso, fugiram.

Isso já fazia dez anos.

– Você sabia sobre mim? – perguntou a garota.

Kimmy assentiu devagar.

– Sua mãe me contou. Mas só falou sobre isso uma vez. Era um assunto doloroso demais para ela. Você precisa entender. Candi era jovem quando aconteceu. Tinha 15, 16 anos. Eles levaram você assim que nasceu. Ela nem ficou sabendo se era menino ou menina.

Seguiu-se um silêncio pesado. Kimmy desejou que a garota fosse embora.

– O que você acha que aconteceu com ele? Com Clyde Rangor?

– Deve ter morrido – sugeriu Kimmy, apesar de não acreditar nisso.

Canalhas como Clyde não morriam. Apenas se entocavam e causavam mais dor.

– Eu quero encontrá-lo – decretou a jovem.

Kimmy ergueu os olhos para ela.

– Quero encontrar o assassino da minha mãe e levá-lo à justiça. Não sou rica, mas tenho algum dinheiro.

As duas ficaram caladas por um momento. O ar parecia denso, quase palpável. Kimmy pensou em como poderia falar o que estava pensando.

– Posso lhe dizer uma coisa? – começou.

– Claro.

– Sua mãe tentou enfrentar tudo.

– Tudo o quê?

– A maioria das garotas costuma se render, entende? – prosseguiu Kimmy. – Sua mãe nunca fez isso. Nunca se curvou. Jamais deixou de sonhar. Só que nunca conseguiu vencer.

– Não estou entendendo.

– Você é feliz, menina?

– Sou.

– Ainda está na escola?

– Acabei de entrar na faculdade.

– Faculdade – repetiu Kimmy com voz sonhadora. Então acrescentou: – Você...

– Eu o quê?

– Você é a vitória da sua mãe.

A garota não disse nada.

– Candi, sua mãe, não gostaria de ver você envolvida nesse assunto. Está entendendo?

– Acho que sim.

– Espere um momento – pediu Kimmy.

Então abriu uma gaveta. Estava ali, é claro. Não a via fazia muito tempo, mas a fotografia continuava logo no topo. Ela e Candi, sorrindo para o mundo. Pic e Sayers. Kimmy olhou para a própria imagem e percebeu que a jovem que chamavam de Magia Negra era uma desconhecida, uma anônima que Clyde Rangor poderia muito bem ter mandado para o esquecimento também.

– Fique com isto – disse ela.

A jovem segurou a foto como se fosse uma peça de porcelana.

– Ela era linda – sussurrou.

– Muito.

– Parecia feliz.

– Mas não era. Hoje, sim, ela seria.

A garota ergueu os olhos.

– Não sei se vou conseguir ficar fora disso.

Então, pensou Kimmy, *talvez você seja mais parecida com sua mãe do que imagina.*

As duas se abraçaram e prometeram manter contato. Depois que a garota foi embora, Kimmy vestiu-se. Foi até uma floricultura e comprou uma dúzia de tulipas. Eram as flores favoritas de Candi. Enfrentou o trajeto de quatro horas até o cemitério e ajoelhou-se ao lado do túmulo da amiga. Não havia ninguém por perto. Kimmy limpou a pequena lápide. Pagara o túmulo e a lápide do próprio bolso, porque Candi não tinha família, muito menos um jazigo onde pudesse ser enterrada.

– Sua filha foi me visitar hoje – disse ela.

Soprava uma brisa suave. Kimmy fechou os olhos e ouviu. Teve a sensação de escutar a voz de Candi, por tanto tempo silenciada, pedindo-lhe que cuidasse da segurança da filha.

E ali, sob o sol escaldante de Nevada, Kimmy prometeu que faria isso.

capítulo 2

IRVINGTON, NOVA JERSEY
20 DE JUNHO

– Um celular com câmera – murmurou Matt Hunter balançando a cabeça.

Ergueu os olhos para o céu, buscando a ajuda divina, mas a única coisa que o fitava lá de cima era uma imensa garrafa de cerveja.

A garrafa era uma imagem familiar, que Matt via todas as vezes que saía da casa com a pintura descascando que abrigava duas famílias. Com a tampa a mais de 50 metros de altura, a famosa garrafa dominava o horizonte. A Pabst Blue Ribbon era fabricada ali, até as instalações serem abandonadas em 1985. Anos antes, a garrafa tinha sido uma gloriosa caixa-d'água, com chapas de aço recobertas por cobre, esmalte brilhante e uma tampa dourada. À noite, holofotes a iluminavam para que os habitantes de Nova Jersey conseguissem vê-la a quilômetros de distância.

Mas isso era passado. Agora a cor parecia o marrom de uma garrafa de cerveja, mas era na verdade vermelho-ferrugem. O rótulo tinha sumido fazia tempo. Seguindo seu exemplo, a vizinhança – antes numerosa – ao redor dela não tinha apenas diminuído, mas também se desintegrado aos poucos. Havia vinte anos que ninguém trabalhava na cervejaria. A julgar pelas ruínas erodidas, era possível pensar que fazia muito mais tempo.

Matt parou no degrau mais alto. Olivia, o amor de sua vida, não. As chaves do carro tilintavam em sua mão.

– Não acho que seja uma boa ideia – disse ele.

Olivia não interrompeu o passo.

– Ora, vai ser divertido.

– Um telefone deveria ser um telefone – retrucou Matt. – E uma câmera deveria ser uma câmera.

– Nossa, que profundo!

– Um único aparelho com as duas funções... é uma perversão.

– Sua área de especialidade – ironizou Olivia.

– Ha ha! Você não vê o perigo?

– Hã... não.

– Um telefone e uma câmera em um aparelho só... – Matt parou, procurando as palavras. – Bem, não sei, é um equipamento híbrido, se você pensar bem, algo como uma experiência científica desses filmes, daquelas que fogem ao controle e começam a destruir tudo pelo caminho.

Olivia o encarou.

– Você é tão estranho...

– Não sei se é uma boa ter um telefone assim, só isso.

Ela destravou as portas do carro com o controle remoto e estendeu a mão para a maçaneta. Matt hesitou.

Olivia olhou para o marido outra vez.

– O que foi? – perguntou ele.

– Se nós dois tivermos celulares com câmera – respondeu ela –, eu poderei lhe mandar algumas fotos nua enquanto você estiver no trabalho.

Matt abriu a porta.

– De qual operadora? Verizon ou Sprint?

O sorriso de Olivia fez o coração dele acelerar.

– Eu amo você, sabia?

– Eu também amo você.

Dentro do carro, Olivia se virou para ele e a preocupação em seu semblante quase o fez desviar os olhos.

– Vai dar tudo certo – garantiu ela. – Você sabe disso, não é?

Matt assentiu e deu um sorriso forçado. Olivia percebeu que o gesto não era sincero, mas só o esforço de alguma forma já valeu.

– Olivia...

– Sim?

– Fale-me mais sobre as fotos nua.

Ela deu-lhe um tapinha no braço.

No entanto, a preocupação de Matt retornou no momento em que entraram na loja e começaram a ouvir o discurso do vendedor sobre o contrato de dois anos. O sorriso do homem tinha algo de satânico e ele parecia o demônio daqueles filmes em que o sujeito ingênuo

vende a alma. Quando ele lhes mostrou o mapa dos Estados Unidos e informou que as áreas fora de serviço estavam marcadas em vermelho, Matt começou a mudar de ideia.

Quanto a Olivia, não havia como conter seu entusiasmo, mas ela tinha uma tendência natural para a empolgação. Era uma das raras pessoas que encontram prazer tanto nas coisas grandes quanto nas pequenas, um dos aspectos que demonstravam – especialmente no caso deles – que os opostos de fato se atraem.

O vendedor continuava tagarelando. Matt parou de ouvir, mas Olivia prestava atenção a tudo o que ele dizia. Fez uma ou duas perguntas só por formalidade, mas o rapaz sabia que aquela cliente já estava não só fisgada, mas também a meio caminho da goela.

– Só preciso preparar a documentação – disse o demônio, afastando-se.

Olivia segurou o braço de Matt com uma expressão radiante no rosto.

– Não é divertido?

Matt torceu o nariz.

– O que foi?

– Você usou mesmo a palavra “nua”?

Ela riu e encostou a cabeça no ombro dele.

Claro que a animação dela – e aquela luz ininterrupta que irradiava – se devia a bem mais do que a simples troca de serviço de seus celulares. Comprar aparelhos com câmera era apenas uma simbologia, um sinal do que estava por vir.

Um bebê.

Dois dias antes ela comprara o teste de gravidez na farmácia e o fizera assim que chegara em casa. Em um desdobramento que Matt achara estranhamente carregado de significação religiosa, uma cruz vermelha enfim aparecera dentro do tubo branco. Ele ficara em silêncio, atônito. Fazia um ano que tentavam engravidar, quase desde que tinham se casado. A tensão do fracasso constante havia transformado o que sempre fora uma experiência espontânea, se não mágica, num metódico ritual de medições de temperatura, marcações no calendário, abstinências prolongadas, concentração redobrada.

Agora tudo isso era passado. Matt advertira Olivia de que ainda era cedo, que não se empolgassem demais, mas ela tinha um brilho que não podia ser negado. Seu alto-astral era uma força poderosa, uma avalanche, uma onda impossível de conter.

Era por isso que estavam ali naquele instante.

Olivia alegara que os celulares com câmera permitiriam uma interação familiar com a qual a geração de seus pais nem sequer sonhara. Graças àqueles aparelhos modernos, nenhum dos dois perderia os momentos marcantes da vida do filho, como os primeiros passos, as primeiras palavras, as brincadeiras e tudo mais.

Ao menos esse era o plano.

Uma hora depois, quando voltaram para casa – sua metade da casa, já que a outra metade estava alugada –, Olivia deu um beijo rápido no marido e subiu a escada.

– Ei – chamou ele, erguendo o celular recém-adquirido e arqueando uma sobrancelha. – Não quer testar a... hã... função de vídeo?

– A câmera só filma quinze segundos.

– Quinze segundos... – Matt pensou um pouco, deu de ombros e disse: – Então vamos ter que estender as preliminares.

Compreensivelmente, Olivia suspirou.

Eles moravam num lugar que a maioria das pessoas consideraria ruim, sob a sombra estranhamente reconfortante da gigantesca garrafa de cerveja de Irvington. Assim que saíra da cadeia, Matt achara que não merecia mais do que aquilo – o que fora ótimo, porque não tinha condições de pagar por nada melhor – e, apesar dos protestos da família, começara a alugar o espaço nove anos antes. Irvington era uma cidade saturada, com uma população de mais de oitenta por cento de afro-americanos. Algumas pessoas poderiam chegar à conclusão óbvia de que fora por certo sentimento de culpa que Matt decidira viver ali. Ele sabia que as coisas nunca eram tão simples, mas não tinha nenhuma explicação melhor além do fato de que não podia, ainda, voltar para o subúrbio. A mudança teria sido brusca e drástica demais.

De qualquer maneira, aquele lugar – com o posto de gasolina, a antiga loja de ferragens, o mercadinho da esquina, os bêbados

largados nas calçadas esburacadas, os atalhos para o aeroporto de Newark, o botequim escondido perto da velha cervejaria Pabst – tinha se tornado seu lar.

Quando Olivia se mudara da Virgínia, Matt imaginara que ela insistiria em morar em um local melhor. Sabia que ela estava acostumada a um estilo de vida não necessariamente melhor, mas com certeza diferente. Tinha crescido na pequena cidade de Northways. Ainda era bebê quando a mãe fora embora, e o pai a criara sozinho.

Aos 51 anos, Joshua Murray estava mais para avô do que para pai quando Olivia nascera, e trabalhara duro para se sustentar e proporcionar uma vida digna à filha. Ele era o médico da cidade, o clínico-geral que cuidava de tudo, desde a apendicite de uma menina de 6 anos chamada Mary Kate Johnson até os males de gota do velho Riteman.

Joshua era, segundo Olivia, um homem gentil, bondoso e um pai maravilhoso, louco por sua única parente de sangue. Os dois moravam sozinhos em uma casa de tijolos aparentes na Main Street. O consultório de Joshua ficava em um anexo à direita da entrada de carros. Em geral Olivia ia correndo para casa depois da escola a fim de ajudar o pai com os pacientes. Ela animava crianças assustadas ou ficava conversando com Cassie, a recepcionista/enfermeira de longa data do consultório. Cassie também era uma espécie de babá. Quando Joshua estava ocupado demais, ela fazia o jantar e ajudava Olivia com o dever de casa. A menina, por sua vez, tinha adoração pelo pai. Seu sonho era – e sim, agora ela se dava conta de como isso soava ingênuo – tornar-se médica e trabalhar com ele.

Quando ela estava no último ano do curso preparatório para a faculdade de medicina, porém, tudo mudou. Joshua, o único parente que Olivia conhecera, morreu de câncer de pulmão. A notícia a deixou transtornada. O antigo sonho de se tornar médica e seguir os passos do pai foi enterrado junto com ele. Olivia terminou o noivado com Doug, o namorado que fazia o mesmo curso, e se mudou de volta para a velha casa em Northways. Mas morar ali sem o pai era doloroso demais, e ela acabou vendendo o imóvel e indo viver em um apartamento em Charlottesville. Arranjou emprego numa

empresa de informática que exigia que viajasse com frequência, o que, em parte, foi responsável por renovar o relacionamento que mal tinha começado entre ela e Matt, anos antes.

Irvington, em Nova Jersey, não se comparava a Northways ou Charlottesville, na Virgínia, mas Olivia surpreendeu Matt ao fazer questão de morar lá a fim de economizar dinheiro para comprarem a casa dos seus sonhos, que agora estavam prestes a adquirir.

Três dias depois de terem comprado os celulares com câmera, Olivia chegou em casa e foi direto para o andar de cima. Matt pegou um refrigerante e salgadinhos e a seguiu. Como não a encontrou no quarto, foi até o pequeno escritório. Ela estava sentada diante do computador, de costas para a porta.

– Olivia?

Ela virou-se e sorriu. Matt sempre achara ridículo o velho clichê sobre como um sorriso podia iluminar o ambiente, mas com Olivia isso acontecia. Ela tinha o incrível dom de encher o mundo inteiro de luz com seu sorriso contagiante, que enchia a vida de Matt de cores e alterava tudo ao redor.

– Em que você está pensando? – perguntou Olivia.

– Em como você é gostosa.

– Mesmo grávida?

– Especialmente grávida.

Olivia pressionou uma tecla e o monitor ficou escuro. Então se levantou e beijou-o de leve no rosto.

– Preciso fazer as malas.

Ela ia viajar para Boston, a trabalho.

– A que horas é o voo? – perguntou Matt.

– Acho que vou de carro.

– Por quê?

– Uma amiga minha perdeu o bebê depois de uma viagem de avião. Não quero correr o risco. Ah, e vou passar no Dr. Haddon amanhã cedo, antes de ir. Ele quer me examinar para confirmar a gravidez e ver se está tudo bem.

– Quer que eu vá junto?

Ela fez que não.

– Você tem que trabalhar. Na próxima você vai, quando eu fizer o ultrassom.

– Está bem.

Olivia beijou-o de novo, longamente.

– Ei – murmurou ela. – Você está feliz?

Matt ia fazer uma piadinha, mas mudou de ideia. Encarou a esposa nos olhos e respondeu:

– Muito.

Ela recuou, ainda mantendo-o imobilizado com seu sorriso.

– É melhor eu ir logo arrumar as malas.

Matt observou-a se afastar e permaneceu parado à porta por algum tempo. Sentia o coração leve. Estava feliz de verdade, o que para ele era assustador. Tudo o que é bom dura pouco. Quando você mata uma pessoa e cumpre uma pena de quatro anos num presídio de segurança máxima, logo aprende isso.

As coisas boas eram tão frágeis e tênues que podiam ser destruídas por um sopro.

Ou pelo toque de um telefone.

◆ ◆ ◆

Matt estava trabalhando quando o celular começou a vibrar.

Olhou para o identificador de chamadas e viu que era Olivia. Ele ainda usava a mesma escrivaninha dupla, do tipo em que duas pessoas se sentam uma de frente para a outra, apesar de o outro lado ter ficado vazio três anos antes. Seu irmão, Bernie, comprara aquele móvel quando Matt saíra da cadeia. Antes do acontecido, que a família chamava, eufemisticamente, de “deslize”, Bernie tinha grandes planos para eles, os irmãos Hunters. Depois que Matt fora libertado, ele não queria que nada mudasse. Matt deixaria aqueles anos para trás. O “deslize” seria apenas um acidente de percurso, nada mais, e os irmãos Hunters voltariam à ativa.

A convicção de Bernie era tão forte que Matt quase começara a acreditar também.

Os dois dividiram aquela mesa por seis anos. Trabalhavam com advocacia naquela sala – Bernie era a parte lucrativa, enquanto Matt, impedido de exercer a profissão devido à sua condenação, cuidava das questões práticas e burocráticas. Os colegas advogados de Bernie achavam aquela configuração estranha, mas se havia algo de que os dois irmãos não faziam questão era

privacidade. Dividiram um quarto e um beliche durante toda a infância, Bernie sempre em cima, uma voz vinda do alto, no escuro. Ambos sentiam falta daquela época – ou, ao menos, Matt sentia. Nunca gostara de ficar sozinho, e sentia-se mais confortável com Bernie por perto.

Durante seis anos.

Matt apoiou as palmas das mãos no tampo de mogno da mesa. Já devia ter se desfeito dela. Fazia três anos que o lado de Bernie estava vazio, mas Matt às vezes ainda olhava para lá esperando vê-lo.

O celular vibrou outra vez.

Em um instante Bernie tinha tudo: uma esposa maravilhosa, dois filhos lindos, uma bela casa no subúrbio, era sócio de um renomado escritório de advocacia, tinha a saúde perfeita, era querido por todos. No instante seguinte, a família assistia consternada ao caixão descer à sepultura, ainda sem entender direito o que acontecera. Aneurisma cerebral, dissera o médico. Você anda por aí com um negócio desses por anos e então, do nada, ele acaba com a sua vida.

O celular estava programado para vibrar e depois tocar. O aparelho parou de tremer e começou a entoar a velha música do Batman.

Matt tirou o celular novo do cinto.

Aproximou o dedo da tecla de atender. Aquilo era um pouco estranho. Apesar de trabalhar na área de informática, Olivia era uma negação no que se referia a qualquer habilidade tecnológica. Ela quase nunca usava o telefone, e, quando usava, bem, ela sabia que Matt estava no escritório e sempre ligava para o número fixo.

Matt pressionou o botão para falar, mas apareceu uma mensagem no visor informando que uma fotografia estava chegando. Isso também era curioso, pois, apesar de todo aquele entusiasmo inicial, Olivia ainda não aprendera a usar a câmera do telefone.

O interfone em sua mesa tocou.

Rolanda – por Matt, ele a chamaria de secretária ou assistente, mas ela não gostava nem um pouco disso – pigarreou.

– Matt?

– Sim?

– Marsha na linha dois.

Ainda olhando para o visor do celular, Matt apertou a tecla do telefone fixo para falar com a cunhada, viúva de Bernie.

– Olá.

– Olá – disse Marsha. – Olivia ainda está em Boston?

– Está. E, neste momento, acho que está me enviando uma foto pelo celular novo.

– Ah. – Houve uma breve pausa. – Você vai ver a casa hoje?

Fazia parte do senso de união familiar a escolha de Matt e Olivia de morar perto de Marsha e dos meninos. Estavam quase fechando a compra de um imóvel em Livingston, cidade onde Bernie e Matt haviam sido criados.

Matt questionara até que ponto essa decisão era sensata. As pessoas tinham uma memória infalível. Não importava quantos anos tinham passado, ele sempre seria alvo de cochichos e insinuações. Por um lado, já fazia muito tempo que não se importava com esse tipo de coisa, mas, por outro, preocupava-se com Olivia e com o bebê que ia nascer. Não queria que o filho crescesse à sombra de uma “maldição”.

Mas Olivia sabia dos riscos, e era isso que ela queria.

Mais importante ainda, houvera aquele... “problema” de Marsha – Matt ainda não encontrara um eufemismo adequado para usar. Um ano depois da morte repentina de Bernie, ela tivera um breve colapso nervoso e passara duas semanas fora, “descansando” – outro eufemismo –, enquanto Matt ficara na casa dela tomando conta dos sobrinhos. Agora ela estava bem, pelo menos era o que todos diziam, mas Matt preferia estar por perto.

A vistoria da casa estava marcada para aquele dia.

– Daqui a pouco vou para lá. Por quê, o que houve?

– Será que poderia dar uma passada aqui?

– Na sua casa?

– É.

– Claro que sim.

– Se for atrapalhar...

– Não, de jeito nenhum.

Marsha era uma mulher bonita, com um rosto oval cuja expressão às vezes parecia distante. Tinha um tique nervoso que a fazia olhar

para cima como se para se assegurar de que a nuvem escura continuava ali. Era apenas um cacoete, claro, não tinha nada a ver com algum distúrbio psicológico.

– Está tudo bem? – perguntou Matt.

– Sim, estou ótima. Não é nada de mais. É só que... você poderia ficar com os meninos por algumas horas? Tenho uma reunião na escola, e é a noite de folga de Kyra.

– Quer que eu os leve para jantar?

– Seria ótimo. Mas nada de McDonald's, está bem?

– Pode ser comida chinesa?

– Perfeito.

– Certo, eu passo por aí.

– Obrigada.

A imagem começou a aparecer no celular.

– Até mais tarde – disse ele.

Marsha se despediu e desligou.

Matt voltou a atenção para o visor do aparelho. Era minúsculo, devia ter uns 5 centímetros de largura, se tanto. O sol brilhava e a cortina estava aberta. A forte claridade tornava difícil ver a imagem com nitidez. Matt protegeu o pequeno visor com a mão e inclinou o corpo para fazer sombra. A visibilidade melhorou um pouco.

Um homem apareceu na tela.

Era difícil distinguir os detalhes. Ele aparentava ter 30 e poucos anos – a idade de Matt – e seus cabelos eram muito pretos, quase azuis. Usava uma camisa social vermelha e tinha uma das mãos erguida, como se estivesse acenando. Estava em um cômodo com paredes brancas e uma janela de vidro fosco. Exibia um sorrisinho meio irônico, com um certo ar de superioridade. Matt encarou a imagem e poderia jurar que vira algo zombeteiro nos olhos do homem.

Não o conhecia.

Não sabia por que a mulher tirara uma foto dele.

O visor escureceu e Matt permaneceu imóvel. Uma espécie de zumbido se instalou em seus ouvidos. Escutou outros ruídos – um aparelho de fax, vozes baixas, o trânsito lá fora –, mas eram sons distantes, abafados.

– Matt?

Era Rolanda Garfield, a secretária/assistente. Ninguém na empresa gostara muito quando Matt a contratara. Rolanda era simples demais para os narizes empinados da Carter Sturgis, mas ele fizera questão. Ela fora uma de suas primeiras clientes e uma de suas poucas e suadas vitórias.

Durante o tempo que passara na cadeia, Matt conseguira juntar créditos suficientes para concluir o bacharelado. O diploma de advogado viera pouco depois de ter sido libertado. Bernie, uma fonte de influência em seu poderoso escritório de advocacia Carter Sturgis, presumira que conseguiria persuadir a Ordem dos Advogados a abrir uma exceção e permitir que seu irmão ex-presidiário pudesse exercer a profissão.

Estava enganado.

Mas Bernie não se deixava abater com facilidade. Então convencera os sócios a aceitar Matt como “assistente”, um termo maravilhoso que, na maior parte das vezes, parecia englobar todas as tarefas ingratas e tediosas.

A princípio, os sócios da Carter Sturgis não haviam gostado da ideia. Era de se esperar, claro. Um ex-presidiário trabalhando numa firma de advocacia tão bem-conceituada? Simplesmente não podia acontecer. Mas Bernie apelara para o senso de humanidade deles: Matt contribuiria para a projeção social da empresa. Seria a prova de que a companhia tinha sentimentos e acreditava em segundas chances, pelo menos em teoria. Matt era inteligente. Tinha potencial. E, mais importante: poderia lidar com os montes de casos gratuitos, liberando os sócios para esvaziar os bolsos alheios sem terem que se preocupar com as pessoas de classes mais baixas.

As duas tacadas finais de Bernie foram decisivas: Matt trabalharia por um salário simbólico – afinal, ele não tinha muita escolha, não é? – e ele, Bernie, o menino de ouro da firma, pediria demissão se seu irmão não fosse aceito.

Os sócios consideraram a proposta: fazer uma ação humanitária *e* lucrar com isso? Era o tipo de lógica que motivava qualquer ato de caridade.

Matt manteve os olhos fixos no visor escuro. Seu coração deu um salto. Imaginou quem seria aquele sujeito de cabelos negros.

Rolanda colocou as mãos nos quadris.

– Terra chamando Matt.

– O quê? – perguntou ele, saindo do transe.

– Você está bem?

– Eu? Estou, sim.

Rolanda fitou-o com desconfiança.

O celular vibrou de novo e a secretária/assistente continuou ali parada, com os braços cruzados. Matt olhou para ela, mas Rolanda não se mancou. Quase nunca se mancava. O aparelho vibrou mais uma vez e a música-tema do Batman começou a tocar.

– Não vai atender? – quis saber ela.

Matt olhou para o aparelho. O número do celular de Olivia piscava no visor.

– Alô-ôu, Batman! – disse Rolanda.

– Já ouvi – retrucou ele.

Encostou o polegar na tecla verde de atender, demorando uma fração de segundo para pressioná-la. O visor se iluminou.

Dessa vez, apareceu um vídeo.

Apesar do avanço da tecnologia, a qualidade da imagem não era das melhores, e por um ou dois segundos Matt não entendeu nada. Sabia que o vídeo não duraria muito – dez, quinze segundos no máximo.

Era um quarto. Ele conseguiu ver isso. A câmera se moveu, passando por um aparelho de televisão em um suporte. Havia um quadro pendurado na parede, mas não era possível distinguir a imagem nele. Pelo jeito, tratava-se de um quarto de hotel. A câmera parou na porta do banheiro.

Então uma mulher apareceu.

Seus cabelos eram louros platinados. Ela estava de óculos escuros e usava um vestido azul provocante. Matt franziu a testa.

Que diabo era aquilo?

A mulher ficou parada por um momento. Matt teve a impressão de que ela não sabia que estava sendo filmada. Quando ela se moveu, a câmera a seguiu, acompanhando cada passo. Uma claridade repentina iluminou a tela conforme a mulher se aproximava da janela, e a partir desse ponto a imagem tornou-se nítida.

Quando a mulher chegou perto da cama, Matt parou de respirar.

Reconheceu aquele jeito de andar.

Reconheceu também a maneira como ela se sentou na cama, o sorriso vacilante que se seguiu, o modo como erguia o queixo, como cruzava as pernas.

Ele estava paralisado.

De algum lugar distante, a voz de Rolanda chegou-lhe aos ouvidos, mais suave agora:

– Matt?

Ele a ignorou. A câmera foi abaixada, talvez colocada sobre algum móvel. Ainda focalizava a cama. Um homem aproximou-se da loura platinada. Matt só conseguia ver as costas dele. Ele usava uma camisa vermelha e tinha cabelos bem pretos. O corpo dele bloqueou a visão da mulher. E da cama.

A visão de Matt ficou turva e ele piscou para recuperar o foco. A tela de LCD começou a escurecer. A imagem vacilou, depois desapareceu, e Matt continuou sentado ali, com Rolanda observando-o com curiosidade e as fotos dispostas na parte da mesa antes usada por seu irmão ainda no lugar. Matt teve certeza – bem, quase certeza, já que a tela era muito pequena, não era? – de que a mulher naquele estranho quarto de hotel, dentro daquele vestido provocante, que usava uma peruca loura mas na verdade era morena, chamava-se Olivia e era a sua esposa.

capítulo 3

NEWARK, NOVA JERSEY
22 DE JUNHO

Loren Muse, investigadora do Departamento de Homicídios do condado de Essex, encontrava-se acomodada na sala do chefe.

– Espere um segundo – disse ela. – Você está dizendo que a freira tinha implante de silicone nos seios?

Ed Steinberg, promotor público do condado, estava sentado atrás da mesa e esfregava a barriga protuberante como uma bola de boliche. Sua constituição física fazia com que quem o observasse de costas não dissesse tratar-se de um homem robusto. Parecia apenas ter um traseiro achatado. Ele se inclinou para trás e cruzou as mãos atrás da cabeça. A camisa estava amarelada sob os braços.

– É o que parece.

– Mas ela morreu de causas naturais? – quis saber Loren.

– Foi o que pensamos a princípio.

– E não pensam mais?

– Eu já não penso mais nada – respondeu ele.

– Estou doida para fazer uma piadinha com isso, chefe.

– Mas não vai. – Steinberg suspirou, endireitou-se na cadeira e pôs os óculos de leitura. Então começou a ler: – A irmã Mary Rose, professora de Estudos Sociais da oitava série, foi encontrada morta em seu quarto no convento. Não foram achados sinais de luta nem ferimentos. Tinha 62 anos. Aparentemente, a morte se deu por causas naturais. Ataque cardíaco, derrame ou outro mal súbito. Nada de suspeito.

– Mas? – encorajou Loren.

– Mas o caso apresentou um novo desenvolvimento.

– Acho que você quer dizer “desdobramento”.

– Pare. Você não está ajudando.

Loren abriu os braços, com as palmas das mãos voltadas para cima.

– Ainda não entendi por que estou aqui.

– Que tal por ser a melhor investigadora de homicídios do condado?

Ela fez uma careta.

– É, não achei mesmo que essa fosse colar. Essa freira – continuou Steinberg, tirando os óculos e olhando para Loren – dava aulas no St. Margaret.

– E daí? – retrucou ela.

– E daí que você estudou lá, certo?

– Certo, mas de novo eu pergunto: e daí?

– E daí que a madre superiora tem alguma influência sobre as autoridades e solicitou sua presença.

– Irmã Katherine?

Steinberg verificou o papel.

– Sim, ela mesma.

– Você está brincando, não é?

– Não. Ela pediu especificamente você.

Loren balançou a cabeça.

– Imagino que você a conheça – disse Steinberg.

– Irmã Katherine? Sim, mas só porque eu era sempre mandada para a diretoria...

– Espere aí, você foi uma criança problema? – Steinberg levou a mão ao peito. – Estou chocado!

– Ainda não entendi por que ela quer me ver.

– Talvez ela tenha imaginado que você seria discreta.

– Eu odiava aquela escola.

– Por quê?

– Você nunca estudou em colégio católico, certo?

Steinberg ergueu da mesa a plaqueta com seu nome e apontou as letras, uma por uma.

– Steinberg – leu ele devagar. – Está vendo o “Stein”? Está vendo o “Berg”? Você diria que é um sobrenome comum entre meninos católicos?

Loren assentiu.

– Bem, então você não vai conseguir me entender. Seria como tentar dar aulas de música a uma pessoa surda. A qual promotor vou me reportar?

– A mim.

A informação surpreendeu Loren.

– Diretamente?

– Sim, e exclusivamente também. Ninguém mais se envolverá no caso. Entendido?

– Entendido.

– Então, está pronta?

– Pronta para quê?

– Para a irmã Katherine.

– O que tem ela?

Steinberg levantou-se e contornou a mesa.

– Ela está na sala ao lado. Quer falar com você em particular.

◆ ◆ ◆

Quando Loren Muse estudava no colégio de freiras St. Margaret, sua impressão era de que a irmã Katherine tinha 4 metros de altura e uns 100 anos de idade. O passar do tempo a fizera encolher e revertera o processo de envelhecimento. Não muito, só um pouco.

Na época, as freiras usavam o hábito completo. Agora a irmã Katherine vestia um traje discreto, porém mais informal. *A maneira que as freiras encontraram para acompanhar a evolução da moda*, pensou Loren.

– Vou deixá-las à vontade – disse Steinberg.

Irmã Katherine estava em pé, as mãos unidas quase em posição de prece. Quando a porta se fechou, por alguns segundos nenhuma das duas falou nada. Loren conhecia aquela estratégia, e não seria a primeira a se pronunciar.

Quando cursava o segundo ano no Livingston, Loren fora rotulada como uma aluna problema e enviada para o St. Margaret. Era miudinha na época, com apenas 1,50 metro, e não havia crescido muito mais desde então. Os outros investigadores, todos homens e todos metidos a espertos, a chamavam de Baixinha – alguns de forma carinhosa, outros nem tanto.

Mas Loren não fora sempre problemática. Quando cursava o ensino fundamental, era uma menina levada, ativa e jogava bola como poucos meninos. Nunca fora inclinada a atividades e brincadeiras femininas – preferia uma boa partida de queimado a brincar de casinha ou com bonecas. Seu pai trabalhava fazendo bicos, a maioria deles envolvendo caminhões. Era um homem pacato e gentil, que cometera o erro de se apaixonar por uma mulher bonita demais para ele.

Os Muses moravam em Coventry, uma parte do subúrbio de Livingston bem acima de seu nível socioeconômico. A mãe de Loren, a bela e exigente Sra. Muse, insistira em viver lá porque, afinal de contas, ela merecia, ora! Ninguém, absolutamente ninguém, olharia para Carmen Muse de forma desdenhosa.

Ela pressionava o marido, exigindo que ele trabalhasse ainda mais, que fizesse mais empréstimos, que encontrasse uma maneira de manter o estilo de vida, até que – dois dias depois do aniversário de 14 anos de Loren – ele estourou os miolos na garagem de casa.

Agora, pensando em retrospecto, Loren compreendia que o pai devia sofrer de distúrbio bipolar. Havia um desequilíbrio químico no cérebro dele. Quando um homem se mata, não é justo culpar outras pessoas, mas Loren fizera isso. Culpara a mãe. Sempre imaginava como teria sido a vida de seu adorável pai se ele tivesse se casado com uma mulher que não exigisse tanto dele e que não fosse tão perdulária quanto Carmen Valos, de Bayonne.

A jovem Loren reagira à tragédia como seria de se esperar: com rebeldia. Começara a beber, fumar, envolver-se com más companhias e ir para a cama com qualquer um. Achava muito injusto que os rapazes que dormiam com várias garotas fossem considerados o máximo e que as meninas que tinham o mesmo comportamento fossem vistas como vagabundas. Mas a verdade – por mais que relutasse em admitir – era que, apesar de todas as convenientes justificativas feministas, ela sabia que seu grau de promiscuidade era inversamente proporcional a seu nível de autoestima. Ou seja, quanto mais baixa sua autoestima estivesse, mais fácil era... hã... levá-la para a cama. Isso não parecia acontecer com os homens – ou talvez eles soubessem disfarçar melhor.

A irmã Katherine rompeu o silêncio:

– É bom rever você, Loren.

– Igualmente – retrucou ela com uma voz hesitante que não parecia sua. O que viria a seguir? Será que começaria a roer as unhas? – O promotor Steinberg disse que a senhora queria falar comigo.

– Podemos nos sentar?

Loren deu de ombros com indiferença, cruzou os braços e deslizou para a cadeira. Depois que se acomodou, cruzou as pernas. A reprovação ficou estampada no rosto da irmã Katherine. Então, lembrando-se de que estava com um chiclete na boca, Loren não se intimidou e começou a mastigar ruidosamente, como um bovino ruminando.

– Quer me dizer o que está havendo?

– Trata-se de uma situação delicada – começou a madre. – Exige bastante... – Ela ergueu os olhos como se pedisse ajuda divina.

– Cautela? – sugeriu Loren.

– Sim. Cautela.

– Está bem – disse Loren, com voz arrastada. – Tem a ver com a freira que colocou silicone nos peitos, não é?

A religiosa fechou os olhos, para em seguida abri-los de novo.

– Sim – respondeu. – Mas acho que você está ignorando a questão principal.

– Que é...?

– O fato de termos perdido uma grande professora.

– A irmã Mary Rose – retrucou Loren, acrescentando em pensamento: *Nossa Senhora do Decote.*

– Isso.

– A senhora acha que ela morreu de causas naturais?

– Acho.

– Então...?

– É um assunto bem difícil de abordar.

– Eu gostaria de ajudar.

– Você era uma boa menina, Loren.

– Não, eu era um pé no saco.

A madre superiora esboçou um sorriso.

– Bem, sim, isso também.

Loren retribuiu o sorriso.

– Há vários tipos de crianças problemáticas – observou a irmã Katherine. – Você era rebelde, mas sempre teve bom coração. Nunca foi cruel com os outros. Essa, para mim, sempre foi a questão. Você muitas vezes se encrencava por defender os mais fracos.

Loren curvou-se para a frente e surpreendeu a si mesma: pegou a mão da freira. A irmã Katherine também pareceu surpresa. Fixou os olhos azuis nos de Loren.

– Prometa-me que vai guardar apenas para você o que vou lhe dizer – pediu ela. – É muito importante. Sobretudo nestas circunstâncias... Se houver o menor indício de escândalo...

– Não vou encobrir nada.

– Nem eu lhe pediria isso! – retrucou a irmã, em um tom de indignação religiosa. – Precisamos descobrir a verdade. Cheguei a considerar a ideia de... – ela balançou a mão no ar – de deixar para lá. A irmã Mary Rose seria sepultada normalmente e tudo ficaria por isso mesmo.

Loren continuava a segurar a mão dela. A pele da freira estava escura, como se esculpida em madeira.

– Vou fazer o possível – afirmou.

– Você precisa compreender. A irmã Mary Rose era uma de nossas melhores professoras.

– Ela dava aula de Estudos Sociais?

– Dava.

Loren puxou pela memória.

– Não me lembro dela.

– Quando ela chegou, você já tinha saído de lá.

– Há quanto tempo ela trabalhava no St. Margaret?

– Sete anos. E deixe-me dizer uma coisa: ela era uma santa. Sei que essa palavra já foi tão usada que perdeu o significado real, mas não há outro modo de descrevê-la. A irmã Mary Rose nunca procurou a glória. Não tinha ego. Só desejava fazer o que era correto.

A madre superiora recolheu a mão e Loren voltou a reclinar-se na cadeira e a cruzar as pernas.

– Continue.

– Quando nós... eu e outras duas irmãs... a encontramos, de manhã, ela estava em seus trajes de dormir. Como a maioria de nós, era uma mulher muito recatada.

Loren assentiu, tentando encorajá-la.

– Nós ficamos transtornadas, é claro. Ela tinha parado de respirar. Tentamos respiração boca a boca e massagem cardíaca. Um policial estivera lá havia pouco tempo, ensinando técnicas de primeiros socorros às alunas, então nós tentamos. Fui eu que fiz as compressões no peito e... – Ela parou de falar.

– E foi então que a senhora percebeu que a irmã Mary Rose tinha silicone nos seios?

A madre assentiu.

– A senhora contou para as outras freiras?

– Ah, não! Claro que não...

Loren deu de ombros.

– Não estou entendendo qual é o problema.

– Não?

– Provavelmente a irmã Mary Rose teve uma vida normal antes de se ordenar freira. Vai saber o que ela aprontou...

– Esse é o ponto – disse a irmã Katherine. – Ela não teve.

– Acho que não entendi.

– Ela foi para o colégio direto de uma congregação muito conservadora do Oregon. Era órfã e entrou para o convento aos 15 anos.

Loren pensou no que acabara de ouvir.

– Então a senhora não imaginava que... – Ela fez gestos circulares com as mãos diante dos próprios seios.

– Nem sonhava.

– Qual é sua opinião, então?

– Acredito que... – A madre mordeu o lábio inferior. – Acho que a irmã Mary Rose juntou-se a nós com segundas intenções.

– Que tipo de segundas intenções?

– Não sei.

Ela olhou para Loren em expectativa.

– E é aí que eu entro? – perguntou a investigadora.

– Bem... é.

– A senhora quer que eu descubra qual era a dela.

– Isso.

– Com discrição.

– É isso que eu espero que você faça, Loren. Temos que saber a verdade.

– Mesmo que seja sórdida?

– Sobretudo se for sórdida. – A madre levantou-se. – É isto que fazemos com a sordidez deste mundo: a expomos à luz de Deus, Nosso Senhor.

– É – disse Loren. – À luz.

– Você perdeu sua fé, não perdeu?

– Eu nunca tive fé.

– Ora, não tenho tanta certeza disso.

Loren também se levantou, mas a irmã Katherine ainda era bem mais alta que ela. *Sim,* pensou, *4 metros de altura.*

– Você vai me ajudar, Loren?

– A senhora sabe que sim.

capítulo 4

Alguns segundos se passaram. Pelo menos, Matt Hunter imaginava que tivessem sido segundos. Encarou o telefone e esperou. Nada aconteceu. Sua mente estava paralisada. De repente a consciência retornou e ele desejou que o estado anterior de dormência voltasse.

O celular. Revirou o aparelho nas mãos, examinando-o como se o visse pela primeira vez. O visor, lembrou a si mesmo, era pequeno demais. As imagens eram péssimas, as cores eram falhas. E a claridade que entrava pela janela também era um problema.

Matt assentiu para si mesmo. Tinha que seguir em frente.

Olivia não era uma loura platinada.

Sim, era assim que ele tinha que pensar...

Ele a conhecia. E a amava. Ele não era o melhor partido do mundo. Era um ex-presidiário com poucas perspectivas de futuro. Tendia a ser introspectivo. Não se abria com facilidade e tinha problemas de confiança. Olivia, por outro lado, era o oposto. Era linda, inteligente e formara-se com louvor na Universidade da Virgínia. Tinha até algum dinheiro que o pai lhe deixara.

Pensar isso não estava ajudando.

Na verdade, estava, sim, porque, apesar de tudo isso, Olivia o escolhera. Quisera se casar com ele, o ex-detento sem oportunidades. Fora a primeira mulher com quem Matt tinha sido sincero, com quem falara sobre o passado. Nenhuma outra ficara por perto tempo suficiente para que o assunto surgisse.

A reação dela?

Bem, claro que não fora exultante. Seu sorriso – aquele que deixava um homem de quatro – desaparecera por um momento. Matt quisera parar no mesmo instante, quisera recuar, porque não conseguiria suportar, de jeito nenhum, ser responsável por fazer aquele sorriso morrer, mesmo que por um instante. Mas o sorriso logo voltara, com todo o seu brilho encantador. Matt mordera o lábio

inferior, aliviado. Olivia estendera a mão por cima da mesa, segurara a dele e, de certa forma, nunca mais a soltara.

Mas agora, sentado ali, Matt recordava os passos vacilantes de quando deixara a penitenciária, aqueles primeiros passos cautelosos ao passar pelos portões, aquela sensação – que na realidade nunca o abandonara por completo – de que a frágil camada de gelo fino sob seus pés poderia se quebrar a qualquer instante, fazendo-o afundar na água gelada.

Como explicar o que acabara de ver?

Matt entendia a natureza humana. O problema não era esse. Entendia a natureza sub-humana também. As deusas do destino haviam amaldiçoado a ele e sua família o suficiente para que ele chegasse a uma explicação – ou, caso se prefira, uma antiexplicação – para tudo o que dava errado: resumindo, não havia explicação para nada.

O mundo não é nem cruel nem jubiloso. É simplesmente aleatório, cheio de partículas colidindo umas com as outras, elementos químicos se misturando e reagindo. Não existe ordem. Não existe algo como a condenação predeterminada dos maus e a proteção dos justos.

Caos, meu bem. Trata-se do caos.

E, no redemoinho de todo esse caos, Matt tinha uma única coisa: Olivia.

No entanto, sentado no escritório com os olhos ainda no celular, ele não conseguia parar de pensar. Ali, naquele momento, naquele instante específico... O que Olivia estaria fazendo naquele quarto de hotel?

Matt fechou os olhos e procurou uma explicação.

Talvez não fosse ela.

De novo: o visor era pequeno demais e a qualidade da imagem era péssima. Matt continuou fazendo isso, continuou imaginando várias formas de racionalização na esperança de que uma delas fizesse sentido.

Nenhuma fez.

Havia um grande peso em seu peito.

As imagens infiltravam-se em sua mente. Ele tentou lutar com elas, mas eram poderosas demais. O sujeito de cabelos pretos.

Aquele maldito sorriso. Pensou no modo como Olivia se inclinava para trás quando faziam amor, mordendo o lábio inferior, os olhos semicerrados, os tendões do pescoço visíveis. Imaginou também os sons que ela fazia. Os gemidos, baixos a princípio, transformando-se depois em gritos de êxtase...

Pare.

Ele olhou para cima e se deparou com Rolanda encarando-o.

– Você quer alguma coisa? – perguntou.

– Quero.

– O quê?

– Fiquei parada aqui por tanto tempo que esqueci.

Ela deu de ombros, girou nos calcanhares e saiu da sala. Não fechou a porta atrás de si.

Matt levantou-se e foi até a janela. Depois virou-se e olhou para uma fotografia de Bernie com o uniforme completo de futebol. O irmão e Marsha tinham usado aquela foto num cartão de Natal três anos antes. A moldura era uma daquelas imitações baratas de bronze. Na imagem, os filhos deles, Paul e Ethan, na época com 5 e 3 anos, sorriam de orelha a orelha. Agora não sorriam mais daquela forma. Eram bons garotos, com a cabeça boa e tudo o mais, mas tinham uma inevitável tristeza subjacente. Ao olhar para eles com atenção, via-se que agora havia cautela em seus sorrisos e algo em seus olhos, um temor de que outra coisa lhes fosse tirada.

Então, o que fazer agora?

O óbvio, pensou ele. Ligar para Olivia. Ver o que estava acontecendo.

Isso soava racional por um lado e ridículo por outro. O que ele realmente esperava? Ouvir a respiração ofegante da esposa e uma risada masculina ao fundo? Ou achava que Olivia iria atender com sua animação habitual? Aí ele diria “Oi, meu bem, o que você está fazendo nesse motel?” – na cabeça de Matt, não era mais um quarto de hotel, e sim de motel. “E o que significam essa peruca platinada e esse cara de cabelo preto e sorrisinho afetado?”

Não parecia verossímil.

Matt estava se deixando levar pela imaginação. Tinha que haver uma explicação lógica para aquilo tudo. Mesmo que ele ainda não conseguisse enxergá-la, não significava que não existisse.

Lembrou-se dos especiais de televisão a que costumava assistir sobre como os mágicos executavam seus números. Você via o truque e não conseguia descobrir como era feito, mas, depois que o segredo era revelado, ficava pensando como pudera ser tão estúpido e não ter adivinhado da primeira vez. Em seu caso também seria assim.

Como não havia outra opção, Matt decidiu ligar.

O número de Olivia estava na discagem direta. Ele pressionou a tecla e ficou segurando. O telefone começou a chamar. Matt olhou pela janela para a cidade de Newark. Seus sentimentos por aquele lugar eram, como sempre, confusos. Via seu potencial, sua vibração, porém o que percebia com mais clareza era a decadência. Por algum motivo, lembrou-se do dia em que Duff o visitara na prisão. O amigo começara a chorar, o rosto ficara vermelho e ele parecia um garoto de novo. Matt só conseguira ficar olhando. Não havia o que dizer.

O telefone tocou seis vezes antes de cair na caixa postal. A voz da esposa, tão animada, tão familiar, tão... *dele,* fez seu coração acelerar. Esperou pacientemente até que a saudação terminasse. Então ouviu o bipe.

“Oi, sou eu”, falou, percebendo a tensão na própria voz e tentando controlar o nervosismo. “Você pode me ligar assim que tiver um tempinho?” Fez uma pausa. Costumava terminar os recados com um “te amo”, mas dessa vez desligou o celular sem dizer a frase que sempre vinha de forma tão natural.

Continuou olhando pela janela. Na cadeia, o que mais afetara Matt não fora a brutalidade ou a degradação. Muito pelo contrário. Fora o momento em que essas coisas se tornaram a norma. Depois de algum tempo ele começara a gostar de seus irmãos da Nação Ariana – apreciava de verdade a companhia deles. Era uma variante perversa da síndrome de Estocolmo. A questão era sobrevivência. A mente faz de tudo para sobreviver. Tudo pode se tornar normal. Foi isso que levou Matt a fazer uma pausa.

Pensou na risada de Olivia. Como ela conseguia fazê-lo se distanciar daquilo tudo! Imaginou se aquela risada era real ou apenas mais uma miragem cruel, algo para enganá-lo piedosamente.

Então ele fez algo muito estranho.

Segurou o celular à sua frente, com o braço estendido, e tirou uma foto de si mesmo. Não sorriu. Apenas olhou para a lente. Sua imagem apareceu no visor. Olhou para o próprio rosto e não teve muita certeza do que viu.

Digitou o número de Olivia na discagem rápida e enviou a fotografia para ela.

capítulo 5

DUAS HORAS SE PASSARAM. Olivia não ligou de volta.

Matt passou essas duas horas com Ike Kier, um mimado sócio sênior que usava os cabelos grisalhos compridos demais e penteados para trás. Ike vinha de uma família rica. Era bem relacionado, nada mais, porém às vezes isso bastava. Possuía um Viper e duas Harley-Davidson. Seu apelido no escritório era Meia-Idade, de crise da meia-idade.

Meia-Idade era inteligente o suficiente para saber que não era assim tão brilhante. Por isso, recorria muito a Matt, que, ele sabia, aceitava fazer o trabalho pesado e ficar nos bastidores. Isso possibilitava que Meia-Idade ficasse sempre bem aos olhos de seus grandes clientes corporativos. Ele desconfiava que Matt não gostasse muito da situação, mas não a ponto de tomar alguma atitude.

Fraudes corporativas podiam não ser boas para o país, mas eram bastante lucrativas para o escritório de advocacia de colarinhos-brancos Carter Sturgis. Agora mesmo, discutiam o caso de Mike Sterman, presidente de uma importante indústria farmacêutica que enfrentava um processo sob a acusação de falsificar os balanços para manipular os preços das ações.

– Em suma – disse Meia-Idade teatralmente, com sua voz de barítono –, nosso argumento de defesa será... o quê?

Olhou para Matt, à espera de uma resposta.

– Culpar o outro cara – sugeriu Matt.

– Que outro cara?

– Qualquer um – respondeu Matt. – O diretor financeiro, cunhado e ex-melhor amigo de Sterman, o diretor de operações, qualquer outro diretor, ou então o contador da empresa, ou os bancos, ou alguém do conselho, ou qualquer um dos funcionários. Podemos alegar que algumas dessas pessoas não valem nada. Que alguém

cometeu um engano com a melhor das intenções e que a situação deu no que deu.

– Não é um pouco contraditório? – observou Meia-Idade, cruzando as mãos e franzindo as sobrancelhas. – Alegar má-fé e ingenuidade ao mesmo tempo?

Ele parou, olhou para Matt, sorriu e assentiu. Má-fé e ingenuidade. Gostou de como soou.

– O objetivo é confundir – explicou Matt. – Se envolvermos várias pessoas, a história vai ficar por isso mesmo. O júri saberá que algo deu errado, mas não saberá em quem colocar a culpa. Vamos despejar uma avalanche de fatos e números em cima deles. Falaremos sobre todas as possibilidades de falha, por menores que sejam. Agiremos como se cada discrepância fosse algo muito importante, mesmo que não seja. Questionaremos tudo. Desconfiaremos de qualquer pessoa.

– E como justificar os custos com o bar mitzvah?

Mike Sterman havia realizado uma cerimônia religiosa de 2 milhões de dólares para o filho. Houve até um avião fretado para levar os convidados às Bermudas, onde assistiram a apresentações de Beyoncé e Ja Rule. A acusação exibiria um vídeo – na verdade, um DVD com som surround – do evento para o júri.

– Uma legítima despesa de negócios – garantiu Matt.

– Pode me dizer como?

– É só pensar em quem estava lá: importantes executivos da indústria farmacêutica. Os principais compradores. Funcionários da FDA que aprovam medicamentos e liberam subvenções. Médicos, pesquisadores, por aí vai. Nosso cliente estava apenas tentando conquistar mais clientes, uma prática totalmente legítima no mundo dos negócios. Tudo o que ele fez foi visando ao bem da empresa.

– E o fato de a festa ter sido pelo bar mitzvah do filho dele?

Matt deu de ombros.

– Isso é um ponto a favor dele, na verdade. Sterman pensou de forma brilhante.

Meia-Idade fez uma careta.

– Pense nisso – insistiu Matt. – Se Sterman anunciasse que ia oferecer uma grande festa com a finalidade de conquistar clientes importantes, isso não o ajudaria a estabelecer as relações que

pretendia. Então Mike Sterman, gênio da astúcia, concebeu algo mais sutil. Convidou todo o pessoal do ramo farmacêutico para o bar mitzvah do filho. Eles foram pegos desprevenidos. Acharam encantador serem convidados por um chefe de família para algo pessoal em vez de para um grande evento promocional. Sterman, como qualquer diretor executivo brilhante, estava sendo criativo em sua abordagem.

Meia-Idade arqueou uma sobrancelha e balançou a cabeça devagar.

– Hum, gostei disso.

Matt imaginara que ele gostaria. Examinou o celular, assegurando-se de que a bateria continuava carregada, e verificou se havia alguma mensagem ou chamada não atendida. Nada.

Meia-Idade levantou-se.

– Vamos continuar a preparação amanhã?

– Claro – concordou Matt.

Meia-Idade saiu. Rolanda enfiou a cabeça pela porta e olhou para o corredor na direção dele, colocando o dedo na goela e simulando um som de vômito. Matt consultou o relógio. Hora de ir embora.

Desceu correndo até a garagem do escritório. Seus olhos vagaram, focando em nada e em tudo ao mesmo tempo. Tommy, o manobrista, acenou para ele. Ainda desorientado, Matt retribuiu o cumprimento. Sua vaga ficava no fundo, bem debaixo dos canos gotejantes. Tudo no mundo tinha a ver com a posição social, até vagas em estacionamentos.

Alguém lavava um Jaguar verde que pertencia a um dos sócios fundadores. Matt virou-se. Uma das Harley-Davidson de Meia-Idade estava ali, coberta por uma lona transparente. Havia também um carrinho de supermercado virado de cabeça para baixo. Três de suas quatro rodinhas tinham sido removidas. Por que alguém iria querer três rodinhas de carrinho de supermercado?

Matt passou os olhos pelos carros na rua, na maioria táxis ilegais, e um Ford Taurus cinza chamou sua atenção, porque a placa era MLH-472. Suas iniciais eram MKH, quase as mesmas, e ele tinha o hábito de reparar nesse tipo de coisa.

Mas, assim que entrou no carro e ficou sozinho com seus pensamentos, outra coisa começou a consumi-lo.

Muito bem, pensou, fazendo o possível para raciocinar logicamente. Resolveu considerar a pior das hipóteses: que o vídeo que ele recebera no celular fosse de fato um encontro amoroso.

Por que Olivia enviaria aquilo para ele?

Qual seria o objetivo? Será que ela queria ser pega? Será que era um pedido de socorro?

Mas então ele percebeu outra coisa: não fora Olivia quem enviara o vídeo.

Tinha sido mandado do celular dela, sim, mas Olivia – presumindo-se que a loura platinada fosse mesmo ela – não parecia saber que estava na mira da câmera. Matt lembrou que tinha pensado isso. Ela estava sendo filmada, e não quem estava filmando.

Então quem o tinha mandado? O Sr. Cabelos Negros? Nesse caso, quem havia tirado a primeira fotografia, em que ele aparecia? Será que ele tinha fotografado a si mesmo?

A resposta: não.

Cabelos Negros estava com a mão erguida, como se acenando. Matt lembrou-se de ter notado um anel no dedo dele – ao menos pensou ser um anel. Ele realmente não queria olhar aquela foto de novo. Mas pensou sobre ela. Poderia ser uma aliança de casamento? Não, o anel estava na mão direita.

De qualquer forma, quem fotografara Cabelos Negros?

Olivia?

Por que ela a enviaria para ele? Ou será que tinha sido mandada por engano? Tipo alguém que tivesse digitado o número errado na discagem rápida?

Parecia improvável.

Haveria uma terceira pessoa no quarto?

Matt não conseguira ver. Refletiu sobre isso mais uma vez, mas nada fazia sentido. Ambas as chamadas tinham sido originadas do celular de sua esposa. Isso era certo. Mas, se ela estava tendo um caso, por que iria querer que ele soubesse?

A resposta – e, sim, ele estava começando a raciocinar em círculos – era: não iria.

Então quem iria?

Pensou mais uma vez no sorrisinho convencido de Cabelos Negros. Sentiu um embrulho no estômago. Quando era mais jovem, costumava ser sensível demais. Parecia estranho imaginar isso agora, mas era a verdade. Ele chorava quando perdia um jogo de basquete, mesmo que não fosse uma partida importante. Qualquer coisinha o deixava abatido por semanas. Tudo isso mudara na noite em que Stephen McGrath morrera. Se a prisão é capaz de lhe ensinar alguma coisa, é como tornar-se insensível, como não demonstrar nenhum sentimento. Nunca. Você jamais se permite sentir nada, nem uma emoção, porque alguém se aproveitará dela ou então a arrancará. Matt tentou fazer isso. Tentou sufocar aquele sentimento incômodo.

Não conseguiu.

As imagens terríveis tinham voltado, misturadas a lembranças dolorosamente maravilhosas, as mais aflitivas de todas. Recordou o fim de semana que ele e Olivia haviam passado em uma casa vitoriana em Lenox, Massachusetts. Lembrava-se de ter colocado almofadas e cobertores diante da lareira da sala e de ter aberto uma garrafa de vinho. Recordava o modo como Olivia segurava a taça pela haste, o modo como olhava para ele, o modo como o mundo, o passado, seus temerosos e hesitantes passos tinham desaparecido, o modo como as chamas se refletiam nos olhos verdes de Olivia. Então pensou nela fazendo as mesmas coisas com outro homem.

Nesse momento, um novo pensamento infiltrou-se em sua mente, tão insuportável que ele quase perdeu o controle do carro: Olivia estava grávida!

O sinal ficou vermelho e Matt quase o ultrapassou. Pisou no freio no último instante. Um pedestre que já tinha começado a atravessar a rua pulou de volta para a calçada e gesticulou para ele com o punho em riste. Matt apertou o volante com as duas mãos.

Olivia tinha demorado bastante para engravidar.

Os dois tinham 30 e poucos anos e Matt sabia que na cabeça da mulher o relógio tinha começado a rodar. Ela queria com todas as forças formar uma família. Por um longo tempo, as tentativas de engravidar não tinham dado certo. Matt começara a pensar seriamente se a culpa seria sua. Tinha apanhado muito na prisão. Durante sua terceira semana lá, quatro homens o haviam

imobilizado e mantido suas pernas separadas enquanto um quinto lhe chutava a virilha. Ele quase desmaiara de tanta dor.

E agora, de repente, Olivia estava grávida.

Ele queria bloquear os pensamentos, mas não conseguia. A raiva começou a dominá-lo. Isso era melhor, pensou, que o sofrimento, que a dor que sentia no âmago por ter algo que amava sendo tirado dele de novo.

Precisava encontrar Olivia, e logo.

Ela estava em Boston, a cinco horas de carro de distância. A vistoria da casa que fosse para o inferno. Pegaria a estrada imediatamente para se encontrar com ela.

Onde ela estava hospedada?

Matt se concentrou. Ela tinha dito onde ficaria? Não conseguia lembrar. Essa era outra desvantagem dos celulares: você não se preocupava mais com detalhes como esse. Que diferença fazia se ela estava no Marriot ou no Hilton? Era uma viagem de negócios. Devia estar de um lado para outro, em reuniões e jantares, quase nunca no quarto.

Seria mais fácil, é claro, falar com ela pelo celular.

E agora, o que faria?

Não tinha ideia de onde ela estava. E, mesmo que tivesse, não faria mais sentido ligar primeiro? Até onde ele sabia, aquele quarto que vira no celular poderia nem ser o dela. Poderia pertencer a Cabelos Negros. E além do mais, supondo que Matt soubesse em que hotel ela se hospedara e aparecesse lá esmurrando a porta, o que faria se Olivia viesse atender de camisola, com Cabelos Negros atrás dela com uma toalha enrolada na cintura? Encheria o cara de pancada? Apontaria para eles gritando “Peguei!”?

Tentou ligar para a esposa de novo, e mais uma vez ninguém atendeu. Matt não deixou outro recado.

Por que ela não tinha dito onde ficaria?

Estava bem claro agora, certo, Matt?

Foi tomado de novo pela alienação.

Telefonou para o escritório dela, mas a ligação caiu direto na secretária eletrônica: “Olá, você ligou para Olivia Hunter. Estarei fora do escritório até sexta-feira. Em caso de urgência, por favor, entre

em contato com minha assistente, Jamie Suh, ligando para o ramal 644...”

Matt ligou para Jamie, que atendeu no terceiro toque.

– Aqui é a assistente de Olivia Hunter.

– Oi, Jamie, é o Matt.

– Oi, Matt!

Ele falava pelo viva-voz e mantinha as mãos no volante, o que sempre achava estranho – parecia que você era um doido conversando com um amigo imaginário. Ao falar ao telefone, você deveria segurá-lo.

– Queria lhe perguntar uma coisa rápida...

– Diga.

– Você sabe em que hotel Olivia está?

Não houve resposta.

– Jamie?

– Estou aqui – disse ela. – Hã, se esperar um momentinho, posso verificar. Mas por que você não liga para o celular dela? Este número serve para clientes com alguma emergência.

Matt não sabia como responder sem parecer desesperado. Se disesse que já tentara e que a ligação caíra na caixa postal, Jamie Suh ficaria pensando por que ele não podia simplesmente esperar que Olivia retornasse o telefonema. Vasculhou o cérebro em busca de algo que soasse plausível.

– É, eu sei – falou. – É que eu quero mandar flores para ela. Fazer uma surpresa, entende?

– Ah, sei. – Sua voz não parecia muito entusiasmada. – Alguma ocasião especial?

– Não. – Então acrescentou: – Mas é que nossa lua de mel é eterna.

Matt riu de sua própria desculpa piegas. Jamie não, como era de se esperar.

Seguiu-se um longo silêncio.

– Ainda está aí? – perguntou ele.

– Estou.

– Poderia me dizer onde ela está hospedada?

– Estou procurando. – Ouvia-se o som dos dedos dela no teclado. Então ela disse: – Matt?

– Sim?

– Entrou uma ligação na espera. Posso ligar para você quando encontrar a informação?

– Claro – respondeu ele, não gostando nem um pouco disso.

Deu-lhe o número do celular novo e desligou.

Que diabo estava acontecendo?

O telefone vibrou em seguida. Ele verificou o número e viu que era de seu escritório. Rolanda não se deu o trabalho nem de dizer "Alô".

– Temos um problema – falou. – Onde você está?

– Entrando na Rua 78.

– Volte e vá para a Washington. Eva está sendo despejada.

Matt praguejou baixinho.

– Como é que é?

– A pastora Jill está lá com aqueles dois brutamontes filhos dela. Estão ameaçando Eva.

A pastora Jill era uma mulher que se ordenara pela internet e se engajara em "atividades beneficentes", prestando assistência a jovens carentes desde que eles lhe arranjassem tíquetes de alimentação em troca. Uma atitude mais que abusiva, um golpe desprezível.

Matt desviou o carro para a direita.

– Estou a caminho.

Dez minutos depois ele estacionava na Rua Washington, que ficava perto do Branch Brook Park. Quando criança, Matt costumava jogar tênis ali. Participara de campeonatos por algum tempo, quando os pais o inscreviam em torneios em Port Washington a cada quinze dias. Chegou a ser escalado para a seleção sub-14, mas a família parou de frequentar o parque bem antes de ele começar a participar.

Matt nunca conseguira entender o que havia acontecido com Newark. Tinha sido uma comunidade próspera e maravilhosa, porém as famílias mais abastadas haviam saído de lá durante o movimento migratório dos anos 1950 e 1960. Era natural, claro. Estava acontecendo em todos os lugares. Mas Newark ficara abandonada. Todos os que partiram – até aqueles que não foram para longe – nunca olharam para trás. O êxodo se deu, em parte,

por causa dos tumultos políticos no fim da década de 1960, e em parte simplesmente por causa do racismo. Mas havia algo mais, alguma coisa mais grave, que Matt não sabia ao certo identificar.

Ele saiu do carro. A maioria dos moradores do bairro era afro-americana, bem como grande parte de seus clientes. Matt refletiu a respeito. Durante o tempo que passara na cadeia, a palavra que mais ouvira fora “crioulo”. Ele próprio a usara para sentir-se parte da tribo, e com o passar do tempo ela se tornara cada vez menos repulsiva, o que, claro, era o fato mais repulsivo de todos.

No fim das contas, ele fora forçado a trair aquilo em que sempre acreditara: a mentira suburbana liberal de que a cor da pele não importa. Na cadeia era a única coisa que importava. E fora dela, embora em um sentido totalmente diferente, importava na mesma medida.

Matt avaliou o cenário a seu redor e deteve-se num grafite interessante. Em um muro de tijolos caindo aos pedaços havia a seguinte frase pichada em letras garrafais: VAGABUNDAS SÃO MENTIROSAS.

Em geral ele não pararia para ficar observando algo desse tipo, mas nesse dia parou. As letras eram vermelhas e cheias de ódio. Mesmo que não soubesse ler, você seria capaz de sentir a raiva contida ali. Matt imaginou quem seria o criador e o que o inspirara a escrever aquilo. Pensou se aquele ato de vandalismo teria extravasado o ódio do autor ou se teria sido o primeiro passo rumo a uma destruição maior.

Ele se encaminhou para o prédio de Eva. O carro da pastora Jill, um Mercedes 560 cheio de acessórios, estava parado ali. Um dos filhos dela montava guarda no local, com os braços cruzados e uma expressão mal-encarada. Matt deu outra olhada ao redor. Os vizinhos entravam e saíam de suas casas. Uma criança de cerca de 2 anos estava sentada em um cortador de grama velho, que a mãe usava como carrinho de bebê. A mulher resmungava algo para si mesma, parecendo estar sob o efeito de drogas. Todos os rostos se voltaram para Matt – um homem branco por ali não chegava a ser uma raridade, mas ainda assim não deixava de despertar curiosidade.

Os filhos da pastora Jill o encararam enquanto ele se aproximava. De repente a rua ficou silenciosa como em um filme de faroeste, com as pessoas prontas para o confronto.

– O que vocês estão fazendo? – indagou Matt.

Os dois poderiam ser gêmeos. Um deles continuou encarando Matt, enquanto o outro começou a encher um caminhão com os pertences de Eva. Matt nem piscou. Continuou sorrindo e se aproximou mais.

– Eu gostaria que vocês parassem com isso agora.

– Quem é você? – perguntou Braços Cruzados.

A pastora Jill saiu do prédio. Lançou a Matt um olhar avaliador e também fez uma cara feia.

– Vocês não podem expulsá-la – disse ele.

A pastora o encarou com arrogância.

– Eu sou dona deste lugar – retrucou.

– Não, o prédio é propriedade do Estado. Você apenas alega que é um lar de caridade para a juventude.

– Eva não seguiu as regras.

– E que regras são essas?

– Somos uma instituição religiosa. Temos um código de moral rígido, e ela o desrespeitou.

– De que maneira?

A pastora Jill sorriu.

– Não creio que seja da sua conta. Posso perguntar qual é o seu nome?

Os filhos dela trocaram olhares. O que carregava as coisas de Eva para o caminhão largou tudo no chão e os dois se viraram para ele.

Matt apontou para o Mercedes da pastora.

– Belo carro.

Os irmãos franziram a testa e avançaram na direção dele. Um deles estalou o pescoço enquanto se aproximava. O outro abria e cerrava os punhos. Matt sentiu a pressão sanguínea aumentar. Estranhamente, a morte de Stephen McGrath – o “deslize” – não o deixara com medo de violência. Talvez, se ele tivesse sido mais agressivo naquela noite, em vez de menos... Mas isso agora não tinha importância. Ele aprendera uma valiosa lição sobre confrontos

físicos: era impossível prever o que ia acontecer. Claro, quem desferia o primeiro soco em geral vencia. O maior homem também costumava sair vitorioso. No entanto, uma vez que a luta começava e a sede de sangue tomava conta dos combatentes, qualquer coisa podia ocorrer.

– Quem é você? – perguntou Estala Pescoço.

Matt não correria nenhum risco. Suspirou e pegou seu celular com câmera.

– Meu nome é Bob Smiley e eu trabalho no Canal Nove Notícias.

Isso os deteve.

Matt posicionou o celular na direção deles e fingiu que acionava a filmadora.

– Se não se importarem, vou gravar o que estão fazendo aqui. A equipe de reportagem estará aqui em três minutos para registrar as melhores imagens.

Os irmãos olharam para a mãe, que esboçou um sorriso beatífico, embora completamente falso.

– Estamos ajudando Eva a se mudar para um lugar melhor – explicou ela.

– Sei.

– Mas se ela preferir ficar aqui...

– Ela prefere ficar aqui – declarou Matt.

– Milo, leve as coisas de volta para o apartamento.

Milo, o Estala Pescoço, olhou furioso para Matt, que continuava com o celular erguido.

– Mantenha essa pose, Milo.

Enquanto ele e o irmão começavam a tirar as coisas do caminhão, a pastora Jill correu até o Mercedes e sentou-se no banco de trás para esperar. Eva olhou para Matt pela janela e formou a palavra “obrigada” com os lábios. Ele assentiu e se virou.

Nesse momento, sem que estivesse de fato olhando para algo específico, ele viu o Ford Taurus cinza.

O carro estava parado a cerca de 30 metros dali. Matt ficou paralisado. Havia centenas de automóveis como aquele circulando na cidade, é claro. O Ford Taurus talvez fosse o carro mais popular do país, e ver dois deles no mesmo dia não era algo fora do comum. Matt imaginou que naquele mesmo quarteirão devia haver outro.

Quem sabe até dois ou três. E não ficaria surpreso se soubesse que um deles também era cinza.

Mas qual era a probabilidade de a placa ter as letras MLH, quase idênticas às suas iniciais, MKH?

Matt não conseguiu tirar os olhos da combinação.

MLH-472.

O mesmo carro que vira perto de seu escritório.

Tentou respirar normalmente. Poderia não ser mais que uma coincidência, ele sabia disso. Pensando bem, essa era, de fato, uma forte possibilidade. Era possível que uma pessoa visse o mesmo carro duas vezes no mesmo dia. Afinal, ele estava a menos de um quilômetro do escritório, certo? Era um bairro bastante movimentado. Nada de mais.

Em um dia normal – ou melhor, em praticamente *qualquer* outro dia –, Matt se contentaria com essa lógica.

Mas não naquele dia. Hesitou apenas por alguns segundos e começou a andar na direção do carro.

– Ei! – gritou Milo. – Aonde você vai?

– Continue descarregando, grandalhão.

Matt não tinha dado cinco passos quando as rodas da frente do Ford Taurus começaram a se mover na direção da saída da vaga. Ele apertou o passo.

Então, de repente, o carro deu um tranco para a frente e ficou atravessado na rua. As luzes brancas de ré se acenderam e o veículo deu um solavanco brusco para trás. Matt percebeu que o motorista manobrava para sair na contramão. Ele pisou no freio e girou o volante rápido, com força. Matt estava apenas a alguns metros da janela de trás.

– Espere! – gritou, como se fosse adiantar alguma coisa, e começou a correr.

Pulou na frente do carro, o que se revelou uma péssima escolha.

As rodas do Taurus giraram em falso, produzindo um som agudo, e o carro avançou na direção dele.

O motorista não reduziu a velocidade nem hesitou. Matt saltou para o lado no momento em que o Taurus acelerou. Quando o corpo dele ainda estava no ar, na horizontal, o para-choque atingiu seu tornozelo. Uma explosão de dor irrompeu ao longo do osso, e o

impulso o fez rodopiar, depois cair de frente e girar mais algumas vezes até parar, de costas no asfalto.

Durante algum tempo ele ficou imóvel, piscando por causa da luz do sol. Uma multidão se juntou à sua volta.

– Você está bem? – perguntou alguém.

Ele assentiu e se sentou. Verificou o tornozelo. Estava doendo, mas não havia fratura. Alguém o ajudou a se levantar.

Todo o incidente – do momento em que ele viu o carro ao instante em que tentou alcançá-lo – devia ter durado entre cinco e dez segundos, no máximo. Matt olhou ao redor.

Alguém o estava seguindo – para dizer o mínimo.

Verificou o bolso. O celular ainda estava ali. Matt foi mancando até o apartamento de Eva. A pastora Jill e os filhos tinham ido embora. Depois de se certificar de que Eva estava bem, ele voltou para seu carro, sentou-se ao volante e respirou fundo. Pensou no que fazer e percebeu que o primeiro passo era bem óbvio.

Teclou o número da linha particular dela. Quando Cingle atendeu, perguntou:

– Você está no escritório?

– Estou – respondeu ela.

– Chego aí em cinco minutos.

capítulo 6

Assim que a investigadora de homicídios Loren Muse abriu a porta de seu apartamento, o cheiro de fumaça de cigarro a envolveu. Ela não se incomodou. Apenas ficou parada ali e inspirou profundamente.

O apartamento ficava na Avenida Morris, em Union, Nova Jersey. O prédio não era nada acolhedor, com todos aqueles tijolos e nenhuma personalidade. Era a versão de Nova Jersey do purgatório, um lugar de passagem, onde as pessoas ficavam no caminho para cima ou para baixo na escala socioeconômica. Recém-casados viviam ali até conseguirem arcar com os custos de uma casa. Aposentados azarados voltavam para lá depois que os filhos saíam de casa.

E também, é claro, solteironas virgens que trabalhavam de mais e se divertiam de menos também acabavam indo parar ali.

Loren tinha chegado aos 34 anos após passar por um milhão de encontros sem nunca ter conseguido, segundo sua mãe – uma fumante inveterada que naquele momento se encontrava no sofá –, "fechar negócio". Era nisso que dava aquele emprego de policial: atraía os homens no início, mas depois, quando chegava a hora de assumir um compromisso para valer, os fazia sair correndo. No momento ela estava saindo com um rapaz chamado Pete, que a mãe rotulara como um "fracassado total", e Loren sempre se desgastava tentando contradizer essa afirmação.

Seus dois gatos, Oscar e Felix, não se encontravam à vista, mas isso era normal. A mãe, a adorável Carmen Valos Muse Brewster Etc., se instalara no sofá e assistia a *Jeopardy!*, um programa de perguntas e respostas que via todos os dias sem nunca ter conseguido acertar uma única resposta.

– Olá – disse Loren.

– Este lugar está um chiqueiro – retrucou a mãe.

– Então limpe. Ou, melhor ainda, se mude daqui.

Carmen rompera, pouco tempo antes, com seu quarto marido. Era uma mulher atraente, bem mais do que a filha sem graça, que puxara ao pai suicida. Ainda era bonita, e, embora fosse um tipo de beleza decadente, ela conseguia encontros melhores que os de Loren. Os homens eram loucos por Carmen Valos Muse Etc.

Ela voltou a se concentrar na televisão e deu uma tragada profunda no cigarro.

– Já lhe disse um milhão de vezes para não fumar aqui – reclamou Loren.

– Você fuma.

– Não, mãe, eu parei.

Carmen virou os grandes olhos castanhos para a filha e piscou de forma sedutora por puro hábito.

– Parou?

– Parei.

– Ah, deixe de conversa. Dois meses? Isso não é parar.

– Faz cinco meses.

– Mesmo assim. Você não fumava aqui dentro?

– E daí?

– Então qual é o problema? Não deu tempo nem de o cheiro sumir. E isto aqui não é exatamente um recinto chique e sofisticado onde não se possa fumar. Não é?

A mãe lançou à filha seu habitual olhar de reprovação, avaliando-a de cima a baixo como sempre fazia. Loren esperou pelos inevitáveis conselhos maternos sobre beleza: “Seu cabelo está precisando de corte. Você devia usar roupas com um caimento melhor. Por que precisa se vestir feito um homem? Já viu a nova linha de sutiãs push-up da Victoria’s Secret? Você vai morrer se usar um pouco de maquiagem? Mulheres baixinhas nunca deveriam sair sem salto...”

Quando Carmen abriu a boca, o telefone tocou.

– Espere um pouco – disse Loren.

Ela tirou o fone da base.

– Olá, Baixinha, *c’est moi.*

“*Moi*” era Eldon Teak, um vovozinho branquelo de 62 anos que só ouvia rap. Também era o médico-legista de Essex.

– E aí, Eldon?

– Você pegou o caso da freira siliconada?

– É assim que você está chamando?

– Até aparecer algo mais engraçado. Eu tinha gostado de “Nossa Senhora do Vale” ou “Santas Montanhas Reerguidas”, mas ninguém concordou.

Loren esfregou os olhos delicadamente com o indicador e o polegar.

– Descobriu alguma coisa para mim, Eldon?

– Descobri.

– O quê?

– Que a morte não foi acidental.

– Ela foi assassinada?

– Sim. Travesseiro no rosto.

– Meu Deus, como é que deixaram isso passar?

– Como é que *quem* deixou isso passar?

– Inicialmente a morte dela não foi considerada natural?

– Foi.

– Bem, Eldon, então, foi isso que eu quis dizer com “como é que *deixaram* isso passar”.

– E eu perguntei a quem você estava se referindo.

– A quem quer que tenha feito a autópsia.

– Não houve autópsia, esse é o problema.

– Por que não?

– Você está brincando, certo?

– Não! Quero dizer, essa não seria a primeira coisa a ser feita?

– Você tem assistido a TV de mais. Todos os dias morrem zilhões de pessoas, certo? Quando uma esposa encontra o marido morto no chão, você acha que fazemos autópsia? Acha que checamos para ver se foi um assassinato? A maioria dos policiais nem aparece. Meu velho bateu as botas o quê? Dez anos atrás? Minha mãe chamou a funerária, um médico fez o atestado de óbito e eles o levaram. É assim que funciona normalmente, você sabe disso. Então, quando uma freira morre, qualquer um que não saiba exatamente o que procurar vai achar que foi de causas naturais. Ela nunca teria vindo parar na minha mesa se sua madre superiora não tivesse desconfiado de algo.

– Você tem certeza de que foi um travesseiro?

– Tenho. E no quarto dela. Há muitas fibras de tecido na garganta dela.

– E embaixo das unhas?

– Nada.

– Isso não é estranho?

– Depende.

Loren balançou a cabeça, tentando encaixar as coisas.

– Você verificou a identidade?

– Que identidade?

– Da vítima!

– Achei que ela fosse a Irmã Silicone ou algo do tipo. Por que precisaria checar isso?

Loren olhou para o relógio.

– Até que horas você vai ficar aí?

– Mais duas horas – disse ele.

– Estou indo.

capítulo 7

É ASSIM QUE VOCÊ ENCONTRA sua alma gêmea.

É a Semana do Saco Cheio no seu primeiro ano de faculdade. A maioria dos amigos vai para Daytona Beach, mas a mãe de seu ex-colega de escola Rick trabalha numa agência de turismo e consegue passagens aéreas bem baratas para Las Vegas, então você e mais seis amigos fazem um pacote de cinco dias para ficar no Hotel Flamingo.

Na última noite, você vai a uma boate no Caesars Palace, porque ouviu dizer que lá é um ótimo lugar para encontrar mocinhas de férias. Como era de esperar, a boate está lotada e barulhenta, e tem luzes neon demais. Não faz a sua cabeça. Você está com os amigos, tentando ouvi-los acima do som absurdamente alto, quando de repente olha para o bar.

Nesse momento você vê Olivia pela primeira vez.

Não, a música não para nem se transforma em celestiais acordes de harpa. Mas algo acontece com você. Quando você olha para ela, sente uma quentura por dentro e percebe que ela também experimenta a mesma sensação.

Em geral você é tímido, não sabe muito bem como abordar uma garota, mas nessa noite não faz nada errado. Vai até ela e se apresenta. *Todos têm noites especiais como esta*, pensa. Você está em uma festa, vê uma garota bonita, ela também olha para você, os dois trocam algumas palavras e pinta um clima que o faz pensar em toda uma vida futura em vez de em uma única noite.

Você fala com ela. Conversam por horas. Ela o olha como se você fosse a única pessoa no mundo. Vão para um lugar mais tranquilo. Você a beija, ela corresponde. Ficam nisso a noite toda, sem nenhum desejo real de ir mais longe. Você a abraça, fala mais um pouco. Adora a risada dela. Adora seu rosto. Adora tudo nela.

Adormecem nos braços um do outro, de roupa mesmo, e você fica imaginando se algum dia se sentirá assim tão feliz outra vez. O cabelo dela tem um cheiro delicioso, um perfume de flores e frutas que você nunca esquecerá.

Você faria qualquer coisa para estender o momento, mas sabe que não vai acontecer. Esse tipo de contato não dura muito tempo. Você tem sua vida e Olivia está namorando firme. Na verdade, tem um noivo que mora na mesma cidade que ela. Mas não é isso que importa. A questão são vocês dois, naquele mundo próprio, por um período de tempo curto demais. Vocês experimentam uma vida inteira naquela noite, um ciclo completo de paquera, namoro e término no espaço de poucas horas.

No fim, você vai voltar para sua vida e Olivia para a dela.

Não se dão o trabalho de trocar números de telefone – nenhum dos dois quer fingir –, mas ela o leva ao aeroporto e vocês se despedem com um beijo apaixonado. Os olhos dela estão cheios de lágrimas quando o abraço se desfaz. Você volta para a faculdade.

Você segue adiante, é claro, mas nunca esquece nem a ela, nem aquela noite, nem a sensação de beijá-la, nem o perfume de seu cabelo. Ela está ali com você, em seu pensamento. Não todos os dias, talvez nem mesmo todas as semanas, mas está ali. Volta e meia, quando você se sente solitário, as lembranças vêm, e você não sabe se elas são reconfortantes ou amargas.

Imagina se o mesmo acontece com ela.

Passam-se onze anos. Durante todo esse tempo, você nunca mais a vê.

Você não é mais a mesma pessoa, claro. A morte de Stephen McGrath o tirou dos eixos. Você passou um tempo na cadeia, mas agora está livre. Acha que sua vida lhe foi devolvida. Está trabalhando no escritório de advocacia Carter Sturgis.

Um dia, você acessa a internet e joga o nome dela no Google.

Você sabe que isso é uma bobagem, uma criancice. Sabe que é provável que ela tenha se casado com o noivo, já tenha três ou quatro filhos e talvez tenha adotado o sobrenome do marido. Mas não custa tentar. Você não vai fazer nada de mais. É apenas curiosidade.

Existem várias Olivia Murray.

Você pesquisa um pouco mais e encontra uma que pode ser ela. Essa Olivia Murray é diretora de vendas da DataBetter, uma empresa de consultoria que projeta sistemas de computadores para empresas de pequeno e médio porte. O site da companhia tem uma breve biografia de cada funcionário. A dela é bem curta, mas menciona que cursou a Universidade da Virgínia. Era lá que sua Olivia Murray estudava quando se conheceram, tantos anos antes.

Você tenta deixar isso para lá.

Não é dessas pessoas que acreditam em destino ou sorte – muito pelo contrário –, mas seis meses depois os sócios da Carter Sturgis chegam à conclusão de que o sistema de computadores da empresa precisa ser atualizado. Meia-Idade sabe que você estudou programação de sistemas quando estava na cadeia e sugere que participe do grupo que vai desenvolver a nova rede do escritório. Você sugere que peçam orçamento a várias empresas.

Uma delas é a DataBetter.

Dois representantes dessa firma vão à Carter Sturgis. Você está em pânico. No fim, inventa um imprevisto qualquer e não assiste à apresentação. Aparecer assim, de repente, seria demais. Deixa os três outros membros do grupo cuidarem da entrevista e fica na sua sala. Suas pernas tremem, você rói as unhas, sente-se um idiota completo.

Ao meio-dia, alguém bate na porta do seu escritório.

Você se vira e Olivia está ali.

Você a reconhece no mesmo instante. A sensação é de ter levado uma pancada. A quentura o invade de novo. Você mal consegue falar. Olha para a mão esquerda dela, para o dedo anelar.

Não há aliança nenhuma ali.

Olivia sorri e diz que está ali para fazer uma apresentação. Você tenta assentir. Ela conta que a empresa dela está interessada em um contrato para atualizar o sistema de computadores da firma. Ela viu seu nome na lista de pessoas que deveriam estar presentes na reunião e imaginou se seria o mesmo Matt Hunter que ela conhecera anos antes.

Ainda atordoado, você pergunta se ela quer tomar um café. Olivia hesita, mas aceita. Quando você se levanta e passa por ela, sente o

cheiro de seu cabelo, o perfume de flores. Tem medo de que seus olhos se encham de lágrimas.

Os dois engatam uma conversa sobre os acontecimentos na vida de cada um e as coisas vão bem para seu lado. Você descobre que ao longo dos anos ela também pensou em você. O noivo não existe mais. Ela nunca se casara.

Seu coração está nas alturas, mas você sabe que aquilo é bom demais para ser verdade. Nenhum dos dois acredita em coisas como amor à primeira vista.

Mas ali estão vocês.

Nas semanas seguintes você aprende o que é amor verdadeiro. Ela lhe ensina. A certa altura, você conta a verdade sobre seu passado. Ela passa por cima disso. Vocês se casam. Ela engravida. Você está feliz. Vocês comemoram a novidade comprando celulares com câmera.

E então, um dia, você recebe uma ligação no celular e vê a mulher que conheceu há anos, naquela semana fatídica, a única mulher que amou na vida, em um quarto de hotel com outro homem.

◆ ◆ ◆

Por que diabo alguém o estaria seguindo?

Matt segurava firme o volante enquanto as possibilidades lhe passavam pela mente. Ele avaliou todas elas e nenhuma fazia sentido.

Precisava de ajuda, com urgência, e isso significava ir falar com Cingle.

Iria se atrasar para o encontro com o sujeito que faria a vistoria na casa, mas não estava preocupado com isso. De repente, o futuro maravilhoso que havia se permitido vislumbrar – uma casa com cerca branca, Olivia sempre linda, filhos, um cão labrador – começou a parecer assustadoramente irreal. Matt concluiu que estivera apenas enganando a si mesmo. Um assassino condenado voltando a morar no subúrbio onde foi criado e formando a família ideal? De repente isso lhe soou como o roteiro de uma péssima série de TV.

Ele ligou para Marsha, sua cunhada, para avisar que só poderia aparecer mais tarde, mas a ligação caiu na secretária eletrônica.

Deixou um recado e entrou no estacionamento.

A Olho Vivo, uma empresa de detetives particulares que prestava serviços para a Carter Sturgis, situava-se em um prédio envidraçado não muito longe do escritório de Matt. Ele não era um grande fã de detetives particulares. Nos filmes eles podiam ser simpáticos e bonzinhos, mas na realidade eram – na melhor das hipóteses – policiais aposentados ou – na pior – caras que não conseguiram se tornar policiais e formavam um perigoso grupo conhecido como os "aspirantes a policiais". Matt tinha visto vários deles trabalhando como guardas no presídio, e a mistura de fracasso e testosterona resultava em consequências sórdidas e muitas vezes indesejáveis.

Matt sentou-se na sala de uma das exceções a essa regra, a adorável e controversa Srta. Cingle Shaker. Ele achava que não era o seu nome verdadeiro, que ela só o usava profissionalmente. Cingle tinha 1,80 metro de altura, olhos azuis e cabelos cor de mel. Suas feições eram razoavelmente atraentes, e o corpo era estonteante, de parar o trânsito. A própria Olivia ficara sem palavras quando a conhecera. Havia rumores de que Cingle era uma ex-vedete do Radio City Music Hall e fora dispensada porque as outras dançarinas começaram a reclamar que ela atrapalhava a "simetria" do grupo. Matt não duvidava que fosse verdade.

Cingle estava com os pés em cima da mesa. Usava botas de caubói que lhe davam uns 5 centímetros a mais de altura, uma calça jeans escura muito justa e uma blusa tão colada ao corpo que, se na maioria das mulheres poderia ser considerada indecente, em Cingle justificaria uma ação judicial por atentado ao pudor.

– Era uma placa de Nova Jersey – disse Matt pela terceira vez. – MLH-472.

Ela não se moveu. Apoiou o queixo na mão e o encarou.

– O que foi? – perguntou ele.

– Na conta de que cliente eu coloco essa despesa?

– De nenhum. Eu vou pagar.

– Então a investigação é para você.

– É.

– Hum. – Cingle tirou os pés de cima da mesa, endireitou-se na cadeira e sorriu. – Quer dizer que é um assunto particular?

– Nossa – disse Matt –, você é boa mesmo. É só eu dizer que a investigação é para mim e pronto, você já deduz que é um assunto particular.

– Anos de prática, Hunter. Não precisa ficar intimidado.

Matt forçou um sorriso.

Cingle continuava com os olhos fixos nele.

– Quer ouvir uma das dez regras do “Manual Cingle Shaker do Detetive”?

– Na verdade, não.

– Regra seis: quando um homem quer saber informações sobre uma placa de automóvel por razões pessoais, das duas, uma: ou ele acha que a mulher o está traindo e quer saber com quem...

– Ou?

– Ou nada. Eu menti. Só existe uma possibilidade.

– Mas não é isso – disse Matt.

Cingle balançou a cabeça.

– O que foi? – perguntou ele.

– Para um ex-presidiário, você mente muito mal.

Ele resolveu deixar passar.

– Tudo bem, vamos fazer de conta que eu acredito em você – falou Cingle. – Então por que diabo você quer que eu investigue esse carro?

– É um assunto particular, lembra? *Eu* vou pagar, é assunto *meu.*

Cingle se levantou e colocou as mãos nos quadris. Do alto de seu 1,80 metro, encarou-o. Ele não exclamou “Uau!”, mas bem que poderia.

– Pense em mim como uma conselheira religiosa – disse ela. – A confissão faz bem para a alma, sabia?

– É, eu sei – retrucou Matt. – Religião. É o que vem à mente numa situação como esta. Ele se empertigou na cadeira. – Você vai me ajudar ou não?

– Tô dentro.

Ela o fitou por mais um instante, mas Matt não se retraiu. Então Cingle voltou a sentar e colocar os pés em cima da mesa.

– Já vi muitos caras tremerem ao me ver levantar e colocar as mãos nos quadris.

– Eu sou mais duro que uma rocha.

– Bem, eu diria que uma parte de você é, sem dúvida.

– Ha ha.

Cingle o encarou com um brilho intrigante no olhar.

– Você ama sua mulher, não ama?

– Não vou entrar nessa com você, Cingle.

– Não precisa responder. Eu já vi os dois juntos.

– Então você já sabe.

Ela suspirou.

– Qual é mesmo o número da placa?

Matt repetiu e dessa vez Cingle anotou num papel.

– Não deve levar mais do que uma hora. Eu ligo para você no celular.

– Obrigado.

Ele se levantou e caminhou em direção à porta.

– Matt? – chamou ela.

Ele se virou.

– Eu tenho alguma experiência com esse tipo de coisa.

– Não tenho dúvidas.

– Abrir a porta para isso... – Cingle levantou a folha de papel com o número da placa – ...é como entrar em uma briga. Assim que começa, não se sabe o que pode acontecer.

– Nossa, Cingle, que sutileza.

Ela abriu os braços.

– Deixei de ser sutil assim que atingi a puberdade.

– Só faça isso para mim, está bem?

– Pode deixar.

– Obrigado.

– Só mais uma coisinha – disse ela erguendo o dedo indicador. – Caso você decida levar esse negócio a fundo, quero que prometa que vai me deixar ajudar.

– Não vou levar a fundo – afirmou ele, e o olhar que ela lhe lançou deixou claro que não acreditava nem um pouco nisso.

◆ ◆ ◆

Matt estava entrando em Livingston quando o celular tocou. Era Jamie, a assistente de Olivia, que enfim retornava a ligação.

– Desculpe, Matt, não consegui descobrir em qual hotel Olivia está.

– Como não? – retrucou ele sem pensar.

Houve uma longa pausa e ele tentou consertar a situação:

– Quero dizer, ela não costuma dizer para onde vai? E se surgir alguma emergência?

– Ela tem celular.

Matt não soube o que dizer.

– E, na maioria das vezes, sou eu que reservo os hotéis para ela – prosseguiu Jamie.

– E desta vez não?

– Não. – Então ela acrescentou depressa: – Mas não é raro isso acontecer. Às vezes Olivia mesma cuida de tudo.

Matt não sabia o que pensar.

– Você teve notícias dela hoje?

– Sim, ela ligou de manhã.

– E falou para onde iria?

Houve outra pausa. Matt sabia que seu comportamento estava ultrapassando os limites da curiosidade normal de um marido, mas achou que valia a pena correr esse risco.

– Ela só disse que teria algumas reuniões. Nada específico – retrucou Jamie.

– Tudo bem. Se ela ligar de novo...

– Eu aviso que você quer falar com ela.

Então desligou.

Outra lembrança surgiu na mente de Matt. Certa vez, ele e Olivia tiveram uma briga feia, uma daquelas discussões homéricas em que você sabe que está errado mas continua insistindo. Ela saíra aos prantos e não dera notícias por dois dias. Dois dias inteiros. Ele ligava, mas ela não atendia. Saiu para procurá-la, mas não a encontrou. Foi como um soco no coração. Era disso que ele se lembrava agora. A possibilidade de que ela nunca mais voltasse era tão dolorosa que ele mal podia respirar.

O cara da vistoria estava terminando o serviço quando ele chegou. Nove anos antes, Matt saíra da cadeia após cumprir uma pena de quatro anos por matar um homem. Agora, por incrível que

pudesse parecer, estava prestes a ter a casa de seus sonhos, compartilhá-la com a mulher que amava e ter um filho.

Balançou a cabeça.

A casa era parte de um projeto de expansão e tinha sido construída em 1965. Como na maior parte de Livingston, o terreno em que ficava tinha sido parte de uma fazenda. Todos os imóveis eram praticamente iguais, mas, se isso desencorajara Olivia, ela disfarçara muito bem. Olhara fascinada para a construção e sussurrara:

– É perfeita.

Seu entusiasmo acabara com qualquer dúvida que Matt pudesse ter sobre se mudar de volta para lá.

Ele parou no futuro jardim da casa e tentou se imaginar morando ali. Parecia estranho. Não pertencia mais àquele lugar. Tinha certeza disso até... Bem, até Olivia entrar em sua vida. Agora tinha retornado.

De repente, uma viatura estacionou atrás dele e dois homens saltaram. O primeiro deles usava uniforme. Era jovem e tinha o corpo em forma. Lançou a Matt um olhar típico de policial. O outro estava à paisana.

– Olá, Matt – cumprimentou o policial de terno marrom. – Há quanto tempo não nos vemos!

Fazia mesmo bastante tempo, no mínimo desde a época de colégio, mas ele reconheceu Lance Banner no mesmo instante.

– Olá, Lance.

Os dois fecharam as portas da viatura e se aproximaram em um movimento sincronizado. O policial fardado cruzou os braços e permaneceu em silêncio enquanto Lance conversava com Matt.

– Eu moro nesta rua, sabia? – disse ele.

– É mesmo?

– É, sim.

Matt não falou nada.

– Sou detetive de polícia agora.

– Parabéns.

– Obrigado.

Fazia quanto tempo que ele conhecia Lance Banner? No mínimo desde o segundo ano do ensino fundamental. Os dois nunca tinham

sido amigos, tampouco inimigos. Haviam jogado no mesmo time por três anos consecutivos, foram da mesma turma de educação física no oitavo ano e fizeram aula de química juntos no primeiro ano do ensino médio. O Livington High School era um colégio grande – seiscentos alunos por série. Eles simplesmente faziam parte de círculos diferentes.

– Como vai a vida? – quis saber Lance.

– Ótima.

O cara da vistoria saiu da casa com uma prancheta nas mãos.

– Como está a casa, Harold? – indagou Lance.

Harold ergueu os olhos da prancheta e assentiu.

– Bem sólida, Lance.

– Tem certeza?

Algo no tom dele fez Harold recuar um passo. Lance voltou-se para Matt.

– A vizinhança que temos aqui é muito boa.

– Foi por isso que escolhi esta casa.

– Você acha mesmo que é uma boa ideia, Matt?

– O quê, Lance?

– Voltar para cá.

– Eu cumpri minha sentença.

– E você acha que isso resolve tudo?

Ele não respondeu.

– O cara que você matou continua morto, não é mesmo?

– Lance...

– Agora sou o detetive Banner – corrigiu ele.

– Detetive Banner, vou entrar agora.

– Li tudo sobre seu caso. Até liguei para alguns amigos policiais para saber tudo o que aconteceu.

Matt olhou para ele. O sujeito tinha manchas cinzentas nos olhos e engordara bastante. Ficava mexendo os dedos com ansiedade e Matt não gostava do modo como ele lhe sorria. Os membros da família de Lance Banner tinham sido fazendeiros naquelas terras. O avô dele, ou o bisavô, talvez, as vendera por uma bagatela, mas os Banners ainda se consideravam os donos da cidade. Eram filhos da terra. O pai bebia demais, assim como os outros dois irmãos

estúpidos de Lance. Por outro lado, Matt sempre o achara muito inteligente.

– Então você sabe que foi acidente – disse ele.

Lance assentiu devagar.

– Pode ter sido.

– Então por que você está criando problema, Lance?

– Porque você é um ex-presidiário.

– Acha que eu mereci ir para a cadeia?

– É difícil dizer – retrucou ele, esfregando o queixo. – Mas, pelo que li, acho que você não teve sorte.

– E?

– E aí que você foi para a cadeia.

– Não entendi.

– Todo esse papinho de reintegração social é muito bonito em teoria, mas eu – falou, apontando para si mesmo – sei que não é bem assim, e você – ele apontou para Matt – também.

Matt permaneceu em silêncio.

– Você até podia ser um cara legal quando entrou lá. Mas vai querer me dizer que ainda é o mesmo homem?

Matt sabia que não havia uma resposta correta para essa pergunta. Virou-se e começou a andar em direção à porta.

– Talvez o cara da vistoria encontre alguma irregularidade e lhe dê chance de recuar – disse Lance.

Matt entrou e foi falar com o inspetor. Havia um monte de problemas – algumas questões de encanamento, sobrecarga em uma das instalações elétricas –, mas eram todos fáceis de resolver. Ele e Harold terminaram a vistoria e Matt foi para a casa de Marsha.

Estacionou na rua arborizada onde moravam seus sobrinhos e a cunhada – será que ela ainda podia ser considerada sua cunhada agora que o irmão tinha morrido? Ex-cunhada com certeza não soava certo. Os meninos, Paul e Ethan, encontravam-se no jardim recolhendo folhas do chão. A babá, Kyra, estava com deles.

Kyra Walsh fora transferida havia pouco tempo para a Universidade William Paterson, a fim de fazer um curso de verão, e alugara um quarto em cima da garagem de Marsha. Fora altamente recomendada por alguém da igreja que Marsha frequentava e, apesar de a princípio Matt ter sido cético quanto à ideia de a babá

morar na mesma casa, sobretudo sendo uma estudante universitária, o acordo parecia funcionar muito bem. Kyra acabara se revelando uma ótima moça.

Matt desceu do carro. A babá protegeu os olhos com uma mão e acenou com a outra, sorrindo como só os jovens são capazes.

– Olá, Matt.

– Olá, Kyra.

Os meninos ouviram a voz dele e viraram a cabeça como dois cachorrinhos escutando o dono chamar para brincar.

– Tio Matt! Tio Matt! – gritaram eles, correndo em sua direção.

Matt sentiu uma súbita leveza no peito e um sorriso surgiu em seus lábios enquanto os meninos se aproximavam. Ethan agarrou-lhe a perna direita e Paul abraçou-lhe a cintura.

– McNabb recua para o passe – gritou Matt, fazendo sua melhor imitação de um narrador de futebol americano. – Atenção! Strahan passa pela linha de defesa e está com uma perna...

Paul parou.

– Eu quero ser Strahan! – exigiu.

Ethan não admitiria isso.

– Não, eu quero ser Strahan!

– Ei, vocês dois podem ser Strahan – disse Matt.

Os dois olharam para o tio como se ele fosse um retardado.

– Não pode haver dois Michael Strahan – ponderou Paul.

– É! – concordou o irmão.

Então eles se agacharam e o atacaram de novo. Matt fez uma performance imitando um *quarterback* prestes a ser interceptado. Deu alguns passos hesitantes para trás, procurou desesperadamente um jogador imaginário para passar a bola, fez um passe com a bola invisível e, por fim, se deixou cair em câmera lenta.

– Vivaaa!

Os meninos se levantaram, bateram suas mãos espalmadas no alto e chocaram os peitos um contra o outro. Matt se sentou gemendo. Kyra estava rindo.

Paul e Ethan ainda faziam uma dancinha de comemoração quando Marsha apareceu à porta. Matt achou que ela estava com a aparência ótima. Usava um vestido, estava maquiada e os cabelos

tinham sido penteados com esmero. Ela balançava as chaves do carro numa das mãos.

Quando Bernie morrera, Matt e Marsha ficaram devastados, tão desesperados que tentaram se unir de uma forma que ele pudesse, talvez, preencher o vazio que Bernie deixara como pai e marido.

Fora um desastre.

Os dois esperaram um período de tempo adequado, cerca de seis meses, então certa noite, sem discutir o assunto, mas, sabendo o que estava prestes a acontecer, se embebedaram. Marsha tomara a iniciativa. Beijara Matt com ardor e em seguida desatara a chorar. Esse tinha sido o fim da história.

Antes do “deslize”, a família de Matt fora estranhamente abençoada, ou talvez apenas abençoadamente ingênua. Ele tinha 20 anos e seus quatro avós continuavam vivos e saudáveis, dois deles em Miami e os outros em Scottsdale. Enquanto outras famílias eram devastadas por tragédias, os Hunters eram preservados. O “deslize” mudara tudo, e ninguém estava preparado para o que viria a seguir.

A tristeza nunca vem só. Quando algo ruim acontece, uma porta se abre para outras tragédias. Três de seus avós morreram enquanto ele estava preso. O baque acabara por matar o pai e fazer a mãe definhar. Ela se mudara para a Flórida e a irmã fugira para Seattle. Bernie tivera o aneurisma.

Um a um, todos haviam partido.

Matt levantou-se e acenou para Marsha, que retribuiu o cumprimento.

– Posso ir agora? – perguntou a babá.

Marsha assentiu.

– Obrigada, Kyra.

– Disponha. – A jovem colocou a mochila nas costas. – Até mais, Matt.

– Até mais, menina.

O celular dele começou a tocar. O visor mostrou o número de Cingle Shaker. Matt fez um sinal para Marsha indicando que precisava atender e ela gesticulou que tudo bem. Ele se afastou em direção ao meio-fio e atendeu a ligação.

– Alô?

– Consegui algumas informações sobre a placa – disse Cingle.

– Pode falar.

– É de um carro alugado. Concessionária Avis, no aeroporto de Newark.

– Quer dizer que estamos em um beco sem saída?

– Se eu fosse uma detetive particular qualquer, sim. Acontece que eu sou praticamente uma lenda nesse ramo.

– Praticamente?

– Estou tentando ser modesta.

– Não combina com você, Cingle.

– É, mas pelo menos eu tentei. Liguei para um contato meu no aeroporto e ele verificou para mim. O carro foi alugado por um tal de Charles Talley. Você o conhece?

– Não.

– Achei que o nome pudesse significar algo para você.

– Nada.

– Quer que eu cheque esse cara?

– Quero.

– Ligo para você depois.

Ela desligou. Matt estava guardando o celular no bolso quando viu a mesma viatura virar na esquina. O carro diminuiu a velocidade quando passou na frente da casa de Marsha e o policial fardado o encarou. Matt o encarou de volta, sentindo o rosto em chamas.

Paul e Ethan ficaram parados olhando para a viatura. Matt se virou para Marsha. Ela também vira o veículo. Ele tentou sorrir e fez um gesto de pouco caso, mas ela franziu a testa.

Nesse instante, o celular voltou a tocar.

Ainda fitando Marsha, Matt levou o aparelho ao ouvido sem checar o identificador de chamadas.

– Alô?

– Oi, querido! Como foi o seu dia?

Era Olivia.

capítulo 8

Os programas de TV, LOREN SABIA, haviam convencido as pessoas de que era comum policiais ficarem conversando com médicos-legistas junto a cadáveres no necrotério. Na realidade, isso quase nunca acontecia. Loren era grata por isso. Não achava esquisito ou nada do tipo, mas queria que a morte continuasse sendo algo chocante para ela. Não fazia brincadeiras em cenas de crimes, não tentava bloquear os sentimentos nem usar outros mecanismos de defesa. Para ela, nos necrotérios a morte era tratada de forma casual demais, como rotina, mesmo nos casos de assassinato.

Estava prestes a abrir a porta da sala de Eldon quando Trevor Wine, um colega investigador de homicídios, saiu. Era um homem acima do peso, um policial da velha guarda. Tolerava Loren como se ela fosse um bicho de estimação fofinho que às vezes faz xixi no carpete novo.

– Olá, Baixinha – cumprimentou.

– Você está investigando um assassinato?

– Pois é... – Trevor puxou o cós da calça para cima. Ele tinha um tipo estranho de gordura que tornava impossível manter o cinto no lugar. – Vítima de tiro. Dois disparos na cabeça, à queima-roupa.

– E o que foi? Assalto, gangue?

– Talvez assalto. Gangue com certeza não. A vítima era um cara branco, aposentado.

– Onde encontraram o corpo?

– Perto do cemitério israelita, na Avenida 14. Achamos que era um turista.

– Um turista naquele bairro? – Loren franziu a testa. – O que há lá para se ver?

Trevor forçou uma risada e colocou a mão carnuda no ombro dela.

– Eu lhe aviso quando descobrir. – Não acrescentou “mocinha”, mas era como se o tivesse feito. – Vejo você mais tarde, Baixinha.

– Sim, até mais.

Ele se afastou e Loren abriu a porta.

Eldon estava sentado à sua escrivaninha. Usava um uniforme de médico. Estava sempre vestido assim. A sala dele não tinha absolutamente nenhuma personalidade ou cor. Ao assumir o cargo, ele desejara mudar isso, mas, quando as pessoas entravam naquele ambiente para saber detalhes da morte, não queriam nada que estimulasse os sentidos. Então Eldon mudara a decoração para algo neutro.

– Aqui – disse ele. – Pegue.

Jogou algo para ela, que instintivamente pegou. Era um saco plástico amarelado, com uma espécie de gel dentro . Eldon tinha outro igual nas mãos.

– Isto é...

Ele assentiu.

– Um implante de mama bem usado e, portanto, bem gasto.

– Eca! – Ela colocou o saco contra a luz e arqueou as sobrancelhas. – Pensei que implantes fossem transparentes.

– E são, quando saem da fábrica. Pelo menos os salinos.

– Estes não são desse tipo?

– Não. São de silicone. E ficaram marinando no busto por mais de dez anos.

Loren tentou não fazer uma careta. Eldon levantou uma sobrancelha e começou a massagear o implante.

– Pare com isso – disse ela.

Ele deu de ombros.

– Enfim, estes aqui pertencem à sua Irmã dos Seios Imaculados.

– E por que você os está mostrando para mim?

– Porque eles estão cheios de pistas.

– Que pistas?

– Primeiro, são de silicone.

– Você já falou.

– Lembra quando houve aquela onda de medo de câncer uns cinco, dez anos atrás?

– Os implantes andavam vazando.

– Isso. Então os fabricantes foram forçados a mudar para implantes salinos.

– Não há umas mulheres voltando para o silicone agora?

– Sim, mas a questão é que estes aqui são antigos. Muito antigos. Têm bem mais de dez anos.

Ela assentiu.

– Certo. Ótimo, é um começo.

– Tem mais. – Eldon pegou uma lente de aumento e virou um dos implantes para cima. – Está vendo isto aqui?

Loren pegou a lente para dar uma olhada.

– É uma etiqueta...

– Está vendo esse número embaixo?

– Estou.

– É um número de série. Pode-se dizer que todos os implantes cirúrgicos têm um. Joelhos, quadris, seios, marca-passos, o que for. Todos precisam ter um número de série.

Loren assentiu.

– E o fabricante tem tudo isso registrado.

– Exatamente.

– Então, se ligarmos para a fábrica e informarmos o número de série...

– Vamos descobrir o nome verdadeiro da Nossa Senhora das Maravilhas.

Loren ergueu os olhos.

– Obrigada.

– Mas há um problema.

Ela se sentou de novo.

– A empresa que fez estes implantes se chama SurgiCo. Ela faliu há oito anos.

– E os registros, onde foram parar?

Eldon deu de ombros.

– É o que estamos tentando descobrir. Escute, já é tarde. Não vamos chegar a lugar algum hoje. Espero conseguir descobrir o que houve com os registros amanhã de manhã.

– Está bem. Mais alguma coisa?

– Você perguntou por que não havia fibras sob as unhas dela.

– Isso.

– Ainda estamos trabalhando no exame toxicológico completo. Ela poderia estar drogada, mas não creio que tenha sido isso.

– Você tem outra teoria?

– Tenho.

– E qual é?

Eldon recostou-se e cruzou as pernas. Virou-se para o lado e ficou encarando a parede.

– Havia alguns hematomas leves ao longo da parte interna dos bíceps.

Loren estreitou os olhos.

– Não entendi aonde você quer chegar.

– Se um homem for muito forte e, hã, souber o que está fazendo, pode se esgueirar para dentro do quarto de uma mulher adormecida – explicou o legista com a voz quase melodiosa, como se estivesse falando com uma criança. – Se ela não estiver dormindo de costas, ele pode virá-la para essa posição, montar em cima dela na altura dos seios, imobilizar seus braços com os joelhos e então sufocá-la com o travesseiro. E, se ele for cuidadoso e profissional, pode fazer isso deixando pouquíssimas marcas.

A temperatura da sala pareceu cair 10 graus. A voz de Loren saiu quase em um sussurro:

– Você acha que foi isso que aconteceu?

– Temos que esperar o resultado do exame toxicológico – disse Eldon, virando-se outra vez de frente para ela. – Mas sim, acho que foi isso que aconteceu.

Ela não falou nada.

– Há mais uma coisa que apoia minha teoria e que pode nos ajudar – prosseguiu Eldon, colocando uma fotografia sobre a mesa. Era uma foto da freira. Seus olhos estavam fechados como se ela esperasse um tratamento facial. Tinha quase 60 anos, mas as rugas haviam sido suavizadas pela morte. – Você sabe alguma coisa sobre impressões digitais deixadas na pele?

– Só sei que são difíceis de serem colhidas.

– Quase impossíveis, a não ser que você comece a trabalhar no corpo imediatamente após a morte. A maioria dos principais estudos diz que devemos tentar colher as impressões na cena do crime, se possível. No mínimo, a perícia deve se assegurar de que o cadáver

seja fumigado no mesmo instante, para preservar as impressões antes que a vítima seja embalada.

Detalhes forenses não eram o forte de Loren.

– Sei.

– Bem, era tarde demais para fazer isso com nossa Noviça Morredoura aqui. – Ele ergueu os olhos. – Entendeu? “Noviça Morredoura” em vez de “Noviça Voadora”?

– Engraçadíssimo. Prossiga.

– Certo. Então estou tentando algo experimental. Tivemos sorte de o corpo não ter sido refrigerado. A condensação que se acumula na pele acaba com tudo. De qualquer forma, pensei em tentar a folha semirrígida de polietileno-tereftalato. O princípio é que a eletricidade estática atrai partículas de poeira e...

– Alto lá! – interrompeu Loren com a mão erguida. – Pode pular o momento *CSI*. Você conseguiu colher as impressões digitais no corpo ou não?

– Sim e não. Achei marcas nas duas têmporas. Uma delas se parece com um polegar e a outra pode ser um anelar.

– Nas têmporas?

Eldon assentiu. Tirou os óculos, limpou-os, colocou-os de novo na ponta do nariz e empurrou-os para cima.

– Acho que o criminoso segurou o rosto dela com uma das mãos, como se fosse uma bola de basquete, com a base da mão no nariz dela.

– Meu Deus.

– É. Então acho que ele empurrou a cabeça dela para baixo enquanto montava nela.

– Mas e as digitais? Dá para chegarmos à identidade dele com elas?

– Duvido. Elas são, na melhor das hipóteses, parciais. Isso nunca será o suficiente no tribunal, mas existe um software novo que ajuda, digamos, a preencher as lacunas, entende? Se você encontrar algum suspeito, posso conseguir o bastante para confirmar ou eliminar.

– É, isso poderia ser útil.

Eldon se levantou.

– Vou cuidar disso agora. Deve demorar um dia, talvez dois. Eu aviso quando tiver outros detalhes.

– Certo. Mais alguma coisa?

Foi como se uma sombra caísse sobre o rosto do médico.

– Eldon?

– É – retrucou ele. – Tem mais uma coisa.

– Não estou gostando do seu tom de voz.

– E eu não estou gostando de dar essa notícia, acredite. Mas acho que quem quer que tenha feito isso não se limitou a asfixiá-la.

– Como assim?

– Você sabe alguma coisa sobre armas de choque?

– Um pouco.

– Acho que usaram uma. – Ele engoliu em seco. – Nela.

– Quando você diz “nela”, está se referindo...

– Exatamente ao que você está pensando – retrucou Eldon, interrompendo-a.

– Há alguma marca de queimadura?

– Muito fraca, mas sim. Mas, de novo, se a pessoa sabe o que está fazendo, sobretudo em uma área tão sensível, não fica marca alguma. E, se isso ajuda em alguma coisa, era uma arma com uma ponta só. A maioria, como as que a polícia usa, tem duas. Ainda estou na fase de testes, mas acredito que ela morreu sentindo muita dor.

Loren fechou os olhos.

– Ei, Baixinha?

– O que foi?

– Faça-me um favor. Acabe com esse filho da puta, está bem?

capítulo 9

– Oi, querido, como foi seu dia? – repetiu Olivia.

Matt ficou estático, apenas segurando o aparelho.

– Matt?

– Estou aqui – disse ele.

A viatura já sumira de vista. Matt olhou para trás e viu Marsha no primeiro degrau da varanda, com as mãos nos quadris. Paul corria atrás de Ethan, os dois gritando e rindo.

– Então – continuou Olivia, como se aquele fosse um dia normal como qualquer outro –, onde você está?

– Na casa de Marsha.

– Está tudo bem?

– Vou levar os meninos para jantar.

– Não vá de novo ao McDonald's. Aquelas batatas fritas não são saudáveis.

– Certo.

Ele se lembrou dos passos inseguros. Do chão cedendo sob seus pés.

– Então, quais são as novidades? – quis saber Olivia.

– Nada de mais – respondeu ele. Kyra estava entrando em seu carro. Deu-lhe um grande sorriso e acenou. Matt respondeu com um gesto do queixo. – Eu liguei para você – falou com o máximo de indiferença que conseguiu reunir.

– Ah, é?

– É.

– Quando?

– Por volta do meio-dia.

– É mesmo?

– Não, estou inventando. Claro que liguei.

– Puxa, que estranho.

– Por quê?

– Não escutei o telefone tocar.

– Talvez você não estivesse por perto – sugeriu ele, oferecendo uma saída.

– Pode ser – concordou Olivia, devagar.

– Deixei um recado.

– Espere um instante. – Houve uma pausa. – Ué, aqui diz “três chamadas não atendidas”.

– São as minhas.

– Desculpe, meu bem. Eu sei que é ridículo, mas ainda me atrapalho para ouvir mensagens na caixa postal. Minha senha antiga era 676 seguida de estrela, mas acho que isso não funciona neste novo.

– É, não funciona – disse Matt. – A senha nova são os quatro últimos números do aparelho seguidos de jogo da velha.

– Ah, tá. Eu normalmente só checo a lista de chamadas perdidas.

Matt fechou os olhos. Não conseguia acreditar na inutilidade de toda essa conversa.

– Onde você estava? – perguntou ele.

– O quê?

– Quando eu liguei. Onde você estava?

– Oh, estava em um seminário.

– Onde?

– Como assim, onde? Estou em Boston.

– Sobre o que era o seminário?

– Sobre um novo sistema que impede que funcionários utilizem a internet na empresa para uso pessoal. Você não imagina a quantidade de horas de trabalho que são desperdiçadas na rede.

– Sei.

– Escute, tenho que desligar. Vou encontrar um pessoal para jantar.

– Alguém que eu conheça?

– Não, ninguém que você conheça. – Olivia suspirou de forma um pouco exagerada. – Aliás, ninguém que você iria *querer* conhecer.

– São chatos?

– Muito.

– Em que hotel você está?

– Eu não lhe disse?

– Não.

– No Ritz. Mas eu não paro, estou sempre para lá e para cá. É mais fácil me achar no celular.

– Olivia...

– Ah – interrompeu ela. – Espere só um segundo.

Houve uma longa pausa. Marsha cruzou o gramado na direção de Matt, apontou para o carro e fez um sinal querendo saber se podia ir. Ele acenou dizendo que tudo bem. Ethan e Paul, cansados de correr em círculos, foram para perto dele. Ethan agarrou sua perna direita e Paul, a esquerda. Matt fez uma careta e apontou para o celular, indicando que naquele momento estava ocupado. Eles não entenderam.

– Chegou uma imagem no meu celular... Que tecla tenho que apertar mesmo? – indagou Olivia.

– A do lado direito.

– Espere. Está baixando. Ei, é você! Puxa, eu casei com um homem lindo de morrer.

Matt não pôde evitar um sorriso, e isso só fez o sofrimento aumentar. Ele a amava. Poderia tentar amenizar o golpe, mas não havia modo de escapar dele.

– Bem, quem sou eu para contestar? – falou.

– Mas este não é seu melhor sorriso. Aliás, você nem está sorrindo. E da próxima vez lembre-se de tirar a camisa.

– Você também.

Olivia riu, mas não soou relaxada como sempre.

– Melhor ainda – continuou Matt, acrescentando num impulso: – Por que não usa uma peruca platinada?

Silêncio.

Dessa vez foi ele quem o quebrou:

– Olivia?

– Estou aqui.

– Antes, quando liguei para você...

– Sim?

– Eu estava retornando uma chamada sua.

Como que sentindo a tensão, os meninos soltaram as pernas dele. Paul inclinou a cabeça para o lado e olhou para Ethan.

– Mas eu não liguei para você – retrucou ela.

– Ligou, sim. Quero dizer, eu recebi uma chamada do seu celular.

– Quando?

– Antes de ligar para você da primeira vez.

– Não estou entendendo.

– Veio uma fotografia. De um cara de cabelos pretos. E depois um vídeo.

– Um vídeo?

– Você estava num quarto. Pelo menos parecia você. Só que estava usando uma peruca loura platinada.

Mais um instante de silêncio.

– Não sei do que você está falando – disse Olivia por fim.

Será que devia acreditar nela? Queria muito, queria simplesmente deixar aquilo para lá...

– Hoje mais cedo – insistiu ele –, antes de deixar aquele recado em sua caixa postal, recebi uma chamada do seu celular, com um alerta de envio de imagem.

– Sim, isso eu entendi, mas...

– Mas o quê?

– Ah, espere um instante – retrucou ela. – Acho que isso pode explicar uma coisa.

Paul e Ethan começaram a correr em círculos novamente. Estavam fora de controle e perto demais da rua. Matt cobriu o fone e os chamou de volta.

– Explicar o quê? – continuou.

– Acho... Bem, não entendi por que não recebi seu primeiro telefonema. Estou dentro da área de serviço. Mas acabei de verificar a relação de chamadas não atendidas e vi que Jamie também tentou falar comigo. Também não ouvi a ligação dela.

– E daí?

– Daí que estou pensando: esses caras nesses seminários. Eles vivem fazendo brincadeiras. Talvez algum deles tenha feito isso para me pregar uma peça.

– Uma peça?

– É que eu cochilei durante o seminário. Estava chato demais e acabei pegando no sono. Quando acordei, minha bolsa não estava no mesmo lugar. Não estava longe, mas agora, pensando bem,

tenho certeza de que não estava no lugar onde eu tinha deixado. Não dei importância na hora.

– E agora você acha que...

– É, acho que eles devem ter pegado e feito alguma coisa com ela, e depois a colocaram de volta. Não sei, também acho isso muito estranho.

Matt não sabia o que pensar, mas o tom de voz de Olivia não lhe parecia natural.

– Quando você volta?

– Na sexta.

Ele trocou o celular de ouvido.

– Vou encontrar com você aí.

– Você não tem que trabalhar?

– Nada que não possa esperar.

– Mas – insistiu ela, baixando um pouco a voz – amanhã não é sua... hã... quinta-feira no museu?

Ele tinha esquecido.

– Você não pode faltar – acrescentou Olivia.

Em três anos, Matt nunca havia faltado. Durante um longo tempo não contara a ninguém sobre aqueles encontros no museu a cada duas semanas, às quintas. As pessoas nunca compreenderiam. Havia uma conexão ali, uma atração baseada na necessidade e no segredo. Era difícil explicar. As reuniões eram apenas muito importantes.

– Eu posso faltar – decidiu ele.

– Você não deveria, Matt. Sabe disso.

– Posso pegar um voo agora mesmo...

– Não há necessidade. Estarei em casa depois de amanhã.

– Não quero esperar.

– De qualquer forma, estou muito ocupada aqui. Olhe, tenho que desligar. Falamos sobre isso depois, está bem?

– Olivia?

– Sexta-feira – retrucou ela. – Eu amo você, Matt.

Então desligou.

capítulo 10

– TIO MATT?

Paul e Ethan estavam bem seguros no banco de trás. Matt levara quase quinze minutos para conseguir fixar as cadeirinhas. Quem diabo tinha projetado aquele sistema de segurança, a Nasa?

– O que foi, amiguinho?

– Sabe o que tem no McDonald's agora?

– Eu já disse que não vamos ao McDonald's.

– Eu sei. Só estou falando.

– Hum.

– Sabe o que tem no McDonald's agora?

– Não – disse Matt.

– Sabe o novo filme do *Shrek*?

– Sei.

– Eles têm os brinquedos do *Shrek*! – exclamou Paul.

– É mesmo?

– E são de graça.

– Não são de graça – explicou Matt.

– São, sim! Eles vêm no McLanche Feliz.

– Que é superfaturado.

– É o quê?

– Nós não vamos ao McDonald's.

– Ah, nós sabemos.

– Só estamos falando.

– Eles têm brinquedos de graça, é só isso.

– Do novo filme do *Shrek.*

– Lembra quando vimos o primeiro filme do *Shrek*, tio Matt?

– Lembro – afirmou ele.

– Eu gosto do Burro – disse Ethan.

– Eu também – concordou Matt.

– O Burro é o brinquedo desta semana.

– Nós não vamos ao McDonald’s.
– Só estou falando.
– Porque comida chinesa é boa também – completou Paul.
– Mesmo que eles não deem brinquedos de graça.
– É, eu gosto daquelas costelinhas.
– E daqueles pasteizinhos.
– Mamãe gosta de brotos de feijão.
– Eca. Você não gosta de brotos de feijão, não é, tio Matt?
– Eles são bons para a saúde – retrucou Matt.
Ethan virou-se para o irmão.
– Isso quer dizer que não.

Matt sorriu, tentando deixar aquele dia para trás. Paul e Ethan eram bons para ajudar nisso.

Chegaram ao Cathay, um restaurante antiquado que servia pratos clássicos da culinária chinesa, tinha assentos de vinil rachado e contava com uma mulher mal-humorada no balcão da entrada que ficava observando os clientes comerem com uma cara de quem achava que fossem enfiar os talheres no bolso.

A comida estava gordurosa, mas era assim mesmo. Os meninos comeram um prato enorme. No McDonald’s, só beliscavam. Comiam talvez meio hambúrguer e uma dúzia de batatas fritas. Ali eles limparam os pratos. Restaurantes chineses lucrariam muito mais se oferecessem brinquedos de filmes infantis.

Ethan, como sempre, estava animado. Paul era um pouco mais reservado. Tinham sido criados da mesma forma, filhos dos mesmos pais, mas não poderiam ser mais diferentes um do outro. Ethan gostava de se exibir e não parava quieto – era bagunceiro, espalhafatoso e evitava demonstrações de afeto. Já Paul era metódico e ficava frustrado quando cometia um erro. Era cuidadoso, um bom atleta e gostava de carinho.

A personalidade de cada um era muito mais forte do que o tipo de criação.

Na volta, pararam em uma sorveteria. A camisa de Ethan acabou tomando mais sorvete de baunilha do que ele. Quando parou na entrada de carros da casa de Marsha, Matt ficou surpreso ao ver que ela ainda não havia chegado. Levou os meninos para dentro – ele tinha uma chave – e lhes deu banho. Eram oito da noite.

Colocou um DVD dos *Padrinhos mágicos*, um desenho engraçado até para um adulto, e depois usou as habilidades de negociação adquiridas no meio jurídico para convencê-los a ir para a cama. Ethan tinha medo de escuro, então Matt acendeu o abajur do Bob Esponja.

Verificou o relógio. Oito e meia. Não se importava de ficar até mais tarde, mas estava começando a ficar preocupado.

Foi até a cozinha. Os últimos trabalhos de educação artística de Paul e Ethan tinham sido pregados na geladeira com ímãs. Havia fotos também, em molduras de acrílico que pelo jeito nunca mantinham as imagens no lugar. A maioria estava com metade da foto para fora. Matt ajeitou todas cuidadosamente.

Quase no topo da geladeira, onde os meninos não conseguiam alcançar (e talvez ver), havia duas fotos de Bernie. Matt parou e olhou para o irmão. Depois de algum tempo virou-se, pegou o telefone da cozinha e ligou para o celular de Marsha.

Ela atendeu:

– Oi, Matt. Eu ia ligar agora mesmo para você.

– Olá.

– Vocês estão em casa?

– Estamos. Os meninos já tomaram banho e foram para a cama.

– Uau! Você é bom mesmo.

– Muito obrigado.

– Não, eu é que agradeço.

Os dois ficaram calados por um momento.

– Quer que eu fique um pouco mais? – perguntou Matt por fim.

– Se não for atrapalhar...

– De jeito nenhum. Olivia ainda está em Boston.

– Obrigada – disse ela, e havia algo estranho em sua voz.

Matt trocou o celular para o outro ouvido.

– Hã, a que horas você acha que vai...

– Matt?

– Sim?

– Eu menti para você.

Matt não disse nada.

– Não tinha reunião nenhuma na escola.

Ele esperou.

– Estou em um encontro.

Sem saber direito o que dizer, Matt optou pelo mais seguro:

– Ah.

– Eu devia ter contado antes. – Ela baixou a voz: – E também não é o primeiro encontro.

Os olhos dele encontraram os do irmão nas fotos na geladeira.

– Aham.

– Já faz dois meses que estou saindo com uma pessoa. Os meninos não sabem, é claro.

– Você não precisa me dar nenhuma explicação.

– Sim, Matt. Preciso, sim.

Ele não disse nada.

– Matt?

– Estou aqui.

– Você se importaria de dormir aí?

Ele fechou os olhos.

– Não – respondeu. – Não me importo nem um pouco.

– Vou chegar antes de os meninos acordarem.

– Está bem.

Matt ouviu uma fungada. Ela estava chorando.

– Está tudo bem, Marsha. – Mesmo?

– Sim, mesmo. Vejo você de manhã.

– Eu amo você, Matt.

– Eu também amo você.

Então ele desligou. Era bom Marsha estar saindo com alguém, muito bom mesmo. Mas seus olhos voltaram a procurar o retrato do irmão. Por mais injusto e errado que fosse, Matt não pôde deixar de pensar que Bernie nunca lhe parecera tão morto.

capítulo 11

Todo mundo tem, em algum momento da vida, aquele pesadelo terrível de que de repente está prestes a fazer a prova final de uma matéria depois de ter faltado a todas as aulas do semestre. Matt, não. Em vez disso, em uma tendência estranhamente similar, sonhava que tinha voltado para a prisão. Não tinha ideia do que fizera para estar lá de novo, não se lembrava de nenhum crime ou julgamento, apenas tinha a sensação de que, de alguma forma, entrara em uma grande encrenca e que, dessa vez, não sairia mais de lá.

Ele acordava assustado, suando em bicas, com lágrimas nos olhos. Seu corpo inteiro tremia.

Olivia já havia se acostumado. Passava os braços em torno dele e sussurrava que estava tudo bem, que nada mais poderia feri-lo. Ela também tinha pesadelos, sua amada esposa, mas não parecia precisar ou querer ser confortada de nenhuma forma.

Matt resolvera dormir no sofá da sala. O quarto de hóspedes, no segundo andar, tinha uma cama *queen size* embutida num armário, mas ela lhe parecia grande demais quando dormia sozinho. Agora, olhando para o escuro, sentindo-se mais sozinho que nunca desde o dia em que Olivia entrara em seu escritório, estava com medo de dormir. Manteve os olhos abertos a noite toda. Às quatro da manhã, ouviu o carro de Marsha na entrada da garagem.

Quando ouviu o barulho da chave na fechadura, Matt fechou os olhos e fingiu que dormia. Marsha aproximou-se na ponta dos pés e lhe deu um beijo na testa. O cheiro de xampu e sabonete emanava dela. Tinha tomado banho, fosse lá onde estivesse. Matt imaginou se ela teria tomado banho sozinha, depois ficou pensando por que se importava com isso.

Ela foi para a cozinha. Ainda na mesma posição, Matt abriu um olho bem devagar. Marsha preparava o lanche para os meninos

levarem para a escola, passando geleia no pão com gestos experientes. Lágrimas lhe desciam pelas faces. Matt continuou imóvel. Deixou que ela terminasse em paz e escutou seus passos delicados subindo a escada.

Às sete da manhã, Cingle telefonou.

– Liguei para sua casa – disse ela. – Você não estava.

– Estou na casa da minha cunhada.

– Ah.

– Estou só tomando conta dos meus sobrinhos.

– E eu perguntei alguma coisa?

Matt esfregou o rosto.

– Alguma novidade?

– Você vai ao escritório?

– Sim, mais tarde. Por quê?

– Encontrei o homem que anda seguindo você, Charles Talley.

Matt sentou-se.

– Onde?

– Vamos falar pessoalmente, está bem?

– Por quê?

– Quero fazer mais algumas pesquisas.

– Sobre o quê?

– Charles Talley. Encontro você no seu escritório ao meio-dia, combinado?

Na parte da manhã ele teria o encontro no museu, de qualquer maneira.

– Tudo bem.

– E, Matt...?

– O quê?

– Lembra que você disse que essa coisa com o Talley era um assunto pessoal?

– Lembro.

– Então você está enterrado nessa merda até o pescoço.

◆ ◆ ◆

Matt era sócio do Museu Newark. Mostrou sua carteirinha apesar de não haver necessidade – os seguranças já o conheciam. Ele os

cumprimentou com um aceno e entrou. Havia bem poucas pessoas ali àquela hora.

Matt dirigiu-se à galeria de arte na ala oeste. Passou diante da peça mais nova do museu, uma tela colorida de Wosene Worke Kosrof, e subiu a escada para o segundo andar.

Ela era a única pessoa por ali.

Viu-a no final do corredor, parada no mesmo lugar de sempre, na frente do quadro de Edward Hopper. Sua cabeça estava inclinada ligeiramente para a esquerda. Era uma mulher muito atraente, perto dos 60 anos, com quase 1,80 metros de altura, malares salientes e o tipo de cabelo loiro que os ricos sempre parecem ter. Era inteligente, bem-educada e vestia-se com elegância.

Seu nome era Sonya McGrath. Era a mãe de Stephen McGrath, o rapaz que Matt havia matado.

Sonya sempre o esperava perto da obra de Hopper. A tela chamava-se *Sheridan Theater* e conseguia retratar a desolação e o desespero em uma imagem de um cinema. Era incrível. Existiam muitos quadros famosos que mostravam a desolação da guerra, da morte, da destruição, mas havia algo naquele Hopper aparentemente simples, naquele balcão de cinema quase vazio, que tocava Matt e Sonya de um modo que nenhuma outra pintura conseguia.

Sonya McGrath ouviu-o se aproximar, mas não desviou os olhos da tela. Matt passou por Stan, o segurança que sempre trabalhava naquele andar nas manhãs de quinta-feira. Eles trocaram um aceno e um sorriso rápido. Matt imaginou o que Stan pensaria de seus encontros silenciosos com aquela atraente mulher mais velha.

Parou perto dela e olhou para o quadro, que funcionava como um espelho bizarro. Matt via a si mesmo e a Sonya naquelas duas figuras isoladas de Hopper: ele, o lanterninha; ela, a espectadora solitária. Por um longo tempo nenhum dos dois falou nada. Matt olhou para o perfil de Sonya. Certa vez, vira uma foto dela no jornal, na seção Estilo do *New York Times* de domingo. Ela era uma espécie de socialite. Na foto, seu sorriso era arrasador. Nunca vira um sorriso daquele em ninguém. Chegava a se perguntar se existiria algo parecido que não fosse nos filmes.

– Você não parece muito bem – disse ela.

Sonya não olhara para Matt. Até onde ele percebera, não havia desviado os olhos do quadro. Mas assentiu mesmo assim. Então ela o encarou.

O relacionamento deles, embora a palavra “relacionamento” não descrevesse de maneira adequada a ligação que havia entre ambos, começara alguns anos depois de Matt ter saído do presídio. O telefone tocava, ele atendia, mas ninguém falava. Nenhum dos dois desligava, tampouco. Permaneciam apenas calados. Às vezes Matt imaginava ouvir uma respiração, mas achava que era coisa de sua cabeça. Apenas o silêncio imperava na linha.

E, de alguma maneira, ele sabia quem era.

Na quinta vez que ela ligara, Matt respirara fundo várias vezes antes de ter coragem de dizer:

– Sinto muito.

Houve um longo silêncio. Então Sonya enfim retrucara:

– Conte-me exatamente o que aconteceu.

– Eu contei. No tribunal.

– Conte-me outra vez. Tudo.

Ele tentou. Levou um longo tempo. Sonya ficou em silêncio e, quando Matt terminou, ela desligou.

No dia seguinte, voltou a ligar.

– Quero lhe contar sobre o meu filho – falou ela, sem preâmbulos.

E foi isso que fez.

Matt ficou sabendo mais do que realmente gostaria sobre Stephen McGrath. Ele deixara de ser apenas um rapaz que entrara em uma briga, deixara de ser o obstáculo nos trilhos que fizera a vida de Matt descarrilar. Stephen tinha duas irmãs mais novas que o idolatravam. Adorava tocar violão, era meio hippie*,* algo, aliás, que herdara da mãe, explicara a própria Sonya com um leve sorriso. Era um ótimo ouvinte, sempre diziam os amigos. Se estivessem com algum problema, sempre o procuravam. Ele não tinha necessidade de ser o centro das atenções e ria quando alguém contava uma piada. Só tinha se metido em confusão uma vez na vida – a polícia o pegara bebendo com alguns amigos atrás do colégio –, mas nunca entrara em brigas, nem mesmo quando era criança. Tinha horror a qualquer violência física.

Nesse mesmo telefonema, Sonya perguntou a Matt:

– Você sabia que Stephen não conhecia nenhum dos rapazes envolvidos naquela briga?

– Sabia.

Ela começou a chorar.

– Então por que ele se meteu nela?

– Não sei.

Tinham começado a se ver no Museu Newark três anos antes. Tomaram um café e mal falaram. Meses depois, esticaram o encontro para um almoço e aos poucos os encontros foram se tornando um hábito, uma quinta-feira sim, outra não, sempre de manhã, em frente à tela de Hopper. Nenhum dos dois havia faltado nem uma vez sequer.

A princípio, não tinham contado a ninguém. O marido e as filhas de Sonya jamais compreenderiam. É claro que eles dois também não entendiam. Matt não sabia por que aqueles encontros eram tão importantes para ele. A maioria das pessoas diria que era o sentimento de culpa que o movia, que ele fazia isso como um modo de se redimir ou algo parecido. Mas não se tratava disso.

Por duas horas – o tempo que passavam juntos –, Matt sentia-se estranhamente liberto, porque durante aquele período ele se entregava à dor e ao sofrimento. Não sabia como era para Sonya, mas imaginava que o efeito fosse semelhante. Falavam sobre a noite da briga, sobre suas vidas. Falavam dos passos hesitantes, da sensação de que o chão se abriria a qualquer instante. Sonya nunca dissera que o perdoava, ou que a culpa não fora dele, que fora um acidente, que ele já pagara pelo que fizera.

Ela começou a andar pelo corredor. Matt deu uma olhada rápida para o quadro e então a seguiu. Desceram para o térreo e atravessaram o átrio do museu. Compraram café e se sentaram na mesma mesa de sempre.

– Então – disse ela –, diga-me o que está havendo.

Não falara isso por educação ou para romper o silêncio. Não era um tipo de saudação cordial. Matt contou-lhe tudo. Contava para aquela mulher coisas que não compartilhava com mais ninguém. Jamais mentia para ela, nunca embelezava os fatos nem os suavizava.

Quando terminou, ela perguntou:

– Você acha que Olivia está tendo um caso?

– A evidência parece bem clara.

– Mas?

– Mas aprendi que as evidências raramente fornecem o quadro completo.

Sonya assentiu.

– Você devia ligar para ela outra vez.

– Eu liguei.

– Tente o hotel.

– Eu tentei.

– Ela não estava lá?

– Não há nenhum registro no nome dela.

– Existem dois Ritz-Carlton em Boston.

– Tentei os dois.

– Ah. – Sonya recostou-se e colocou a mão no queixo. – Então você sabe que, de alguma forma, ela não está sendo honesta.

– Isso.

Sonya ficou pensativa. Não conhecia Olivia, porém sabia mais do relacionamento dela com Matt do que qualquer outra pessoa. Ficou olhando para o nada.

– O que foi? – quis saber ele.

– Só estou tentando encontrar uma justificativa razoável para o comportamento dela.

– E?

– Até agora não consegui imaginar nada. – Sonya deu de ombros e tomou um gole de café. – Sempre achei o seu relacionamento com Olivia muito estranho.

– Como assim?

– O modo como ficaram ligados um ao outro dez anos depois de um encontro de uma noite só.

– Não foi um “encontro” de uma noite só. Não dormimos juntos.

– Talvez a questão seja essa.

– Não estou entendendo.

– Se vocês tivessem dormido juntos, bem, a magia poderia ter sido quebrada. Dizem que fazer amor é a coisa mais íntima que pode acontecer entre duas pessoas. Na verdade, provavelmente é o oposto.

Matt esperou.

– Bem, é uma estranha coincidência – disse Sonya.

– Como assim?

– Clark está tendo um caso.

Matt não perguntou se ela tinha certeza nem como descobrira. Disse apenas:

– Sinto muito.

– Não é o que você está pensando.

Ele ficou em silêncio.

– Não tem nada a ver com o que aconteceu ao nosso filho.

Matt tentou assentir.

– Gostamos de culpar a morte de Stephen por todos os nossos problemas. Ele se tornou nosso argumento para dizer que a vida não é justa. Mas o motivo por trás do caso de Clark é muito mais básico.

– E qual é?

– Tesão.

Sonya sorriu, e Matt tentou retribuir.

– Ah, eu mencionei que ela é jovem? A moça com quem Clark está dormindo?

– Não.

– Trinta e dois anos. Temos uma filha com essa idade.

– Sinto muito – disse Matt outra vez.

– Não sinta. Este é o lado oposto do que já falamos. Sobre intimidade e sexo.

– Como assim?

– A verdade é que, como muitas mulheres da minha idade, tenho pouco interesse em sexo. Sim, sei que as revistas femininas dizem outra coisa, com toda aquela baboseira sobre os homens atingirem o auge aos 19 anos e as mulheres na casa dos 30. Mas, na verdade, os homens têm a libido muito mais aguçada. Ponto final. Para mim, o sexo não tem mais relação alguma com a intimidade. Clark, por outro lado, precisa de sexo. Então é isto que essa mocinha significa para ele: sexo. Um alívio. Uma necessidade física.

– E isso não a incomoda?

– Não tem nada a ver comigo.

Matt não respondeu.

– Quando se pensa a respeito, é simples: Clark precisa de algo que eu não tenho interesse em lhe oferecer. Então ele vai buscar em outro lugar. – Sonya reparou na expressão de Matt, suspirou e colocou as mãos no colo. – Deixe-me dar um exemplo. Se Clark gostasse muito, digamos, de jogar pôquer e eu não quisesse jogar...

– Ora, Sonya, não é a mesma coisa.

– Tem certeza?

– Sexo e pôquer?

– Certo, está bem, vamos ficar no campo dos prazeres físicos. Uma massagem profissional. Clark faz massagens toda semana no clube com um massagista chamado Gary...

– Mas isso também não é a mesma coisa.

– Será que você não vê? É, sim, a mesma coisa. O sexo com aquela menina não tem nada a ver com intimidade. É só uma coisa física. Como uma massagem nas costas ou um aperto de mãos. Por que eu deveria me incomodar com isso?

Ela olhou para ele e esperou.

– Eu me incomodaria – disse Matt.

Sonya deu um pequeno sorriso. Gostava de jogos mentais, de desafios. Matt ficou pensando se ela estaria falando sério ou se apenas o testava.

– Então, o que você vai fazer? – perguntou ela.

– Olivia volta para casa amanhã.

– Acha que vai conseguir esperar até lá?

– Vou tentar.

Sonya o encarava.

– O que foi? – perguntou ele.

– Não há escapatória, não é? Eu pensei... – Ela parou.

– Pensou o quê?

Os olhares de ambos se encontraram.

– Sei que é um clichê terrível, mas pareceu um pesadelo. A notícia sobre Stephen. O julgamento. Eu ficava esperando acordar e descobrir que tudo não havia passado de uma piada cruel, que estava tudo bem.

Ele sentira a mesma coisa. Vira-se preso num pesadelo, esperando pela revelação de que estava participando de alguma

pegadinha e que nesse momento Stephen apareceria vivo e sorridente.

– Mas agora o mundo parece o oposto, não é, Matt?

Ele assentiu.

– Em vez de acreditar que o que acontece de ruim é um pesadelo do qual você vai acordar – continuou ela –, você acha que as coisas boas é que são uma ilusão. Foi isso que aquele telefonema para o seu celular fez. Despertou você de um sonho bom.

Matt não conseguiu falar.

– Sei que nunca vou superar o que aconteceu – continuou Sonya. – Simplesmente não é possível. Mas pensei... esperei que talvez você pudesse.

Matt aguardou que ela dissesse mais alguma coisa, mas Sonya ficou em silêncio. Ela levantou-se de repente, como se tivesse falado de mais.

Dirigiram-se juntos à saída. Ela o beijou no rosto e, quando se abraçaram, demoraram um pouco mais que o habitual. Como sempre, Matt conseguiu sentir a devastação emanando dela. A morte de Stephen estava ali, a cada instante, em cada gesto. Stephen permanecia com os dois, uma companhia eterna.

– Se precisar de mim – sussurrou ela –, pode ligar. A qualquer hora.

– Está bem.

Matt ficou olhando enquanto ela se distanciava. Pensou no que Sonya dissera, sobre a linha tênue entre os sonhos bons e os ruins. Quando ela enfim desapareceu na esquina, ele se virou e seguiu na direção oposta.

capítulo 12

QUANDO MATT PASSOU PELA MESA de Rolanda, ela avisou:

– Cingle está esperando na sua sala.

– Obrigado.

– Meia-Idade quer que eu o avise assim que você chegar. – Rolanda ergueu os olhos. – Você já chegou?

– Me dê cinco minutos.

Ela se virou para o computador e começou a digitar. Matt entrou na sala e viu Cingle Shaker olhando pela janela.

– Bela vista – elogiou ela.

– Você acha?

– Não. É só meu jeito de jogar conversa fora.

– Você é ótima nisso – comentou ele.

– E eu achando que você era só um assistente jurídico.

– E sou.

– Então por que um escritório tão chique?

– Era do meu irmão.

– E daí?

– Daí que Bernie era um dos fazedores de milagres daqui.

– E daí? – Cingle virou-se para ele. – Não quero parecer insensível, mas ele está morto.

– Como eu disse antes, você é realmente boa em jogar conversa fora.

– Não, eu quis dizer que... Ele morreu há quantos anos mesmo? Não posso acreditar que tenham deixado um assistente jurídico, ex-presidiário ainda por cima, ficar com uma sala como esta.

Matt sorriu.

– Sei o que quis dizer.

– Então... por quê?

– Talvez por respeito à memória dele.

– Advogados? – Cingle fez uma careta. – Ora, faça-me o favor!

– Na verdade – continuou Matt –, acho que eles gostam de me ter por perto.

– Porque você é um cara muito legal?

– Porque sou ex-presidiário. Sou uma excentricidade divertida.

Cingle assentiu.

– É como ter um casal de lésbicas em uma festa metida a besta.

– Algo assim, só que ainda mais exótico. É engraçado. De certa forma, sou a curiosidade máxima. Sempre que estão bêbados, eles me perguntam, com muito jeito, é claro, como é para alguém como eles ir para o... – Matt fez aspas com os dedos – xilindró.

– Você é tipo uma celebridade local.

– De um modo bizarro, sim.

– E é por isso que eles não colocam você para fora deste escritório?

Matt deu de ombros.

– Vai ver também têm medo – sugeriu Cingle. – Você já matou um homem com as próprias mãos.

Ele suspirou e se sentou. Cingle fez o mesmo.

– Desculpe – disse ela.

Ele descartou o comentário com um aceno da mão.

– Quais são as novidades? – perguntou.

Ela cruzou as longas pernas. Era para causar efeito, ele sabia, mas imaginou se aquele movimento não teria se tornado inconsciente para ela.

– Diga uma coisa, Matt. Por que quer informações sobre essa placa de carro?

Ele abriu os braços.

– Precisamos passar outra vez pela definição de “pessoal”?

– Só se você quiser saber o que eu descobri.

– Então agora você deu para fazer chantagem?

No entanto, percebeu que ela falava sério.

– Acho que ele estava me seguindo – disse.

– Por que acha isso?

– Porque fui a alguns lugares e vi o mesmo carro por perto.

– E percebeu assim sem mais nem menos?

– A placa tem as letras parecidas com as minhas iniciais.

– O quê?

Matt explicou que as três letras da placa eram quase as mesmas das suas iniciais e que o motorista fugira quando ele se aproximara do carro. Cingle escutou imóvel.

Quando ele terminou, ela perguntou:

– E por que Charles Talley está seguindo você, Matt?

– Não sei.

– Não tem nem ideia?

Ele não repetiu o que já tinha dito. Sabia tudo sobre homens que protestam demais. O silêncio era a melhor resposta naquele caso.

– Talley tem ficha na polícia.

Matt ficou tentado a dizer “Eu também”, mas sabia que era melhor não. Ter uma ficha digna de atrair a atenção de Cingle significava algo sério. O fato de isso não ocorrer no caso de Matt só provava que toda regra tinha exceção. Ele não gostava de pensar assim – Lance Banner não tivera o mesmo tipo de preconceito? –, mas era difícil negar a realidade.

– Assalto – disse Cingle. – Ele usou um soco-inglês. Não matou o pobre-coitado, mas destruiu o cérebro dele a tal ponto que teria sido mais humano se o tivesse matado.

Matt pensou no que acabara de ouvir, tentando encaixar no que estava acontecendo.

– Quanto tempo ele pegou?

– Oito anos.

– É muito tempo.

– Não foi a primeira condenação dele. E Talley estava longe de ser um prisioneiro-modelo.

Matt tentou ordenar todas aquelas informações. Por que aquele sujeito o estava seguindo?

– Quer ver a cara dele? – perguntou Cingle.

– Você conseguiu uma foto?

– Sim, as da polícia.

Cingle vestia um blazer azul com uma calça jeans. Pegou as fotos no bolso interno. Ao vê-las, Matt sentiu seu mundo começar a girar furiosamente outra vez.

Como era possível?

Ele sabia que Cingle não desviava os olhos dele, esperando sua reação, mas não pôde evitar. Quando viu as duas fotos clássicas de

frente e de perfil, quase emitiu uma exclamação em voz alta. Agarrou a beirada da mesa, como para impedir-se de cair.

– Então você o conhece – deduziu ela.

Matt conhecia. Era o mesmo sorrisinho afetado, os mesmos cabelos negros.

Charles Talley e o homem da foto no celular eram a mesma pessoa.

capítulo 13

LOREN MUSE ENTROU EM UMA máquina do tempo.

Ao revisitar o St. Margaret, o colégio onde cursara o ensino médio, todos os clichês se aplicaram: os corredores pareciam mais estreitos; os tetos, mais baixos; os armários, menores; os professores, menos altos. Mas outras coisas, as importantes, não tinham mudado muito.

Loren teve a impressão de que atravessava um portal do tempo ao adentrar a escola. Sentiu o mesmo frio na barriga, o mesmo estado constante de insegurança, a necessidade tanto de aprovação quanto de rebeldia vibrando dentro dela.

Bateu à porta da sala da irmã Katherine.

– Pode entrar.

Havia uma menininha sentada lá dentro. Vestia o mesmo uniforme que Loren usara tanto tempo antes: blusa branca e saia xadrez. Nossa, como odiava aquilo. A menina estava de cabeça baixa e era evidente que havia sido repreendida pela madre. Os cabelos compridos e espessos caíam-lhe diante do rosto como uma cortina.

– Pode ir agora, Carla – disse a madre superiora.

Com os ombros caídos e a cabeça ainda baixa, a menina obedeceu, rápida e silenciosamente. Loren assentiu com a cabeça quando ela passou, como que dizendo “Já estive no seu lugar, amiguinha”. Carla não retribuiu o olhar e fechou a porta ao sair.

A irmã Katherine observou a cena com uma expressão que transmitia preocupação e desânimo, como se pudesse ler o que se passava dentro da cabeça de Loren. Havia pilhas de pulseiras, de todas as cores, sobre a mesa. Quando Loren apontou para elas, o desânimo desapareceu.

– Essas pulseiras são de Carla? – perguntou.

– São.

Uma violação das regras de vestimenta, pensou Loren, combatendo o desejo de balançar a cabeça. Puxa, aquele lugar não ia mudar nunca.

– Você nunca ouviu falar sobre isso? – perguntou a irmã Katherine.

– Isso o quê?

A freira respirou fundo antes de responder:

– O jogo da pulseira.

Loren deu de ombros.

A irmã Katherine fechou os olhos.

– É um... modismo recente.

– Sei.

– As pulseiras diferentes... não sei nem como dizer isso... as cores diferentes representam certos atos de natureza sexual. O preto, por exemplo, é para... bem, uma certa coisa. E o vermelho...

Loren ergueu a mão.

– Acho que já entendi. As meninas as usam como uma espécie de... demonstração do que já fizeram?

– Pior que isso.

Loren esperou.

– Você não veio aqui por causa disso.

– Diga assim mesmo.

– Meninas como Carla usam as pulseiras perto dos rapazes. Se um deles conseguir tirar uma pulseira do braço de uma garota, ela precisa... bem, precisa realizar o ato que corresponde à cor da pulseira.

– Por favor, diga que está brincando.

A irmã Katherine dirigiu-lhe um olhar tão austero quanto o de épocas passadas.

– Qual é a idade de Carla? – perguntou Loren.

– Dezesseis. – A irmã Katherine apontou para outra pilha de pulseiras, como que temendo tocá-las. – Mas tirei essas aqui de uma menina da oitava série.

Não havia nada a dizer diante daquilo.

A freira se virou e pegou alguns papéis.

– Aqui estão os números de telefone que você pediu.

O interior do colégio ainda tinha aquele cheiro de pó de giz que Loren associara, até aquele momento, a certa ingenuidade adolescente. A irmã Katherine lhe entregou a pilha de papéis.

– Dezoito de nós compartilhamos três telefones – explicou ela.

– Seis para cada um, então?

A irmã Katherine sorriu.

– E ainda dizem que não ensinamos mais matemática.

Loren olhou para o crucifixo na parede, atrás da madre, e lembrou-se de uma piada que escutara logo depois de entrar no St. Margaret: um menino só tirava D em matemática, então os pais o mandaram para um colégio católico. Quando receberam o primeiro boletim do filho, ficaram chocados ao ver que o menino só tirara A. Quando lhe perguntaram por quê, o garoto respondeu: “Bem, quando entrei na capela e vi aquele cara pregado no sinal de mais, saquei que a coisa ali era séria.”

A irmã Katherine pigarreou.

– Posso lhe fazer uma pergunta?

– Claro.

– Você sabe como a irmã Mary Rose morreu?

– Ainda estão fazendo os exames.

A madre superiora esperou.

– Isso é tudo o que posso lhe dizer por ora.

– Entendo.

Então foi Loren que esperou. Quando a freira olhou para outro lado, ela disse:

– A senhora sabe mais do que contou.

– Sobre o quê?

– Sobre a irmã Mary Rose. Sobre o que aconteceu com ela.

– Já descobriram a identidade dela?

– Não, mas vamos descobrir. Até o fim do dia, aposto.

A irmã Katherine se empertigou.

– Isso seria um bom começo.

– E não há mais nada que queira me dizer?

– Não, não há, Loren.

Ela aguardou um momento. A mulher estava... bem, “mentindo” seria um termo muito forte. Mas Loren sentia o cheiro de suas evasivas.

– A senhora verificou os telefonemas, irmã?

– Sim. Pedi que as cinco irmãs que compartilhavam o telefone com ela também verificassem as contas. A maioria das chamadas era para familiares, claro. Irmãos, pais, alguns amigos. Houve algumas ligações para estabelecimentos locais. Elas pedem pizza de vez em quando, comida chinesa...

– Eu pensei que as freiras só pudessem comer... bem, a comida do convento.

– Pensou errado.

– Certo – disse Loren. – Algum número lhe pareceu estranho?

– Apenas um.

Os óculos de leitura da madre superiora balançavam em uma correntinha. Ela os colocou na ponta do nariz e estendeu a mão. Loren entregou-lhe as contas telefônicas. A freira estudou a primeira, lambeu o dedo, foi para a segunda. Então pegou uma caneta e fez um círculo no papel.

– Este.

Devolveu as folhas para Loren. O número tinha o código de área 973. Era o prefixo de Nova Jersey, a menos de 50 quilômetros dali. A chamada fora feita três semanas antes e durara seis minutos.

Provavelmente não era nada importante.

Loren notou o computador na mesinha atrás da escrivaninha da irmã Katherine. Era algo estranho de se imaginar, uma madre superiora navegando na internet, mas também sabia que eram poucas as pessoas que não o faziam hoje em dia.

– Posso usar seu computador? – pediu ela.

– Claro.

Loren tentou uma busca simples do número de telefone no Google. Nada.

– Está pesquisando o número? – perguntou a irmã Katherine.

– Estou.

– De acordo com o link na página da Verizon, o número está na lista.

Loren fitou-a.

– A senhora já tentou?

– Eu verifiquei todos os números.

– Sei – comentou Loren.

– Só para ter certeza de que não estava deixando passar nada.

– Foi uma ótima ideia.

A irmã Katherine assentiu, depois manteve a cabeça erguida.

– Imagino que você conheça fontes para consultar um número que não esteja na lista.

– Conheço, sim.

– Quer ir ver o quarto da irmã Mary Rose agora?

– Quero.

O cômodo era o que já se esperava: pequeno, austero, com uma só janela, paredes rústicas de concreto pintadas de branco e um grande crucifixo acima da cama de solteiro. Era um dormitório desprovido de calor e individualidade. Não havia quase nada de caráter pessoal, nada que desse uma ideia sobre quem o ocupava, quase como se esse tivesse sido o objetivo da irmã Mary Rose.

– A perícia estará aqui em cerca de uma hora – avisou Loren. – Vão colher impressões digitais, procurar fios de cabelo, esse tipo de coisa.

A irmã Katherine levou uma mão à boca.

– Então vocês acham que a irmã Mary Rose foi...

– Não tire conclusões precipitadas, está bem?

O celular de Loren começou a tocar e ela atendeu. Era Eldon Teak, o médico-legista.

– Oi, meu bem, você vai passar por aqui hoje? – perguntou ele.

– Daqui a uma hora – disse ela. – Por quê, o que houve?

– Descobri a proprietária atual da fábrica de implantes de silicone. A SurgiCo agora faz parte da Lockwood Corporation.

– Aquela enorme, em Wilmington?

– Essa mesma, em algum lugar em Delaware.

– Você ligou para lá?

– Liguei.

– E...?

– E não foi muito bom.

– Como assim?

– Eu disse que tinha um cadáver, um número de série em um implante de mama e que precisávamos de um nome.

– E aí?

– Eles não querem liberar a informação.

– Por que não?

– Não sei. Ficaram tagarelando sem parar e usaram o termo “sigilo médico” um monte de vezes.

– Mas que mer... – Loren se conteve ao ver a irmã Katherine contrair os lábios. – Vou conseguir um mandado.

– Eles são uma empresa poderosa.

– Mas vão ter que ceder. Só estão querendo respaldo judicial.

– Isso vai levar tempo.

Loren refletiu. Eldon tinha razão. A Lockwood Corporation ficava em outro estado. Era provável que a solicitação de uma ordem judicial tivesse de ser encaminhada a um órgão da Justiça Federal.

– Outra coisa – continuou ele.

– O quê?

– A princípio eles não pareceram ter qualquer problema com o pedido. Eu liguei e falei com uma pessoa que disse que iria verificar o número de série e que depois me retornaria. Não digo que seja uma ocorrência rotineira, mas não me pareceu ser algo tão fora do comum.

– E aí? – quis saber Loren.

– Aí um advogado de nome pomposo me ligou e disse educadamente que não poderia nos atender.

Loren pensou por um momento.

– Wilmington fica a quanto tempo daqui? Umas duas horas?

– Do jeito que você dirige, talvez uns quinze minutos.

– Estou pensando em testar essa teoria. Você tem o nome do tal advogado de nome pomposo?

– Anotei aqui em algum lugar. Espere um instante. Ah, sim, está aqui. Randal Horne, da Horne, Buckman & Pierce.

– Ligue para o Sr. Horne e diga que estou a caminho com um mandado.

– Você não tem um mandado.

– Você não sabe disso.

– Ah, está bem.

Loren desligou e fez outra chamada. Uma mulher atendeu.

– Preciso que você verifique um número de telefone que não está na lista – pediu.

– Nome e número do distintivo, por favor.

Loren forneceu os dados e em seguida leu o número de telefone para o qual a irmã Mary Rose havia ligado.

– Espere um instante, por favor – disse a mulher.

A irmã Katherine fingia estar distraída. Olhava para o alto, ou então para o outro lado da sala. Remexia nas contas do rosário. Do outro lado da linha, Loren ouvia o ruído rápido de dedos em um teclado. Então:

– Pode anotar?

Ela tirou um lápis pequeno do bolso, pegou um recibo de posto de gasolina amassado e alisou-o sobre a mesa.

– Diga.

– A assinante da linha é Marsha Hunter, e o endereço é Darby Terrace, 38, Livingston, Nova Jersey.

capítulo 14

– Matt?

Ele olhava para as fotos de Charles Talley. Aquele maldito sorrisinho, o mesmo que tinha visto na imagem do celular. Teve de novo a sensação de estar caindo, mas se segurou.

– Você o conhece, não é? – repetiu Cingle.

– Preciso que você me faça um favor.

– Eu não faço favores. Este é o meu trabalho. Vai receber a conta depois, você sabe.

– Melhor ainda. – Ele olhou firme para Cingle. – Quero que descubra tudo o que puder sobre Charles Talley. Absolutamente tudo.

– E o que devo procurar?

Boa pergunta. Matt ficou pensando em como dizer aquilo.

– Só me conte – pediu Cingle.

Matt pegou o celular. Hesitou por um momento, mas, na verdade, que sentido fazia continuar tentando esconder a verdade? Abriu o aparelho, acessou a função câmera e apertou a seta para trás até que a fotografia de Charles Talley, a que fora tirada no quarto de hotel, aparecesse. Era o mesmo homem, não havia dúvida. Ele olhou para a imagem por alguns instantes.

– Matt?

– Ontem recebi uma chamada do celular de Olivia – começou ele, falando devagar e passando o aparelho para Cingle. – E recebi isto aqui.

Cingle pegou o telefone e fitou a tela. Matt viu-a arregalar os olhos de surpresa. Ela olhou repetidas vezes do celular para as fotos e de volta para o celular, e por fim encarou Matt.

– Que diabo é isso?

– Aperte a tecla para avançar – disse ele.

– Esta aqui à direita?

– É. Você vai ver o vídeo que veio logo depois da foto.

O rosto de Cingle era pura concentração. Quando a filmagem terminou, ela perguntou:

– Se eu apertar esta tecla de “replay”, o vídeo vai rodar de novo?

– Vai.

Cingle fez isso e viu mais duas vezes. Ao acabar, colocou o celular com todo o cuidado sobre a mesa.

– Você tem alguma explicação para isso?

– Não.

Ela ficou pensativa.

– Eu só vi Olivia uma vez.

– Eu sei.

– Não sei dizer se é ela ou não.

– Eu acho que é.

– Você *acha*?

– Não dá para ver o rosto direito.

Cingle mordeu o lábio inferior. Esticou o braço para trás, pegou a bolsa e começou a procurar dentro dela.

– O que foi? – perguntou Matt.

– Você não é o único espertinho por aqui – retrucou ela.

Tirou da bolsa um pequeno computador de mão, pouco maior que o celular de Matt.

– Um Palm Pilot? – perguntou ele.

– É um sofisticado PC de bolso – corrigiu Cingle. Pegou um fio na bolsa e ligou uma das pontas no celular de Matt e a outra no aparelho. – Você se importa se eu copiar a foto e o vídeo?

– Para quê?

– Vou levá-los para o escritório. Temos todo tipo de programa para ampliar a imagem quadro a quadro, melhorar a definição e fazer uma análise mais minuciosa.

– Mas isso tem que ficar entre nós.

– Entendido. – Dois minutos depois, foto e vídeo já estavam no aparelho dela. Cingle devolveu o telefone para Matt. – Mais uma coisa.

– Estou ouvindo.

– Só descobrir tudo o que for possível sobre nosso amigo Charles Talley talvez não nos leve aonde precisamos. – Ela se curvou para a

frente. – Então temos que começar a definir limites. Encontrar uma conexão entre Talley e...

– Olivia – completou Matt.

– Isso.

– Você quer investigar minha esposa.

Ela voltou a se recostar e cruzou as pernas.

– Se este fosse apenas um caso amoroso comum, provavelmente isso não seria necessário. Quero dizer, eles poderiam apenas ter se conhecido, talvez em um bar, sei lá. Mas Talley está seguindo você. Também lhe enviou uma foto e um filme, jogando-os na sua cara.

– O que quer dizer que...

– O que quer dizer que há mais alguma coisa nisso – garantiu Cingle. – Deixe-me fazer uma pergunta. Não fique ofendido, está bem?

– Certo.

Ela se remexeu na cadeira. Cada movimento, intencional ou não, tornava-se cheio de duplos significados.

– O que você realmente sabe sobre Olivia? Sobre o passado dela, quero dizer.

– Sei tudo. De onde ela é, onde estudou...

– E quanto à família?

– A mãe foi embora quando ela era bebê e o pai morreu quando ela tinha 21 anos.

– Irmãos?

– Nenhum.

– Então o pai a criou sozinho?

– Praticamente. Por quê?

Cingle continuou:

– Onde ela cresceu?

– Em Northways, na Virgínia.

Cingle anotou.

– Ela fez faculdade lá, certo?

Matt assentiu.

– Na Universidade da Virgínia.

– O que mais?

– Como assim, o que mais? O que mais pode haver? Ela trabalha para a DataBetter Associates há oito anos. Sua cor favorita é azul.

Tem olhos verdes. Lê mais do que qualquer outra pessoa que conheço. O prazer que a faz sentir-se culpada são comédias românticas cafonas. E, correndo o risco de fazer você vomitar, quando abro os olhos e vejo Olivia ao meu lado, eu sei... *sei...* que não existe homem mais sortudo do que eu neste planeta. Está anotando?

A porta do escritório dele se abriu de repente. Os dois se viraram e viram Meia-Idade entrar.

– Ah, desculpem. Não queria interromper.

– Não, tudo bem – disse Matt.

Meia-Idade olhou para o relógio, fazendo um grande gesto dramático.

– Preciso repassar o caso Sterman com você urgentemente.

Matt assentiu.

– Já ia mesmo chamá-lo.

Os dois olharam para Cingle. Ela se levantou. Meia-Idade ajeitou, de forma inconsciente, a gravata e o cabelo.

– *Ike Kier* – falou, estendendo a mão.

– Sim – assentiu Cingle, conseguindo não revirar os olhos. – Encantada. – Voltou-se para Matt. – Nos falamos depois.

– Obrigado.

Ela o fitou por um segundo além do necessário e se dirigiu à porta. Meia-Idade saiu do caminho. Depois que Cingle foi embora, ele se sentou na cadeira deixada vaga por ela, assobiou e perguntou:

– Pelo amor de Deus, quem é essa?

– Cingle Shaker. Trabalha para a Olho Vivo.

Meia-Idade cruzou as pernas, admirado. Seus cabelos grisalhos tinham sido cuidadosamente repartidos. Cabelos grisalhos eram algo que favorecia os advogados, desde que não fossem calvos. Davam-lhes um quê de confiabilidade perante os jurados.

Matt abriu a gaveta da mesa e pegou o dossiê de Sterman. Os dois falaram por três horas sobre o caso, discutindo preliminares, as possíveis táticas da acusação e as da defesa. Assim que terminaram, o celular de Matt tocou. Ele verificou o identificador de chamadas e viu a mensagem “Número restrito”. Levou o aparelho ao ouvido.

– Alô?

– E aí? – Era um homem sussurrando. – Adivinhe o que estou fazendo com sua mulher neste instante.

capítulo 15

PARA LOREN MUSE, AQUELE era o dia dos déjà-vu.

Estacionou diante da casa de Marsha Hunter, no número 38 da Darby Terrace, em Livingston, Nova Jersey. Aquela era a cidade natal de Loren. Crescer, refletiu ela, nunca é fácil. A adolescência é uma fase conturbada, não importa de onde você seja. Cidades aprazíveis como Livingston deveriam supostamente suavizar alguns golpes. Para aqueles que se sentiam bem ali, talvez isso ocorresse. Para Loren, porém, aquele era o lugar onde ela morava quando o pai decidira que não se enquadrava em lugar nenhum, nem mesmo com a filha.

Livingston tinha todos os predicativos – ótimas escolas, ótimos programas de esporte, ótimos clubes, ótima associação de pais e mestres. Era uma comunidade em pleno desenvolvimento. Na época em que Loren vivia lá, os jovens judeus encabeçavam a classe emergente. Agora eram os asiáticos e os indianos, a nova geração de imigrantes. Era o tipo de lugar aonde a pessoa chegava, comprava uma casa, pagava os impostos e alcançava o sonho americano.

Mas você sabe o que dizem: “Cuidado com o que você deseja.”

Loren bateu à porta da casa de Marsha Hunter. Não conseguia estabelecer uma conexão entre aquela mulher que criava sozinha os dois filhos – uma raridade em Livingston – e a irmã Mary Rose, com exceção do telefonema de seis minutos. Devia ter feito algumas averiguações antes de aparecer ali, mas não houvera tempo. Então lá estava ela, bem na entrada, sob o sol escaldante, quando a porta se abriu.

– Marsha Hunter?

A mulher assentiu.

– Sim, sou eu.

Loren mostrou sua identificação.

– Meu nome é Loren Muse e trabalho como investigadora da promotoria do condado de Essex. Posso tomar alguns minutos do seu tempo?

Marsha Hunter piscou várias vezes, confusa.

– De que se trata?

Loren tentou dar um sorriso tranquilizador.

– Posso entrar?

– Ah, sim. Claro.

Marsha recuou e Loren, ao entrar, teve outra sensação de déjà-vu. O interior da casa era bastante monótono, podendo se localizar em qualquer ano entre 1964 e a atualidade. Praticamente nada mudara. O aparelho de TV podia ser mais moderno, o carpete, menos felpudo, as cores, mais neutras, mas era como ter voltado ao mundo bizarro da infância.

Loren percorreu as paredes com os olhos, procurando uma cruz, uma imagem de Nossa Senhora ou qualquer sinal de catolicismo, algo que pudesse explicar com facilidade o fato de Marsha ter recebido um telefonema da falsa irmã Mary Rose. Não havia nada relacionado a qualquer religião. Ela reparou em um lençol e um cobertor dobrados no canto do sofá, como se alguém tivesse dormido ali pouco tempo antes.

Havia uma jovem na sala, talvez de 20 anos, e dois meninos com não mais que 8 ou 9 anos.

– Paul, Ethan – disse a mãe –, digam olá à investigadora Loren.

Obedientes, os garotos se aproximaram com a mão estendida.

O menor deles – Ethan, ela achava – perguntou:

– Você é da polícia?

– Não exatamente – respondeu ela. – Mas meu trabalho é parecido.

– Você tem uma arma?

– Ethan! – ralhou Marsha.

Loren teria respondido e teria, inclusive, mostrado a arma para ele, mas sabia que muitas mães detestavam coisas desse tipo. Ela entendia isso – tudo para afastar os pequenos do contato com a violência –, mas, a longo prazo, achava que era uma tática terrivelmente inadequada.

– E essa é Kyra Sloan – apresentou Marsha. – Ela me ajuda a cuidar das crianças.

A jovem acenou do outro lado da sala ao mesmo tempo que recolhia um brinquedo do chão. Loren retribuiu o cumprimento.

– Kyra, você poderia levar os meninos lá para fora por um instante?

– Claro. – Ela se virou para os dois. – Que tal um jogo de bola, rapazes?

– Eu começo!

– Não, você começou da última vez! Agora é minha vez!

Os três saíram, ainda debatendo a ordem do jogo. Marsha virou-se para Loren.

– Há alguma coisa errada?

– Não, não, nada.

– Então por que está aqui?

– É só uma investigação de rotina para um caso em aberto.

Era uma resposta vaga, mas Loren aprendera que em geral dava certo.

– Que caso?

– Sra. Hunter...

– Pode me chamar de Marsha.

– Está bem. Marsha, você é católica?

– O quê?

– Não quero ser intrometida. Não se trata realmente de uma questão religiosa. O que eu gostaria de saber é se você tem alguma ligação com a paróquia de St. Margaret, em East Orange.

– St. Margaret?

– Isso mesmo. Você frequenta essa igreja?

– Não. Nós costumamos ir à St. Philomena, em Livingston. Por que quer saber?

– Você está associada de alguma forma à St. Margaret?

– Não. – Então: – Como assim, associada?

Loren continou, sem querer perder o ritmo:

– Conhece alguém que frequente o colégio?

– O St. Margaret? Não, acho que não.

– E a irmã Mary Rose?

– Quem?

– Conhece alguma das freiras do St. Margaret?

– Não. Conheço muitas do St. Phil, mas nenhuma irmã Mary Rose.

– Então esse nome não lhe diz nada?

– Absolutamente nada. De que se trata isso?

Loren mantinha os olhos no rosto de Marsha, procurando qualquer sinal revelador. Não viu nada, mas isso não significava muita coisa.

– Você e seus filhos moram aqui sozinhos?

– Moramos. Bem, Kyra dorme no quarto em cima da garagem, mas ela é de outro estado.

– Mas está morando aqui?

– Sim, ela aluga o quarto e me ajuda com os meninos. Está estudando na Universidade William Paterson.

– Você é divorciada?

– Viúva.

Algo no tom de voz de Marsha Hunter fez com que uma ou duas peças se encaixassem, mas não todas. Ainda não chegava nem perto de ser o suficiente. Loren lamentou não ter feito uma pesquisa sobre o histórico dela.

Marsha cruzou os braços.

– Por que todas essas perguntas?

– A irmã Mary Rose faleceu há pouco tempo.

– E ela trabalhava nesse colégio?

– Sim, ela era professora do St. Margaret.

– Ainda não vejo como...

– Quando verificamos as contas telefônicas dela, descobrimos que a irmã fez uma ligação que não conseguimos explicar.

– Ela ligou para cá?

– Sim.

Marsha Hunter pareceu perplexa.

– Quando?

– Há três semanas. No dia 2 de junho, para ser exata.

Marsha balançou a cabeça.

– Pode ter sido engano.

– Uma ligação de seis minutos?

Isso fez Marsha parar e pensar.

– Que dia foi mesmo?

– Dois de junho. Às oito da noite.

– Posso olhar minha agenda, se você quiser.

– Seria ótimo. Obrigada.

– Está lá em cima. Eu já volto. Mas tenho certeza de que nenhum de nós falou com essa irmã.

– Nenhum de nós?

– O quê?

– Você disse “nós”. A quem se referia?

– Não sei. Ninguém da casa, eu acho.

Loren não fez nenhum comentário a respeito disso.

– Você se importa se eu fizer algumas perguntas à babá?

Marsha Hunter hesitou.

– Acho que não haveria problema – disse por fim, forçando um sorriso. – Eu já volto.

Loren seguiu pela cozinha em direção à porta dos fundos. Espiou pela janela e viu Kyra jogar a bola para Ethan. Ele tentou ferozmente acertá-la com o taco, mas errou. Kyra deu um passo para a frente, curvou-se e lançou a bola de novo. Dessa vez, Ethan rebateu.

Loren virou-se e já estava quase saindo da cozinha quando algo chamou sua atenção.

A geladeira.

Ela não era casada, não tinha filhos, não crescera em um daqueles lares felizes, mas, se havia algo mais revelador da história de uma família que a porta da geladeira, Loren não sabia o que era. Seus amigos tinham a geladeira repleta de recordações. Ela não, e pensou em como isso era triste. Tinha dois gatos e nenhum familiar de verdade, a não ser que considerasse sua melodramática e egocêntrica mãe.

Na maioria dos lares americanos, porém, se você quisesse encontrar itens de caráter pessoal, era só olhar para a porta da geladeira. Na da família Hunter, Loren viu desenhos e redações das crianças pregados, todos adornados com estrelinhas adesivas. Havia também convites para festas de aniversário, uma delas em um lugar chamado Little Gym, outra no boliche de East Hanover.

Havia formulários de autorização de passeios da escola, carteiras de vacinação, a programação de um campeonato de futebol.

E, é claro, havia fotos da família.

Loren era filha única e, por mais que visse aqueles sorrisos magnéticos, eles sempre lhe pareciam meio irreais, como se estivesse vendo um programa ruim na TV ou lendo algum cartão comemorativo brega.

Aproximou-se para ver melhor uma foto que chamara sua atenção. Mais peças começaram a se encaixar.

Como podia ter deixado aquilo passar?

Deveria ter imaginado de imediato. Hunter. O nome não era raro, mas também não era muito comum. Passou os olhos pelas outras fotos, mas a todo momento voltava à primeira, aquela da esquerda, que parecia ter sido tirada em uma partida de beisebol. Loren ainda observava a imagem quando Marsha voltou.

– Está tudo certo, detetive Muse?

A voz dela fez Loren se sobressaltar. Tentou juntar os detalhes, mas só um esboço surgiu em sua cabeça.

– Encontrou a agenda?

– Não há nada lá. Eu realmente não me lembro de onde estava naquele dia.

Loren assentiu e voltou a olhar a geladeira.

– Este aqui – apontou ela e olhou para Marsha – é Matt Hunter, não é?

O rosto de Marsha fechou-se de imediato.

– Sra. Hunter?

– O que você quer?

Antes houvera indícios de simpatia. Agora eles tinham sumido.

– Eu o conheci – explicou Loren. – Há muito tempo.

Nada.

– No ensino fundamental. Nós dois estudamos na Burnet Hill.

Marsha cruzou os braços. Não estava engolindo nada daquilo.

– Qual é sua relação com ele?

– Ele é meu cunhado – disse Marsha. – E é um bom homem.

Claro, sem dúvida, pensou Loren. *Um verdadeiro príncipe.* Tinha lido tudo sobre a condenação por assassinato. Matt Hunter cumprira pena em um presídio de segurança máxima. Havia sido um período

bem difícil, pelo que sabia. Lembrou-se do lençol e do cobertor dobrados no sofá.

– Ele vem sempre aqui? Quero dizer, ele é tio dos meninos e...

– Detetive Muse?

– Sim?

– Gostaria que fosse embora agora.

– Por quê?

– Matt não é nenhum criminoso. O que aconteceu foi um acidente. E ele já pagou além do que merecia.

Loren ficou calada, esperando que ela continuasse, mas Marsha não prosseguiu. Depois de um momento, percebeu que aquela linha de interrogatório não a levaria a lugar nenhum. Era melhor tentar uma abordagem mais amigável.

– Eu gostava dele – declarou.

– O quê?

– Quando éramos crianças. Ele era legal.

Era verdade. Matt Hunter fora um rapaz muito simpático, mais um jovem de Livingston ansioso por se enturmar e que fora com muita sede ao pote.

– Bem, vou embora agora – disse ela.

– Obrigada.

– Se lembrar alguma coisa sobre o telefonema de 2 de junho...

– Eu aviso.

– Você se importa se eu falar com a babá quando sair?

Marsha suspirou e deu de ombros.

– Obrigada.

A investigadora se dirigiu à porta e, antes que saísse, Marsha a chamou:

– Posso fazer uma pergunta?

Loren a encarou.

– Essa freira foi assassinada?

– Por que quer saber?

Marsha deu de ombros de novo.

– É uma curiosidade natural, eu acho. Por que outro motivo você estaria aqui?

– Não posso entrar em detalhes, me desculpe.

Marsha não disse nada. Loren abriu a porta e saiu para o quintal. O sol continuava alto – eram os longos dias de junho. Os meninos corriam e brincavam em um abandono maravilhoso. Adultos nunca conseguiriam se divertir assim, nem em um milhão de anos. Loren lembrava-se de sua infância no meio dos meninos, dos dias em que brincava de pega-pega por várias horas sem jamais ficar entediada. Imaginou se Marsha Hunter havia feito o mesmo, se alguma vez tinha brincado de pega-pega ou esconde-esconde com os filhos. Ao pensar nisso, sentiu um doloroso aperto no peito.

Não havia tempo para isso agora.

Marsha devia estar olhando pela janela da cozinha. Precisava ser rápida. Aproximou-se da jovem – qual era mesmo o nome dela? Kylie? Kyra? Kelsey? – e acenou.

– Olá.

A moça usou as mãos para proteger os olhos do sol. Era muito bonita, com reflexos dourados nos cabelos que só se alcançavam com a juventude ou com tintura.

– Olá.

Loren não perdeu tempo com preâmbulos:

– Matt Hunter vem sempre aqui?

– Matt? Claro – respondeu ela, sem hesitar.

Loren reprimiu um sorriso. Ah, a juventude.

– Com que frequência?

Kyra – definitivamente era esse o nome dela – mudou a postura, tornando-se um pouco mais alerta, mas ainda era uma jovem. Como Loren continuava sendo a figura da autoridade, ela teria que responder.

– Não sei. Algumas vezes por semana, eu acho.

– É um cara legal?

– O quê?

– Matt Hunter. Ele é um cara legal?

Kyra sorriu abertamente.

– Ele é ótimo.

– É carinhoso com os meninos?

– Demais.

Loren assentiu, fingindo indiferença.

– Ele esteve aqui ontem à noite? – perguntou, com o tom mais casual que conseguiu.

Mas Kyra inclinou a cabeça para o lado.

– Você não fez essas perguntas à Sra. Hunter?

– Só estou confirmando. Ele esteve aqui, certo?

– Esteve.

– Passou a noite?

– Fui para a cidade com umas amigas, então não sei dizer.

– Havia roupa de cama no sofá. Quem dormiu nele?

Kyra deu de ombros.

– Deve ter sido ele.

Loren arriscou um olhar para trás. Marsha Hunter tinha desaparecido da janela e se dirigia à porta dos fundos. Kyra não iria se lembrar do dia 2 de junho, e Loren achou que já havia conseguido bastante por ora, apesar de não ter ideia de como as informações se encaixavam.

– Sabe onde Matt mora? – perguntou.

– Em Irvington, eu acho.

A porta de trás se abriu. *Chega*, pensou Loren. Encontrar Matt Hunter não deveria ser difícil. Sorriu e começou a se afastar, tentando não dar a Marsha motivo para telefonar e avisar o cunhado. Procurou caminhar sem pressa. Acenou para ela, despedindo-se. O aceno de resposta demorou.

Loren chegou à calçada e foi em direção ao carro, mas outro rosto de seu passado distante se encontrava parado ao lado do veículo. Aquele caso estava começando a parecer um episódio dramático de *Loren Muse, esta é a sua vida*. O homem se apoiou no capô, com um cigarro balançando entre os lábios.

– Olá, Loren.

– Quem está vivo sempre aparece – disse ela. – Detetive Lance Banner.

– Em carne e osso.

Ele jogou o cigarro no chão e esmagou-o com o pé.

Ela apontou para a guimba.

– Posso multá-lo por isso.

– Pensei que você fosse da Homicídios.

– Cigarro mata. Você não leu a advertência no maço?

Lance Banner lhe lançou um sorriso torto. O carro dele, obviamente uma viatura sem identificação, estava estacionado do outro lado da rua.

– Já faz bastante tempo.

– Na convenção sobre segurança em relação a armas de fogo em Trenton – lembrou Loren. – Quando foi? Há seis, sete anos?

– Algo assim. – Ele cruzou os braços, ainda apoiado no capô. – Você está aqui a trabalho?

– Estou.

– Isso envolve um antigo colega de escola nosso?

– Talvez.

– Quer me contar a respeito?

– Quer me contar por que está aqui?

– Eu moro aqui perto.

– E daí?

– Daí que vi um carro do condado. Achei que poderia ser útil.

– Como assim?

– Matt Hunter quer se mudar para cá novamente – explicou Lance. – Está comprando uma casa aqui perto.

Loren não disse nada.

– Isso ajuda no seu caso?

– Creio que não.

Lance sorriu e abriu a porta do carro.

– Por que não me conta o que está havendo? Talvez possamos resolver o mistério juntos.

capítulo 16

– Adivinhe o que estou fazendo com sua mulher neste instante.

Matt segurava o celular junto ao ouvido.

O homem sussurrou:

– Matt? Ainda está aí?

Ele não disse nada.

– E aí, Matt, você me dedurou? Contou para Olivia sobre as fotos que lhe mandei?

Ele estava paralisado.

– Porque Olivia está tomando muito mais cuidado com o celular... Ah, ela não vai parar de transar comigo. Isso não vai acontecer. Está viciada, entende o que estou dizendo?

Matt fechou os olhos.

– Mas, de repente, ela diz que quer ser mais cuidadosa. Então fiquei pensando, sabe, de homem para homem, se você falou alguma coisa. Contou nosso segredinho para ela?

Matt fechou a mão com tanta força que achou que o telefone poderia se quebrar. Tentou respirar fundo, mas não conseguiu. Por fim, recuperou a voz e ameaçou:

– Quando eu o encontrar, Charles Talley, vou arrancar sua cabeça.

Silêncio.

– Ainda está aí, Charles?

A voz no telefone tornou-se um sussurro:

– Preciso ir. Ela está voltando.

E ele desligou.

Matt pediu que Rolanda cancelasse todos os seus compromissos daquela tarde.

– Mas não há nada para hoje à tarde – retrucou ela.

– Não banque a espertinha.

– Quer me contar o que há de errado?

– Outra hora.

Ele saiu e foi para casa, perto da Main Street, em Irvington. Ficou com o celular na mão, esperando que tocasse, até chegar lá. A grama, que já era esparsa, havia morrido quase toda por causa da recente seca – fazia três semanas que não chovia na Costa Leste. Em subúrbios como Livingston, cuidados com o gramado eram levados a sério. Caso alguém o negligenciasse, deixando-o ficar marrom e morrer sem fazer nada, seria alvo dos comentários dos vizinhos ao redor da churrasqueira de última geração no próximo fim de semana. Mas ali em Irvington ninguém dava a mínima para isso.

Gramados impecáveis eram capricho de gente rica.

Matt e Olivia moravam em uma casa decadente, com alicerces de alumínio, que abrigava duas famílias. Eles ocupavam a ala da direita, enquanto os Owens, uma família afro-americana com cinco integrantes, moravam na da esquerda. Cada parte tinha dois quartos e um banheiro e meio.

Ele subiu a escada de dois em dois degraus. Quando entrou, apertou a tecla de discagem rápida para ligar para Olivia, mas a chamada caiu na caixa postal outra vez. Não ficou surpreso. Esperou o bipe.

“Sei que você não está no Ritz”, falou. “Sei que era você com a peruca platinada. Sei que isso tudo não é só uma brincadeira. Sei até sobre Charles Talley. Então ligue para mim e me explique tudo.”

Ele desligou e olhou pela janela, na direção do posto Shell na esquina. Sua respiração estava acelerada, e ele tentou se acalmar. Pegou uma mala no armário, abriu-a sobre a cama e começou a colocar algumas roupas dentro dela.

Depois parou. Fazer a mala, uma atitude ridícula e teatral. *Pare com isso*, pensou.

Olivia estaria em casa no dia seguinte.

Mas e se ela não voltasse?

Não adiantava nada pensar assim. Olivia voltaria para casa. Tudo se resolveria, de um jeito ou de outro, em algumas horas.

No entanto, ele já não se sentia acima do impulso de bisbilhotar. Começou pelas gavetas da esposa, sem censurar a si mesmo por fazê-lo. Aquela voz ao telefone o tirara do sério. Na melhor das

hipóteses, Olivia estava lhe escondendo algo e ele tinha o direito de saber o quê.

Mas não encontrou nada.

Nem nas gavetas nem nos armários. Pensou em outros possíveis esconderijos e então se lembrou de algo.

O computador.

Subiu e ligou a máquina. Demorou uma eternidade até que a inicialização se completasse. A perna direita de Matt começou a balançar involuntariamente e ele pôs a mão no joelho para fazê-la parar.

Eles enfim haviam instalado uma internet a cabo, já que a discada estava se tornando obsoleta, e Matt começou a navegar em poucos segundos. Sabia a senha de Olivia, mas nunca sonhara usá-la daquela forma. Acessou a caixa de entrada e deu uma olhada nos e-mails. Os não lidos não continham nada de mais, então abriu a pasta de mensagens lidas.

Estava vazia.

Acessou a pasta de mensagens enviadas. Vazia também – todos os e-mails tinham sido deletados. Tentou a pasta de excluídas e nada. Também estava vazia. Então lembrou-se de clicar na seta que abria o histórico do navegador, esperando ver a relação de sites que Olivia visitara. Mas a lista também fora deletada.

Matt recostou-se na cadeira e chegou à conclusão óbvia: Olivia tinha coberto todos os seus rastros. E a pergunta, também óbvia, que se se seguia era: por quê?

De repente, lembrou-se de que havia um último recurso a investigar: os *cookies.*

As pessoas com frequência apagavam o histórico do navegador ou a caixa de e-mails, mas os *cookies* não. Se Olivia os tivesse deletado, Matt teria certeza de que algo estava errado. A página inicial do Yahoo! não apareceria automaticamente, por exemplo. O site da Amazon não o reconheceria. Alguém que tentasse cobrir os próprios rastros não iria querer algo assim.

Excluir os *cookies* seria evidente demais.

Matt abriu o Explorer e encontrou a pasta onde ficavam os *cookies* da web*.* Havia toneladas deles. Clicou no ícone da data, organizando-os por ordem decrescente de chegada. Passou os

olhos por todos eles, reconhecendo a maioria – Google, OfficeMax, Shutterfly. Mas havia dois domínios desconhecidos. Anotou-os, minimizou a janela do Explorer e voltou para a internet.

Digitou o primeiro endereço e apertou a tecla Enter. Entrou no *Nevada Sun News*, um jornal em que era preciso se cadastrar para consultar os arquivos. O escritório físico ficava em Las Vegas. Verificou o "perfil pessoal". Olivia havia se cadastrado com nome e e-mail fictícios. Até aí, nada de mais. Os dois faziam isso, como medida de segurança e proteção antispam.

Mas o que Olivia andara procurando ali?

Não havia como saber.

Estranho, talvez, mas o segundo endereço mostrou-se ainda mais enigmático.

Demorou um pouco para que o navegador reconhecesse o que ele havia digitado, mas enfim foi direcionado para algo chamado FãsdeStrippers.com.

Matt ficou paralisado. Havia um aviso na página de que ninguém com menos de 18 anos deveria continuar. Aquilo não era bom sinal. Clicou no ícone para entrar e as imagens que apareceram eram, como seria de se esperar, provocantes. O Fãs de Strippers era um site para "apreciação" de...

... Mulheres que faziam striptease?

Matt balançou a cabeça. Havia um monte de pequenas fotos de mulheres com os seios expostos. Clicou em uma delas e ao lado da imagem apareceu uma biografia:

A carreira de Bunny como dançarina exótica começou em Atlantic City, mas, com seus movimentos incríveis e suas roupas provocantes, ela logo ficou famosa e mudou-se para Las Vegas. "Eu adoro o que faço! E adoro homens ricos!" A especialidade de Bunny é usar orelhas de coelho e fazer uma dança saltitante no mastro...

Matt clicou no link "mais informações" e apareceu um de e-mail para contato, caso você quisesse escrever para ela e contratar um "show particular". A expressão era exatamente esta: "show particular", como se Bunny fosse uma banda de rock.

Que diabo estava acontecendo?

Matt navegou até se sentir esgotado, mas não encontrou nada relevante. Nada fazia sentido. Ficou ainda mais confuso que antes.

Talvez o site não significasse nada. A maioria das strippers era de Las Vegas. Quem sabe Olivia tivesse ido parar nele ao clicar em um link de propaganda no jornal de Nevada? Podia ser que nem estivesse claro que o link direcionava para um site de strippers.

Mas por que ela teria acessado o jornal de Nevada, para começo de conversa? E por que apagara todos os seus e-mails?

Não havia resposta.

Ele pensou em Charles Talley. Jogou o nome dele no Google, mas não encontrou nada interessante. Fechou o navegador e foi para o andar de baixo, com aquele maldito sussurro ecoando na mente e destruindo sua capacidade de raciocinar. “Adivinhe o que estou fazendo com sua mulher neste instante.”

Precisava tomar um ar. Ar e algo mais forte.

Saiu de casa e pegou a Avenida South Orange. Do Garden State Parkway não havia como não ver a gigantesca garrafa de cerveja marrom que se erguia em direção ao céu e dominava o horizonte. Havia outra coisa que também saltava aos olhos de quem passava por ali, talvez mais que a garrafa gigante: o cemitério que ocupava os dois lados da rua. A avenida cortava o terreno ao meio, e quem passava por ali era envolvido, à direita e à esquerda, por intermináveis fileiras de túmulos. Mas a sensação era mais de unir as duas partes, transformando-as em um todo, do que de dividi-las. E, não muito distante dali, suspensa no ar, a estranha garrafa de cerveja parecia uma sentinela zelando pelos habitantes enterrados, ou talvez zombando deles.

O estado da cervejaria era deplorável. Todas as janelas estavam apenas parcialmente quebradas, como se alguém tivesse se dado ao trabalho de atirar uma pedra – apenas uma – em cada uma das janelas da construção de doze andares. Havia cacos de vidro por todos os lados. Cada abertura parecia um bocejo, uma ameaça dissonante. A combinação de orgulho e desgaste, a estrutura imponente contra as falhas do vidro quebrado, dava ao lugar um estranho ar de guerreiro subjugado.

Em breve a destilaria seria demolida para acomodar um moderno shopping center. Justamente o que Nova Jersey precisava, pensou Matt – mais um shopping.

Ele virou a esquina e se dirigiu a uma porta vermelha desbotada, que pertencia a um bar. Havia uma janela com um letreiro de neon que anunciava Pabst Blue Ribbon. Assim como a cervejaria – como a cidade inteira? –, o letreiro não acendia mais.

Matt abriu a porta, fazendo a luz do sol entrar no recinto escuro. Os homens lá dentro – havia uma única mulher, e ela quebraria sua cara se você a chamasse de dama – piscaram feito morcegos cegos por uma lanterna. Não havia música ambiente, e o som das vozes era tão baixo quanto a iluminação.

Mel estava atrás do balcão. Fazia dois ou três anos que Matt não aparecia, mas o dono ainda o conhecia pelo nome. Aquele tipo de bar era um clássico – havia milhares deles em todo o país. Os frequentadores eram na maioria homens, que iam até lá após um dia de trabalho para tomar uma dose de qualquer coisa. Se isso incluísse a oportunidade de fazer piadinhas e se gabar de algo, ótimo, mas a finalidade principal em lugares como aquele era beber, não conversar.

Antes da passagem pela cadeia, Matt jamais entraria em um buraco como o Mel's, mas agora gostava de ambientes mais rudes, embora não soubesse exatamente por quê. Os fregueses eram, em geral, homens corpulentos, com músculos indefinidos. Usavam camisas de flanela no outono e no inverno, e camisetas que realçavam o abdômen na primavera e no verão. E jeans o ano inteiro. Não era comum haver brigas ali, mas ninguém que não soubesse usar os punhos entrava em um lugar como aquele.

Matt sentou-se em uma das banquetas em frente ao balcão e Mel o cumprimentou com um aceno da cabeça.

– Cerveja?

– Vodca.

Mel serviu-lhe uma dose. Matt ergueu o copo, examinou-o e balançou a cabeça. Beber para afogar as mágoas. Haveria clichê maior? Engoliu a vodca toda de uma vez e deixou o calor se espalhar pelo corpo. Fez um gesto com a cabeça pedindo mais uma, mas Mel já estava providenciando. Ele virou a segunda dose.

Começou a se sentir melhor. Ou, em outras palavras, começou a sentir menos. Olhou devagar de um lado para outro. Sentia-se, como na maioria dos lugares, um pouco deslocado, como um espião

em território inimigo. Não conseguia mais ficar realmente à vontade em lugar algum, fosse em seu agradável antigo mundo ou naquele outro, mais duro. Então transitava entre os dois. A verdade era que só ficava à vontade de fato, por mais lamentável que fosse, quando estava com Olivia.

Maldita fosse.

Uma terceira dose seguiu as outras. A base de seu crânio começou a ficar dormente.

É, a solução era encher a cara.

Já estava um pouco cambaleante. Era isto que queria: esquecer tudo. Não para sempre. Não estava bebendo para afugentar a tristeza, mas para adiá-la por uma noite, só até que Olivia voltasse para casa e explicasse por que estava em um quarto de hotel com outro homem, por que mentira sobre isso, por que aquele sujeito sabia que Matt falara com ela sobre as imagens.

Só isso. Pequenos detalhes.

Apontou para o copo, pedindo mais uma dose. Mel, que quase nunca conversava ou dava conselhos, serviu-o.

– Você é um belo homem, Mel.

– Ora, obrigado, Matt. Ouço isso o tempo todo, mas sempre faz bem, claro...

Matt sorriu e olhou para o copo. Só aquela noite. Apenas esquecer.

Um sujeito corpulento saiu do banheiro e sem querer esbarrou nele ao passar. Matt olhou para ele de cara feia e disse:

– Cuidado aí.

O homem resmungou um pedido de desculpas, dispersando a atmosfera tensa, e Matt ficou quase desapontado. Seria de se esperar que ele fosse mais esperto – que ele, melhor do que ninguém, conhecesse o perigo latente em sujeitos daquele porte –, mas naquela noite não. Não, naquela noite uma boa briga seria muito bem-vinda.

Para o inferno com as consequências, certo?

Procurou o fantasma de Stephen McGrath. Ele costumava sentar-se na banqueta ao lado, mas naquela noite não estava em nenhum lugar à vista. Ótimo.

Matt não era bom bebedor, sabia disso. Não tinha resistência a bebida. Já tinha ultrapassado o nível da dormência e começava a entrar no estado de embriaguez. Claro, o segredo era saber o momento de parar – manter o efeito agradável e evitar o mal-estar posterior. Esse era o limite que muita gente tentava encontrar, mas era uma linha tênue e invisível, na qual a maioria tropeçava.

Naquela noite ele não se importava com limites.

– Mais uma.

As palavras saíram engroladas. Ele mesmo conseguiu perceber. Saíram hostis também. A vodca o estava tornando agressivo, ou melhor, permitindo que a agressividade aflorasse. Matt estava de fato procurando briga, apesar do medo que costumava ter de se meter em qualquer uma. A raiva o mantinha focado, pelo menos era nisso que queria acreditar. Seus pensamentos não estavam mais confusos. Ele sabia o que queria. Queria acertar alguém. Queria um confronto físico. Não importava se acabasse com o outro ou se o outro acabasse com ele.

Não dava a mínima.

Matt pensou a respeito disso – sua sede de violência, suas origens. Talvez seu ex-colega, o detetive Lance Banner, estivesse certo. A cadeia transformava quem passava por ela. Você entrava uma pessoa, inocente ou não, e saía outra.

Detetive Lance Banner.

Guardião do portal de Livingston, o caipira desgraçado.

O tempo passou. Era impossível dizer quanto. Finalmente, Matt fez um sinal chamando Mel para fechar a conta. Quando saltou da banqueta, sua mente gritou em protesto. Ele se segurou no balcão, tentando se orientar.

– Até mais, Mel.

– Foi bom ver você, Matt.

Ele foi cambaleando em direção à saída, com um nome ecoando sem parar na cabeça.

Detetive Lance Banner.

Matt lembrava-se de um incidente no ensino fundamental, quando ele e Lance tinham 7 anos. Na hora do recreio, enquanto brincavam, a calça de Lance se descosturara. O que tornou a situação pior ainda, porém, transformando-a numa daquelas terríveis

experiências da infância, foi o fato de Lance não estar usando nada por baixo naquele dia. Nascia então um apelido do qual ele não conseguiu se livrar por muitos anos: “Lance Bunda de Fora”.

Matt riu alto.

Então a voz de Lance voltou à sua cabeça: “A vizinhança que temos aqui é muito boa.”

– É mesmo? – disse Matt em voz alta. – Todas as crianças usam cueca agora, Lance?

Riu de novo da própria piada. A risada ecoou pelo bar, mas ninguém olhou para ele.

Abriu a porta. Já tinha escurecido. Seguiu cambaleando pela rua, ainda rindo. Seu carro estava estacionado perto de casa. Dois de seus quase vizinhos encontravam-se próximo ao veículo, ambos bebendo de garrafas embrulhadas em sacos de papel.

Um dos bebuns – “sem-teto” seria o termo politicamente correto usado hoje, mas aqueles caras preferiam a nomenclatura antiga – o cumprimentou:

– Fala, Matt.

– Como vai, Lawrence?

– Bem, cara. – O homem ergueu o saco de papel. – Quer um gole?

– Não.

Lawrence fez um movimento com o saco.

– Parece que você já encheu a cara, hein?

Matt sorriu. Enfiou a mão no bolso e tirou uma nota de vinte.

– Comprem alguma coisa boa para beber. Por minha conta.

Lawrence deu um sorriso enorme.

– Matt, você é um cara legal.

– Sim, sim, eu sou muito especial.

Lawrence riu como se tivesse sido uma tirada genial. Matt acenou e se afastou. Enfiou a mão no bolso, pegou as chaves do carro, olhou para elas, depois para o carro, então parou.

Estava completamente embriagado, a ponto de ter se tornado irracional. Adoraria bater em alguém – Lance Banner seria o segundo em sua lista; Charles Talley era o número um, mas Matt não sabia como encontrá-lo –, porém ainda não tinha chegado a esse grau de imbecilidade. Não pegaria o volante naquele estado.

Lawrence se aproximou dele.

– Ei, Matt, quer dar um rolé com a gente?

– Talvez mais tarde, cara.

Matt se virou e pegou o caminho da Rua Grove. O ônibus 70 passava por Livingston. Esperou no ponto, balançando ao sabor do vento. Estava sozinho ali. A maioria das pessoas ia para a direção contrária – empregadas domésticas exaustas voltando das zonas mais nobres para a periferia.

Bem-vindo ao outro lado do subúrbio.

Quando o 70 apareceu, Matt observou as mulheres cansadas descerem, parecendo zumbis. Ninguém falava. Ninguém sorria. Ninguém estava ali para recebê-las.

O ônibus percorria, talvez, uns 15 quilômetros, mas que 15 quilômetros! Deixava-se para trás as decadentes Newark e Irvington e de repente era como entrar em outra dimensão. A mudança ocorria num piscar de olhos. Primeiro vinham Maplewood e Milburn, a seguir Short Hills e então Livingston. Matt pensou outra vez na distância, na geografia, em como as linhas divisórias eram realmente tênues.

Matt apoiou a cabeça na janela do ônibus, a vibração do veículo funcionando como uma estranha massagem. Pensou em Stephen McGrath e naquela noite terrível em Amherst, Massachusetts. Lembrou-se de suas mãos ao redor do pescoço dele. Imaginou se apertara com muita força, se poderia tê-lo soltado quando caíram, se isso teria feito alguma diferença. Pensou se talvez, apenas talvez, tivesse apertado o pescoço ainda mais.

Ficava sempre imaginando essas coisas.

Saltou na rotatória da Rota 10 e se encaminhou para o buraco mais popular de Livingston, o Landmark. O estacionamento, na Avenida Northfield, estava cheio de utilitários. Matt deu um sorriso desdenhoso. Não havia nenhuma linha tênue ali. Aquele lugar não era o Mel’s. Era um bar para homens cheio de frescuras, se é que Matt já tinha visto algo assim. Abriu a porta.

Lance Banner devia estar ali.

O Landmark, é claro, não lembrava em nada o Mel’s. Era fortemente iluminado e muito barulhento. Outkast, uma dupla de cantores de rap, cantava sobre rosas que cheiravam mal – típica

música de gueto. Ali não havia vinil rachado, nem pintura descascada, nem serragem no chão. Os letreiros luminosos da Heineken funcionavam, bem como o relógio da Budweiser. Pouquíssimas bebidas fortes eram servidas. Grandes jarras de cerveja podiam ser vistas em todas as mesas. Pelo menos metade dos homens usava uniforme de softball com vários patrocinadores estampados e comemorava após o jogo com os companheiros de time e com a equipe adversária. Havia muitos estudantes universitários que tinham saído de Princeton, da Rutgers e talvez até da faculdade onde Matt quase se formara, a Bowdoin, e ido passar as férias em casa.

Quando Matt entrou, a princípio ninguém se virou. Todos riam com estardalhaço, todos tinham rostos corados e saudáveis, todos falavam ao mesmo tempo, sorriam e praguejavam com uma naturalidade excessiva, e todos pareciam molengas demais.

Então ele viu o irmão, Bernie.

Só que não era Bernie, é claro. Bernie estava morto. Mas, nossa, como se parecia com ele... Pelo menos de costas. Matt e Bernie costumavam ir àquele bar com identidades falsas. Também riam, bebiam, falavam ao mesmo tempo e praguejavam com naturalidade excessiva. Observavam os outros, os jogadores de softball, e os escutavam contar sobre a reforma da cozinha, a carreira, os filhos, seus assentos permanentes no Yankee Stadium, suas experiências como treinadores da liga mirim de beisebol, suas reclamações sobre o declínio da vida sexual.

Enquanto Matt estava parado ali, pensando no irmão, a energia do lugar mudou. Alguém o reconheceu e uma movimentação se iniciou. Seguiram-se murmúrios e cabeças virando. Ele olhou ao redor, procurando Lance Banner, mas não o encontrou. Viu uma mesa ocupada por policiais e reconheceu o jovem que aparecera com Lance na tarde anterior.

Ainda bêbado, Matt tentou manter o andar firme. Os policiais o fuzilaram com o olho quando se aproximou, mas isso não o intimidou. Já vira coisa muito pior. O silêncio pairou sobre a mesa quando ele se aproximou do jovem policial.

Postou-se na frente dele. O rapaz não recuou, e Matt tentou parar de balançar de um lado para outro.

– Onde está Lance? – perguntou.

– Quem quer saber?

– Boa, essa – retrucou Matt. – Me diga: quem escreve suas falas?

– O quê?

– “Quem quer saber?” Essa é mesmo muito engraçada. Quero dizer, estou aqui parado na sua frente, faço uma pergunta mais do que clara e você vem com essa de “Quem quer saber?”. – Matt se aproximou mais. – Fui eu que perguntei, então quem você acha que quer saber?

Matt ouviu o barulho de pés de cadeira sendo arrastados, mas não desviou os olhos. O policial jovem fitou os amigos e tornou a encarar Matt.

– Você está bêbado.

– E daí?

Ele aproximou o rosto do de Matt.

– E daí que você quer que eu o arraste até o centro da cidade e o obrigue a fazer o teste do bafômetro?

– Primeiro – disse Matt erguendo o indicador –, a delegacia de Livingston não fica no centro da cidade. Você tem visto seriados policiais demais. Segundo, eu não estou dirigindo, amigo, então não sei no que um bafômetro poderia ajudá-lo. Terceiro, já que o assunto é bafo e você está assim tão perto da minha cara, tenho umas balinhas de menta aqui. Vou colocar a mão no bolso lentamente e pegar uma para você. Ou talvez o pacote inteiro.

Outro policial se levantou.

– Dê o fora daqui, Hunter.

Matt virou-se para ele de soslaio. Levou um segundo para reconhecer o homem com cara de fuinha.

– Meu Deus, seu sobrenome é Fleisher, não é? Você é o irmão mais novo de Dougie.

– Ninguém quer você aqui.

– Ninguém me q...? – Matt olhou de um policial para outro ao redor da mesa. – Vocês estão falando sério? Vão me pôr para fora da cidade agora? Ei, você aí – disse ele, apontando –, irmão caçula de Dougie, qual é seu primeiro nome mesmo?

O outro não respondeu.

– Tudo bem. Seu irmão, Dougie, era o maior maconheiro da minha turma. Vendia para a escola inteira. Nós o chamávamos de Erva, imagine só.

– Pare de inventar besteiras sobre o meu irmão.

– Não estou inventando nada. É verdade.

– Quer passar a noite na cadeia?

– Por quê, bobalhão? Vai me prender sob alguma falsa acusação? Vá em frente. Eu trabalho para um escritório de advocacia. Vou processar até o seu último fio de cabelo.

Mais cadeiras foram arrastadas. Outro policial se levantou, e mais um. O coração de Matt acelerou. Alguém se aproximou e segurou-o pelo pulso. Matt soltou-se. Cerrou o punho da mão direita.

– Matt?

Essa última voz era amistosa e lhe despertou uma lembrança distante. Matt olhou para trás. Pete Appel, seu velho amigo do ensino médio. Costumavam ir juntos ao Riker Hill Park, uma ex-base de mísseis da Guerra Fria. Os dois brincavam de pilotar foguetes nas grandes estruturas de concreto que funcionavam como plataformas de lançamento, já então rachadas. Só em Nova Jersey se poderia encontrar algo assim.

Pete sorriu para ele e Matt relaxou a mão. Os policiais ficaram imóveis.

– Oi, Pete.

– Oi, Matt.

– É bom ver você, cara.

– Você também – retrucou Pete. – Olhe, estou indo embora. Que tal se eu lhe der uma carona até em casa?

Matt olhou para os policiais. Vários tinham o rosto vermelho, prontos para atacar. Ele se virou para o velho amigo.

– Está tudo bem, Pete. Eu vou sozinho.

– Tem certeza?

– Tenho. Olhe, cara, me desculpe se lhe causei algum problema.

Pete assentiu.

– Foi bom ver você.

– Você também.

Matt esperou. Dois policiais lhe deram passagem. Ele não olhou para trás quando saiu do bar em direção ao estacionamento.

Inspirou o ar da noite e começou a descer a rua. Em seguida, começou a correr.

Tinha um destino específico em mente.

capítulo 17

LANCE BANNER AINDA SORRIA para Loren.

– Vamos, entre – falou. – Vamos conversar.

Ela deu mais uma olhada para a casa de Marsha Hunter e então se acomodou no banco do passageiro. Lance começou a dirigir pelo antigo bairro.

– Então, o que você queria com a cunhada de Matt? – perguntou ele.

Ela o fez jurar que não diria nada a ninguém, mas ainda assim só contou o essencial: que estava investigando a morte suspeita da irmã Mary Rose, que ainda nem tinham certeza de ter sido assassinato, que era possível que a vítima tivesse ligado para a casa de Marsha Hunter. Não falou sobre os implantes, nem que não sabiam a verdadeira identidade da freira.

Por sua vez, Lance lhe disse que Matt Hunter havia se casado e que trabalhava como assistente jurídico no antigo escritório de advocacia do irmão. A esposa de Matt, continuou ele, era da Virgínia ou de Maryland, não lembrava exatamente. Acrescentou, com um pouco de entusiasmo demais, que gostaria de ajudar Loren naquele caso.

Ela retrucou que ele não precisava se incomodar, que a investigação era trabalho dela e que ele ligasse caso se lembrasse de algo. Lance assentiu e levou-a até o carro dela.

Antes de saltar, Loren indagou:

– Você se lembra dele? Quero dizer, de quando era criança?

– De Matt? – Lance franziu a testa. – Sim, claro, lembro sim.

– Ele parecia um cara sincero.

– Assim como um monte de assassinos.

Loren segurou a maçaneta e balançou a cabeça.

– Acredita mesmo nisso?

Lance não disse nada.

– Li uma coisa um dia desses – continuou ela. – Não me lembro dos detalhes, mas a premissa básica era que, quando estamos com 5 anos de idade, grande parte do nosso futuro já está determinada. Nosso desempenho na escola, a probabilidade de sermos criminosos, nossa capacidade de amar. Você acredita nisso?

– Não sei – retrucou ele. – Não ligo muito para isso.

– Você já pegou um monte de bandidos, não é?

– É.

– Alguma vez chegou a averiguar o passado deles?

– Às vezes.

– Eu faço isso e sempre encontro alguma coisa. Em geral trata-se de casos bem óbvios de psicose ou traumas do passado. Nos noticiários, os vizinhos na maioria das vezes dizem: “Puxa, não consigo imaginar aquele rapaz educado cortando criancinhas em pedaços... Ele parecia tão amável...” Mas, se você investigar o passado, conversar com os professores, perguntar aos colegas de infância, eles sempre contam uma história diferente e nunca se surpreendem.

Lance assentiu.

– E então, o que diria sobre Matt? – perguntou Loren. – Há algo no passado dele que o tenha transformado num assassino?

Lance pensou um pouco.

– Se tudo estivesse determinado quando as pessoas chegam aos 5 anos, você e eu não teríamos emprego.

– Isso não é resposta.

– É a melhor que posso dar. Se você começar a tentar traçar perfis baseados no modo como um garoto brincava no trepa-trepa, estaremos todos ferrados.

Lance tinha razão. De qualquer forma, Loren precisava manter o foco, e naquele momento isso significava encontrar Matt Hunter. Entrou no carro e pegou o caminho para o sul. Ainda havia tempo de chegar à Lockwood Corporation, em Wilmington, Delaware, antes que escurecesse demais.

Tentou falar com Matt no escritório de advocacia, mas ele já tinha saído. Ligou para a casa dele e deixou um recado na secretária eletrônica: “Matt, aqui quem fala é Loren Muse. Sou investigadora

da promotoria de Essex. Nos conhecemos há muito tempo, no Burnet Hill. Você poderia me ligar assim que possível?”

Então informou seus números do celular e do escritório antes de desligar.

A viagem até Delaware, que em geral levava duas horas, durou apenas uma hora e vinte. Loren não usara a sirene, mas mantivera a luz azul acesa o tempo todo. Gostava de correr. Qual o sentido de ser uma agente da lei se não pudesse dirigir acima do limite de velocidade e carregar uma arma?

O escritório de Randal Horne era típico de um advogado. Ocupava três andares de um prédio que fazia parte de um conjunto empresarial em que todos os edifícios eram iguais e emparelhados um ao lado do outro, lembrando uma fileira de caixotes.

A recepcionista da Horne, Buckman & Pierce, uma mulher que já deixara a juventude para trás muito tempo antes, olhou para Loren como se a reconhecesse de um cartaz de “Procura-se pervertida sexual”. Com cara de poucos amigos, ela lhe pediu que se sentasse.

Randal Horne a deixou esperando por vinte minutos – uma estratégia clássica, se não óbvia, dos advogados. Loren passou o tempo lendo a empolgante seleção de revistas, que consistia de várias edições de um periódico de tribunais federais e do jornal da Ordem Nacional dos Advogados. Ela suspirou. Daria tudo por uma revista de fofocas.

Horne enfim foi até a sala de espera e se postou à sua frente. Era mais jovem do que Loren esperava, mas tinha o tipo de rosto brilhante que ela associava a Botox ou Jermaine Jackson, um dos Jackson Five. O cabelo era um pouco comprido demais, bem puxado para trás e com as pontas viradas na altura da nuca. O terno era impecável, mas as lapelas pareceram-lhe um tanto largas. Talvez estivesse na moda outra vez.

Ele pulou as apresentações:

– Realmente não acho que tenhamos nada para discutir, Srta. Muse.

Randal Horne estava tão perto que ela não podia se levantar. Ele tentava intimidá-la pela altura. Tudo bem, ela já estava acostumada com essa tática. Parte dela sentia-se tentada a espalmar a mão na

virilha dele só para obrigá-lo a recuar, mas se controlou. Ele que fizesse seu joguinho.

A recepcionista – que parecia uns 15 anos além da idade para interpretar uma matrona em alguma prisão em um filme B qualquer – observou a cena se desenrolar com um indício de sorriso nos lábios secos e cobertos de batom.

Loren disse:

– Eu gostaria de saber a identidade da mulher que comprou os implantes de mama com o número de série 89783348.

– Em primeiro lugar – começou Horne –, esse registro é muito antigo. Em segundo, a SurgiCo não mantinha registro dos nomes das pacientes, apenas dos médicos que realizavam as cirurgias.

– Tudo bem, isso basta.

Horne cruzou os braços.

– A senhorita tem um mandado, detetive?

– Está a caminho.

Ele exibiu uma expressão de vitória.

– Então vou voltar para minha sala. Por favor, informe a Tiffany quando o mandado chegar, está bem?

A recepcionista esboçou um enorme sorriso. Loren apontou para ela e disse:

– Você está com batom nos dentes. – E voltou a atenção outra vez para Randal Horne. – Poderia me dizer por que faz questão do mandado?

– Existem várias novas leis de proteção à privacidade dos pacientes. Aqui na Lockwood Corporation, nós as levamos a sério.

– Mas a pessoa está morta.

– Mesmo assim.

– Não há nenhum segredo médico aqui. Sabemos que ela recebeu os implantes. Estamos apenas querendo identificar o corpo.

– Deve haver outros meios, detetive.

– Estamos tentando, pode acreditar. Mas até agora... – Loren deu de ombros.

– Infelizmente, isso não muda nossa posição.

– Mas sua posição, com todo o respeito, me parece um tanto contraditória, Sr. Horne.

– Acho que não entendi o que quer dizer.

– Espere um segundo. – Loren começou a tirar papéis dobrados dos bolsos de trás. – No caminho para cá, consegui verificar os casos de Nova Jersey. Parece que sua empresa sempre cooperou conosco. Vocês forneceram registros sobre um cadáver encontrado em julho do ano passado em Somerset. Um homem chamado Hampton Wheeler, de 66 anos, teve a cabeça e os dedos cortados para evitar a identificação, mas o assassino esqueceu o marca-passo. Vocês ajudaram as autoridades a identificá-lo. E há também outro caso de...

– Detetive... Muse, certo?

– Investigadora.

– Investigadora Muse, estou muito ocupado. Por favor, fique à vontade. Quando o mandado chegar, por favor, informe a Tiffany.

– Espere! – Loren lançou um olhar à recepcionista. – Tiffany... Esse não pode ser o nome verdadeiro dela, não é?

– Se você me der licença...

– Sr. Horne, o senhor já sabe que não há nenhum mandado a caminho, que eu estava blefando.

Randal Horne não respondeu.

Loren olhou para baixo e reparou na capa de uma das edições de um periódico jurídico em cima da mesa. Franziu a testa e encarou Horne. Dessa vez, tinha espaço para se levantar.

– O senhor não achou que eu estivesse blefando – disse ela, falando pausadamente. – O senhor tinha certeza.

Horne deu um passo para trás.

– Mas, pensando bem – prosseguiu Loren, falando mais consigo mesma do que com ele –, podia ser verdade. Não seria fácil, é claro, mas eu poderia ter ligado para um juiz federal a caminho daqui. Depois disso, emitir um mandado seria moleza. Qualquer membro da corte de justiça o redigiria em cinco minutos. Nenhum juiz em sã consciência o recusaria, a menos que...

Randal Horne esperou. Era quase como se ele torcesse para que ela compreendesse.

– ... a menos que alguma autoridade do âmbito federal, ou seja, do FBI ou da promotoria, não quisesse que fosse feito.

Horne pigarreou e olhou para o relógio.

– Eu preciso mesmo ir agora – retrucou ele.

– A princípio sua empresa estava cooperando conosco. Foi o que Eldon disse. De repente, vocês deixaram de colaborar. Por quê? Por que mudariam subitamente de ideia, a menos que algum órgão federal lhes ordenasse? – Ela o encarou. – Por que as autoridades federais se interessariam por esse caso?

– Isso não é problema nosso – falou Horne.

No mesmo instante levou a mão à boca, como se consternado com a própria indiscrição. Os olhares de ambos se encontraram e Loren percebeu que Horne lhe fizera um favor. Não ia dizer mais nada, pois já contara o suficiente.

O FBI. Eram eles que a estavam impedindo de seguir adiante.

E Loren achava que sabia por quê.

◆ ◆ ◆

De volta ao carro, ela repassou tudo em sua mente.

Quem conhecia no FBI?

Tinha alguns amigos lá, mas ninguém que tivesse influência para ajudá-la. O entusiasmo de ter encontrado uma pista fez seu sangue circular mais rápido. Aquilo era algo grande, não havia dúvida. O FBI estava investigando o caso. Por algum motivo, queriam descobrir quem estava se fazendo passar por irmã Mary Rose, deixando todo mundo de sobreaviso, inclusive a empresa que fornecera os implantes de mama.

Loren assentiu para si mesma. Claro, aquilo era apenas especulação, mas fazia sentido. A começar pela vítima: a irmã Mary Rose só podia ser alguma fugitiva ou testemunha, alguém valioso para o FBI.

Certo, muito bom. Prosseguindo: muito tempo atrás, a irmã Mary Rose, ou qualquer que fosse seu nome verdadeiro, havia fugido. Era difícil dizer quanto tempo fazia, mas, segundo a irmã Katherine, ela dava aula no St. Margaret havia sete anos. Portanto, fazia no mínimo sete anos.

Loren parou, considerando as implicações. Será que as autoridades estavam atrás dela todo esse tempo?

Fazia sentido.

A irmã Mary Rose havia se escondido muito bem. Mudara de identidade, com certeza. Provavelmente começara no Oregon, no

convento conservador que a irmã Katherine mencionara. E quem seria capaz de dizer por quanto tempo ela ficara ali?

Não importava. O fato era que, sete anos antes, pelo motivo que fosse, ela decidira ir para o Leste.

Loren esfregou as mãos. *Hum, isso é ótimo*.

Então a irmã Mary Rose fora para Nova Jersey e começara a dar aulas no St. Margaret. Segundo relatos, era uma boa professora, uma freira gentil e devotada, e levava uma vida tranquila. Sete anos haviam se passado. Talvez ela tivesse imaginado que estava em segurança depois desse período. Talvez houvesse se descuidado e entrado em contato com alguém que fazia parte de sua vida anterior. Quem sabe?

De alguma forma, de algum jeito, o passado a encontrara. Alguém descobrira quem ela era, então invadira seu pequeno dormitório no convento, a torturara e depois a asfixiara com o travesseiro.

Loren interrompeu o raciocínio por um momento, como se reservasse um minuto de silêncio em respeito à falecida.

Certo, disse a si mesma, *e agora?*

Precisava conseguir a identidade da freira com as autoridades federais.

Mas como?

A única coisa em que conseguia pensar era o clássico *quid pro quo*: dar algo em troca. Mas o que ela tinha para oferecer?

Matt Hunter, por exemplo.

Ela provavelmente tinha pelo menos um ou dois dias de vantagem em relação aos agentes federais. Será que eles já tinham os registros dos telefonemas? Improvável. E, caso tivessem, caso soubessem da ligação para Marsha Hunter, já teriam percebido a conexão com Matt?

Ela duvidava.

Loren pegou a estrada e tirou o celular da bolsa. Estava sem bateria. A investigadora praguejou. O tempo declarado de duração da bateria de um celular era mais uma mentira descarada, assim como “já lhe enviamos o cheque pelo correio” e “sua ligação é muito importante para nós”. A bateria dela deveria manter-se carregada por uma semana, em repouso. Mas tinha sorte quando a maldita coisa durava 36 horas.

Abriu o porta-luvas, pegou o recarregador e ligou uma extremidade no acendedor de cigarros e a outra no celular. A tela de LCD do aparelho iluminou-se e exibiu o aviso de que havia três mensagens de voz.

A primeira era da mãe. “Oi, filhinha”, disse ela com uma voz estranhamente gentil, o tom que usava em público para impressionar quem estivesse ouvindo e dar a entender que era o amor maternal em pessoa. “Pensei em pedirmos uma pizza no Renato’s e pegar um filme na locadora. O novo do Russell Crowe já saiu em DVD. O que você acha?”

Loren balançou a cabeça, tentando não se emocionar, mas as lágrimas estavam ali, prontas para cair. Sua mãe. Toda vez que queria se livrar dela, tirá-la de sua vida, nutrir o ressentimento, culpá-la em definitivo pela morte do pai, ela fazia algo surpreendente e a levava a recuar.

– Acho que é uma ótima ideia – disse ela baixinho, no carro.

A segunda e a terceira mensagens a fizeram mudar os planos. As duas eram do chefe, o promotor público Ed Steinberg, e iam direto ao ponto: “Me ligue agora”, dizia a primeira. E a outra: “Onde diabo você está? Me ligue, não importa a hora. Tenho péssimas notícias.”

Ed Steinberg nunca exagerava e jamais pedia que lhe ligassem a qualquer hora. Nesse sentido, era das antigas. Loren tinha o número da casa dele anotado em algum lugar – não ali, infelizmente –, mas nunca chegara a usá-lo. Ele não gostava de ser incomodado fora do horário de trabalho. Seu lema era: aproveite a vida como se fosse o último dia. Steinberg em geral saía do escritório às cinco da tarde, e Loren não se lembrava de alguma vez tê-lo visto no trabalho depois das seis.

Naquele momento, eram seis e meia. Ela decidiu tentar o número do escritório primeiro. Thelma, a secretária, talvez ainda estivesse lá e soubesse como localizá-lo. Depois de um toque, o próprio Ed atendeu.

Aquilo não era um bom sinal.

– Onde você está? – perguntou ele.

– Voltando de Delaware.

– Venha direto para cá. Temos um problema.

capítulo 18

LAS VEGAS, NEVADA
ESCRITÓRIO DE CAMPO DO FBI
EDIFÍCIO JOHN LAWRENCE BAILEY
ESCRITÓRIO DO AGENTE ESPECIAL ENCARREGADO

PARA ADAM YATES, AQUELE DIA COMEÇOU como apenas mais um dia.

Pelo menos era nisso que ele queria acreditar. Na verdade, nenhum dia na vida de Yates era apenas mais um, pelo menos não nos últimos dez anos. Cada dia parecia significar uma extensão de tempo, como se ele estivesse esperando a todo momento que a proverbial foice da morte caísse sobre sua cabeça. Mesmo agora, quando a maioria das pessoas racionais concluiria que ele conseguira deixar seus erros do passado para trás, o medo ainda vivia lá no fundo de sua mente, atormentando-o.

Na época, Yates era um jovem agente trabalhando como infiltrado. Agora lá estava ele, dez anos depois, como agente especial encarregado de todo o estado de Nevada, uma das posições mais disputadas do FBI. Havia passado por todos os cargos e, durante esse período, não ocorrera nem mesmo um probleminha.

Assim, quando ele fora para o trabalho naquela manhã, o dia se afigurava como apenas mais um dia.

No entanto, quando seu conselheiro-chefe, Cal Dollinger, entrara em sua sala, apesar de nenhum dos dois jamais ter falado sobre o incidente por quase uma década, algo no rosto do velho amigo fez com que percebesse que aquele era “o dia” e que todos os dias anteriores tinham servido apenas para levar àquele.

Yates olhou rapidamente para a fotografia em sua escrivaninha. Era uma foto de família: ele, Bess, as três filhas. As meninas agora eram adolescentes, e não havia treinamento que preparasse um pai para isso. Yates permaneceu sentado. Usava o que chamava de

uniforme de trabalho: calça cáqui, camisa polo de cor chamativa e sapatos mocassim sem meias.

Cal Dollinger parou diante da mesa e esperou. Era um homem enorme: tinha 1,97 metro e pesava quase 150 quilos. Adam e Cal eram amigos havia bastante tempo, desde que se conheceram, aos 8 anos, quando cursavam a terceira série do ensino fundamental na turma da Sra. Colbert, no colégio Collingwood. Alguns os chamavam de Lenny e George, referindo-se aos personagens do livro *Sobre ratos e homens*, de John Steinbeck. Fazia algum sentido: Cal era grandalhão e incrivelmente forte, e, enquanto Adam era um poço de gentileza, Cal não demonstrava nenhuma. Era uma rocha, tanto em termos físicos quanto emocionais. Podia matar um coelhinho tentando acariciá-lo, mas, se isso acontecesse, não se importaria muito.

No entanto, a ligação dois dois era mais forte. Se uma amizade dura muitos anos, se um amigo salva a pele do outro várias vezes, eles se tornam uma só pessoa. Cal podia ser cruel, não havia dúvida quanto a isso. Mas, como a maioria dos homens violentos, ele seria capaz de morrer pelas pessoas que amava (a esposa, os filhos, Adam, a família de Adam). Já o restante do mundo não significava nada.

Adam esperou, mas Cal podia esperar mais ainda.

– O que foi? – perguntou Adam por fim.

Cal percorreu a sala com os olhos. Temia que houvesse aparelhos de escuta.

– Ela está morta, Adam.

– Qual delas?

– A mais velha.

– Tem certeza?

– O corpo foi encontrado em Nova Jersey. Nós a identificamos pelo número de série dos implantes cirúrgicos. Vivia como freira.

– Está brincando.

Cal não sorriu. Ele nunca brincava.

– E quanto a... – Yates não queria nem ao menos pronunciar o nome de Clyde – ... ele?

O grandalhão deu de ombros.

– Não faço ideia.

– E a fita?

Ele balançou a cabeça em uma negativa. Era o que Adam Yates esperava. Aquilo não terminaria facilmente. Não terminaria nunca. Olhou mais uma vez para a mulher e as filhas no retrato. Percorreu com o olhar o escritório espaçoso, os diplomas na parede, a placa com seu nome sobre a mesa. Tudo aquilo – sua família, sua carreira, toda sua vida – parecia intangível agora. Era como querer segurar fumaça com a mão.

– Precisamos ir a Nova Jersey, Cal.

capítulo 19

Sonya mcgrath ficou surpresa ao ouvir o ruído da chave na fechadura.

Agora, mais de dez anos depois da morte do filho, as fotografias dele continuavam nas mesmas molduras, em cima das mesmas mesinhas. Outras fotos tinham sido acrescentadas, é claro. No ano anterior, quando Michelle, a filha mais velha, se casara, evidentemente houvera fotos. Várias tinham sido emolduradas e colocadas em cima da lareira. Mas nenhuma imagem de Stephen fora removida. Sonya e o marido, Clark, tinham conseguido empacotar as coisas dele, pintar o quarto, doar suas roupas, vender o antigo carro, mas jamais puderam tocar naqueles retratos.

Michelle decidira fazer, antes da cerimônia, aquelas fotos que todas as noivas gostam de tirar. O noivo, um bom rapaz chamado Jonathan, tinha uma família grande, e todos tiraram as fotografias usuais desse tipo de evento. Sonya e Clark haviam posado para várias: com a filha e o futuro genro, com os pais de Jonathan etc. Mas se recusaram a participar da “foto da família McGrath”, em que apareceriam os dois, Michelle e Cora, a caçula, porque o que todos eles veriam naquela imagem, mesmo depois daquele dia tão feliz, seria um gigantesco vazio no lugar que Stephen deveria ocupar.

A enorme casa estava silenciosa naquela noite. Tinha sido assim desde que Cora entrara para a faculdade. Clark estava “trabalhando até tarde de novo”, um eufemismo para “dormindo com a amante”, mas Sonya não se importava. Não questionava os horários dele, porque a casa se tornava ainda mais solitária e mais silenciosa quando ele estava lá.

Ela girou o conhaque no cálice. Estava sozinha na nova sala de TV, no escuro, com o DVD de um filme que tinha Tom Hanks no elenco. A presença dele, mesmo em produções ruins,

estranhamente a confortava. Mas ainda não havia começado a assistir.

Meu Deus, ela pensou, *sou mesmo assim tão digna de pena?*

Sonya sempre fora uma mulher popular. Tinha vários amigos verdadeiros e maravilhosos. Seria fácil culpá-los, dizer que depois da morte de Stephen haviam se afastado dela aos poucos, que tinham tentado continuar ao lado dela devido ao senso de dever, mas que depois de algum tempo ninguém a suportava mais e, com uma desculpa ou outra, foram se afastando devagar, cortando os laços.

Mas isso não seria justo com eles.

Talvez fosse verdade, até certo ponto. Houvera mesmo um distanciamento, mas Sonya fora a principal responsável, não eles. Ela os afastara. Não queria ser reconfortada. Não queria companhia, camaradagem ou demonstrações de pena. Também não queria chegar ao fundo do poço, mas talvez essa fosse a alternativa mais fácil, portanto, parecera-lhe a melhor.

A porta da frente se abriu.

Sonya acendeu o pequeno abajur perto da poltrona reclinável. Estava escuro lá fora, mas naquela sala isso não importava. As cortinas bloqueavam qualquer luz. Escutou os passos no piso de mármore do saguão e depois no assoalho de tábuas corridas. Estavam indo em sua direção.

Ela esperou.

Um momento depois, Clark entrou na sala. Não disse nada, apenas ficou ali. Ela o estudou por um momento. Seu marido parecia mais velho, ou talvez já fizesse muito tempo desde que olhara de verdade para o homem com quem havia se casado. Ele preferira não ter a aparência de um senhor distinto de cabelos grisalhos e passara a tingi-los. A tintura era feita, assim como tudo o que Clark fazia, de forma meticulosa. Ainda assim, porém, não combinava com ele. A pele tinha um tom acinzentado, e ele estava mais magro.

– Eu ia começar a ver um filme – comentou ela.

Ele a fitou.

– Clark?

– Eu sei – respondeu ele.

Não queria dizer que sabia que ela iria começar a assistir a um filme. Referia-se a outra coisa. Sonya não pediu esclarecimentos. Não precisava. Ficou completamente imóvel.

– Sei sobre suas visitas ao museu – continuou ele. – Já faz muito tempo que eu sei.

Ela pensou em como responder. Contra-atacar com “E eu também sei sobre você” seria a reação óbvia, mas tratava-se de uma atitude defensiva demais e totalmente irrelevante. A questão ali não era um caso amoroso.

Clark permaneceu onde estava, os braços pendendo ao longo do corpo, os dedos se movendo sem parar.

– Há quanto tempo você sabe? – perguntou ela.

– Alguns meses.

– E por que não falou nada até agora?

Ele deu de ombros.

– Como você descobriu?

– Mandei seguirem você – contou ele.

– Mandou me seguirem? Você contratou um detetive particular?

– Contratei.

Ela cruzou as pernas.

– Por quê? – Sua voz se tornara mais aguda, como se ela tivesse sido ferida por aquela estranha traição. – Você achou que eu estivesse tendo um caso?

– Ele matou Stephen.

– Foi um acidente.

– É mesmo? É isso que ele lhe diz em seus almoços? Vocês falam sobre como ele acidentalmente matou meu filho?

– Nosso filho – corrigiu ela.

Clark a fitou com uma expressão que Sonya já vira antes, mas nunca dirigida a ela.

– Como pôde fazer isso?

– Como pude fazer o quê, Clark?

– Encontrar-se com ele. Oferecer-lhe perdão...

– Eu nunca ofereci nada a ele.

– Confortá-lo...

– Também não se trata disso.

– Então de que se trata?

– Não sei. – Sonya levantou-se. – Clark, escute, o que aconteceu com Stephen foi um acidente.

Ele emitiu um som de escárnio.

– É isso que você faz para se sentir melhor, Sonya? Diz que foi um acidente?

– Me sentir melhor? – Um arrepio percorreu o corpo dela de alto a baixo. – Isso não é possível, Clark. Nem por um segundo. Acidente, assassinato, seja lá o que tenha sido, Stephen está morto.

Ele não disse nada.

– Foi um acidente, Clark.

– Ele a convenceu disso, não foi?

– Na verdade, foi o contrário.

– O que isso quer dizer?

– Ele não está mais convencido disso. Sente uma culpa enorme.

– Pobrezinho. – Clark fez uma careta. – Como você pode ser tão ingênua?

– Deixe-me lhe perguntar uma coisa. – Sonya se aproximou do marido. – Se eles tivessem caído em outra posição, se o ângulo fosse diferente, ou se Stephen tivesse virado o corpo e Matt Hunter é que tivesse batido a cabeça no meio-fio...

– Nem comece com isso.

– Não, Clark, escute. – Ela deu mais um passo à frente. – Se tivesse sido o contrário, Clark, se Matt Hunter tivesse morrido e Stephen ficado por cima dele...

– Não estou no clima para brincar de hipóteses com você, Sonya. Isso não importa.

– Talvez importe para mim.

– Por quê? – indagou ele. – Não foi você que disse que de qualquer forma Stephen está morto?

Ela não respondeu.

Clark cruzou a sala e passou em volta de Sonya, mantendo distância suficiente para não encostar nela. Afundou-se em uma poltrona e cobriu o rosto com as mãos. Ela ficou esperando.

– Você se lembra do caso daquela mulher que afogou os filhos no Texas? – perguntou ele.

– O que isso tem a ver?

– Apenas... – ele fechou os olhos por um momento – ... apenas ouça, está bem? Você se lembra desse caso? Da mulher que trabalhava demais e afogou os filhos na banheira? Acho que eram quatro ou cinco crianças. Uma história terrível. A defesa alegou insanidade. O marido a apoiou. Você se lembra dos noticiários?

– Lembro.

– O que você acha?

Ela não disse nada.

– Eu lhe digo o que acho – prosseguiu Clark. – Na época, pensei: "Que importância tem isso?" Não quero parecer insensível, mas que diferença faz? Se aquela mãe fosse considerada insana e passasse cinquenta anos num hospício, ou se fosse declarada culpada e passasse o resto dos dias atrás das grades para depois ser executada na cadeira elétrica... que diferença faria? De um jeito ou de outro, os filhos estavam mortos, e nada os traria de volta. A vida dela estava acabada, concorda?

Sonya fechou os olhos.

– É assim que me sinto em relação a Matt Hunter – acrescentou Clark. – Ele matou nosso filho. Se foi de propósito ou por acidente, tudo o que sei é que Stephen está morto. O resto não importa, entende?

Ela entendia muito mais do que ele imaginava.

Sentiu as lágrimas escaparem de seus olhos e fitou o marido. Clark estava sofrendo muito. *Vá embora,* era o que ela queria dizer. *Mergulhe no trabalho, na sua amante, no que for. Mas saia daqui.*

– Não estou tentando magoar você – disse ela, em vez disso.

Ele assentiu.

– Você quer que eu pare de vê-lo? – perguntou Sonya.

– Teria alguma importância se eu quisesse?

Ela não respondeu.

Clark levantou-se e saiu da sala. Alguns segundos depois, Sonya ouviu a porta da frente se fechar e ficou sozinha novamente.

capítulo 20

Loren muse fez um tempo melhor ainda no retorno de Wilmington, em Delaware, a Newark. Ed Steinberg estava sozinho em sua sala no terceiro andar do novo prédio do tribunal do condado.

– Feche a porta – disse ele.

Ele estava desalinhado, com a gravata frouxa, o colarinho aberto, uma manga mais enrolada do que a outra, porém essa era sua aparência habitual. Loren gostava do chefe. Era inteligente e sempre jogava limpo. Odiava o lado político do trabalho, mas compreendia a necessidade de jogar. E jogava bem.

Loren o considerava atraente, lembrando um urso enorme e gostoso de abraçar e ao mesmo tempo um veterano cabeludo do Vietnã montado em uma Harley-Davidson. Steinberg era casado, claro, e já tinha dois filhos na faculdade. Representava mais um clichê muito verdadeiro: os que valem a pena sempre têm dona.

Quando Loren era mais jovem, a mãe a aconselhava a esperar. “Não se case jovem demais”, dizia Carmen, com a voz engrolada por causa do vinho que tomava ao longo do dia. Loren nunca seguira o conselho de forma consciente, mas em algum ponto percebera que aquilo fora uma idiotice. Os rapazes bons, aqueles que queriam casar e ter filhos, logo se comprometiam, de modo que a oferta diminuía cada vez mais com o passar dos anos. Àquela altura, Loren teria que se contentar com as sobras, ou seja, os divorciados acima do peso que compensavam os anos de rejeição do ensino médio, os traumatizados pela experiência do primeiro casamento, ou ainda aqueles razoavelmente decentes que se interessavam – e por que não? – por alguma moça encalhada que os idolatrasse.

– O que você foi fazer em Delaware? – perguntou Steinberg.

– Fui atrás de uma pista sobre a identidade da nossa freira.

– Você acha que ela é de lá?

– Não – respondeu ela.

Então lhe deu uma explicação rápida sobre os números de série dos implantes, a boa vontade inicial da empresa fabricante, os obstáculos posteriores, a ligação com o FBI. Steinberg acariciou o bigode como se fosse um bichinho de estimação. Quando terminou, disse:

– O chefe da área é um agente especial chamado Pistillo. Vou ligar para ele de manhã e ver o que pode nos dizer.

– Obrigada.

Steinberg acariciou o bigode mais uma vez. Parecia distraído.

– Era por isso que você precisava me ver? – perguntou ela. – Por causa do caso da irmã Mary Rose?

– Era.

– E...?

– O pessoal da perícia examinou o quarto dela.

– Sei.

– Encontraram oito grupos de impressões digitais – continuou ele. – Um pertence à irmã Mary Rose. Seis outros são de outras freiras e empregadas do St. Margaret. Estamos passando todas pelo sistema, por via das dúvidas, para ver se alguém por lá tem um registro policial que não conheçamos.

Steinberg se calou.

Loren se aproximou da mesa dele e sentou-se na cadeira diante dela.

– Imagino – falou – que tenham conseguido alguma coisa com o oitavo grupo.

– Conseguimos. – Ele a encarou. – Foi por isso que a chamei de volta.

Loren abriu os braços com as palmas das mãos para cima.

– Sou toda ouvidos.

– As impressões são de Max Darrow.

Ela esperou que ele dissesse mais alguma coisa. Como isso não aconteceu, voltou a falar:

– Esse Darrow tem passagem pela polícia?

Steinberg balançou a cabeça devagar.

– Não.

– Então como sabe que as impressões são dele?

– Ele serviu nas Forças Armadas.

Ao longe, Loren ouviu um telefone tocar. Ninguém atendeu. Steinberg se recostou na grande cadeira de couro e ergueu o queixo a fim de olhar para cima.

– Max Darrow não é daqui – informou.

– Ah, não?

– Mora em Raleigh Heights, em Nevada. Perto de Reno.

Ela pensou a respeito e concluiu:

– Reno é bem distante de um colégio de freiras em East Orange, Nova Jersey.

– Sim. – Steinberg ainda olhava para cima. – Ele era da área.

– Darrow era policial?

Steinberg assentiu.

– Detetive aposentado. Trabalhou no Departamento de Homicídios de Las Vegas por 25 anos.

Loren tentou encaixar a informação em sua teoria de que a irmã Mary Rose era uma fugitiva. Talvez fosse de Las Vegas ou Reno. Talvez tivesse conhecido Max Darrow em algum momento do passado.

O passo seguinte parecia bem óbvio.

– Precisamos localizar Max Darrow.

A voz de Ed Steinberg soou tranquila:

– Já fizemos isso.

– E...?

– Ele está morto.

Os olhares de ambos se encontraram e alguma coisa se encaixou. Loren quase podia ver Trevor Wine puxando a calça para cima. Como seu colega condescendente tinha descrito a vítima do caso de assassinato no qual estava trabalhando?

Um sujeito branco aposentado... um turista.

Steinberg assentiu.

– Encontramos o corpo de Darrow em Newark, perto daquele cemitério na Avenida 14. Ele levou dois tiros na cabeça.

capítulo 21

FINALMENTE COMEÇOU A CHOVER.

Matt Hunter tinha cambaleado para fora do Landmark Bar and Grill e voltara para a Avenida Northfield. Ninguém o seguira. Estava escuro, era tarde e ele estava bêbado, mas isso não importava. Você nunca esquece as ruas perto de onde cresceu.

Virou à direita na Avenida Hillside e, dez minutos depois, chegou. A placa da Imobiliária Realtor continuava diante da casa com o aviso sob contrato. Em alguns dias o imóvel seria dele. Sentou-se na calçada e ficou olhando para a construção. Grossos pingos de chuva caíam sobre ele.

A chuva o fazia lembrar-se da cadeia. Deixava o mundo cinzento, insípido, sem forma, e tinha a cor do chão do presídio. Desde os 16 anos, Matt usava lentes de contato – estava com elas naquele momento –, mas na cadeia tinha optado pelos óculos e ficava boa parte do tempo sem eles. Isso parecia ajudá-lo, tornando tudo fora de foco, apenas um borrão cinza e disforme.

Fitou a casa que planejava comprar – o charmoso chalé de dois andares, como o anúncio dizia. Logo se mudaria para lá com Olivia, sua linda esposa grávida, e teriam um bebê. Provavelmente viriam mais filhos depois do primeiro. Ela queria três.

Não havia cerquinha branca na frente, mas bem que poderia haver. O porão não tinha sido finalizado, porém Matt era habilidoso com qualquer trabalho manual. Ele mesmo cuidaria daquilo. O balanço no quintal estava muito velho e enferrujado e teria que ser jogado fora. Dois anos antes de darem entrada na papelada, Olivia já sabia o tipo de balanço que queria: um de cedro, porque era uma madeira que não produzia farpas.

Matt tentou ver tudo isso – o futuro. Tentou imaginar como seria viver naquela casa de três quartos, com uma cozinha que precisava de reforma, um bom fogo na lareira, risadas à mesa do jantar, o filho

indo para a cama dele e de Olivia porque um pesadelo o assustara, o rosto dela logo pela manhã. Quase conseguia ver, como se um dos fantasmas de *Um conto de Natal*, de Charles Dickens, lhe mostrasse o caminho, e por um segundo quase sorriu.

Mas a imagem não se sustentava. Matt balançou a cabeça sob a chuva.

A quem pretendia enganar?

Não sabia o que estava acontecendo com Olivia, mas de uma coisa tinha certeza: aquilo marcava o fim. O conto de fadas estava acabado. Como Sonya McGrath dissera, as imagens no celular tinham sido um alerta, um dado de realidade, como alguém dizendo "Foi tudo só uma brincadeira!", embora no fundo ele sempre tivesse sabido disso.

Não dava para voltar atrás.

Stephen McGrath jamais iria sair do seu lado. Cada vez que Matt começava a se distanciar, Stephen Morto se aproximava por trás e dava tapinhas em seu ombro.

Estou aqui, Matt. Ainda estou com você...

Continuou ali, sentado na chuva. Imaginou que horas seriam. Não importava. Pensou na maldita fotografia de Charles Talley, o misterioso sujeito de cabelos negros, e os sussurros sarcásticos dele ao telefone. O que ele pretendia? Era isso que Matt não conseguia entender naquela loucura toda. Sóbrio ou bêbado, no conforto do lar ou ali, sob a chuva que indicava, finalmente, o término da seca...

Foi quando ele percebeu.

Chuva.

Matt virou-se e olhou para cima, fitando os pingos enquanto eles caíam. Chuva. Até que enfim. O período da seca terminava com uma fúria maciça.

A resposta poderia ser tão simples?

Ele pensou sobre isso. Primeiro, precisava ir para casa. Tinha que ligar para Cingle. Não importava a hora. Ela entenderia.

– Matt?

Não tinha ouvido o carro encostar, mas aquela voz, mesmo naquele momento, mesmo sob aquelas condições... Bem, Matt não pôde deixar de sorrir. Ficou ali parado na calçada.

– Olá, Lance.

Matt levantou a cabeça quando o policial saiu de uma minivan.

– Ouvi dizer que você estava me procurando – disse Lance.

– Estava, sim.

– Por quê?

– Queria brigar com você.

Foi a vez de Lance sorrir.

– Você não iria querer fazer isso.

– Acha que tenho medo?

– Não foi isso que eu disse.

– Eu acabaria com você.

– O que só provaria que eu estava certo.

– Sobre o quê?

– Sobre como a prisão transforma um homem – respondeu Lance. – Porque, antes de você ir parar lá, eu poderia acabar com você com os dois braços quebrados.

Ele tinha razão. Matt permaneceu sentado. Ainda estava muito bêbado e não lutou contra essa sensação.

– Você parece estar sempre por perto, Lance.

– E estou mesmo.

– Sempre tão prestativo... – Matt estalou os dedos. – Ei, Lance, sabe com quem você está parecendo? Com aquela senhora que morava na Rodovia Hobart Gap e não saía da janela, não importava que horas fossem.

Lance não disse nada.

– Lembra-se dela? – perguntou Matt.

– A Sra. Sweeney.

– Isso, a Sra. S.! Sempre com uma cara mal-humorada, reclamando das crianças que cortavam caminho pelo jardim dela. – Matt apontou para ele. – Você é assim, Lance. Igualzinho à Sra. Sweeney.

– Você andou bebendo, Matt?

– Sim, por quê? Algum problema?

– Não, não propriamente.

– Então por que você está sempre por perto, Lance?

Ele deu de ombros.

– Só estou tentando manter os caras maus longe daqui.

– E acha que pode?

Lance não respondeu.

– Você acha que as minivans e boas escolas desta cidade são o quê? Uma espécie de campo de força que impede a passagem do mal? – Matt deu uma risada exagerada. – Que droga, Lance, olhe só para mim. Eu sou a prova viva de que isso não passa de um monte de baboseiras. Eu devia servir de exemplo para os adolescentes, sabe, como quando estávamos no ensino médio e os policiais nos levaram para ver um carro destroçado por um motorista bêbado. É isso que eu devia ser: um exemplo para os jovens. Só não sei qual seria a lição que eu poderia ensinar.

– Não entrar em brigas, por exemplo.

– Eu não entrei em uma briga. Tentei acabar com uma.

Lance lutou contra a vontade de suspirar.

– Você quer repassar seu caso aqui debaixo de chuva, Matt?

– Não.

– Ótimo. Então que tal se eu lhe der uma carona até sua casa?

– Não vai me prender?

– Talvez em outra ocasião.

Matt deu uma última olhada para a casa.

– Talvez você esteja certo.

– Sobre o quê?

– Sobre eu não pertencer a este lugar.

– Vamos, Matt, a chuva está aumentando. Eu levo você para casa.

Lance aproximou-se por trás dele, colocou as mãos sob seus braços e o ergueu. O homem era uma fortaleza. Matt ficou em pé, oscilando. Sua cabeça girava, seu estômago se retorcia. Lance o ajudou a ir até o carro e a sentar-se no banco do passageiro.

– Se vomitar no meu carro, eu prendo você na hora – ameaçou ele.

– Nossa, que cara durão!

Matt abriu um pouco a janela, apenas o suficiente para o ar entrar, mas não a chuva. Ficou com o nariz perto da abertura, como um cachorro. O ar fresco e úmido o ajudava a sentir-se melhor. Fechou os olhos e encostou a cabeça na janela. O vidro estava frio de encontro ao seu rosto.

– Então, por que você bebeu, Matt?

– Porque me deu vontade.

– Você sempre faz isso? Bebe até o ponto da estupidez?

– Você também é conselheiro dos Alcoólicos Anônimos, Lance? Além de ser sósia da Sra. Sweeney?

Lance assentiu.

– Você tem razão. Vamos mudar de assunto.

A chuva abrandou um pouco e Lance reduziu a velocidade dos limpadores de para-brisa. Ele segurava o volante com as duas mãos.

– Minha filha mais velha está com 13 anos, acredita?

– Quantos filhos você tem, Lance?

– Três. Duas meninas e um garoto...

Ele tirou uma das mãos do volante e procurou a carteira. Tirou três fotos e passou-as para Matt, que as olhou procurando, como sempre fazia, semelhanças com o pai.

– O menino... Quantos anos ele tem?

– Seis.

– Ele se parece com você, quando tinha essa idade.

Lance sorriu.

– Devin. É um terror, esse moleque.

– Assim como o pai.

– É, acho que sim.

Os dois ficaram em silêncio. Lance estendeu a mão para o rádio, mas decidiu não ligá-lo.

– Estou pensando em pôr minha filha, a mais velha, em um colégio católico.

– Ela está no Heritage agora?

Heritage era a escola que os dois tinham frequentado.

– É, mas não sei. Ela é meio agitada. Ouvi dizer que o St. Margaret, em East Orange, é uma boa opção.

Matt olhou pela janela.

– Você sabe algo a respeito? – indagou Lance.

– De colégios católicos?

– É. Ou do St. Margaret.

– Não.

Lance estava com as duas mãos no volante outra vez.

– Não conhece ninguém que tenha estudado lá?

– Lá onde?

– No St. Margaret.

– Não.

– Lembra-se de Loren Muse?

Matt lembrava. Era assim com os colegas do ensino fundamental. Mesmo que você nunca mais os visse depois da formatura, ainda se recordava do nome e do rosto deles de imediato.

– Claro. Ela gostava de brincar com os meninos e andou com a gente por um tempo. Depois sumiu. O pai dela morreu naquela época, não foi?

– Você não sabe?

– Não sei o quê?

– O pai dela se matou. Estourou os miolos na garagem de casa quando ela estava na oitava série. A família manteve isso em segredo.

– Nossa, que coisa horrível.

– É, mas agora ela está bem. Trabalha na promotoria de Newark.

– É advogada?

Lance fez que não com a cabeça.

– Investigadora. Mas depois do que aconteceu com o pai... Bem, imagino que a vida não tenha sido um mar de rosas para ela. O St. Margaret a ajudou, eu acho.

Matt não disse nada.

– Mas você não conhece mesmo ninguém que tenha estudado no St. Margaret?

– Lance?

– Diga.

– Essa sua tentativa de ser sutil não está dando certo. Por que não pergunta logo o que quer saber?

– Quero saber se você tem alguma informação sobre o St. Margaret.

– Quer que eu escreva uma carta de recomendação para sua filha?

– Não.

– Então por que está me fazendo essas perguntas?

– E quanto à irmã Mary Rose? Ela dava aula de Estudos Sociais lá. Você a conhece?

Matt se virou a fim de olhar de frente para Lance.

– Sou suspeito de algum crime?

– O quê? Estamos só batendo um papo amistoso.

– Não ouvi nenhum “não”, Lance.

– Você tem a consciência bem pesada.

– E você continua se esquivando da minha pergunta.

– Você não quer me dizer como conheceu a irmã Mary Rose?

Matt fechou os olhos. Não estavam longe de Irvington. Recostou a cabeça no assento.

– Fale mais sobre seus filhos, Lance.

Lance não respondeu. Matt fechou os olhos e ficou escutando a chuva. Aquilo o fez voltar ao que estava pensando antes de Lance aparecer. Precisava ligar para Cingle assim que possível.

Porque, por mais estranho que parecesse, a chuva poderia ser a pista crucial para o que Olivia estava fazendo naquele quarto de hotel.

capítulo 22

Matt agradeceu a lance pela carona e ficou observando enquanto ele se afastava.

Assim que a minivan desapareceu de vista, ele entrou em casa, pegou o telefone e começou a digitar o número do celular de Cingle. Verificou as horas. Quase onze. Esperava que ela estivesse acordada, mas, mesmo que não estivesse... Bem, depois que ele explicasse, ela entenderia.

O telefone tocou quatro vezes e a ligação caiu na caixa postal.

Droga.

Ele deixou um recado: “Ligue para mim, é urgente.”

Apertou a tecla para “mais opções” e deixou o número do telefone de casa para retorno. Talvez ela pegasse logo a mensagem.

Queria baixar as imagens do celular para o disco rígido do computador, mas, como um idiota, tinha deixado o cabo USB no trabalho. Procurou o cabo do celular de Olivia por todo o escritório, mas não o encontrou.

Nesse momento, percebeu a luz piscando na secretária eletrônica. Foi até lá e apertou o *play.* Havia apenas uma mensagem, e, depois do dia que tivera, não ficou surpreso.

“Matt, aqui quem fala é Loren Muse. Sou investigadora da promotoria de Essex. Nos conhecemos há muito tempo, no Burnet Hill. Você poderia me ligar assim que possível?”

Ela deixara dois números: do escritório e do celular.

Matt ficou olhando para o aparelho. Então Lance queria passar a perna em Loren. Ou talvez estivessem trabalhando juntos. Não importava. Tentou imaginar qual seria o assunto. Lance dissera algo sobre o St. Margaret, de East Orange. Algo sobre uma freira de lá.

O que aquilo poderia ter a ver com ele?

Fosse o que fosse, não podia ser boa coisa.

Não queria ficar especulando. Também não pretendia ser pego desprevenido. Foi até o computador e fez uma pesquisa básica no Google. Digitou “St. Margaret, East Orange”, mas a busca gerou respostas demais. Tentou lembrar o nome da freira. Irmã Mary qualquer coisa. Acrescentou isso à busca: “Irmã Mary”, “St. Margaret”, “East Orange”.

Nenhum resultado relevante.

Recostou-se na cadeira e pensou nos detalhes. Nada lhe ocorreu. Não retornaria o telefonema de Loren, pelo menos por ora. Isso podia esperar até de manhã. Poderia dizer que ficara na rua bebendo – Lance confirmaria isso – e que se esquecera de verificar as mensagens na secretária.

Sua mente começava a clarear. Matt pensou no que devia fazer a seguir. Apesar de estar sozinho em casa, deu uma olhada no corredor e trancou a porta. Então abriu o armário, abaixou-se e pegou o cofre lá no fundo. A combinação era 878, por serem números que não tinham nenhuma relação com sua vida. Ele os escolhera de forma aleatória.

Dentro do cofre havia uma arma.

Olhou-a. Era uma semiautomática Mauser M2. Matt a comprara na rua – algo nada difícil – quando saíra da cadeia. Não havia contado para ninguém, nem para Bernie, nem para Olivia, nem para Sonya McGrath. Não sabia direito como explicar por que fizera isso. Poderia se pensar que seu passado já tinha lhe ensinado sobre o perigo ligado a esse tipo de atitude. E tinha mesmo, acreditava ele, só que de outra forma. Agora que Olivia estava grávida, sim, tinha que se livrar da arma. Mas não sabia se conseguiria.

O sistema carcerário merecia uma parcela da culpa. Muitos problemas eram evidentes e, até certo ponto, naturais, considerando que estavam, basicamente, encarcerando maus elementos junto com outros maus elementos. No entanto, uma coisa certa sobre a qual não havia dúvida era que a prisão ensinava coisas erradas. Lá dentro, a pessoa sobrevivia desde que se mantivesse a distância, isolada, e desconfiasse de toda e qualquer aliança. Lá não se aprendia como fazer para ser assimilado ou tornar-se produtivo. Era exatamente o oposto. Aprendia-se que não se podia confiar em ninguém, que a única pessoa com quem se podia contar era

consigo mesmo, que era preciso estar pronto para se defender o tempo todo.

Ter a arma dava a Matt uma estranha sensação de conforto.

Ele sabia que era errado. Sabia que as chances de a arma levar a uma tragédia eram muito maiores do que as de levar à salvação. Mas ali estava ela. E agora, com o mundo desabando sobre ele, Matt olhava para aquela arma pela primeira vez desde que a comprara.

O toque do telefone o assustou. Trancou o cofre bem rápido, como se alguém pudesse entrar ali, e atendeu:

– Alô?

– Adivinhe o que eu estava fazendo quando você ligou.

Era Cingle.

– Desculpe. Sei que é tarde.

– Não, não. Adivinhe. Vamos lá. Está bem, esqueça, eu conto. Estava transando com o Hank. Ele leva uma eternidade para chegar lá. Fiquei tão entediada que quase parei no meio. Mas os homens... Bem, eles são muito sensíveis, sabia?

– Cingle?

– O que foi?

– Sabe as fotos que você copiou do meu celular?

– O que têm elas?

– Está com elas aí?

– Quer dizer, os arquivos? Estão no escritório.

– Você ampliou as imagens?

– O técnico ampliou, mas ainda não tive chance de dar uma olhada nelas.

– Preciso vê-las – disse Matt. – As ampliadas.

– Por quê?

– Pensei numa coisa.

– Ô-ôu.

– Sim, ô-ôu. Olhe, sei que é tarde, muito tarde, mas se você puder me encontrar no seu escritório...

– Agora?

– É.

– Estou a caminho.

– Fico lhe devendo uma.

– Uma e meia – retrucou Cingle. – Vejo você em 45 minutos.

Matt pegou as chaves do carro – já estava sóbrio o suficiente para dirigir –, guardou o celular e a carteira nos bolsos e caminhou em direção à porta. Então se lembrou da semiautomática. Ela continuava em cima da mesa. Pensou no que faria a seguir.

Pegou a arma.

Esta era uma coisa que ninguém dizia: empunhar uma arma é sensacional. Na televisão, as pessoas comuns sempre reagem com repulsa na primeira vez em que lhes entregam uma arma. Fazem uma careta e dizem “Tirem essa coisa de perto de mim!”. Mas a verdade é que segurar uma arma – sentir o aço frio contra a pele, o peso na palma da mão, o formato, o modo como a mão se fecha naturalmente ao redor da coronha, a forma como o indicador desliza pelo gatilho – não é só uma sensação boa, mas algo certo e até mesmo inerente ao homem.

Mas não, ele não devia fazer isso.

Com seu histórico, se alguém o pegasse armado, ele iria se meter numa encrenca muito séria. Sabia disso.

Mesmo assim, enfiou a arma no cós da calça.

Quando abriu a porta da frente, ela estava terminando de subir os degraus. Seus olhares se encontraram.

Matt imaginou se a teria reconhecido se Lance não tivesse falado nela e se ele não tivesse escutado a mensagem na secretária eletrônica. Difícil saber. Os cabelos continuavam curtos. Aquela característica masculina permanecia. Ela parecia a mesma de sempre. Havia algo interessante naquilo: como conseguimos reconhecer, depois de adultos, pessoas que conviveram conosco quando crianças, na época da escola, e que perdemos de vista desde então.

Loren Muse foi a primeira a falar:

– Olá, Matt.

– Olá, Loren.

– Quanto tempo.

– É.

Ela conseguiu dar um sorriso.

– Você tem um tempinho? Preciso lhe fazer algumas perguntas.

capítulo 23

PARADO À PORTA DE CASA, Matt quis saber:

– É sobre aquela freira do St. Margaret?

Loren ficou surpresa ao ouvir isso, mas Matt levantou a mão.

– Não fique animada. Sei sobre a freira porque Lance me perguntou a respeito.

Ela devia ter imaginado.

– Então, quer me contar o que houve, Matt?

Ele deu de ombros, mas não disse nada. Loren passou por ele, entrou na sala e deu uma olhada ao redor. Havia livros empilhados por todo canto. Algumas pilhas tinham caído, parecendo torres derrubadas. Havia fotografias emolduradas na mesa. Loren as examinou e pegou uma delas.

– É sua esposa?

– É.

– Bonita.

– É.

Ela abaixou a foto e fitou Matt. Seria meio cafona dizer que o passado dele estava estampado em seu rosto, que a prisão de alguma forma o mudara não só por dentro, mas também por fora. Ela não gostava desse tipo de afirmativa. Não acreditava que os olhos fossem as janelas da alma. Já vira assassinos com olhos bonitos e bondosos, e conhecera pessoas brilhantes com aquele tipo de olhar vazio. Escutara jurados dizerem que tiveram certeza de que o réu era inocente no momento em que ele entrara no tribunal, e sabia que isso era uma grande bobagem.

No entanto, havia algo na postura de Matt Hunter – talvez a inclinação do queixo, a linha da boca – que emanava a ansiedade de reparar seus erros e uma tendência a ficar na defensiva. Loren era incapaz de definir o que era, mas estava ali. Será que ela teria percebido aquela vibração inconfundível se não soubesse que ele

havia passado quatro anos preso depois de uma infância bastante confortável?

Achava que sim.

Não podia deixar de pensar em Matt quando criança: um garoto bom, meio desastrado e de temperamento dócil. Sentiu uma pontada de tristeza.

– O que você disse a Lance? – indagou ela.

– Perguntei-lhe se eu era suspeito.

– Suspeito de quê?

– De qualquer coisa.

– E o que ele respondeu?

– Foi evasivo.

– Você não é suspeito de nada – garantiu Loren. – Pelo menos não por enquanto.

– Iupi.

– Está sendo irônico?

Matt deu de ombros.

– Você poderia fazer suas perguntas depressa? Preciso sair.

– Precisa sair – repetiu ela, consultando o relógio com ar teatral – a esta hora?

– Adoro festas – disse ele, dando um passo para trás.

– Duvido que isso seja verdade.

Ela o seguiu. Deu uma olhada ao redor da vizinhança. Havia dois homens bebendo de garrafas embrulhadas em sacos de papel marrom e cantando um soul de pegada pop.

– O que é isso, The Temptations? – perguntou Loren.

– Four Tops – falou Matt.

– Eu sempre confundi os dois.

Ela virou-se para ele, que abriu os braços:

– Não é exatamente Livingston, não é?

– Ouvi dizer que você vai voltar para lá.

– É um bom lugar para começar uma família.

– Você acha?

– Você não?

Loren balançou a cabeça.

– Eu não voltaria.

– Isso é uma ameaça?

– Não, falei literalmente. Eu, Loren Muse, nunca iria querer voltar para lá.

– Cada um sabe de si. – Ele suspirou. – Terminamos com o papo furado?

– Acho que sim.

– Ótimo. Então o que houve com a tal freira, Loren?

– Ainda não sabemos.

– Não sabem?

– Você a conhecia?

– Não lembro nem o nome dela, que Lance mencionou. Irmã Mary alguma coisa.

– Irmã Mary Rose.

– O que houve com ela?

– Ela morreu.

– Sei. E o que eu tenho a ver com isso?

Loren pensou em como continuar.

– O que você acha?

Ele suspirou e passou por ela para ir embora.

– Boa noite, Loren.

– Espere! Está bem, isso foi ridículo. Desculpe.

Matt parou e virou-se de volta para ela.

– Os registros dos telefonemas dela.

– O que é que tem?

– A irmã Mary Rose fez uma ligação que não conseguimos entender.

O rosto de Matt não dizia nada.

– Você a conhecia ou não?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

– Porque a conta telefônica do colégio registra que ela ligou para a casa da sua cunhada, em Livingston.

Matt franziu a testa.

– Para Marsha?

– Sua cunhada disse que nunca recebeu nenhum telefonema do St. Margaret. Também falei com aquela menina, a Kylie, que é inquilina dela.

– Kyra.

– O quê?

– O nome dela é Kyra, não Kylie.

– Certo, tanto faz. De qualquer forma, sei que você vai lá com frequência. Sei, inclusive, que dormiu lá ontem à noite.

Matt confirmou.

– Então você deduziu... pausa para os tambores!... que a tal freira devia ter ligado para mim.

Loren deu de ombros.

– Faz sentido.

Matt respirou fundo.

– O que foi? – perguntou ela.

– Acho que este é o momento em que eu deveria ficar furioso e dizer que só faz sentido porque você tem preconceito contra um ex-presidiário, apesar de ele ter cumprido a pena e quitado sua dívida para com a sociedade.

O desabafo a fez sorrir.

– Você prefere pular a parte da indignação e ir direto para a negação?

– Assim adiantamos as coisas – disse ele.

– Então você não conhece a irmã Mary Rose?

– Não. Aliás, não conheço nenhuma irmã, nem nenhuma Mary Rose. Não conheço ninguém ligado ao St. Margaret. Com exceção de você... Lance disse que você estudou lá. Mas é só. Não tenho a menor ideia de por que a irmã Mary Rose ligou para Marsha, nem se ela de fato ligou para a casa de Marsha.

Loren decidiu mudar de estratégia.

– Conhece um homem chamado Max Darrow?

– Ele também ligou para Marsha?

– Que tal uma resposta direta, Matt? Você conhece Max Darrow, de Raleigh Heights, Nevada? Sim ou não?

Uma reação. Loren notou. Muito de leve, uma mudança quase imperceptível no semblante, mas sem dúvida tinha acontecido – um discreto arregalar de olhos que durou uma fração de segundo.

– Não – retrucou ele.

– Nunca ouviu falar dele?

– Nunca. Quem é?

– Vai ler sobre ele nos jornais de amanhã. Você se importa de dizer onde esteve ontem? Isto é, antes de ir à casa de Marsha.

– Sim, me importo.

– E que tal me dizer assim mesmo?

Matt olhou para o lado, fechou os olhos e tornou a abri-los.

– Isto está começando a parecer um interrogatório, Srta. Muse.

– Investigadora Muse – corrigiu ela.

– Seja como for, acho que já respondi a perguntas demais por hoje.

– Então está se negando a responder?

– Não, estou saindo. – Agora foi a vez dele de olhar o relógio. – Preciso mesmo ir.

– E suponho que não vá me dizer o que vai fazer.

– Supõe corretamente.

Loren deu de ombros.

– Eu posso segui-lo.

– Vou evitar que perca tempo. Estou indo ao escritório da Olho Vivo em Newark. O que vou fazer lá é problema meu. Tenha uma boa noite.

Ele começou a descer a escada.

– Matt?

– O quê?

– Pode parecer estranho, mas foi bom ver você. Quero dizer, eu gostaria que tivesse sido em circunstâncias diferentes.

Ele quase sorriu.

– Igualmente.

capítulo 24

NEVADA, PENSOU MATT. LOREN MUSE havia perguntado sobre um homem de Nevada.

Vinte minutos depois de abandoná-la na frente de casa, Matt chegara ao escritório de Cingle. Durante todo o trajeto de carro, repassara o interrogatório. Uma palavra ficara ecoando, repetindo-se em sua mente: Nevada.

Max Darrow, quem quer que fosse, era de Nevada.

E Olivia andara consultando o site de um jornal chamado *Nevada Sun News.*

Seria coincidência?

Sim, claro.

O escritório da Olho Vivo estava em silêncio. Cingle se sentou à sua mesa, usando um casaco preto da Nike. O cabelo fora penteado para trás e preso num longo rabo de cavalo. Ela apertou a tecla para ligar o computador.

– Você ouviu alguma coisa sobre a morte de uma freira no St. Margaret? – perguntou Matt.

Cingle franziu a testa.

– Aquela igreja em East Orange?

– É. Mas também é um colégio.

– Não.

– E algo envolvendo um sujeito chamado Max Darrow?

– Tipo o quê?

Matt contou rapidamente sobre as perguntas de seus ex-colegas de escola, Lance Banner e Loren Muse. Cingle fez suas anotações. Não disse nada, apenas ergueu uma sobrancelha quando Matt mencionou ter encontrado um *cookie* no computador de casa que levava a um site de striptease.

– Vou verificar.

– Obrigado.

Ela virou o monitor do computador de forma que os dois pudessem vê-lo.

– Vamos lá. O que você quer ver?

– A ampliação da foto de Charles Talley que recebi no celular.

Ela começou a mover o mouse e a clicar.

– Deixe-me explicar uma coisa bem depressa, Matt.

– Pode falar.

– Este programa às vezes é maravilhoso, mas às vezes é uma porcaria. A qualidade de uma fotografia digital depende dos pixels. É por isso que queremos câmeras com a maior quantidade possível de pixels. Pixels são pontos, entende? Quanto mais pontos, mais nítida fica a imagem.

– Eu sei disso tudo.

– A câmera do seu telefone tem uma quantidade de pixels muito baixa.

– Também sei disso.

– Então você entende que quanto mais se amplia uma imagem, menos nítida ela se torna. Este programa usa algum tipo de algoritmo... É, eu sei, é uma palavra difícil. Falando de forma mais simples, o programa imagina o que deveria estar lá baseado em qualquer pista que consegue reconhecer. Cores, sombras, relevos, linhas, o que for. Está longe de ser exato. É mais uma coisa de tentativa e erro. Com isso em mente...

Ela abriu a fotografia de Charles Talley. Dessa vez Matt não prestou atenção nos cabelos negros, no sorrisinho afetado, no rosto todo. Ignorou a camisa vermelha e as paredes brancas. Só tinha olhos para uma coisa.

Apontou.

– Está vendo isto?

Cingle colocou seus óculos de leitura, franziu os olhos e voltou-se para ele.

– Sim, Matt – disse ela em tom inexpressivo. – Nós chamamos isso de “janela”.

– Pode ampliá-la mais um pouco?

– Posso tentar. Por quê? Acha que tem algo do lado de fora?

– Não exatamente. Apenas amplie, por favor.

Cingle deu de ombros, colocou o cursor sobre a janela e a ampliou. Ela passou a ocupar metade da tela.

– Dá para deixar mais nítido?

Ela clicou em “ajuste fino” e olhou para Matt. Ele sorriu.

– Não está vendo?

– Vendo o quê? – quis saber ela.

– Está cinza. Isso eu já tinha percebido no visor do celular. Mas veja, há gotas de chuva na janela.

– E daí?

– E daí que essa foto foi enviada para mim ontem à tarde. Você viu alguma chuva ontem? Ou anteontem?

– Mas espere, Olivia não está em Boston?

– Talvez esteja, talvez não. Mas também não choveu lá. Nem em lugar algum da região nordeste.

Cingle recostou-se na cadeira.

– E o que isso quer dizer?

– Espere um instante. Vamos verificar outra coisa primeiro – falou Matt. – Carregue o vídeo do celular e rode-o em câmera lenta.

Cingle minimizou a foto de Charles Talley e começou a clicar em ícones de novo. Matt sentiu o coração acelerar e as pernas tremerem. Sua cabeça começava a clarear.

O vídeo começou. Matt tentou observar a mulher com a peruca loura platinada. Depois, talvez o verificasse quadro a quadro, para confirmar se era mesmo Olivia. Mas tinha quase certeza que sim. No momento, porém, a questão não era essa.

Esperou até a mulher começar a se mover, aguardando o feixe de luz.

– Pare aí.

Cingle foi rápida. Congelou a imagem enquanto a luz ainda aparecia.

– Olhe – disse ele.

Cingle assentiu.

– Uau!

O sol brilhava através da janela.

– A foto e o vídeo não foram feitos ao mesmo tempo! – constatou ela.

– Exatamente.

– E o que houve? Passaram a foto para o celular de Olivia, ou então fotografaram uma foto?

– Algo assim.

– Ainda não entendi.

– Também não sei se entendi. Mas prossiga com o vídeo, bem devagar.

Cingle obedeceu.

– Pare. – Ele olhou a tela mais de perto. – Amplie a mão esquerda do sujeito.

Era uma imagem da palma da mão. Assim que Cingle a ampliou, também ficou borrada, mas ela usou as ferramentas do programa e foi possível ver melhor.

– Apenas pele – constatou Matt.

– E daí?

– Nenhuma aliança. Volte à nossa fotografia de Charles Talley.

Dessa vez foi mais fácil. A foto tinha uma resolução melhor e a figura de Charles Talley era maior. A mão estava erguida, com a palma visível.

O aro estava bem aparente no dedo.

– Meu Deus! – sussurrou Cingle. – É uma montagem!

Matt assentiu.

– Não sei o que está acontecendo nesse vídeo, mas alguém quer que você pense que Olivia está tendo um caso com esse tal Charles Talley. Por que será?

– Não faço a menor ideia. Descobriu mais alguma coisa sobre ele?

– Deixe-me dar uma olhada no meu e-mail. Pode ter alguma coisa lá.

Enquanto Cingle acessava a conta, Matt pegou o celular. Pressionou a tecla de discagem rápida que correspondia ao número de Olivia. Uma centelha de esperança aqueceu seu coração. Ele sorriu. Sim, havia algum problema – a esposa parecia estar mesmo em um quarto de hotel com um estranho – e, sim, talvez ele ainda estivesse um pouco bêbado de vodca, mas agora havia alguma esperança. A névoa sombria parecia estar se dissipando.

Desta vez, a voz gravada de Olivia pareceu-lhe melódica. Ele esperou o bipe e depois falou: “Sei que você não fez nada de

errado. Por favor, me ligue.” Matt olhou para Cingle, que fingia não estar ouvindo. “Eu te amo.”

– Óun, que meigo – disse ela.

Uma voz masculina soou do computador: “Você tem novas mensagens.”

– Algo importante? – perguntou Matt.

– Me dê um segundo. – Ela começou a verificar os e-mails. – Ainda não é muito, mas, sim, temos uma coisa. Talley foi condenado três vezes por assalto e foi preso outras duas vezes, mas as acusações foram retiradas. Ele era suspeito de... Cara, esse sujeito é assustador! Era suspeito de espancar até a morte o proprietário do apartamento onde morava. A última vez que cumpriu pena foi em um presídio chamado... ouça essa: Lovelock.

– Esse nome não me é estranho. Onde fica?

– Aqui não diz. Espere, deixe-me fazer uma busca rápida. – Cingle começou a digitar e apertou a tecla Enter. – Meu Deus!

– O que foi?

Ela o fitou.

– Fica em Lovelock, Nevada.

Nevada. Matt sentiu o chão sumir sob seus pés. O celular de Cingle começou a tocar. Ela o ergueu e verificou o identificador de chamadas.

– Me dê um segundo, está bem? – pediu.

Matt tentou assentir, mas não se moveu. Estava entorpecido.

Nevada.

E então mais um pensamento solto, outra possível conexão maluca com Nevada, lhe ocorreu: durante seu primeiro ano de faculdade, ele não tinha ido com alguns amigos para lá?

Las Vegas, para ser mais específico.

E tinha sido lá, naquela viagem, tantos anos antes, que conhecera o amor de sua vida...

Balançou a cabeça. Não, não podia ser. Nevada era um estado enorme.

Cingle desligou o celular e voltou a digitar no computador.

– O que foi? – quis saber Matt.

Os olhos dela continuavam fixos no monitor.

– Charles Talley.

– O que tem ele?

– Sabemos onde ele está.

– Onde?

Ela apertou Enter e o olhou de soslaio.

– De acordo com o Google Maps, a pouco mais de 6 quilômetros de onde você está. – Cingle tirou os óculos e o olhou diretamente. – Ele está registrado no hotel Howard Johnson, perto do aeroporto de Newark.

capítulo 25

– TEM CERTEZA? – perguntou Matt.

Cingle assentiu.

– Ele está lá no mínimo há duas noites. Quarto 515.

Matt tentou juntar as peças, mas nada se encaixava.

– Você tem o número do telefone de lá?

– Do Howard Johnson? Posso conseguir por aqui.

– Faça isso.

– Vai ligar para ele?

– Vou.

– E dizer o quê?

– Por enquanto, nada. Só quero saber se é a mesma voz.

– Que mesma voz?

– A voz do cara que me ligou sussurrando sobre o que estava prestes a fazer com Olivia. Só quero saber se era o Charles Talley.

– E se for?

– Ei, você acha que eu já tenho um plano de longo prazo pronto? – reagiu Matt. – Sei lá o que vou fazer, uma coisa de cada vez!

– Use o meu celular. A identificação do número está bloqueada.

Matt pegou o celular e Cingle ditou o número. A telefonista atendeu no terceiro toque.

– Hotel Howard Johnson.

– Quarto 515, por favor.

– Um momento.

Ao primeiro toque o coração de Matt começou a acelerar. O terceiro toque foi interrompido no meio, então ele ouviu uma voz masculina atender:

– Alô.

Matt desligou calmamente.

Cingle o fitava.

– E aí? – perguntou ela.

– É ele. O mesmo cara.

Ela franziu a testa e cruzou os braços.

– E agora?

– Podemos dar mais uma olhada no vídeo e na foto – falou ele.

– Certo.

– Mas não sei o que mais podemos descobrir. Supondo que eu esteja enganado, que seja o mesmo Talley tanto na foto quanto no vídeo, precisamos falar com ele. E, caso sejam dois homens diferentes...

– Ainda assim temos que falar com ele – completou Cingle.

– É. Acho que não temos opção. Preciso ir até lá.

– *Nós* precisamos ir até lá.

– Prefiro ir sozinho.

– E eu prefiro que você vá à merda. – Cingle se levantou, soltou o cabelo, depois refez o rabo de cavalo. – Eu vou junto.

Continuar discutindo só serviria para adiar o inevitável.

– Certo, mas você fica no carro. De homem para homem, a sós, talvez eu consiga arrancar alguma informação dele.

– Está bem, que seja. – Ela já estava a caminho da porta. – Eu dirijo.

◆ ◆ ◆

O trajeto levou cinco minutos.

O hotel Howard Johnson se situava no pior trecho da estrada. De um lado, havia o posto de pedágio para quem seguia para Nova Jersey. De outro, o estacionamento de funcionários da Continental Airlines. A menos de um quilômetro, ficava o presídio Northern State, cuja uma localização era bastante conveniente – mais conveniente até que a do hotel –, perto do Aeroporto de Newark. Perfeito para uma retirada rápida.

Cingle estacionou diante da entrada do hotel.

– Tem certeza de que quer ir sozinho? – perguntou.

– Tenho.

– Antes, me dê seu celular – pediu.

– Por quê?

– Tenho um amigo que trabalha com finanças e é um figurão da Park Avenue. Ele me ensinou um truque: você liga para mim do seu

celular e deixa a ligação em curso. Depois, eu aciono a função mute no meu. Assim nós teremos um intercomunicador unilateral. Posso ouvir tudo o que você disser ou fizer. Se houver algum problema, é só gritar.

Matt franziu a testa.

– Um figurão da Park Avenue precisa fazer algo assim?

– Nem queira saber.

Cingle pegou o telefone de Matt, teclou o próprio número e atendeu. Então devolveu o aparelho para ele.

– Prenda-o no cinto. Qualquer coisa, é só gritar por socorro.

– Está bem.

O saguão do hotel estava vazio, o que não era de se esperar, considerando-se a hora. Ele ouviu um sino tocar quando a porta deslizante se abriu e logo em seguida o recepcionista da noite, um sujeito com barba por fazer e excesso de peso, apareceu. Matt acenou para ele sem se deter, tentando fingir que conhecia o lugar. O homem retribuiu o cumprimento e voltou a desaparecer.

Matt foi até o elevador e apertou o botão. Havia apenas um funcionando. Ele o ouviu começar a se movimentar, mas ainda levou algum tempo para chegar. Enquanto esperava, imagens começaram a passar por sua cabeça: o vídeo, a peruca loura platinada. Ainda não fazia a menor ideia do que aquilo tudo significava.

No dia anterior, Cingle havia comparado aquilo a entrar em uma briga: não era possível prever o resultado. Mas ali estava ele, a ponto de literalmente abrir uma porta, e não sabia o que poderia encontrar atrás dela.

Um minuto depois, estava diante da porta do quarto 515.

Ainda carregava a arma. Perguntou-se se não seria melhor escondê-la atrás das costas, mas achou melhor não. Se Talley a visse, aquilo poderia terminar mal. Ergueu a mão e bateu. Aguçou os ouvidos. Escutou um barulho mais além, no corredor, talvez uma porta se abrindo, e se virou naquela direção.

Não viu ninguém.

Bateu outra vez, dessa vez com mais força.

– Talley? – gritou. – Você está aí? Precisamos conversar.

Esperou. Nada.

– Por favor, abra, Talley. Só quero conversar com você, só isso.

Então veio uma voz de trás da porta, a mesma que Matt ouvira ao telefone:

– Um segundo.

De repente a porta do quarto 515 se abriu e em pé diante dele, com o cabelo negro e o sorrisinho afetado, estava Charles Talley.

Talley ficou parado à porta, falando ao celular.

– Certo – disse ele para quem quer que estivesse do outro lado. – Certo, está bem.

Fez um gesto com o queixo para que Matt entrasse.

E foi exatamente isso que ele fez.

capítulo 26

Loren pensou na expressão de choque de Matt.

Ele tentara disfarçar, mas reagira ao nome Max Darrow. A questão, claro, era: por quê?

Ela não o seguira propriamente, mas fora na frente e estacionara perto da Olho Vivo. Sabia que o dono da empresa de investigação particular era um ex-agente federal. Tinha a reputação de ser discreto, mas talvez ela conseguisse arrancar alguma coisa dele.

Quando Matt chegou, assim como dissera que faria, havia dois outros carros no estacionamento. Loren anotou as placas. Era tarde. Não havia motivo para ficar ali esperando.

Vinte minutos depois, ela chegou em casa. Oscar, o gato mais velho, aproximou-se em busca de uma coçadinha nas orelhas. Loren começou a acariciá-lo, mas o bichano logo ficou entediado, miou com impaciência e se afastou, desaparecendo na escuridão. Algum tempo antes, ele não parava de correr, mas a idade e um problema nos quadris tinham acabado com esse costume. Oscar estava ficando velho. Na última consulta, o veterinário lançara a Loren um olhar que dizia que era melhor que ela já fosse se preparando, mas ela ignorara o aviso. Nos filmes, eram sempre as crianças que ficavam devastadas pela perda do bichinho de estimação. Na realidade, as crianças acabam se entediando com os animais e os adultos solitários é que sentem muito mais a perda. Adultos como Loren.

A temperatura no apartamento estava congelante. O ar-condicionado vibrava contra o parapeito da janela, pingando água e transformando a sala num frigorífico. A mãe dormia no sofá. A TV ainda estava ligada e passava o comercial de um aparelho que garantia músculos abdominais perfeitos. Ela desligou o ar-condicionado. A mãe nem se moveu.

Loren parou à porta e ficou escutando a respiração da mãe, dificultada pelo hábito de fumar. O som estranho era um tanto reconfortante, porque diminuía a própria vontade de acender um cigarro. Não acordou a mãe, não ajeitou o travesseiro nem colocou um cobertor sobre ela. Só a observou por um momento e imaginou pela enésima vez o que sentia por aquela mulher.

Em seguida fez um sanduíche de presunto, comeu-o rapidamente em pé na frente da pia da cozinha e serviu-se de uma taça de vinho branco de uma garrafa em forma de cântaro. Notou que era preciso tirar o lixo – o saco estava cheio demais. Não que isso impedisse a mãe de enfiar mais alguma coisa dentro dele.

Loren passou o prato sob a água da torneira e ergueu a lata de lixo com um suspiro. A mãe não se moveu. Não houve a menor alteração no ritmo de sua respiração pesada. Loren levou o lixo até a caçamba do lado de fora e jogou-o lá dentro. O ar estava úmido, e grilos cantavam.

Quando voltou para dentro, a mãe tinha acordado.

– Onde você estava? – perguntou Carmen.

– Tive que trabalhar até tarde.

– E não podia ligar?

– Desculpe.

– Fiquei muito preocupada.

– Sei – retrucou Loren. – Eu vi como isso afetou o seu sono.

– O que quer dizer?

– Nada. Boa noite.

– Você não tem consideração. Como pôde não ligar? Eu esperei, esperei...

Loren balançou a cabeça.

– Estou ficando cansada disso, mãe.

– De quê?

– De você ficar me repreendendo o tempo todo.

– Quer me expulsar de casa?

– Eu não falei isso.

– Mas é o que quer, não é? Que eu vá embora?

– É.

Carmen abriu a boca e levou a mão ao peito. Devia ter havido uma época em que os homens reagiam a tais atos teatrais. Loren se

lembrava das fotos que mostravam a jovem Carmen, tão adorável, tão infeliz, tão certa de que merecia mais.

– Você jogaria a própria mãe na rua?

– Não. Você perguntou se eu queria. Eu quero, mas não vou fazer isso.

– Sou tão horrível assim?

– É só que... Apenas largue do meu pé, está bem?

– Eu só quero que você seja feliz.

– Sei.

– Quero que encontre alguém.

– Você quer dizer um homem.

– Sim, é claro.

Homens.

Essa era a resposta de Carmen para qualquer coisa. A vontade de Loren era dizer: “Sim, mãe, veja como os homens a fizeram feliz.” Mas se conteve.

– Eu só não quero que você fique sozinha – insistiu a mãe.

– Como você – retrucou Loren, e no mesmo instante se arrependeu.

Não esperou pela resposta. Foi para o banheiro e começou a se preparar para dormir. Quando saiu, a mãe continuava no sofá. A televisão estava desligada. O ar-condicionado fora ligado outra vez.

– Desculpe – disse Loren.

Carmen não respondeu.

– Alguém me ligou? – perguntou ela.

– Tom Cruise, duas vezes.

– Ótimo, boa noite.

– O que foi? Você acha que aquele seu namorado ligou?

– Boa noite, mãe.

Loren foi para o quarto e ligou o laptop. Enquanto o aparelho inicializava, ela decidiu verificar a lista de chamadas recebidas. Não, Pete, seu novo namorado, não tinha telefonado. Aliás, fazia três dias que ele não dava sinal de vida. Na verdade, a não ser pelas ligações feitas por alguém de seu trabalho, não houvera nenhuma outra chamada.

Puxa, aquilo era lamentável.

Pete era um cara agradável, um pouco acima do peso e que suava muito. Trabalhava em uma loja de departamentos chamada Stop & Shop. Loren nunca conseguira entender exatamente o que ele fazia, talvez porque aquilo não a interessasse de fato. A relação deles não era séria. Era o tipo de relacionamento que vai seguindo de acordo com o princípio da inércia, segundo o qual um corpo em movimento tende a permanecer em movimento. Qualquer atrito acabaria com ele no mesmo instante.

Loren olhou ao redor, para o papel de parede gasto, a escrivaninha velha, o abajur de supermercado.

Que tipo de vida era aquela?

Sentia-se velha e sem perspectiva. Considerou mudar-se para o Oeste – Arizona, Novo México ou algum lugar quente e novo do tipo. Recomeçar em um clima agradável. Mas a verdade era que não apreciava muito ficar na rua. Gostava da chuva e do frio porque lhe davam uma boa desculpa para ficar dentro de casa e ver um filme ou ler um livro sem sentir culpa.

O computador terminou a inicialização. Ela verificou a caixa de e-mails e viu uma mensagem de Ed Steinberg enviada menos de uma hora antes:

> *Loren,*
>
> *Não quero mexer no arquivo de Trevor Wine sobre Max Darrow sem avisá-lo. Vamos fazer isso pela manhã. Durma um pouco. Vejo você às nove.*
>
> *– Chefe*

Havia um arquivo anexado à mensagem. Ela baixou o documento e decidiu imprimi-lo. Ficar muito tempo lendo na tela fazia seus olhos doerem. Pegou as páginas na impressora e se enfiou sob as cobertas. Oscar conseguiu pular em cima da cama, mas ela notou que o esforço foi desconfortável. O gato velho se aconchegou junto dela. Loren gostava daquilo.

Passou os olhos pelas páginas impressas e ficou surpresa ao ver que Trevor Wine já tinha elaborado uma respeitável hipótese para o crime. De acordo com suas anotações, Max Darrow, ex-detetive do Departamento de Polícia de Las Vegas e residente em Raleigh Heights, havia sido encontrado morto, em um carro alugado, perto

do cemitério judaico de Newark. No relatório, ele dizia que Darrow estava registrado no hotel Howard Johnson e havia alugado um carro em uma locadora chamada LuxDrive. De acordo com o velocímetro, o veículo, um Ford Taurus, tinha percorrido 12 quilômetros durante os dois dias em que ficara com Darrow.

Loren passou para a segunda página. Ali as coisas ficavam interessantes.

Max Darrow fora encontrado morto no banco do motorista. Ninguém reportara a ocorrência. Uma viatura percebera as manchas de sangue no vidro do carro. Darrow tinha a calça e a cueca baixadas até os tornozelos. A carteira tinha sumido. O relatório dizia que ele não usava nada de valor ao ser encontrado, o que indicava que provavelmente esses itens tinham sido roubados também.

De acordo com o relatório preliminar – tudo ainda era preliminar –, o sangue encontrado no carro e sobretudo a trajetória da bala no para-brisa e na janela do motorista demonstravam que o ex-detetive havia sido alvejado enquanto estava no banco do motorista. Gotas de sangue também foram encontradas nas partes internas da calça e da cueca, o que era coerente com o fato de terem sido abaixadas antes de ele ser baleado, não depois.

A teoria era óbvia: Max Darrow decidira aliviar a tensão. Ou, para ser mais preciso, decidira pagar alguém para aliviar a tensão dele. Mas escolhera a prostituta errada, que esperara o momento certo – quando ele estava com a calça abaixada – para roubá-lo. Alguma coisa dera errado, mas era difícil dizer o quê. Talvez Darrow, como ex-policial, houvesse tentado bancar o herói. Talvez a prostituta estivesse num dia ruim. Fosse como fosse, ela terminara atirando nele e matando-o. Então, depois de pegar o que pôde – carteira e outros objetos de valor –, fugiu.

A equipe de investigação, em cooperação com o Departamento de Polícia de Newark, pretendia pressionar as prostitutas da área. Alguém sabia o que tinha acontecido e falaria.

Caso encerrado.

Loren apoiou o relatório sobre as cobertas. A teoria de Wine faria sentido se você não tivesse a informação de que as digitais de Darrow haviam sido encontradas no quarto da irmã Mary Rose. Ainda assim, agora que Loren sabia que a hipótese vigente estava

errada, o que lhe restava? Bem, pelo menos de uma coisa ela tinha consciência: aquilo devia ser uma armação muito bem-feita.

Repassando tudo:

Você quer matar Darrow. Entra no carro com ele. Coloca a arma em sua cabeça. Faz com que ele dirija até uma parte suja e malcuidada da cidade. Faz com que abaixe a calça – qualquer um que tenha assistido a um seriado policial na TV sabe que, se você abaixar a calça da vítima depois dos tiros, os respingos de sangue vão mostrar isso. Então você atira na cabeça dele e depois pega o dinheiro e os objetos de valor, para que pareça um assalto.

Trevor Wine tinha engolido aquilo.

Na falta de hipótese melhor, Loren provavelmente também teria chegado à mesma conclusão.

Então, qual seria o próximo passo lógico?

Ela sentou-se na cama.

A teoria de Wine era que Max Darrow zanzara por ali e pegara a garota errada. Mas, se não fosse esse o caso, e Loren tinha certeza de que não era, como o assassino tinha entrado no carro com Darrow, para começo de conversa? Não seria mais lógico assumir que o ex-policial estivesse com o assassino desde o começo do passeio?

Isso queria dizer que era provável que o ex-detetive conhecesse seu assassino. Ou que, pelo menos, não o visse como uma ameaça.

Verificou o velocímetro outra vez. Apenas 12 quilômetros. Considerando que ele usara o carro também no dia anterior, isso significava que não tinha ido muito longe.

Havia mais um detalhe a considerar: outro grupo de digitais tinha sido encontrado no quarto da irmã Mary Rose. Mais especificamente, no corpo dela.

Certo, pensou Loren, supondo que Darrow estivesse agindo com outra pessoa, um cúmplice, seria de se esperar que eles ficassem juntos, não? Ou, pelo menos, perto um do outro.

Darrow estava registrado no Howard Johnson.

Ela verificou o arquivo. A locadora de veículos era a LuxDrive, que tinha um balcão naquele mesmo hotel.

Então fora lá que tudo tinha começado. No Howard Johnson.

A maioria dos hotéis tinha câmeras de segurança. Será que Trevor Wine teria verificado as de lá?

Era difícil dizer, mas sem dúvida valeria a pena conferir.

De qualquer forma, isso podia esperar até a manhã seguinte, certo?

Loren tentou dormir. Acomodou-se na cama e fechou os olhos. Ficou assim por mais de uma hora. Conseguia ouvir a mãe roncando no outro quarto. O caso estava esquentando. Loren sentia a adrenalina correr pelas veias. Afastou as cobertas e saltou da cama. Não conseguiria dormir, não naquele momento, quando havia uma pista a ser verificada. E no dia seguinte teria muitos outros problemas, a começar por Ed Steinberg falando com os agentes do FBI e colocando Trevor Wine no caso.

Ela poderia ser afastada da investigação.

Vestiu-se, pegou a carteira e a identificação. Saiu de casa na ponta dos pés, ligou o carro e seguiu para o hotel Howard Johnson.

capítulo 27

NÃO EXISTE NADA PIOR DO QUE pornografia de má qualidade.

Era isso que Charles Talley pensava, deitado na cama do hotel, antes de o telefone tocar. Assistia a um filme pornô muito mal editado no canal pago Spectravision. Tinha lhe custado 12,95 dólares, mas o maldito filme tinha as cenas cortadas antes de todas as partes boas, aquelas com os closes dos órgãos genitais dos homens e das mulheres.

Que porcaria era aquela?

Pior ainda, o filme, para compensar o tempo perdido, ficava reprisando as mesmas partes sem parar. Então a garota aparecia de joelhos, aí mostravam o cara inclinando a cabeça para trás, e depois voltavam para a garota se ajoelhando, a cabeça do cara, a garota se ajoelhando...

Era irritante.

Talley estava a ponto de ligar para a recepção a fim de dizer o que achava daquilo. Estavam nos Estados Unidos da América, ora! Um homem tinha o direito de assistir a um bom pornô na privacidade de seu quarto. Não aquela porcaria de filme sem consistência. Ele queria pornografia de verdade. Queria ação. Aquilo ali poderia passar até no Disney Channel.

Foi nesse momento que o telefone tocou. Talley consultou o relógio.

Já não era sem tempo. Estava esperando aquele retorno fazia horas.

Pegou o fone e levou-o ao ouvido. Na tela, a garota ofegava exatamente da mesma forma já fazia uns dez minutos. Aquela porcaria ultrapassava os limites da chatice.

– Alô.

Ouviu um clique, depois o som de ocupado.

Em seguida, desligaram. Talley olhou para o telefone como se ele pudesse lhe dar alguma resposta, o que não aconteceu. Desligou e sentou-se. Esperou que o aparelho tocasse outra vez. Após cinco minutos, começou a ficar preocupado.

O que estaria acontecendo?

Nada saíra de acordo com os planos. Tinha pegado um voo em Reno fazia o quê? Três dias? Não conseguia lembrar com exatidão. O trabalho no dia anterior havia sido simples e fácil: seguir o tal Matt Hunter. Não perdê-lo de vista.

Por quê?

Não tinha ideia. Recebera ordens de estacionar perto de um grande escritório de advocacia em Newark e ir atrás de Hunter aonde quer que ele fosse.

Mas o tal Matt Hunter percebera quase no mesmo instante que estava sendo seguido.

Como?

Sem sombra de dúvida, Hunter era um amador. Mas algo tinha dado muito errado. Ele percebera de cara. E a situação acabara ficando ainda pior, muito pior: quando Talley ligara para ele, algumas horas depois, Matt Hunter sabia quem ele era.

Tinha dito seu nome completo, pelo amor de Deus.

Aquilo o deixara confuso.

Ele não sabia muito bem o que fazer. Tinha dado alguns telefonemas para tentar descobrir o que estava acontecendo, mas ninguém atendera.

Isso o deixara ainda mais confuso.

Talley tinha alguns talentos. Conhecia as strippers e sabia como lidar com elas. Sabia como machucar as pessoas. E era isso. Na verdade, quando se pensava a respeito, notava-se que essas duas coisas caminhavam juntas. Se você quisesse manter um bar de striptease funcionando bem, precisava saber machucar.

Então, quando as coisas ficavam confusas, como agora, era a esse recurso que ele recorria. Violência. Machucar alguém, e machucar para valer. Tinha cumprido pena apenas por três assaltos, mas durante a vida inteira Talley calculava que havia espancado ou mutilado mais de cinquenta pessoas. Duas tinham morrido.

Seu método predileto de infligir dor envolvia armas de choque e um socos-ingleses. Pegou a bolsa. Primeiro tirou a arma de choque novinha em folha. O modelo era chamado de Arma de Choque Telefone Celular, por causa da aparência. Havia custado 69 pilas na internet. Dava para carregá-la para qualquer lugar. Era só ficar com ela na mão e levá-la ao ouvido como se estivesse falando com alguém e então *bam*: bastava apertar a tecla e a "antena" no alto atingia o inimigo com uma carga de 180 mil volts.

Em seguida, pegou o soco-inglês. Preferia os tipos novos, cuja área de impacto era mais larga. Assim, não só se conseguia atingir uma região maior como também não era preciso grande impulso da mão quando se queria socar alguém para valer.

Talley colocou os dois objetos sobre o criado-mudo. Voltou a assistir ao filme, ainda torcendo para que melhorasse. De vez em quando, olhava para as armas. Ficava excitado com aquilo também, sem dúvida.

Tentou pensar no que faria a seguir.

Vinte minutos depois, bateram na porta do quarto. Ele olhou o relógio no criado-mudo. Quase uma da manhã. Desceu da cama silenciosamente.

Bateram de novo, com mais força.

Foi até a porta na ponta dos pés.

– Talley? Você está aí? Precisamos conversar.

Ele espiou pelo olho mágico. Mas que...?

Era Matt Hunter!

O pânico o dominou. Como diabo Matt Hunter o havia encontrado?

– Por favor, abra, Talley. Só quero conversar com você, só isso.

Talley não pensou, apenas reagiu.

– Um segundo – respondeu.

Então voltou até a cama e colocou o soco-inglês na mão esquerda. Com a direita, pegou a arma de choque e a levou ao ouvido, como se estivesse falando com alguém. Estendeu a mão para a maçaneta e, antes de girá-la, espiou pelo olho mágico mais uma vez.

Matt Hunter continuava lá.

Talley planejou seus próximos três movimentos. Era isso que os bons faziam. Eles planejavam.

Abriria a porta fingindo falar ao telefone. Faria um sinal para Hunter entrar. Assim que ele estivesse ao alcance, Talley o atingiria com a arma de choque. Miraria no peito, um alvo grande, com uma superfície bem larga. Ao mesmo tempo, ficaria com a mão preparada para aplicar um direto de direita nas costelas dele com o soco-inglês.

Abriu a porta.

Começou a falar ao celular, fingindo que havia alguém do outro lado.

– Certo. Certo, está bem.

Fez um gesto com o queixo para que Matt entrasse.

E foi exatamente isso que ele fez.

capítulo 28

ALI, PARADO À PORTA DO QUARTO 515, Matt hesitou, mas não por muito tempo.

Não tinha opção. Não podia ficar no corredor e tentar falar com o cara ali. Então decidiu entrar. Ainda não tinha ideia do que diria, nem de qual era o papel de Talley naquela história. Decidira jogar limpo e ver o que acontecia. Será que Talley sabia que fazia parte de uma armação? Será que era ele o sujeito do vídeo? E, se fosse, por que a outra imagem fora feita antes?

Matt entrou.

Talley ainda estava falando ao celular. Quando a porta começou a se fechar, Matt falou:

– Acho que podemos ajudar um ao outro.

Nesse momento, Talley tocou seu peito com o telefone celular.

Foi como se o corpo todo de Matt sofresse um curto-circuito. A coluna se empertigou, os dedos das mãos se abriram, os dedos dos pés ficaram rígidos, os olhos se arregalaram.

Ele queria afastar aquele aparelho do corpo, mas não conseguia se mover. O cérebro gritava, mas o corpo não ouvia.

A arma, pensou Matt. Pegue sua arma.

Talley ergueu a mão com o punho fechado. Matt podia vê-la. Tentou se mover outra vez, pensando em ao menos se desviar do golpe, mas o choque elétrico impedia que as sinapses funcionassem. O corpo simplesmente não obedecia.

Talley lhe deu um soco na parte inferior da caixa torácica.

O soco atingiu os ossos de Matt como uma marreta. A dor percorreu-lhe o corpo. Matt, já caindo, virou-se de costas.

Piscou, com os olhos marejados, e fitou o rosto sorridente de seu agressor.

A arma... pegue a maldita arma...

Mas seus músculos eram sacudidos por espasmos.

Acalme-se. Apenas relaxe...

De pé acima dele, Talley tinha o celular em uma das mãos. Na outra, usava um soco-inglês.

Matt pensou em seu próprio aparelho, o que levava no cinto. Cingle estava do outro lado da linha, ouvindo. Abriu a boca para gritar por ela.

Talley atingiu-o novamente com a arma de choque.

A eletricidade percorreu seu sistema nervoso. Os músculos, inclusive os dos maxilares, se contraíram e tremeram de forma incontrolável.

As palavras, o grito de socorro, não saíram.

Talley sorriu para ele e mostrou o punho com o soco-inglês. A única coisa que Matt podia fazer era ficar ali olhando.

Na prisão, alguns guardas andavam com armas de choque. Matt sabia que elas funcionavam sobrecarregando e, assim, interrompendo o sistema interno de comunicação do corpo. A corrente imitava os impulsos elétricos naturais, confundindo-os e obrigando os músculos a fazer um esforço enorme, acabando com a energia.

A vítima ficava indefesa.

Matt viu Talley erguer o punho. Queria pegar sua Mauser e acabar com o desgraçado. A arma estava bem ali, na cintura, mas era como se estivesse a quilômetros de distância.

Viu o punho se aproximar.

Matt queria apenas erguer um braço, rolar para longe, qualquer coisa. Mas não podia. O punho de Talley seguia direto para seu peito. Ele o via mover-se como se em câmera lenta.

O soco-inglês esmagou seu esterno.

Foi como se o osso tivesse se virado para dentro e atingido o coração. Parecia que seu esterno era feito de isopor. Matt abriu a boca em um grito silencioso de angústia. Estava sem ar. Revirou os olhos.

Quando ele enfim recuperou o foco, viu que o soco-inglês se movia na direção de seu rosto.

Tentou lutar, mas estava fraco demais. Os músculos ainda não obedeciam. Seu sistema interno de comunicação permanecia inativo. Mas algo primitivo, básico, continuava ali. Matt ainda

contava com instinto de sobrevivência suficiente para ao menos fazê-lo se desviar do soco no último instante.

O soco-inglês passou raspando por sua cabeça. Sentiu a pele ser cortada, então a dor explodiu em sua cabeça e seus olhos se fecharam. Dessa vez, não conseguiu abri-los de novo. Em algum lugar muito distante, ouviu uma voz – uma voz conhecida – gritar:

– Não!

Mas aquilo não devia ser real. Entre as correntes elétricas e a dor física, o cérebro provavelmente estava criando todo tipo de ilusão.

Então houve outro golpe. E talvez mais outro. E talvez mais outro, porém Matt estava muito longe para notar.

capítulo 29

– TALLEY? VOCÊ ESTÁ AÍ? Precisamos conversar.

Cingle Shaker ficou atenta quando escutou a voz de Matt pelo celular. O som não era dos melhores, mas podia compreender as palavras.

– Por favor, abra, Talley. Só quero conversar com você, só isso.

A resposta veio abafada demais para ser entendida. Cingle tentou clarear a mente e se concentrar. Seu carro estava estacionado em fila dupla em frente à porta principal do hotel. Mas já era tarde, ninguém a incomodaria.

Ficou pensando se deveria entrar de imediato. Seria a jogada mais inteligente. Matt estava no quinto andar. Se algo desse errado, levaria algum tempo para chegar lá. Mas ele fora muito claro. Achava que o melhor seria enfrentar o tal Talley sozinho. Se ela fosse vista antes de eles conversarem, isso só complicaria as coisas.

Mas, agora que havia uma voz abafada, Cingle podia ter certeza de que Talley não estava no saguão do hotel. Na verdade, de sua posição, ela podia ver que não havia ninguém no saguão.

Decidiu ir até lá.

Vigiar não era seu ponto forte, porque ela chamava atenção demais. Nunca fora vedete ou dançarina de qualquer tipo – sim, tinha ouvido todos os boatos –, mas fazia tempo que desistira de usar roupas discretas. Seu corpo começara a se desenvolver muito cedo. Aos 12 anos, já aparentava 18. Os garotos a adoravam, e as meninas a odiavam. Tantos anos depois, essa ainda era a regra.

Nenhuma das duas opções a incomodava muito. O que a perturbava, sobretudo quando mais jovem, eram os olhares dos homens mais velhos, até de parentes seus, até de homens nos quais confiava e que amava. Não, nada jamais acontecera. Mas ela

aprendera bem cedo como o desejo podia distorcer a mente das pessoas. E era raro que fosse algo bonito de se ver.

Cingle estava chegando ao saguão quando ouviu um som estranho pelo celular.

Que diabo seria aquilo?

A porta do hotel se abriu. Um sininho tocou. Ela manteve o telefone ao ouvido. Nada. Não havia som algum, ninguém falava.

Aquilo não podia ser bom.

Um súbito ruído de colisão lhe chegou pelo aparelho, assustando-a. Cingle apertou o passo e começou a correr para o elevador.

Apareceu um homem atrás do balcão. Quando a viu, ele encolheu a barriga e disse:

– Posso ajudá-la?

Ela apertou o botão do elevador.

– Moça?

Cingle ainda não ouvia voz alguma pelo telefone. Sentiu um arrepio na nuca. Tinha que correr o risco. Aproximou o telefone da boca.

– Matt?

Nada.

Droga, ela tinha acionado a função *mute.* Esquecera-se por completo disso.

Escutou mais um som estranho. Parecia um gemido abafado, meio estrangulado.

Onde estava o maldito elevador?

E onde diabos estava a maldita tecla *mute*?

Cingle encontrou o botão *mute* primeiro. Ficava no canto inferior direito do aparelho. Ela se atrapalhou antes de conseguir pressioná-lo com o polegar. O pequeno ícone no canto do visor sumiu. Ela levou o telefone à boca.

– Matt! – gritou. – Matt, você está bem?

Outro grito estrangulado. Então ouviu uma voz, que não era de Matt:

– Quem diabo...

Atrás dela, o homem no balcão perguntou:

– Algum problema, moça?

Cingle continuou a apertar o botão do elevador. Vamos, vamos...

E ao telefone:

– Matt, você está aí?

Clique. Silêncio. Silêncio absoluto. O coração de Cingle batia a toda a velocidade.

O que devia fazer?

– Moça, preciso pedir que...

A porta do elevador se abriu e ela saltou para dentro. O homem correu e enfiou o braço pela porta, impedindo que se fechasse. A arma de Cingle estava no coldre em seu ombro. Pela primeira vez desde que trabalhava na área, ela a sacou.

– Solte essa porta!

O homem obedeceu de imediato.

– Chame a polícia – disse ela. – Diga que há uma emergência no quinto andar.

A porta se fechou e ela apertou o número cinco. Matt poderia não ficar feliz com o envolvimento da polícia, mas agora as decisões eram dela. O elevador rangeu e começou a subir. Parecia que avançava um metro e retrocedia dois.

Ela manteve a arma na mão. Com o dedo fora do gatilho, ficou apertando o botão certo no painel do elevador, como se isso fosse fazer com que o elevador percebesse que ela estava com pressa e acelerasse a subida.

O celular estava em sua mão esquerda. Ela voltou a teclar o número de Matt.

Não houve sinal de chamar, apenas a voz dele: “No momento não posso atender...”

Cingle praguejou e apertou a tecla de finalizar ligação. Posicionou-se diretamente no ponto em que a porta começaria a se abrir para sair dali o mais depressa possível. O elevador emitia um sinal sonoro a cada andar, como informação para deficientes visuais, e por fim parou com um “ding-dong”.

Ela se agachou como uma mola pronta para pular. Quando a porta começou a se abrir, empurrou os dois lados com as mãos e se enfiou pelo meio deles.

Agora estava no corredor.

Só conseguia ouvir passos, mas não via ninguém. Pelo som, alguém estava correndo na direção oposta.

– Pare!

Quem quer que fosse, não obedeceu. Cingle avançou correndo.

Quanto tempo fazia desde que perdera o contato com Matt?

Mais à frente no corredor, ela escutou uma porta pesada ser aberta com força. Podia apostar que era uma saída de emergência que levava às escadas.

Prestava atenção nos números das portas enquanto avançava. Quando chegou ao quarto 511, viu que a porta do 515 – duas adiante – estava escancarada.

Ficou em dúvida sobre o que fazer: continuar seguindo até a escada ou parar no 515? Hesitou apenas por um instante.

Correu e alcançou o quarto, com a arma em punho.

Matt estava deitado de costas, com os olhos fechados. Não se movia. Mas isso não era o mais chocante.

O que realmente a deixou perplexa foi ver quem estava com ele.

Cingle quase largou a arma.

Por um momento, ficou ali parada só olhando, sem acreditar. Então entrou no quarto. Matt ainda não tinha se movido. A poça de sangue sob sua cabeça aumentava.

Ela estava com o olhar fixo na outra pessoa presente.

A pessoa ajoelhada perto de Matt.

Seu rosto estava molhado de lágrimas e os olhos, muito vermelhos.

Cingle reconheceu a mulher no mesmo instante.

– Olivia?

capítulo 30

Loren muse pegou uma das saídas da Rota 78 e entrou no estacionamento do hotel Howard Jonhson. Havia um carro parado em fila dupla na frente da entrada do hotel.

Ela pisou no freio.

O veículo, um Lexus, era um dos que estavam no estacionamento da Olho Vivo menos de uma hora antes.

Aquilo não podia ser coincidência.

Parou perto da entrada e enfiou a arma no cinto. O distintivo já estava lá. As algemas balançavam, penduradas atrás das costas. Loren correu até o outro carro. Não havia ninguém lá dentro, mas as chaves estavam na ignição e a porta não fora travada.

Ela abriu a porta do carro.

Será que aquilo era uma busca dentro da lei? Ela achava que sim. As chaves estavam bem à vista, na ignição. O carro não fora trancado. Estava apenas prestando ajuda. Aquilo tornava sua atitude legítima, não?

Ela puxou as mangas da blusa para baixo, a fim de cobrir as mãos e não deixar impressões digitais. Abriu o porta-luvas e tentou examinar os papéis lá dentro. Não demorou muito. Tratava-se de um carro corporativo, propriedade da Olho Vivo. Mas no documento da concessionária constava que fora comprado no nome de alguém chamado Cingle Shaker.

Loren conhecia aquele nome. Seus colegas costumavam falar dela com um entusiasmo que sempre achara exagerado. Diziam que tinha um corpo de parar o trânsito.

Qual seria a ligação daquela mulher com Hunter?

Tirou a chave da ignição. Não fazia sentido dar à Srta. Shaker a chance de fugir sem ter uma conversinha com ela. Entrou no hotel e se aproximou da recepção. O homem atrás do balcão estava ofegante.

– Vocês de novo? – perguntou ele.

– De novo?

Não era sua melhor linha de interrogatório, mas era um começo.

– Os outros policiais saíram daqui não faz nem uma hora. Com a ambulância.

– Que outros policiais?

– Você não está com eles?

Ela se aproximou mais.

– Qual é o seu nome?

– Ernie.

– Ernie, por que você não me diz o que aconteceu aqui?

– Já falei tudo para os outros policiais.

– Agora conte para mim.

Ernie suspirou de forma dramática.

– Certo, tudo bem. Foi assim: primeiro um cara entrou correndo no hotel.

– Quando? – perguntou Loren.

– O quê?

– A que horas foi isso?

– Não sei. Acho que faz umas duas horas. Você já não sabe disso tudo?

– Continue.

– Aí o cara entrou, pegou o elevador e subiu. Alguns minutos depois, apareceu um mulherão correndo direto para o elevador. – Ele colocou a mão em concha na frente da boca e tossiu. – Então eu a chamei. Perguntei se havia algum problema. Estava só fazendo o meu trabalho, sabe?

– Você perguntou ao primeiro homem se havia algum problema?

– O quê? Não.

– Mas perguntou para o – Loren fez aspas com os dedos – mulherão?

– Espere um pouco. Ela era um mulherão no sentido de ser alta. Talvez você tenha entendido que era gorda, mas nada disso. Posso ter passado a ideia errada. Ela não era nem um pouco gorda. Muito pelo contrário. Era do tipo dessas amazonas que aparecem nos filmes, sabe?

– Sim, Ernie, acho que entendi. – Pelo jeito, tratava-se de Cingle Shaker. – Então você perguntou ao mulherão se estava tudo bem...

– Isso, algo do tipo. Então ela sacou uma arma e apontou para mim. Uma arma! E mandou que eu chamasse a polícia.

Ele fez uma pausa, esperando que Loren ficasse com o queixo caído de surpresa.

– E você obedeceu?

– Claro que obedeci. Quero dizer, ela me apontou uma arma. Você acredita nisso?

– Estou tentando, Ernie. E o que aconteceu depois?

– Ela entrou no elevador e ficou apontando a arma para mim até a porta fechar. Aí eu chamei a polícia, como ela tinha mandado. Dois policiais de Newark estavam comendo aqui do lado e vieram em um segundo. Falei para eles que a moça tinha ido para o quinto andar e eles subiram.

– E você falou algo sobre uma ambulância...?

– Elas devem ter chamado.

– Elas quem? Eram duas policiais mulheres?

– Não, não, os policiais eram homens. Bem, pode ser que tenham sido eles, mas acho que foram as mulheres que estavam no quarto que chamaram a ambulância.

– Que quarto?

– Olhe, eu não fui lá em cima. Não vi o número do quarto nem qualquer outra coisa. – Ernie estreitou os olhos. – Você não deveria me perguntar só o que eu vi ou ouvi diretamente?

– Não estamos em um tribunal – retrucou Loren. – O que aconteceu lá em cima?

– Não sei. Alguém foi espancado.

– Quem?

– Eu acabei de dizer. Não sei.

– Homem, mulher, branco, preto?

– Ah, sim, entendi o que você quer saber. Mas ainda não sei por que está perguntando a mim. Por que você não...?

– Apenas me conte o que aconteceu, Ernie. Não tenho tempo para fazer um monte de ligações.

– Não é um monte de ligações, é só você chamar pelo rádio os policiais que estavam aqui antes, os caras de Newark...

– Ernie! – gritou ela, a voz dura como aço.

– Está bem, está bem. Relaxe. Era um homem, certo? Branco. Trinta e poucos anos. Eles o levaram em uma maca.

– O que aconteceu com ele?

– Alguém o espancou, eu acho.

– E tudo isso aconteceu no quinto andar?

– Acho que sim.

– E você disse algo sobre umas mulheres no quarto. Que elas devem ter chamado a ambulância.

– Sim, sim, isso mesmo.

Ele sorriu como se estivesse orgulhoso. Loren sentiu vontade de sacar a arma também.

– Quantas mulheres, Ernie?

– O quê? Ah, duas.

– Uma delas era a mulher alta que apontou a arma para você?

– Era.

– E a outra?

Ernie olhou para a esquerda, depois para a direita. Então se aproximou mais e sussurrou:

– Acho que era a esposa do cara.

– Do que foi espancado?

– É.

– Por que acha isso?

Ele manteve a voz baixa:

– Porque ela foi com ele na ambulância.

– Então por que estamos cochichando?

– Bem, estou tentando ser discreto, como se diz.

Loren continuou sussurrando:

– Por quê, Ernie? Por que estamos tentando ser discretos?

– Porque a outra mulher, quero dizer, a esposa, ela esteve aqui nas duas últimas noites. E ele, o marido, não... – O homem se inclinou sobre o balcão e Loren sentiu o mau hálito crônico. – De repente o marido entra correndo, acontece uma briga e...

Ele se calou e ergueu as sobrancelhas, como se a conclusão fosse óbvia.

– Então o que houve com o mulherão?

– A que apontou a arma para mim?

– É, Ernie – disse Loren, combatendo a impaciência crescente. – Aquela que apontou a arma para você.

– Os policiais a prenderam. Levaram-na algemada e tudo.

– Você sabe o nome da mulher que acha que é a esposa, a que esteve aqui nas duas últimas noites?

Ele balançou a cabeça.

– Não, desculpe.

– Ela não se registrou?

Os olhos de Ernie se iluminaram.

– Claro! Claro, ela se registrou! E tiramos uma cópia do cartão de crédito e tudo o mais.

– Ótimo. – Loren esfregou a ponta do nariz com o indicador e o polegar. – Então... você pode verificar o nome dela para mim, Ernie?

– Sim, sim, eu posso fazer isso. Deixe-me ver... – Ele acionou o computador e começou a digitar. – Acho que ela estava no quarto 522... Espere, aqui está.

Virou o monitor para que Loren pudesse ver.

A hóspede do quarto 522 se chamava Olivia Hunter. Loren ficou olhando para a tela por um momento.

Ernie apontou para as letras.

– Aqui diz “Olivia Hunter”.

– Estou vendo. Para que hospital eles foram?

– Beth Israel, acho que foi o que disseram.

Loren entregou a Ernie um cartão de visita com o número do seu celular.

– Ligue se lembrar mais alguma coisa.

– Ah, pode deixar.

Então ela saiu correndo a caminho do hospital.

capítulo 31

Quando matt recobrou a consciência, a primeira coisa que viu foi o rosto de Olivia.

Não havia dúvida de que aquilo era real. Ele nem chegou a passar por um daqueles momentos em que você se pergunta se algo faz parte de um sonho. Ela estava pálida e com os olhos vermelhos. Matt viu o medo na expressão dela e nem por um segundo pensou em pedir respostas ou explicações. O único pensamento que lhe ocorreu foi: “Como posso consertar tudo isso?”

As luzes eram fortes. O rosto de Olivia, sempre bonito, estava emoldurado pelo que parecia uma cortina de boxe branca. Matt tentou sorrir, mas sua cabeça começou a latejar.

Ela o observava, e ele viu seus olhos se encherem de lágrimas.

– Eu sinto muito – sussurrou ela.

– Estou bem – disse ele.

Matt sentia-se um tanto entorpecido. Deviam ser os analgésicos, pensou. Morfina ou algo similar. Suas costelas estavam doloridas, mas era uma dor fraca. Ele se lembrava do homem no quarto de hotel – Talley, com seus cabelos negros. Recordava também a sensação de paralisia, de cair no chão, o soco-inglês.

– Onde estamos? – perguntou.

– Na emergência do hospital Beth Israel.

Ele conseguiu sorrir.

– Eu nasci aqui, sabia? – Sim, ele definitivamente estava sob o efeito de algo: um relaxante muscular, analgésicos, alguma coisa. – E Talley, o que aconteceu com ele?

– Fugiu.

– Você estava no quarto dele?

– Não. Estava em outro quarto no mesmo andar.

Matt fechou os olhos por um momento. Aquela última parte não fazia sentido. Olivia estava em outro quarto? Tentou clarear a

mente.

– Matt?

Ele piscou algumas vezes e tentou focar a visão.

– Você estava em outro quarto? – indagou.

– Estava – retrucou ela. – Vi você entrar no quarto dele, então fui atrás.

– Você estava naquele hotel?

Antes que ela respondesse, a cortina branca foi aberta.

– Ah! – exclamou o médico com um sotaque característico. Devia ser indiano ou paquistanês. – Como estamos nos sentindo?

– Maravilhosamente bem – disse Matt.

O médico sorriu para eles. O crachá no jaleco mostrava o nome PATEL.

– Sua esposa contou que você foi atacado. Ela acha que o agressor usou uma arma de choque.

– Acho que sim.

– Isso é bom, de certa forma. Armas de choque não causam danos permanentes. Só deixam a vítima incapacitada por algum tempo.

– É – comentou Matt. – Eu sou um cara de muita sorte.

Patel riu e verificou o prontuário.

– Você sofreu uma concussão. Pode haver alguma costela quebrada, mas só vamos saber depois de fazer um raio X. De qualquer maneira, a recomendação é repouso. Já lhe prescrevi um analgésico, mas talvez você precise de mais uma dose.

– Certo.

– Vou mantê-lo aqui esta noite, para observação.

– Não – protestou Matt.

Patel olhou para ele.

– Não?

– Quero ir para casa. Minha mulher pode cuidar de mim.

Patel fitou Olivia. Ela assentiu.

– Vocês entendem que essa não é minha recomendação? – indagou Patel.

Olivia assentiu mais uma vez.

– Entendemos.

Nos filmes, o médico sempre discute com o paciente que quer ir para casa antes da hora, mas Patel apenas deu de ombros.

– Está bem. Assim que assinarem os papéis, estarão liberados.

– Obrigado, doutor – murmurou Matt.

O médico deu de ombros novamente.

– Passar bem, então.

– O senhor também.

Ele se retirou.

– A polícia está aqui? – perguntou Matt a Olivia depois que Patel saiu.

– Acabaram de ir embora, mas vão voltar.

– O que você disse a eles?

– Nada de mais. Eles acharam que fosse algum tipo de problema conjugal. Que você tinha me flagrado com outro homem ou algo do tipo.

– O que houve com Cingle?

– Eles a prenderam.

– O quê?

– Ela ameaçou o cara da recepção do hotel com uma arma para conseguir subir.

Matt balançou a cabeça, que continuava dolorida.

– Temos que pagar a fiança dela.

– Ela disse que não fizéssemos isso, que pode resolver tudo.

Matt ergueu o corpo para sentar-se, mas a dor perpassou a parte de trás de sua cabeça como uma faca afiada.

– Matt?

– Estou bem.

E era verdade. Já tinha sido espancado antes. Em comparação, aquilo não era nada. Podia aguentar. Sentou-se na maca e fitou a esposa nos olhos. Olivia parecia estar se preparando para levar um golpe.

– Esta situação toda é bem ruim, não é? – perguntou ele.

Olivia baixou a cabeça, as lágrimas prestes a escapar.

– Ainda não sei exatamente, mas sim. É bem ruim.

– Queremos a polícia envolvida?

– Não. – As lágrimas começaram a escorrer pelo rosto dela. – Não até eu lhe contar tudo.

Matt se virou e jogou as pernas para fora da cama.

– Então vamos dar o fora daqui.

◆ ◆ ◆

Loren contou seis pessoas na fila da recepção do pronto-socorro. Foi direto ao balcão, depois de passar por elas, e todas reclamaram. Ela ignorou os protestos e colocou sua identificação em cima do balcão.

– Um paciente deu entrada aqui ainda há pouco. Preciso saber onde ele está.

– Não diga! – A atendente a fitou por cima dos óculos de leitura e passou os olhos pela sala de espera lotada. – Um paciente, você disse? – Ela mascava um chiclete. – Puxa, acho que você me pegou. De fato houve um paciente que deu entrada aqui agora há pouco.

As pessoas na fila riram e o rosto de Loren ficou vermelho.

– Foi uma vítima de espancamento, veio de ambulância do hotel Howard Johnson.

– Ah, sim, esse. Acho que já saiu.

– Saiu?

– Sim, faz alguns minutos que foi liberado.

– Para onde ele foi?

A mulher a encarou, muda.

– Certo – disse Loren. – Deixe para lá.

O celular tocou e ela atendeu, mal-humorada:

– Loren Muse falando.

– Hã... oi... a senhora é a policial que esteve aqui agora há pouco?

Loren reconheceu a voz do recepcionista do hotel.

– Sou eu, Ernie. O que foi?

Ela ouviu um gemido baixo.

– A senhora precisa voltar aqui.

– O que foi, Ernie?

– Alguma coisa aconteceu – retrucou ele. – Acho... Acho que ele está morto.

capítulo 32

Matt e olivia assinaram todos os papéis necessários, mas nenhum dos dois estava de carro. O de Matt continuava no estacionamento da Olho Vivo e o de Olivia tinha ficado no hotel Howard Johnson. Chamaram um táxi e ficaram esperando na entrada do hospital.

Matt estava sentado em uma cadeira de rodas, com Olivia de pé ao seu lado, olhando para a frente, não para ele. Apesar do ar quente e úmido, ela tinha cruzado os braços em torno do próprio corpo. Usava uma calça cáqui e uma blusa sem mangas, expondo os braços torneados e bronzeados.

O táxi parou junto ao meio-fio e Matt sofreu para se levantar. Olivia tentou ajudar, mas ele fez um aceno com a mão dispensando seu auxílio. Acomodaram-se no banco de trás sem tocar um no outro. Nem mesmo se deram as mãos.

– Boa noite – disse o motorista, olhando pelo espelho retrovisor. – Para onde?

Ele era negro e tinha sotaque de algum lugar na África. Matt deu o endereço deles em Irvington e logo percebeu que o motorista era do tipo falante. Contou que nascera em Gana. Tinha seis filhos – dois moravam com ele nos Estados Unidos e os outros quatro continuavam em seu país natal, com a mãe.

Matt se esforçava para se engajar na conversa, enquanto Olivia olhava pela janela, em silêncio. Em dado momento, ele pegou sua mão. Ela deixou, mas a mão estava mole, sem vida.

– Você foi ao Dr. Haddon? – perguntou Matt.

– Fui.

– E aí?

– Está tudo bem. Provavelmente vai ser uma gravidez normal.

– Gravidez? – intrometeu-se o motorista. – Vocês vão ter um filho?

– Vamos – respondeu Matt.

– É o primeiro?

– É.

– Que bênção, meu amigo.

– Obrigado.

A essa altura já tinham entrado em Irvington, na Avenida Clinton. Mais adiante, o sinal estava vermelho, e o motorista reduziu a velocidade até parar.

– É para virar à direita aqui, certo?

Matt olhou para fora, prestes a confirmar, quando algo me chamou a atenção. A casa deles ficava mesmo à direita. Mas não fora isso que o deixara alerta.

Havia um carro de polícia parado na rua.

– Espere um pouco – pediu Matt.

– Como?

Matt baixou o vidro. O motor da viatura estava ligado. Ele pensou um pouco. Depois olhou para a esquina e viu Lawrence, o bebum, cambaleando com a habitual garrafa envolta no saco marrom e cantarolando um velho clássico dos Four Tops, “Bernadette”.

Matt inclinou-se para fora da janela.

– Ei, Lawrence!

– *... And never find the love I’ve found in y...* – Lawrence parou no meio do refrão. Colocou a mão acima dos olhos e os estreitou. Então um sorriso surgiu em seu rosto. Ele cambaleou até o táxi. – Matt, meu chapa! Veja só você, todo chique, andando de táxi!

– É.

– Você andou bebendo, não foi? Eu lembro. Não queria beber e dirigir, não foi isso?

– Por aí, Lawrence.

– Opa! – O bêbado apontou para o curativo na cabeça de Matt. – O que aconteceu? Sabe o que você está parecendo, com essa cabeça toda enfaixada?

– Lawrence...

– Aquele cara marchando naquele quadro antigo, aquele tocando flauta. Ou é o que toca tambor? Eu nunca sei. O que tem a cabeça enfaixada, igualzinho a você. Como é mesmo o nome daquele quadro?

Matt tentou trazê-lo à realidade:

– Lawrence, está vendo aquela viatura?

– O quê? – Ele se aproximou mais. – Foi a polícia que fez isso com você?

– Não, de jeito nenhum. Eu estou bem. De verdade.

Lawrence estava na posição ideal para impedir que o rosto de Matt fosse visto da viatura. Se o policial olhasse naquela direção, provavelmente imaginaria que ele estava pedindo dinheiro.

– Quanto tempo faz que a viatura está parada ali? – perguntou Matt.

– Não sei. Uns quinze ou vinte minutos, acho. O tempo voa, Matt. Quanto mais velho você fica, mais depressa ele passa. Escute o que eu digo.

– Ele saiu do carro?

– Quem?

– O policial.

– Ah, claro! E foi bater na sua porta. – Lawrence sorriu. – Ah, já saquei. Você está com problemas, não é, Matt?

– Eu? Eu sou do bem, Lawrence.

O bêbado achou a maior graça do comentário.

– Ah, eu sei disso! Então tenha uma boa noite, Matt. – Ele se inclinou um pouco mais. – E você também, Liv.

– Obrigada, Lawrence – retrucou Olivia.

Lawrence notou a fisionomia dela e ficou sério por um momento. Depois olhou para Matt e se empertigou, falando com a voz mais suave:

– Cuide-se, está bem?

– Obrigado, Lawrence. – Matt posicionou-se mais à frente no banco e bateu no ombro do motorista. – Mudança de planos.

– Eu não vou me meter em encrenca por causa disso? – perguntou o rapaz, apreensivo.

– Não, de jeito nenhum. Foi um acidente. Eles querem saber como foi que me machuquei, mas vão ter que esperar até de manhã.

O motorista claramente não acreditou na história, mas também não se encontrava em posição de argumentar. O sinal ficou verde e ele acelerou, seguindo pela avenida.

– Então para onde vamos?

Matt deu o endereço da Olho Vivo, em Newark. Calculou que poderia pegar o carro e encontrar um lugar onde pudessem parar e conversar. A questão era: onde? Ele olhou para o relógio. Eram três da manhã.

O taxista entrou no estacionamento da empresa de detetives particulares.

– Aqui está bom?

– Está ótimo, obrigado.

Eles desceram do carro e Matt pagou a corrida.

– Eu dirijo – adiantou-se Olivia.

– Eu estou bem.

– Claro que está. Foi espancado e está entupido de remédios, mas tudo bem. Me dê a chave.

Matt obedeceu. Eles entraram e Olivia deu a partida.

– Para onde vamos? – perguntou ela.

– Vou ligar para a Marsha, perguntar se podemos dormir lá.

– Você vai acordar os meninos.

Ele conseguiu dar um leve sorriso.

– Aqueles dois não acordam nem que uma banda de música passe dentro do quarto.

– E Marsha?

– Ela não vai se importar.

De repente, Matt hesitou. Realmente não se importava de acordar a cunhada – os dois haviam acordado um ao outro inúmeras vezes ao longo dos anos –, mas imaginou se ela estaria sozinha, se não iriam interromper alguma coisa. E, além disso – o que era bem esquisito –, ele começou a se preocupar com outra coisa.

E se ela se casasse outra vez?

Paul e Ethan ainda eram bem pequenos. Será que chamariam o padrasto de pai? Matt não sabia se conseguiria lidar bem com isso. Mais importante ainda, que papel teria o tio Matt na nova vida dos garotos, na nova família? Isso tudo era bobagem, sem dúvida. Estava se precipitando, e nem era o momento para pensar naquelas coisas, com todos os problemas que estava enfrentando. Mas os pensamentos se concentravam ali em sua mente, tentando chamar sua atenção.

Pegou o celular e apertou o segundo número da discagem rápida. Quando chegaram à Avenida Washington, Matt notou dois carros indo na direção oposta. Virou-se e viu que entraram no estacionamento da Olho Vivo. Eram veículos da promotoria de Essex, da mesma marca e modelo do de Loren.

Aquilo não era um bom prenúncio.

A ligação foi atendida no segundo toque.

– Que bom que você ligou – disse Marsha.

Se ele a acordara, ela tinha disfarçado muito bem.

– Está sozinha? – perguntou Matt.

– O quê?

– Quero dizer... Sei que os meninos estão aí, estou falando d...

– Estou sozinha, sim, Matt.

– Não quero ser inconveniente. Só quero me certificar de que não estou interrompendo nada.

– Não está. E nunca estará.

Aquilo deveria deixá-lo mais tranquilo, pensou.

– Você se importa se Olivia e eu passarmos a noite aí?

– Claro que não.

– É uma longa história, mas, resumindo, eu fui atacado esta noite...

– Você está bem?

A dor na cabeça e nas costelas começava a aumentar.

– Estou com alguns galos e hematomas, mas vou ficar bem. A questão é que a polícia quer fazer algumas perguntas e ainda não estamos prontos para isso.

– Isso tem alguma coisa a ver com aquela freira? – quis saber Marsha.

– Que freira?

Olivia virou-se para ele de forma abrupta.

– Uma investigadora da promotoria esteve aqui hoje – explicou Marsha. – Eu devia ter ligado para você, mas acho que estava torcendo para não ser nada. Espere, tenho o cartão dela em algum lugar...

Matt, apesar da mente exausta e confusa, lembrou-se.

– Loren Muse.

– Sim, isso mesmo. Ela disse que uma freira ligou para cá.

– Eu sei.

– Ela falou com você?

– Falou.

– Imaginei que faria isso. Estávamos conversando quando de repente, sei lá, ela viu sua foto na geladeira e começou a fazer uma porção de perguntas a mim e a Kyra sobre você. Se você vinha muito aqui, essas coisas.

– Não se preocupe, já resolvi tudo com ela. Olhe, estaremos aí em vinte minutos.

– Vou arrumar o quarto de hóspedes.

– Não precisa se incomodar.

– Não é incômodo algum. Até daqui a pouco.

Ela desligou.

– Que história é essa de freira? – perguntou Olivia.

Enquanto Matt contava sobre a visita de Loren, a esposa foi ficando cada vez mais pálida. Quando ele terminou a história, já tinham chegado a Livingston. As ruas estavam completamente desertas, sem qualquer carro ou pedestre. Não havia sinal de vida. As únicas luzes vinham das casas onde havia lâmpadas externas acesas para afugentar os ladrões.

Olivia permaneceu em silêncio enquanto manobrava para dentro da entrada de veículos de Marsha. Matt viu a silhueta da cunhada através da cortina da janela junto à porta. A luz acima da garagem estava acesa. Kyra estava acordada. Ele a viu olhar pela janela, então desceu o vidro do carro, esticou o braço para fora e acenou. Ela retribuiu o cumprimento.

Olivia desligou o motor, e Matt olhou o próprio reflexo no espelho retrovisor. Seu aspecto era lastimável. Lawrence tinha razão: com aquele curativo na cabeça, parecia mesmo o soldado tocando flauta no quadro *Espírito de 76*, de Willard.

– Olivia?

Ela não disse nada.

– Você conhecia a irmã Mary Rose?

– Talvez.

Ela saiu do carro, e Matt fez o mesmo. As luzes de fora se acenderam. Matt ajudara Bernie a instalar os sensores de

movimento. Olivia contornou o carro, pegou a mão dele e apertou-a com força.

– Antes que eu diga qualquer coisa, Matt, preciso que saiba de algo.

Ele esperou.

– Eu o amo muito. Você é o único homem que eu amei na vida. Aconteça o que acontecer daqui por diante, você me proporcionou uma alegria e uma felicidade que eu não acreditava que pudessem existir.

– Olivia...

Ela o calou com um dedo sobre os lábios dele.

– Só peço uma coisa: quero que você me abrace agora mesmo. Nem que seja por alguns segundos. Porque, depois que eu lhe contar a verdade, não sei se você vai querer fazer isso outra vez.

capítulo 33

Quando cingle chegou à delegacia, usou o telefonema a que tinha direito para ligar para o chefe, Malcolm Seward, presidente da Olho Vivo. Seward era um agente aposentado do FBI. Tinha fundado a agência dez anos antes e já ganhara uma pequena fortuna.

Ele não ficou exatamente entusiasmado com o telefonema no meio da noite.

– Você apontou uma arma para o sujeito?

– Apontei, mas não atirei.

– Muito confortador. – Seward suspirou. – Vou fazer algumas ligações. Você sai daí em mais ou menos uma hora.

– Você é o máximo, chefe.

Ele desligou.

Cingle voltou à cela e esperou. Mais tarde, um policial alto destrancou a porta.

– Cingle Shaker – chamou.

Ela se levantou.

– Por favor, me acompanhe.

– Aonde você quiser, gatão.

Ele a conduziu por um corredor que Cingle esperava que fosse o caminho para uma rápida audiência e depois para a liberdade, mas estava enganada.

– Por favor, vire-se – ordenou ele.

Cingle ergueu uma sobrancelha.

– Você não devia me convidar para jantar antes?

– Por favor, vire-se.

Ela obedeceu e o policial a algemou.

– O que está fazendo?

Ele não respondeu. Levou-a para fora, abriu a porta traseira da viatura e a empurrou para dentro.

– Para onde vamos?

– Para o prédio novo do tribunal.

– Em West Market?

– Sim, senhora.

O trajeto foi curto, menos de 2 quilômetros. Pegaram o elevador até o terceiro andar, onde havia uma porta de vidro fosco com os dizeres escritório do promotor do condado de essex. Logo na entrada havia uma estante envidraçada abarrotada de troféus, do tipo que se vê em escolas. Cingle perguntou-se qual seria a finalidade de expor aquele tipo de homenagem no escritório de um promotor. O trabalho dele era processar assassinos, estupradores, traficantes, e a primeira coisa que via ao entrar ali era uma vitrine de troféus de softball. Estranho.

– Por aqui – disse o policial.

Ele a conduziu pela sala de espera, depois passaram por uma porta dupla. Quando pararam, Cingle se viu diante de uma câmara pequena e sem janelas.

– Uma sala de interrogatório?

O policial não respondeu, só ficou segurando a porta aberta. Cingle deu de ombros e entrou.

Então se passou um longo tempo. Tinham confiscado seus pertences, incluindo o relógio, portanto ela não tinha como saber quanto tempo exatamente se passara. Não havia uma parede espelhada para observação, como se via na TV, mas era possível perceber uma câmera afixada em um canto. Da sala de controle, podia-se manejar a câmera, dar zoom na imagem e utilizar outros recursos. Havia uma folha de papel afixada no tampo da mesa, em um ângulo estranho. Cingle sabia que aquele era o local em que deveria ser colocado qualquer documento que o interrogado assinasse, para que a câmera pudesse captar a imagem.

Quando a porta por fim se abriu, entrou uma mulher que Cingle calculou ser uma policial à paisana. Era pequena, magra e transpirava muito, como se tivesse acabado de sair de uma sauna. A blusa estava colada ao corpo e havia manchas sob os braços. Gotículas de suor faziam a pele do rosto dela brilhar. Trazia uma arma na cintura e uma pasta nas mãos.

– Sou a investigadora Loren Muse – informou a mulher.

Nossa, que rapidez, pensou Cingle. Lembrava-se daquele nome – fora Muse que interrogara Matt naquela noite.

– Cingle Shaker – retrucou ela.

– É, eu sei. Tenho algumas perguntas para você.

– E eu escolho não respondê-las agora.

Loren ficou surpresa.

– Por quê?

– Estou conduzindo uma investigação particular.

– E quem é o seu cliente?

– Não preciso lhe dizer.

– Confidencialidade entre detetive particular e cliente é algo que não existe.

– Eu conheço a lei – retrucou Cingle.

– Então...?

– Então eu escolho não responder a nenhuma pergunta neste momento.

Loren largou a pasta sobre a mesa, e ela continuou fechada.

– Está se recusando a cooperar com a promotoria?

– De forma alguma.

– Então, por favor, responda à minha pergunta: quem é o seu cliente?

Cingle se recostou na cadeira, esticou as pernas e cruzou os pés.

– Você caiu em uma piscina ou algo do tipo?

– Ei, espere aí... Ah, entendi. É porque estou molhada... Muito boa mesmo. Será que devo pegar uma caneta, caso você se lembre de outra piadinha sensacional como essa?

– Não precisa. – Cingle apontou a câmera. – É só assistir ao vídeo.

– Não está ligada.

– Não?

– Se eu quisesse gravar, teria pedido que você assinasse uma autorização.

– Tem alguém na sala de controle? – quis saber Cingle.

Loren deu de ombros e ignorou a pergunta.

– Não está curiosa para saber como vai o Sr. Hunter? – indagou.

Cingle não mordeu a isca.

– Vamos combinar uma coisa: não faço nenhuma pergunta se você também não fizer.

– Nada disso.

– Escute, investigadora... Muse? É esse seu nome?

– É.

– Qual é o problema aqui? Foi apenas um caso de agressão. Aquele hotel deve ter pelo menos três desses toda semana.

– Ainda assim – rebateu Loren –, foi sério o suficiente para fazê-la apontar uma arma para um homem?

– Eu só estava tentando chegar lá em cima antes que a situação se agravasse.

– Como você sabia?

– O quê?

– Da briga no quinto andar. Você estava na rua, dentro do carro. Como sabia que estava acontecendo alguma coisa lá em cima?

– Acho que podemos encerrar por aqui.

– Não, Cingle, não podemos.

Os olhares das duas mulheres se encontraram e Cingle não gostou do que viu. Loren puxou uma cadeira e sentou-se.

– Passei a última meia hora nas escadas do hotel Howard Johnson. Lá não tem ar-condicionado. De fato, é um inferno de tão quente. É por isso que estou transpirando.

– E eu devia saber sobre o que você está falando?

– Não foi um simples caso de agressão, Cingle.

Cingle olhou para a pasta de papel pardo.

– O que é isso?

Loren abriu o arquivo. Havia fotos lá dentro. Cingle suspirou, pegou uma delas e ficou paralisada.

– Então você o reconhece?

Ela olhou para as duas fotos. A primeira era só de rosto. Não havia dúvida: embora estivesse desfigurado, ela reconheceu Charles Talley. A outra foto era de corpo inteiro. Talley estava caído sobre o que parecia um lance de degraus de metal.

– O que houve com ele?

– Levou dois tiros no rosto.

– Meu Deus!

– Está com vontade de falar agora, Cingle?

– Não sei nada sobre isso.

– O nome dele é Charles Talley. Mas você já sabia, não é?

– Meu Deus – repetiu Cingle.

Ela estava tentando entender aquilo tudo. Talley morto. Mas como? Não fora ele que agredira Matt?

Loren colocou as fotos de volta na pasta, cruzou as mãos e esperou.

– Sei que você está trabalhando para Matt Hunter. Também sei que, antes de irem àquele hotel, vocês se encontraram no seu escritório, altas horas da noite, para uma conversinha. Quer me contar sobre o que falaram?

Cingle fez que não com a cabeça.

– Você matou esse homem, Srta. Shaker?

– O quê? Claro que não.

– E o Sr. Hunter? Foi ele?

– Não.

– Como você sabe?

– O quê?

– Eu não lhe informei nem quando ele foi morto... – Loren inclinou a cabeça para o lado. – Como pode saber que o Sr. Hunter não está envolvido na morte desse homem?

– Não foi isso que eu quis dizer.

– E o que você quis dizer?

Cingle respirou fundo. Loren, não.

– E quanto ao detetive aposentado Max Darrow?

– Quem?

Mas Cingle se lembrava de Matt ter mencionado aquele nome, pedindo que ela o verificasse.

– Outra vítima de assassinato. Quem o matou? Você ou Hunter?

– Não sei do que... – Cingle parou de falar e cruzou os braços: – Preciso sair daqui.

– Isso não vai acontecer, Cingle.

– Estou sendo acusada de alguma coisa?

– Para dizer a verdade, está, sim. Você ameaçou um homem com uma arma carregada.

Cingle tentou recuperar a compostura.

– Isso já é notícia velha.

– Ah, mas é que agora você não vai mais conseguir manipular o sistema a seu favor. Ficará detida durante a noite e vai depor pela manhã. Vamos levar o caso tão longe quanto a lei permitir. Você só perderá sua licença se a situação ficar realmente ruim, mas imagino que vá passar algum tempo na cadeia.

Cingle não disse nada.

– Quem atacou o Sr. Hunter no hotel?

– Por que não pergunta a ele?

– Ah, é o que vou fazer. Mesmo porque há um detalhe muito interessante: quando encontrei o cadáver de Charles Talley, ele tinha uma arma de choque e um soco-inglês na mão, e havia sangue fresco no soco-inglês. – Loren inclinou a cabeça outra vez, aproximando-se mais um pouco. – Quando fizermos o teste de DNA, a quem você acha que o sangue vai pertencer?

Alguém bateu à porta. Loren continuou encarando Cingle por um instante antes de ir abrir. O guarda que escoltara Cingle da delegacia estava ali, com um celular na mão.

– É para ela – disse ele, fazendo um gesto na direção de Cingle.

Ela olhou para Loren, porém o rosto da investigadora não revelava nada. Ela pegou o aparelho e atendeu:

– Alô?

– Comece a falar.

Era o chefe, Malcolm Seward.

– É um caso delicado.

– Estou consultando nossa rede agora – disse Seward. – Qual é o número do caso?

– Ainda não tem um número.

– O quê?

– Com todo o respeito, senhor, não me sinto à vontade para falar diante das duas autoridades aqui presentes.

Ela ouviu Seward suspirar.

– Adivinhe quem acabou de me ligar, Cingle. Adivinhe quem ligou para minha casa às três da manhã.

– Sr. Seward...

– Não, pensando bem, não precisa adivinhar. Vou dizer logo, afinal são três da manhã e eu estou cansado demais para joguinhos. Ed Steinberg. Ed Steinberg me ligou. Sabe quem é?

– Sei.

– Pois é. O promotor público de Essex.

– Eu sei.

– Ele também é meu amigo há 28 anos.

– Sei disso também.

– Ótimo, Cingle, então estamos falando a mesma língua aqui. A Olho Vivo é um negócio. E muito bem-sucedido, ou pelo menos é o que gosto de pensar. Uma grande parte da nossa eficiência, a sua e a minha, depende de trabalharmos junto com essas pessoas. Então, quando Ed Steinberg liga para minha casa às três da manhã e me diz que está investigando um homicídio triplo...

– Espere um pouco – interrompeu Cingle. – Você disse *triplo*?

– Está vendo? Você não sabe nem até onde a história vai. Ed Steinberg, meu velho amigo, gostaria muito de contar com a sua cooperação, e isso significa que eu, o seu chefe, gostaria muito que você cooperasse com ele. Isso está claro para você?

– Acho que sim.

– *Acha*? Será que estou sendo sutil demais, Cingle?

– Existem fatores atenuantes.

– Não de acordo com Steinberg. Ele me disse que há um ex-presidiário envolvido. É verdade?

– Ele trabalha na Carter Sturgis.

– É advogado?

– Não, assistente.

– E cumpriu pena por assassinato?

– Cumpriu, mas...

– Então não há mais o que discutir. Não há nenhum privilégio na situação. Conte a eles tudo o que quiserem saber.

– Não posso.

– Não pode? – A voz de Seward ficou mais agressiva. – Não estou gostando disso.

– Não é assim tão simples, Sr. Seward.

– Bem, então deixe-me simplificar, Cingle. Você tem duas escolhas: começar a falar ou recolher as coisas da sua mesa. Passar bem.

Ele desligou. Cingle olhou para Loren, que sorriu.

– Está tudo bem, Srta. Shaker?

– Tudo ótimo.

– Que bom. Porque, enquanto estamos aqui conversando, nossa equipe técnica está a caminho da Olho Vivo. Eles vão vasculhar o disco rígido do seu computador. Vão examinar cada arquivo que encontrarem nele. O promotor Steinberg está ligando de novo para seu chefe neste momento. Ele vai descobrir que arquivos você acessou recentemente, com quem falou, onde esteve, no que andou trabalhando.

Cingle levantou-se devagar, erguendo-se muito acima de Loren, que não recuou nem um centímetro.

– Não tenho mais nada a dizer.

– Cingle?

– O quê?

– Sente o rabo nessa cadeira.

– Prefiro ficar em pé.

– Está bem, então. Mas ouça com atenção, porque estamos chegando ao fim de nossa conversa. Você sabia que Matt Hunter e eu fomos colegas de turma no ensino fundamental? Eu gostava dele. Era um menino legal. Se ele for inocente, ninguém se empenhará mais em limpar o nome dele do que eu. Mas se você insistir em não falar, Cingle, então vou achar que está escondendo alguma coisa. Temos o soco-inglês de Talley. Sabemos que Matt Hunter esteve na cena do crime esta noite. Sabemos que entrou em alguma confusão no quarto 515, que era onde o Sr. Talley estava hospedado. Também temos a informação de que ele andou bebendo em dois bares diferentes um pouco antes. Sabemos que o teste de DNA vai provar que o sangue no soco-inglês é dele. E, é claro, sabemos que Matt Hunter, ex-presidiário, tem um histórico de envolvimento em lutas corporais com vítimas fatais.

Cingle suspirou.

– E qual é a conclusão disso tudo?

– A conclusão, Cingle, é a seguinte: você acha mesmo que eu preciso da sua ajuda para ferrá-lo?

Cingle começou a bater com o pé no chão, procurando uma saída.

– Então o que quer de mim?

– Quero sua ajuda.

– Ajuda com o quê?

– Conte a verdade – retrucou Loren. – É só isso que eu peço. Hunter já vai ser indiciado de qualquer maneira. E, quando isso acontecer, sendo um ex-presidiário, bem, acho que você pode imaginar o desfecho.

Sim, Cingle podia. Matt iria surtar. Perderia a cabeça se fosse preso. Seria seu pior pesadelo transformando-se em realidade.

Loren se inclinou um pouco mais para a frente.

– Se você sabe de alguma coisa que possa ajudá-lo, esta é a hora de falar.

Cingle tentou refletir. Sentia-se inclinada a confiar naquela mulher baixinha, mas não podia. Era isso que Loren Muse queria: bancar a policial boa e a policial má ao mesmo tempo. Ora, até um amador conseguiria ver que aquilo era encenação, e mesmo assim ela estava quase mordendo a isca.

Quase.

Mas ela também sabia que, assim que checassem os arquivos em seu computador, ela e Matt teriam problemas muito sérios. Os últimos documentos que ela acessara foram as imagens copiadas do celular dele. Fotos e um vídeo da vítima com sua esposa.

Aqueles seriam os últimos pregos no caixão do ex-presidiário Matt Hunter.

Como a investigadora Muse dissera, eles já tinham provas mais do que suficientes. As imagens acrescentariam algo muito importante: o motivo.

Cingle tinha a própria carreira com que se preocupar. Aquela confusão começara como um favor a um amigo, um caso particular. No entanto, até que ponto valeria a pena ir? O que estaria disposta a sacrificar? Se Matt não tivesse nada a ver com a morte de Charles Talley, cooperar não iria ajudar a resolver a questão?

Ela se recostou na cadeira.

– E então, tem algo a dizer? – perguntou Loren.

– Quero ligar para meu advogado – respondeu Cingle. – Depois, contarei tudo o que sei.

capítulo 34

– Você não está sendo acusada de nada – disse Loren.

Cingle cruzou os braços.

– Não vamos fazer joguinhos de palavras, está bem? Quero meu advogado aqui. Ponto. O interrogatório terminou. Já era.

– Se é o que você quer...

– Sim, é o que eu quero. Me traga um telefone, por favor.

– Você tem o direito de chamar seu advogado.

– Pois é o que pretendo fazer.

Loren tentou raciocinar depressa. Não queria que Cingle avisasse Matt.

– Você se importa se eu discar o número para você?

– Fique à vontade – retrucou Cingle. – Vou precisar de uma lista telefônica.

– Não sabe o número do advogado de cor?

– Não, desculpe.

Após cinco minutos, Loren discou e passou o telefone para Cingle. Poderia verificar o registro da chamada depois, para ter certeza de que ela não fizera outra ligação. Desligou o microfone e foi para a sala de controle. Consciente da presença da câmera, Cingle virou-se de costas, para que ninguém lesse seus lábios.

Loren começou a fazer ligações. Primeiro tentou o policial parado diante da casa de Matt, em Irvington. Ele informou que Matt e Olivia não tinham voltado para lá. Loren sabia que essa notícia não era boa. Iniciou uma busca discreta, porque ainda não queria chamar atenção demais para a situação.

Precisava conseguir mandados para ter acesso às transações recentes dos cartões de crédito de Matt e de Olivia. Se os dois estavam fugindo, provavelmente precisariam de dinheiro e utilizariam um caixa eletrônico, ou então usariam os cartões em algum hotel ou coisa parecida.

Pelo monitor, Loren viu que Cingle tinha encerrado o telefonema. Ela mostrou o aparelho para a câmera e fez sinal para que ligassem o microfone. Loren obedeceu.

– Pois não?

– Meu advogado está a caminho – informou Cingle.

– Pode sentar para esperar, então.

Loren desligou o microfone e recostou-se na cadeira. Começava a se sentir exausta. Estava chegando ao limite. Precisava dormir um pouco ou ficaria com dificuldade de raciocinar. O advogado de Cingle não chegaria em menos de meia hora, então ela cruzou os braços, apoiou os pés em cima da mesa e fechou os olhos, esperando cochilar por alguns minutos.

O celular tocou, sobressaltando-a. Loren levou o aparelho ao ouvido.

Era Ed Steinberg.

– Olá.

– Oi – murmurou ela.

– A detetive particular já começou a falar?

– Ainda não. Está esperando o advogado.

– Então deixe-a esperar. Deixe os dois esperando.

– Por quê? O que houve?

– O FBI, Loren.

– O que tem o FBI?

– Vamos nos reunir com eles em uma hora.

– Mais alguém?

– Joan Thurston.

Aquilo acabou com a sonolência de Loren e ela tirou os pés de cima da mesa.

– A promotora federal em pessoa?

– Em carne e osso. Os principais agentes do FBI em Nevada também estarão presentes. Vamos encontrá-los no escritório de Joan para falar sobre sua falsa freira.

Loren consultou o relógio.

– São quatro da manhã.

– Não diga.

– Quero dizer, estou surpresa por você ter ligado para a promotora federal a esta hora.

– Eu não liguei – retrucou Steinberg. – Ela ligou para mim.

◆ ◆ ◆

Quando Ed Steinberg chegou, olhou para Loren e balançou a cabeça. Os cabelos dela estavam arrepiados por causa da umidade. Embora já não transpirasse mais, seu estado era lastimável.

– Você está péssima – comentou ele.

– Obrigada, você é muito gentil.

Ed fez um gesto com as mãos na direção dela.

– Será que você... não sei... Será que não pode fazer alguma coisa com esse cabelo?

– Qual é o problema? Por acaso isto aqui virou um bar para solteiros?

– Claro que não.

O trajeto do escritório da promotoria de Essex até o da promotoria federal era de três quarteirões. Eles entraram no prédio pela garagem, passando por um acesso restrito e muito bem controlado. Havia poucos carros ali àquela hora. Pegaram o elevador até o sétimo andar. O letreiro na porta dizia:

PROCURADORIA DOS ESTADOS UNIDOS
DISTRITO DE NOVA JERSEY
JOAN THURSTON
PROMOTORA DOS ESTADOS UNIDOS

Steinberg apontou para a primeira e a última linha.

– Meio redundante, não acha?

Apesar do poder concentrado naquele escritório, a recepção parecia a sala de espera de um consultório odontológico. O carpete estava desbotado e a mobília conseguia não ser nem de bom gosto nem funcional. Havia uma dúzia de edições antigas de uma revista esportiva sobre a mesinha de centro, e nada mais. Nas paredes encardidas enfileiravam-se as fotografias dos procuradores federais anteriores, imagens que ofereciam uma valiosa lição sobre como não se vestir e como não posar para a posteridade.

Não havia recepcionista àquela hora. Eles bateram à porta e um zumbido indicou que podiam entrar. Lá dentro a atmosfera e a aparência eram bem melhores, totalmente diferentes do lado de fora, como se tivessem atravessado um portal para outra dimensão.

Viraram à direita e seguiram em frente. Um homem enorme se encontrava totalmente imóvel no corredor. Tinha o cabelo bem curto e uma cara de poucos amigos. Steinberg estendeu-lhe a mão e disse:

– Olá, meu nome é Ed Steinberg. Sou o promotor do condado de Essex.

O homem também estendeu a mão, embora aparentemente a contragosto.

– Cal Dollinger, FBI. Eles estão esperando.

Cal permaneceu onde estava, e Steinberg e Loren prosseguiram ao longo do corredor, que se dobrava em uma curva e continuava em direção à sala de Joan Thurston. Ela os aguardava à porta da sala.

Apesar do horário tardio, a promotora estava deslumbrante, num elegante conjunto cinza de corte moderno que parecia feito sob medida pelos deuses. Joan parecia ter 40 e poucos anos e, na opinião de Loren, era extraordinariamente charmosa, com cabelos castanhos, ombros largos e cintura afilada. Tinha dois filhos adolescentes e o marido trabalhava na prestigiosa empresa de serviços financeiros Morgan Stanley, em Manhattan. Moravam na elegante região de Short Hills e tinham uma casa de veraneio em Long Beach.

Resumindo: Joan Thurston era tudo o que Loren sonhara para si mesma quando criança.

– Bom dia – cumprimentou Steinberg, o que soou meio estranho por causa do céu ainda escuro lá fora.

Ela apertou a mão de Loren com firmeza, fitando-a nos olhos com um sorriso. Abraçou Steinberg e lhe deu um beijo no rosto.

– Quero que conheça Adam Yates. É o agente especial encarregado do escritório de Las Vegas.

Yates usava uma calça cáqui recém-passada e uma camisa cor-de-rosa que seria perfeitamente adequada para um passeio à beira-mar, e não para ser usada no centro financeiro de Newark. De sapatos mocassim sem meias, ele estava sentado com as pernas cruzadas, numa posição meio informal. Havia algo de aristocrático em sua aparência, com cabelos louros, maçãs do rosto salientes e olhos tão azuis que Loren se perguntou se ele estaria usando lentes

de contato. A colônia recendia a grama recém-cortada. Ela gostou do cheiro.

– Por favor, sentem-se – disse a promotora.

O escritório era espaçoso. Uma das paredes, a que menos chamava atenção, continha diplomas e condecorações. Estavam dispostos de maneira discreta, quase como se Joan dissesse “Olhe, precisei pendurá-los, mas não ligo para essas coisas”. No restante da sala, a decoração era bem pessoal. Havia fotografias dos filhos e do marido, todos eles muito bonitos – grande surpresa. Até o cachorro era lindo. Pendurada na parede atrás da escrivaninha, havia uma guitarra branca autografada por Bruce Springsteen. As estantes acomodavam a tradicional coleção de livros jurídicos, além de bolas de beisebol e de futebol americano autografadas pelos craques das principais equipes locais. Não havia fotos da própria Joan, reportagens que a citavam emolduradas ou prêmios à vista.

Loren acomodou-se cuidadosamente. Estava habituada a sentar-se em cima da própria perna, para dar a impressão de que era um pouco mais alta, mas lera num livro de autoajuda que esse tipo de postura não era profissional. Em geral Loren se esquecia desse conselho, mas alguma coisa em Joan Thurston a fez lembrar-se.

A promotora se aproximou e recostou-se na escrivaninha, com o olhar fixo em Loren.

– Me atualize.

Loren olhou para Ed Steinberg, que consentiu.

– Até agora temos três pessoas mortas. A primeira... bem, não sabemos sua verdadeira identidade. É por isso que estamos aqui.

– Seria a irmã Mary Rose? – perguntou Joan.

– Isso.

– Como você se envolveu no caso?

– Como assim?

– Pelo que sei, a morte dessa freira foi, a princípio, considerada decorrente de causas naturais – explicou Joan. – O que a levou a investigar mais a fundo?

Foi Steinberg quem respondeu:

– A madre superiora pediu que Loren cuidasse do caso.

– Por quê?

– Porque ela foi aluna do St. Margaret.

– Sei. Mas o que levou a madre superiora... Qual é o nome dela?

– Irmã Katherine – informou Loren.

– Irmã Katherine, certo. O que a levou a suspeitar de que havia algo a ser investigado na morte da freira, para início de conversa?

– Na verdade, não sei se ela chegou a suspeitar de alguma coisa – retrucou Loren. – O que aconteceu foi que, quando encontrou o corpo da irmã Mary Rose, ela tentou ressuscitá-la com uma massagem cardíaca, e aí descobriu que a freira tinha implantes de silicone nos seios. Isso não condizia com a história da falecida.

– Então ela pediu que você tentasse descobrir o que tinha acontecido.

– Isso.

Joan assentiu.

– E a segunda vítima?

– Max Darrow. Era um policial aposentado de Las Vegas que morava em Reno.

Todos eles olharam para Adam Yates. Ele permaneceu imóvel. Então era assim que as coisas seriam, Loren pensou. Eles diriam tudo o que sabiam e talvez, só talvez, os agentes do FBI lhes dessem tapinhas de congratulação na cabeça, como se fossem cachorrinhos ávidos por agradar.

– Como você associou Max Darrow com a irmã Mary Rose? – quis saber Joan.

– Pelas impressões digitais dele que a perícia encontrou no quarto dela.

– Mais alguma coisa?

– Darrow foi encontrado morto dentro do carro, baleado por dois tiros à queima-roupa. A calça estava abaixada até os tornozelos. Acreditamos que o assassino tenha tentado levar a polícia a acreditar que alguma prostituta o matou.

– Certo. Vamos falar dos detalhes depois – disse a promotora. – E de que maneira Max Darrow está ligado à terceira vítima?

– A terceira vítima é Charles Talley. Primeiro, tanto Talley quanto Darrow moravam em Reno. E, segundo, ambos estavam registrados no hotel Howard Johnson, perto do Aeroporto de Newark. Os quartos ficavam lado a lado.

– E foi lá que você encontrou o corpo de Talley? No hotel?

– Não fui eu. Um funcionário da noite o achou na escada. Ele levou dois tiros.

– Do mesmo jeito que Darrow?

– Sim, bem parecido.

– E a hora da morte?

– Ainda estamos calculando, mas foi entre onze da noite e duas da manhã. A escada não tem ar condicionado, janelas ou qualquer forma de ventilação. A temperatura ali devia estar acima de 40 graus.

– É por isso que a investigadora Muse está assim – esclareceu Steinberg, fazendo um gesto com as mãos como se mostrasse algo repugnante. – Por ter passado por essa sauna.

Loren lançou-lhe um olhar feio e se conteve para não passar as mãos nos cabelos.

– O calor torna mais difícil para os peritos determinarem a hora exata da morte.

– E o que mais? – perguntou Joan.

Loren hesitou. Seu palpite era que tanto a promotora quanto Adam Yates já sabiam a maioria das coisas que ela lhes contara. Até o momento, tudo aquilo não passava de mera conversa de rotina. O único elemento que Loren tinha e que eles talvez não tivessem era Matt Hunter.

Steinberg ergueu a mão.

– Posso fazer uma sugestão?

Joan virou-se para ele.

– Claro, Ed.

– Não quero causar nenhum conflito de jurisdição.

– Nem nós.

– Então por que não juntamos nossas forças neste caso? Jogo completamente aberto dos dois lados. Contamos a vocês tudo o que sabemos e vice-versa. Sem omitir nenhum detalhe.

Joan olhou para Yates, que pigarreou antes de falar:

– Não vejo nenhum problema.

– Vocês sabem a verdadeira identidade da irmã Mary Rose? – perguntou Steinberg.

Yates assentiu.

– Sabemos.

Loren esperou. Yates não se apressou. Descruzou as pernas bem devagar e sacudiu a parte da frente da camisa, como para tomar ar.

– A irmã Mary Rose, acreditem, não tinha nada de freira. O nome dela era Emma Lemay – falou finalmente.

O nome não significava nada para Loren. Ela olhou para Steinberg, que também não esboçou nenhuma reação.

Yates prosseguiu:

– Emma Lemay e o parceiro, um vigarista chamado Clyde Rangor, desapareceram de Las Vegas há dez anos. Fizemos uma busca intensa pelos dois, sem sucesso. Um belo dia eles estavam por aí e no outro, *puf*, sumiram do mapa.

– Como você sabe que o corpo encontrado no St. Margaret pertence a essa tal Emma Lemay? – quis saber Steinberg.

– A Lockwood Corporation tinha os registros dos implantes de silicone. O Centro Nacional de Informações Criminais agora lança todas as informações disponíveis em seu banco de dados. Coisas como impressões digitais, DNA e descrições já estavam lá, mas estamos montando um sistema que inclua também equipamentos médicos: qualquer tipo de prótese, implantes cirúrgicos, bolsas de colostomia, marca-passos, enfim, qualquer elemento que possa ser útil na identificação de um corpo. A ideia é digitar o número do modelo no programa e por meio dele obter a identidade do usuário. É um sistema novo, ainda está em fase experimental. Por enquanto o usamos apenas em alguns casos urgentes.

– E essa Emma Lemay... Vocês a consideram um caso urgente?

Yates abriu um largo sorriso.

– Ah, sim, com certeza.

– Por quê? – quis saber ela.

– Há dez anos, Lemay e Rangor concordaram em nos entregar um sujeito chamado Tom Busher, mais conhecido como Pente.

– Pente?

– Era como se referiam a ele, embora nunca na sua frente. É seu apelido há anos, na verdade. Ele vivia penteando para cima os cabelos que lhe restavam na lateral da cabeça, para disfarçar a calvície. Aí esses poucos fios continuaram a crescer até darem a volta em sua cabeça, e agora ele anda por aí com uma espécie de turbante capilar.

Yates riu, porém nenhum dos outros o acompanhou.

– Você estava falando sobre Lemay e Rangor... – lembrou Joan.

– Certo. Enfim, nós enquadramos Lemay e Rangor com acusações bem graves por causa de drogas, pressionamos os dois e, pela primeira vez, conseguimos gente de dentro trabalhando para nós. Clyde Rangor e o Pente eram primos, algo assim. Então Lemay e Rangor começaram a gravar conversas, recolher evidências. Até que, de repente, sumiram. – Yates deu de ombros.

– E o que vocês acham que aconteceu?

– A hipótese mais provável era de que o Pente tinha descoberto o esquema e eliminado os dois. Mas nunca acreditamos de fato nisso.

– Por que não?

– Porque havia evidências, muitas, aliás, de que o próprio Pente estava ansioso para encontrar os dois. Mais até do que nós. Durante algum tempo foi como uma corrida, para ver quem conseguia achá-los primeiro. Mas, como eles nunca apareceram, começamos a encarar aquilo como um caso perdido.

– E esse Pente... ainda está em liberdade?

– Está.

– Bem, então a mulher se disfarçou de freira, a tal Emma. E Clyde Rangor, qual é o paradeiro dele?

– Não temos a menor ideia. – Yates ajeitou-se na cadeira. – Ele era uma espécie de leão de chácara. Tomava conta de algumas boates de striptease para o Pente e tinha a fama de pegar pesado com algumas garotas.

– Pesado até que ponto?

Yates cruzou as mãos e colocou-as no colo.

– Desconfiamos de que algumas delas não se recuperaram.

– Quando você diz que não se recuperaram...

– Uma delas entrou em estado catatônico. E outra, a última até onde sabemos, acabou morta.

Loren fez uma careta.

– E vocês tinham um acordo com um sujeito desses?

– Por quê? Você queria que encontrássemos alguém mais gentil? – retrucou Yates, irritado.

– Eu...

– Preciso mesmo lhe explicar como esse negócio funciona, investigadora Muse?

Steinberg interferiu:

– De forma alguma.

– Olhe, eu não quis dizer que... – Loren estava vermelha, furiosa consigo mesma por parecer tão amadora. – Continue.

– O que mais há para dizer? Não sabemos onde Clyde Rangor está, mas acreditamos que ainda possa nos dar informações valiosas e, quem sabe, ajudar a pegar o Pente.

– E quanto a Charles Talley e o detetive Max Darrow? Tem alguma ideia de como eles se encaixam nisso?

– Charles Talley é um assassino com histórico de brutalidade. Ele tomava conta de algumas meninas nas boates, garantia que andassem na linha. Não roubava muito e dividia suas... hã... gorjetas com a casa. A última informação que obtivemos foi de que estava em Reno, trabalhando em um estabelecimento de quinta categoria chamado Eager Beaver. Nossa melhor hipótese é que ele foi contratado para matar Emma Lemay.

– Pelo tal Pente?

– Isso. Acreditamos que de alguma forma Pente descobriu que Emma Lemay estava se fazendo passar pela irmã Mary Rose e mandou Talley matá-la.

– E Max Darrow? – indagou Loren. – Nós sabemos que ele esteve no quarto da freira. Qual é a participação dele nisso tudo?

Yates descruzou as pernas e se empertigou na cadeira.

– Bem, primeiro, supomos que Darrow, apesar da boa reputação, era, na verdade, corrupto.

A voz dele sumiu. Ele pigarreou.

– E segundo...? – encorajou Loren.

Ele respirou fundo.

– Bem, Max Darrow... – Parou e olhou para Joan. Ela não assentiu, não se moveu, mas Loren teve a impressão de que Yates, assim como Steinberg pouco antes, queria sua autorização para seguir adiante. Ele acrescentou: – Digamos apenas que Max Darrow está ligado a este caso de outra forma.

Eles esperaram. Vários segundos se passaram, até que Loren enfim quebrou o silêncio:

– De que forma?

O agente especial de Las Vegas esfregou o rosto com as duas mãos, parecendo de repente exausto.

– Eu já mencionei que Clyde Rangor gostava de pegar pesado.

Loren assentiu.

– E que matou sua última vítima – continuou ele.

– Sim.

– A vítima era uma stripper sem nenhuma importância, provavelmente também prostituta, chamada... Espere, tenho isso anotado aqui... – Yates pegou um pequeno bloco com capa de couro no bolso de trás, lambeu o dedo e folheou as páginas. – Aqui está. Candace Potter, conhecida como Candi Cane. – Ele fechou o bloco. – Emma Lemay e Clyde Rangor desapareceram logo depois que o corpo dela foi encontrado.

– E o que Darrow tem a ver com tudo isso?

– Max Darrow foi o investigador do Departamento de Homicídios encarregado do caso.

Todos ficaram imóveis.

– Espere um pouco – disse Steinberg finalmente. – Então esse Clyde Rangor matou uma stripper. Darrow pegou o caso. Alguns dias depois, Rangor e a namorada, Lemay, desapareceram. E agora, depois de quanto tempo mesmo? Dez anos? Sim, dez anos depois, achamos as digitais de Darrow na cena do assassinato de Emma Lemay?

– Sim, é um bom resumo da história.

Todos ficaram em silêncio mais uma vez. Loren tentava assimilar todas as informações.

– Mas o que realmente importa é o seguinte – continuou Yates, inclinando-se para a frente. – Se Emma Lemay ainda tinha alguma prova pertinente a esse caso ou se ela deixou alguma informação sobre o paradeiro de Clyde Rangor, achamos que a investigadora Muse é quem se encontra em melhor posição para descobrir.

– Eu?

Yates virou-se para ela.

– Você conhece as freiras do colégio, e Lemay conviveu com elas por sete anos. É evidente que a madre superiora confia em você. O

que precisamos é que se concentre em descobrir o que Lemay sabia a respeito do caso.

Steinberg olhou para Loren e deu de ombros. Joan contornou a mesa e abriu um frigobar.

– Alguém quer beber alguma coisa? – perguntou.

Ninguém respondeu. Ela deu de ombros, pegou uma garrafa e começou a sacudi-la.

– E você, Adam? Quer algo?

– Só água.

Joan jogou uma garrafa para ele.

– Ed? Loren?

Os dois fizeram que não com a cabeça. Joan tirou a tampa da garrafa e tomou um longo gole. Em seguida voltou para a frente da escrivaninha.

– Muito bem – falou. – O que mais você descobriu, Loren?

Loren. Já estava sendo chamada pelo primeiro nome. Ela olhou para Steinberg, que assentiu.

– No meio de tudo isso, descobrimos vários elos com um ex-presidiário chamado Matt Hunter – revelou ela.

Joan estreitou os olhos.

– Por que esse nome não me é estranho?

– Hunter é daqui, de Livingston. O caso dele ficou famoso na época. Ele era estudante universitário, envolveu-se numa briga...

– Ah, sim, lembrei – interrompeu Joan. – Conheci o irmão dele, Bernie. Um grande advogado, que morreu jovem demais. Quando Matt saiu da cadeia, ele conseguiu lhe arranjar um emprego na Carter Sturgis.

– Matt Hunter ainda trabalha na Carter Sturgis.

– E está envolvido nessas mortes?

– Existem algumas conexões.

– Por exemplo?

Loren contou sobre o telefonema dado do colégio St. Margaret para a casa de Marsha Hunter. Ninguém pareceu achar isso significativo. Mas a reação foi diferente quando Loren começou a falar sobre sua mais recente descoberta, de poucas horas antes, de que era muito provável que Matt Hunter tivesse entrado em uma

briga com Charles Talley no hotel Howard Johnson. Pela primeira vez, Yates começou a tomar notas no bloquinho de capa de couro.

Quando ela terminou, Joan perguntou:

– E o que você acha disso tudo, Loren?

– Sinceramente? Ainda não faço a menor ideia.

– Deveríamos examinar o período que Matt Hunter passou na cadeia – sugeriu Yates. – Sabemos que Talley também esteve preso. Talvez os dois tenham se conhecido na prisão. Ou quem sabe Hunter se envolveu de alguma forma com o pessoal do Pente.

– Certo – retrucou Joan Thurston. – É possível que Hunter esteja cuidando das pontas soltas para o Pente.

Loren ficou quieta.

– Você não concorda, Loren?

– Não sei.

– Qual é o problema?

– Bem, pode parecer ingenuidade minha, mas não acredito que Matt Hunter esteja atuando como matador profissional. Ele foi condenado, sim, mas isso aconteceu há quinze anos, por causa de uma briga numa festa de faculdade que terminou em tragédia. Não tinha antecedentes, e desde que cumpriu pena ele tem levado uma vida exemplar.

Loren não contou que ela e Matt tinham sido colegas de escola e que sua intuição lhe dizia que ele não tinha nada a ver com os crimes. Quando outros investigadores usavam esse tipo de raciocínio, ela mesma costumava não levar a sério.

– Então como explica o envolvimento dele? – perguntou Joan.

– Não sei, mas eu diria que é provável que seja algo mais pessoal. Segundo o recepcionista do hotel, a esposa de Matt estava hospedada lá, sem ele.

– Você acha que pode ter sido um crime passional?

– Talvez.

Joan pareceu em dúvida.

– De qualquer forma, todos concordamos que ele está envolvido?

– Sem sombra de dúvida – retrucou Steinberg.

Yates assentiu. Loren ficou calada.

– No momento – prosseguiu Joan –, temos indícios mais que suficientes para prendê-lo e acusá-lo. O telefonema, a briga e tudo o

mais. E logo teremos o DNA ligando-o ao homem morto.

Loren hesitou, mas Ed Steinberg parecia não ter dúvidas.

– E, com a ficha criminal dele, será muito fácil caracterizar o delito como inafiançável. Ou seja, ele ficará trancafiado por um bom tempo, certo, Ed? – perguntou Joan.

– Pode apostar que sim.

– Então vão pegá-lo – ordenou Joan. – Vamos colocar Matt Hunter atrás das grades agora mesmo.

capítulo 35

Matt e olivia estavam sozinhos no quarto de hóspedes da casa de Marsha.

Nove anos antes, Matt passara a primeira noite fora da cadeia naquele mesmo cômodo. Bernie o levara para lá. Marsha tinha sido bastante educada, mas agora, pensando em retrospecto, Matt achava que ela devia ter sérias reservas quanto a ele. As pessoas se mudavam para casas como aquela para evitar sujeitos como ele. Mesmo sabendo que ele era inocente, mesmo concordando que era uma boa pessoa, que tivera um grande azar, ninguém queria ter nada a ver com ele. Matt representava uma espécie de vírus, um portador de algo malévolo. Quando tem filhos, você quer protegê-los, quer acreditar, como Lance Banner, que os gramados bem aparados são capazes de manter indivíduos como Matt a distância.

Ele pensou no ex-colega de faculdade, Duff. A certa altura da vida, Matt achara que Duff era um cara durão. Agora sabia que não era nada disso, que poderia acabar com ele sem o menor esforço. Não estava sendo convencido, nem era algo que o deixasse orgulhoso. Era apenas um fato da vida. Todos aqueles amigos e colegas do passado que se julgavam valentões, durões, não sabiam de nada.

Mas, por mais calejado que Matt tivesse se tornado, passara sua primeira noite de liberdade chorando, ali naquele quarto. Não sabia muito bem por quê. No presídio, nunca derramara uma única lágrima. Algumas pessoas poderiam dizer que ele simplesmente receava expor sua fragilidade num lugar tão terrível. Talvez, em parte, fosse isso. Talvez ele tivesse criado um depósito de lágrimas e depois colocado os quatro anos de angústia para fora em uma noite.

Mas Matt não acreditava nisso.

Suspeitava que a razão real tinha mais a ver com o medo e com a dificuldade em acreditar que estava livre, que a cadeia ficara para trás. Parecia-lhe que aquilo tudo era uma cruel artimanha do destino, que aquela cama confortável era uma ilusão, que não demoraria muito para ele se ver outra vez trancafiado numa cela para sempre.

Tinha lido sobre como interrogadores e sequestradores tentavam arruinar a mente de suas vítimas realizando execuções de mentira. Matt achava que isso devia funcionar, mas, na opinião dele, o que seria muito mais efetivo, o que realmente faria um homem enlouquecer, seria o contrário – fingir que o libertaria. Você diria para o cara que o soltaria, colocaria uma venda em seus olhos, rodaria de carro com ele para lá e para cá, tudo isso para que, quando parasse e o livrasse da venda, ele descobrisse que estava no mesmo lugar, que tudo não passara de uma piada.

Era essa a sensação que Matt tinha.

Agora se encontrava sentado na mesma cama *queen size.* Olivia estava deitada de costas para ele, com a cabeça abaixada. Os ombros dela continuavam imponentes. Ele adorava aqueles ombros, as costas fortes, o desenho dos músculos e a pele lisa e saudável.

Uma parte dele, talvez a maior parte, queria dizer “Vamos esquecer tudo isso. Eu não quero saber. Você disse que me ama, que sou o único homem que amou na vida. Isso basta, nada mais me interessa”.

Quando eles chegaram à casa de Marsha, Kyra descera para recebê-los no jardim. Parecia apreensiva. Matt lembrou-se de quando ela havia se mudado para o quarto em cima da garagem. Ele comentara que ela parecia um dos personagens de um seriado de TV que não passava mais e ela não fez a menor ideia do que ele estava falando. É engraçado pensar nas coisas de que nos lembramos quando estamos aterrorizados. Marsha também parecera preocupada, sobretudo quando vira os curativos de Matt e sua dificuldade para se locomover. Mas a cunhada o conhecia bem o suficiente para saber que não era hora de fazer perguntas.

Foi Olivia quem rompeu o silêncio:

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro.

– Você falou pelo telefone que tinha recebido umas imagens...

– É.

– Posso vê-las?

Matt apanhou o celular e entregou-o à esposa. Ela pegou o aparelho evitando encostar na mão dele. Matt observou-a enquanto ela se concentrava daquela forma que ele conhecia tão bem, a cabeça levemente inclinada para o lado, como sempre ficava quando estava confusa ou intrigada.

– Não estou entendendo – disse ela.

– É você? – perguntou ele. – De peruca?

– Sim, mas... não era nada disso.

– Nada disso o quê?

Os olhos de Olivia estavam fixos no visor do celular. Ela apertou a tecla para ver o vídeo mais uma vez e balançou a cabeça.

– Não sei o que você está pensando, Matt, mas eu nunca traí você. E esse homem que aparece aqui... Ele também estava de peruca. Para parecer com o outro, da foto, imagino.

– É, eu cheguei a essa conclusão.

– Como?

Matt mostrou a janela, o céu cinzento, a aliança. Falou sobre a impossibilidade de estar chovendo no dia e sobre as ampliações feitas no escritório de Cingle.

Olivia se sentou perto dele na cama. Estava linda.

– Então você sabia.

– Sabia o quê?

– No fundo, apesar do que viu aqui, você sabia que eu não o estava traindo.

Matt queria tomá-la nos braços. Pôde ver que ela estava fazendo o possível para se controlar.

– Só preciso lhe fazer duas perguntas antes de você começar a contar tudo, está bem?

Ela assentiu.

– Você está grávida?

– Estou. E, antes que você faça a segunda pergunta, sim, o bebê é seu.

– Então não ligo para o resto. Se não quiser me contar, não precisa. Não importa. Podemos simplesmente fugir. Eu não me

importo.

Ela balançou a cabeça.

– Não creio que eu possa fugir de novo, Matt. – A voz dela era de exaustão. – E você também não. E quanto a Paul e Ethan? E quanto a Marsha?

Ela estava certa, claro. Matt não sabia como se expressar, mas deu de ombros e tentou:

– Eu não quero que as coisas mudem.

– Nem eu. E, se conseguisse encontrar um modo de resolver isso, é o que eu faria. Estou com medo, Matt. Nunca senti tanto medo na vida.

Ela virou-se, estendeu os braços e passou-os pelo pescoço dele. Inclinou-se para a frente e o beijou com paixão. Ele conhecia aquele beijo. Era o prelúdio. Apesar de tudo o que estava acontecendo, o corpo de Matt reagiu, e o beijo se tornou exigente. Olivia se aproximou mais e pressionou o corpo contra o dele. Matt fechou os olhos.

Abraçados, eles se viraram na cama, mas as costelas de Matt doeram. A dor tomou toda a lateral de seu corpo, e ele se contraiu. O grito sufocado acabou com o clima. Olivia soltou-o e se afastou. Abaixou os olhos.

– Tudo o que lhe contei sobre mim era mentira – disse ela.

Matt não respondeu. Não sabia o que esperar, por isso limitou-se a ficar ali sentado, imóvel, apenas escutando.

– Eu não fui criada em Northways, na Virgínia. Não estudei na universidade de lá. Não fiz nem o ensino médio. Meu pai não era o médico da cidade. Não sei quem foi meu pai. Nunca tive uma babá chamada Cassie nem nada disso. Eu inventei tudo.

Do lado de fora, um carro virou a esquina, a luz dos faróis dançando na parede enquanto o veículo passava. Matt permaneceu rígido como uma rocha.

– Minha mãe era uma viciada em drogas e me entregou para adoção quando eu tinha 3 anos. Ela morreu de overdose dois anos depois. Passei por vários lares adotivos. Você nem imagina como eram aqueles lugares. Continuei assim até fugir, aos 16 anos. Então fui parar em Las Vegas.

– Aos 16 anos?

– É.

A voz de Olivia tornou-se estranhamente monocórdia. Seus olhos estavam alertas, mas ela olhava direto para a frente agora, para muito além de Matt. Parecia estar esperando alguma reação, mas ele ainda tentava absorver todas as informações.

– Então, as histórias sobre o Dr. Joshua Murray...

– Você quer dizer, a menininha órfã de mãe, pai amoroso e os cavalos? – Ela tentou sorrir. – Por favor, Matt. Eu tirei isso de um livro que li aos 8 anos.

Ele abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Tentou de novo:

– Por quê?

– Por que eu menti?

– É.

– Eu não menti realmente. Foi mais uma espécie de... – Ela fez uma pausa, depois olhou para cima. – De morte. Sei que parece melodramático, mas tornar-me Olivia Murray foi mais do que recomeçar do zero. Foi como se eu nunca tivesse sido aquela outra pessoa. A menina órfã estava morta. Olivia Murray, de Northways, tomou o lugar dela.

– Então foi tudo... – Matt fez um gesto vago com as mãos. – Foi tudo mentira?

– Não a nossa história. Não o que sinto por você. Não o que sou com você. Nada em relação a nós dois foi mentira. Nem mesmo um beijo, um abraço, uma emoção. Você não amava uma mentira. Amava a mim.

“Amava”, ela disse. “Amava a mim.” Passado.

– Então, quando nos conhecemos em Las Vegas, você não estava na faculdade?

– Não.

– E aquela noite? No bar?

Olivia fitou-o nos olhos.

– Eu devia estar trabalhando.

– Não entendi.

– Entendeu, sim, Matt.

Ele lembrou-se do site na internet. O de strippers.

– Você era dançarina?

– Dançarina? Bem, sim, o termo politicamente correto é dança exótica. Todas as garotas usam essa definição. Mas eu era uma stripper. E às vezes, quando me faziam uma... – Olivia balançou a cabeça e seus olhos se encheram de lágrimas. – Nunca conseguiremos superar isto.

– E naquela noite, o que aconteceu? – Matt sentiu um surto de raiva tomar conta dele. – Você pensou que eu fosse rico?

– Não tem graça nenhuma, Matt.

– Não estou tentando ser engraçado.

A voz de Olivia assumiu um tom glacial:

– Você não tem ideia do que aquela noite significou para mim. Mudou a minha vida. Você nunca entendeu, Matt.

– Nunca entendi o quê?

– Seu mundo. Vale a pena lutar por ele.

Ele não tinha certeza se entendia o que Olivia estava dizendo. Ou se queria entender.

– Você disse que passou por vários lares adotivos.

– Isso.

– E que enfim fugiu.

– Meu último lar adotivo encorajava esse tipo de trabalho. Você não imagina o grau de desespero das meninas para sair de lugares como aquele. Aí aparece alguém para lhes dizer aonde ir. A irmã da minha última mãe adotiva era gerente de uma boate. Ela conseguiu documentos falsos para nós.

Matt balançou a cabeça.

– Ainda não entendi por que você não me contou a verdade.

– Quando, Matt?

– Quando o quê?

– Quando eu deveria ter contado? Na primeira noite em Las Vegas? Ou quando fui ao seu escritório? No segundo encontro? No dia do noivado? Quando eu deveria ter contado?

– Não sei.

– Não era assim tão fácil.

– Também não foi fácil lhe dizer que eu era um ex-presidiário.

– Minha situação envolvia outra pessoa além de mim – justificou Olivia. – Nós tínhamos feito um pacto.

– Que tipo de pacto?

– Você precisa entender. Eu poderia ter corrido o risco se fosse só eu. Mas não podia fazer isso por causa dela.

– Ela quem?

Olivia desviou os olhos e ficou em silêncio por um longo tempo. Por fim, pegou um pedaço de papel do bolso de trás, desdobrou-o com todo o cuidado e o entregou a Matt. Depois, voltou a desviar o rosto.

Matt pegou o pedaço de papel e passou os olhos por ele. Era uma cópia de um artigo do site do *Nevada Sun News.* Começou a ler:

MULHER ASSASSINADA

> Las Vegas, Nevada – Candace Potter, de 21 anos, foi encontrada morta em um estacionamento de trailers na Rota 15. A causa da morte foi estrangulamento. A polícia não se manifestou sobre a possibilidade de estupro. A vítima trabalhava como dançarina no Young Thangs, uma boate na periferia da cidade, e usava o nome artístico Candi Cane. As autoridades garantem que as investigações se encontram em andamento e que estão seguindo pistas promissoras.

Matt ergueu os olhos.

– Ainda não entendi.

O rosto de Olivia continuava virado para o outro lado.

– Você fez um pacto com essa Candace? – perguntou ele.

Ela deu uma risadinha amarga.

– Não.

– Então o que...

– É o que eu falei antes, sobre não ter de fato mentido para você. Foi mesmo como se eu tivesse morrido. – Olivia virou-se para encará-lo. – Essa sou eu. Eu era Candace Potter.

capítulo 36

Quando loren voltou para a promotoria, Roger Cudahy, um dos técnicos que tinham ido ao escritório de Cingle, estava sentado com os pés em cima da mesa e as mãos cruzadas atrás da cabeça.

– Confortável? – disse ela.

Ele deu um largo sorriso.

– Muito.

– O que você quer?

Com as mãos ainda cruzadas na nuca e o sorriso ainda no rosto, Cudahy fez um gesto com a cabeça indicando o laptop.

– Dê uma olhada.

– No laptop?

– Isso.

Loren mexeu no mouse e a tela se iluminou, sendo preenchida por uma fotografia de Charles Talley. Ele estava com uma mão erguida. Os cabelos eram bem negros, quase azuis, e havia um sorrisinho afetado em seus lábios.

– Você pegou essa foto no computador de Cingle Shaker?

– Exatamente. Foi tirada com um celular.

– Bom trabalho.

– Espere.

– O que é?

Cudahy continuou a sorrir.

– Como já dizia o cantor, você ainda não viu nada.

– Como assim?

– Clique na setinha. A da direita.

Loren obedeceu e um vídeo de baixa definição começou a rodar no monitor. Uma mulher com uma peruca loura platinada saiu do banheiro e foi até a cama.

– Comentários? – perguntou Cudahy quando o vídeo terminou.

– Só um – disse Loren.

– Manda ver – retrucou ele, estendendo a mão para ela com a palma virada para cima.

– Arrasou! – falou ela, batendo com a mão espalmada na dele.

capítulo 37

– Foi mais ou menos um ano depois que conheci você – disse Olivia.

Ela estava do outro lado do quarto. A cor havia retornado a seu rosto e ela mantinha as costas empertigadas. Era como se recuperasse as forças ao contar tudo para Matt. Ele, por sua vez, tentava não chegar a qualquer conclusão por enquanto. Queria apenas ouvir.

– Eu tinha 18 anos e fazia dois anos que tinha chegado a Vegas. Muitas das meninas moravam em trailers velhos. O gerente da boate, um homem terrível chamado Clyde Rangor, tinha um terreno lá perto, descendo a rodovia. Era um trecho do deserto, na verdade. Ele cercou o espaço com uma tela de arame e colocou lá dentro uns três ou quatro trailers caindo aos pedaços. E era ali que a gente morava. As meninas iam e vinham, mas na época eu dividia um trailer com mais duas garotas. Uma delas era principiante, chamava-se Cassandra Meadows. Devia ter uns 16, 17 anos. A outra se chamava Kimmy Dale. Kimmy estava fora naquele dia. Às vezes Clyde nos mandava para outras cidades para nos apresentarmos, num esquema de três shows por dia. Ele enchia os bolsos de dinheiro e nós ganhávamos boas gorjetas, embora a maior parte fosse para ele.

Matt precisava se orientar, mas era simplesmente impossível

– Quantos anos você tinha quando começou? – perguntou ele.

– Dezesseis.

Ele tentou não fechar os olhos.

– Ainda não entendi como isso aconteceu.

– Clyde tinha contatos. Não sei muito bem como, mas eles recrutavam meninas de lares adotivos em Idaho.

– Você é de lá?

Olivia assentiu.

– Ele tinha contatos em outros estados também. Oklahoma, por exemplo. Acho que Cassandra era do Texas. As garotas chegavam à boate, ele providenciava identidades falsas para elas e as colocava para trabalhar. Não era difícil conseguir gente. Nós dois sabemos que ninguém liga para os pobres, mas com crianças pequenas as pessoas ao menos têm alguma compaixão. Éramos apenas adolescentes difíceis. Não tínhamos ninguém.

– Sei. Continue – disse Matt.

– Clyde tinha uma namorada chamada Emma Lemay. Era uma espécie de figura materna para todas as meninas. Sei que isso soa estranho, mas, levando em conta as “mães” que havíamos tido, ela quase nos fazia recuperar as esperanças. Clyde batia muito nela. Sempre que ele passava, ela se encolhia. Na época eu não percebi isso, mas acho que o fato de ela também ser uma vítima dele tornava nossa ligação mais forte. Kimmy e eu gostávamos bastante dela. Sempre dizíamos que um dia iríamos embora dali, que sairíamos daquela vida. Eu contei às duas que tinha conhecido você e quanto aquela noite tinha significado para mim. Elas só ficaram escutando. Nós três sabíamos que nada aconteceria, mas elas me ouviram assim mesmo.

De repente veio um som de fora do quarto, um choro agudo. Olivia virou-se na direção da porta.

– É o Ethan – disse Matt.

– Ele sempre chora assim?

– Sempre.

Eles esperaram. A casa voltou a ficar em silêncio.

– Um dia, eu estava passando mal – prosseguiu Olivia, com a voz distante e monótona. – É claro que eles não nos davam noites de folga, mas eu estava tão enjoada que mal conseguia parar de pé, e você sabe, uma stripper vomitando no palco não seria muito bom para os negócios. Como Clyde e Emma não estavam por perto, falei com o segurança que ficava na porta e ele disse que eu podia ir embora. Então voltei para o galinheiro, que era como chamávamos o terreno com os trailers. Deviam ser umas três da tarde, porque o sol ainda estava forte. Eu tinha a sensação de estar sendo assada.

Olivia sorriu, porém seus olhos permaneceram melancólicos.

– Sabe o que é mais estranho? Bem, tudo isso é estranho, mas sabe uma coisa de que só me dei conta agora?

– O quê?

– Os detalhes capazes de mudar o destino de uma pessoa para sempre. Entende o que quero dizer? No seu caso, se você tivesse seguido direto para Bowdoin, se Duff não tivesse derramado a cerveja...

– É, eu entendo.

– Comigo foi a mesma coisa. Se eu não tivesse acordado indisposta naquele dia, se tivesse dançado naquela noite, como em todas as outras... Acho que foram esses pequenos detalhes que salvaram a minha vida.

Ela estava parada perto da porta. Olhou para a maçaneta como se quisesse fugir dali.

– O que aconteceu quando você voltou para o galinheiro? – perguntou Matt.

– Não havia ninguém lá – retrucou Olivia. – A maioria das meninas já estava na boate ou na cidade. Em geral nós terminávamos às três da manhã e dormíamos até o meio-dia. O galinheiro era tão deprimente que saíamos de lá assim que podíamos e ficávamos fora o máximo possível. Então, quando eu cheguei, estava tudo silencioso. Abri a porta do meu trailer e a primeira coisa que vi foi sangue no chão.

Matt a observava com atenção. A respiração de Olivia havia se acelerado, mas o semblante estava sereno.

– Perguntei se havia mais alguém ali. Acho que foi uma idiotice. Talvez devesse ter começado a gritar e correr. Sei lá. Outro pequeno detalhe, não é? Então olhei em volta. Os trailers tinham dois ambientes, mas a entrada era pelo quarto, onde nós três dormíamos. Eu ficava na cama de baixo do beliche e Kimmy na de cima. Cassandra, que tinha chegado por último, dormia numa cama encostada na parede em frente. Era muito organizada e vivia reclamando que a gente não limpava nada. Dizia que nossas vidas eram um lixo, mas que isso não significava que precisávamos viver numa lixeira. Enfim, o lugar estava todo revirado, as gavetas tinham sido jogadas no chão e havia roupas espalhadas por toda parte. E

ali, perto da cama de Cassandra, onde a trilha de sangue terminava, eu vi duas pernas. Quando olhei melhor, fiquei paralisada.

Olivia fitou Matt nos olhos.

– Cassandra estava morta. Eu nem precisei ver se havia pulsação. Ela estava deitada de lado, quase em posição fetal. Os olhos estavam abertos, encarando a parede. O rosto estava roxo e inchado, e havia queimaduras de cigarro nos braços. As mãos estavam amarradas atrás das costas com fita adesiva. Você não pode esquecer, Matt, que eu só tinha 18 anos. Podia me sentir ou parecer mais velha que isso, porque já tinha tido experiências demais na vida, mas nunca tinha visto algo assim. Fiquei ali, paralisada, olhando para o corpo de Cassandra. Não consegui me mover, nem quando ouvi o barulho vindo do outro ambiente, nem quando escutei Emma gritar “Clyde, não!”.

Olivia fez uma pausa, fechou os olhos e respirou fundo.

– Virei bem a tempo de ver um punho fechado vindo na direção do meu rosto. Não deu tempo de fazer nada. Os nós dos dedos de Clyde acertaram meu nariz em cheio. Na verdade, eu mais ouvi o barulho do soco do que senti. A minha cabeça foi jogada para trás, eu perdi o equilíbrio e caí em cima de Cassandra. Acho que essa foi a pior parte, cair em cima do corpo da minha amiga. A pele dela estava fria e pegajosa. Tentei me arrastar para longe dela, enquanto sentia o sangue do nariz escorrer para a boca.

Olivia parou mais um momento para tomar ar e tentar recobrar o fôlego. Matt nunca se sentira tão impotente. Não se moveu, não disse nada. Apenas esperou que ela se recuperasse.

– Clyde se aproximou e olhou para mim. Ele estava sempre com aquele sorrisinho afetado. Eu já o tinha visto bater em Emma Lemay muitas vezes. Sei que deve parecer estranho para você. Por que não reagíamos? Por que não fazíamos nada? Mas aquelas surras eram rotina para nós. Eram normais. Você precisa entender. Nós não conhecíamos outra realidade.

Matt assentiu, sentindo-se totalmente inconveniente, mas compreendia o raciocínio. Dentro do presídio a violência também era vista com outros olhos. Parecia um comportamento normal.

– Enfim, dessa vez o sorrisinho não estava lá. Olhe, se você acha que algumas pessoas são cruéis, é porque nunca conheceu Clyde

Rangor. Mas, naquele momento, parado acima de mim, ele parecia aterrorizado. Estava ofegante e tinha sangue na camisa. Atrás dele, e essa é uma imagem que nunca vou esquecer, estava Emma, parada, com a cabeça baixa. Ali estava eu, machucada, sangrando, olhando para a outra vítima daquele psicopata, que continuava com os punhos cerrados. A maior vítima dele, talvez. “Onde está a fita?”, Clyde me perguntou. Eu não tinha ideia do que ele falava. Ele pisou no meu pé com força e eu urrei de dor. Então Clyde gritou: “Você está brincando comigo, sua vagabunda? Onde está?”

Olivia deu um suspiro, ficou em silêncio por um momento e então continuou:

– Eu tentei recuar, mas colidi com a parede. Clyde deu um chute no corpo de Cassandra para tirá-lo da frente e me alcançar. Eu estava encurralada. Ouvi a voz de Emma bem longe, chorosa, implorando: “Não, Clyde, por favor...” Aí, sem tirar os olhos de mim, ele deu alguns passos para trás e de repente virou o braço com tudo, desferindo-lhe um tapa que a derrubou no chão. Ela foi parar longe, fora do meu campo de visão. Aquilo tinha sido demais para mim. Aproveitei o segundo de distração de Clyde para reagir: joguei a perna para a frente e consegui atingi-lo com toda a força, logo abaixo do joelho. Ele perdeu o equilíbrio, e nesse instante me levantei e rolei por cima da cama. Uma ideia se formava depressa na minha cabeça. Kimmy guardava uma arma no quarto. Eu não gostava disso, mas, se você acha que eu comi o pão que o diabo amassou, ela havia passado por coisa muito pior. Então, tinha sempre uma arma ao alcance da mão: um revólver calibre 22, pequeno, que mantinha dentro da bota até quando estava no palco, e outra arma embaixo do colchão.

Olivia calou-se e sorriu para ele.

– O que foi? – perguntou Matt.

– Como você.

– Como assim?

– Acha que eu não sei sobre a arma?

Ele tinha esquecido por completo. Apalpou a calça e ela não estava lá. Constatou que a tinham tirado dele no hospital. Olivia abriu a bolsa calmamente.

– Aqui está – falou, entregando-lhe a arma. – Não queria que a polícia a encontrasse e descobrisse que era sua.

– Obrigado.

Sentindo-se um idiota, ele pegou a arma, olhou-a e a pôs de lado.

– Por que você anda com isso? – quis saber ela.

– Não sei.

– Acho que Kimmy também não sabia. Bem, mas eu sabia que a arma estava ali. Quando Clyde caiu, eu me joguei em cima da cama para alcançá-la. Precisava ser rápida, porque o pontapé não o tinha afetado muito. Eu só dispunha de alguns segundos. Enfiei a mão debaixo do colchão de cima do beliche enquanto o ouvia gritar: “Sua vagabunda, eu vou matar você!” Eu não tinha dúvida disso, ainda mais depois de ver o que ele fizera com Cassandra. Tinha visto a expressão dele. Sabia que, se me alcançasse antes de eu pegar a arma, eu estaria morta.

Olivia fitava o nada agora, com uma das mãos erguida como se estivesse novamente no trailer procurando a arma.

– Eu continuava tateando embaixo do colchão, e podia quase sentir a respiração de Clyde na minha nuca. Então ele me agarrou pelos cabelos e, no instante em que ia começar a me puxar para trás, meus dedos tocaram o metal frio da arma. Tentei me agarrar ao estrado e, quando ele me puxou, a arma veio junto. Ele viu. Eu não estava segurando com muita firmeza, ainda não dava para atirar. Tentei colocar o dedo no gatilho, mas Clyde já estava em cima de mim e segurou meu pulso. Tentei me soltar, mas ele tinha uma força descomunal. Mesmo assim não desisti e continuei lutando. Aí ele enfiou a unha do polegar na minha pele. Clyde tinha unhas compridas e afiadas. Está vendo isto? – disse ela, fechando a mão e inclinando-a para trás, para que Matt pudesse ver a cicatriz em forma de lua crescente na parte inferior do pulso.

Ele já sabia de sua existência, e muito tempo antes Olivia lhe dissera que tinha sido o resultado de uma queda de cavalo.

– Foi Clyde Rangor. Ele enfiou a unha tão fundo que começou a sangrar. Eu larguei a arma, e ele continuou me segurando pelos cabelos. Então me jogou na cama e saltou em cima de mim. Segurou o meu pescoço e começou a apertar. Nesse momento, vi que ele estava chorando. Lembro como se fosse ontem. Clyde me

estrangulando e chorando ao mesmo tempo. Não porque se importasse comigo, longe disso. Ele estava apavorado. Estava me sufocando e ao mesmo tempo implorando “Diga onde está, diga onde está...”.

Delicadamente, Olivia ergueu a mão e levou-a até o pescoço.

– Eu me debati, lutei, chutei, bati, mas já sentia as forças se esvaírem. Não conseguia mais sugar o ar. Sentia o polegar dele afundando na minha garganta. Eu estava morrendo... E então ouvi o disparo da arma.

Ela afastou a mão do pescoço. O relógio da sala de jantar, um dos presentes de casamento de Bernie e Marsha, começou a tocar. Olivia esperou até que terminasse.

– Não foi um estampido muito alto, pareceu mais um graveto se partindo. Por um segundo, o aperto dele em meu pescoço ficou ainda mais forte. A cara que ele fez foi mais de espanto do que de dor. Então as mãos dele se afrouxaram e ele me soltou. Eu comecei a tossir, engasgada, e aí rolei para o lado, arfando. Emma estava parada atrás de Clyde, ainda apontando a arma para ele. Parecia que todos aqueles anos de abuso, todos aqueles espancamentos, enfim tinham ultrapassado o limite. Ela não recuou, não abaixou a cabeça, como sempre fazia. Clyde ainda se virou para ela, furioso, e então ela atirou de novo, dessa vez na cara dele. Quando puxou o gatilho pela terceira e última vez, Clyde Rangor finalmente morreu.

capítulo 38

Motivo.

Agora Loren tinha um motivo. Seria capaz de apostar que a mulher com a peruca platinada que aparecia naquele vídeo era Olivia Hunter. E, se o vídeo fosse alguma indicação, Charles Talley, um canalha de marca maior, não apenas dormira com a esposa de Matt Hunter como também fora capaz de enviar as imagens para o marido.

Tirando sarro da cara dele.

Enfurecendo-o.

Atraindo-o.

Fazia sentido. Perfeitamente.

Só que naquele caso havia muitas coisas que a princípio faziam sentido e depois de alguns minutos não se encaixavam. Como, por exemplo, o fato de Max Darrow ter sido morto por uma provável prostituta e o assassinato de Charles Talley parecer um crime passional. Porque, se assim fosse, como explicar a conexão com Emma Lemay, com o escritório do FBI em Nevada e com todas as informações que ouvira no escritório de Joan Thurston?

O celular de Loren começou a vibrar e ela viu que a ligação era de um número restrito.

– Alô?

– Então, de que se trata esse mandado contra Matt Hunter?

Era Lance Banner.

– Você não dorme nunca? – perguntou ela.

– No verão, não. Prefiro hibernar no inverno. Como um urso. Então, o que houve?

– Estamos procurando por ele.

– Por favor, me poupe de tantos detalhes, Loren. Assim não consigo entender nada – ironizou Lance.

– É uma longa história, e eu tive uma noite complicada.

– O mandado só cobre a região de Newark.

– E daí?

– E daí que ninguém foi verificar a casa da cunhada dele?

– Acho que não.

– Moro a um quarteirão da casa dela – disse Lance. – Estou a caminho.

capítulo 39

NEM MATT NEM OLIVIA SE MOVERAM. A confissão a deixara exaurida, ele podia ver isso. Esboçou um movimento para se aproximar, mas ela ergueu a mão.

– Certa vez, vi uma foto antiga de Emma Lemay – recomeçou ela. – Era linda. E muito inteligente também. Se alguém tinha alguma chance de escapar daquela vida, era ela. Mas ninguém consegue sair, sabe? Eu tinha 18 anos, Matt, e já sentia que a vida tinha acabado. Então lá estávamos nós, eu tossindo sem parar e Emma ainda com a arma em punho. Ela ficou olhando para Clyde por um longo tempo, enquanto esperava que eu recuperasse o fôlego. Levou alguns minutos. Então se virou para mim, com uma expressão de clareza, e falou: “Precisamos nos livrar desse corpo.” Lembro que fiz que não com a cabeça. Disse que não queria tomar parte naquilo. Ela não ficou chateada, nem levantou a voz. Foi muito estranho. Emma estava... serena demais.

– Ela tinha acabado de matar seu agressor – ponderou Matt.

– Em parte era isso, claro.

– Mas...?

– Era como se ela sempre tivesse esperado por aquele momento, como se soubesse que um dia aconteceria. Eu disse que era melhor chamar a polícia, mas Emma balançou a cabeça, bem calma e controlada. Ainda segurava o revólver. “Nós poderíamos falar a verdade”, eu disse. “Afinal, foi em legítima defesa. Podemos mostrar as marcas em meu pescoço. Podemos mostrar-lhes Cassandra, caramba.”

Matt se remexeu, inquieto. Olivia reparou e sorriu.

– Eu sei – comentou ela. – Notei a ironia. Legítima defesa, a mesma coisa que você alegou no seu julgamento. Acho que estávamos ambos diante da mesma encruzilhada. Talvez você não tivesse escolha, com todas aquelas testemunhas. Mas, ainda que

tivesse, vivia em um mundo diferente. Confiava na polícia. Pensava que a verdade viria à tona. Comigo e com Emma era diferente. Ela tinha atirado em Clyde três vezes, uma nas costas, duas no rosto. Ninguém acreditaria em legítima defesa. E, mesmo que engolissem essa versão, Clyde tinha dado muito lucro para o primo mafioso. Ele nunca nos deixaria escapar.

– E o que vocês fizeram? – perguntou Matt.

– Eu estava muito confusa, mas Emma continuou me explicando a situação. Não tínhamos muita escolha. Aí ela usou um ótimo argumento.

– Qual?

– Ela falou: “E se tudo acabar bem?”

– “E se tudo acabar bem?” – repetiu Matt, franzindo a testa.

– É, se a polícia acreditasse em nós e o primo de Clyde não quisesse se vingar.

Ela parou de falar e sorriu.

– Não entendi – comentou Matt.

– O que aconteceria com nós duas? Qual seria o desfecho para Emma e para mim, se tudo acabasse bem?

Então Matt compreendeu.

– Vocês poderiam fazer qualquer coisa.

– Exatamente. Era a nossa chance, Matt. Clyde tinha 100 mil dólares escondidos em casa. Emma disse que podíamos pegar o dinheiro, dividir entre nós duas e fugir. Teríamos a oportunidade de começar de novo. Ela já tinha em mente um lugar para onde ir. Planejava ir embora fazia anos, mas nunca conseguira reunir a coragem necessária. Nem eu. Nem qualquer uma das outras garotas.

– Mas naquela hora vocês precisavam fazer isso.

Olivia assentiu.

– Ela disse que, se escondêssemos o corpo de Clyde, todos iriam deduzir que os dois haviam fugido juntos. Começariam a procurar um casal, ou concluiriam que os dois tinham sido mortos e enterrados juntos. Mas Emma precisava da minha ajuda. Eu falei: “Mas e quanto a mim? Os amigos de Clyde me conhecem, não vão parar de me caçar. E como vamos explicar a morte de Cassandra?” Mas Emma já tinha pensado em tudo. Pediu minha carteira e pegou

minha identidade. Naquela época, o estado de Nevada não exigia foto na documentação. Ela a colocou no bolso de Cassandra. “Quando Kimmy volta?”, ela me perguntou. Eu disse que dali a três dias e ela achou perfeito, era tempo mais do que suficiente. Então falou: “Nem você nem Cassandra têm família. A mãe dela a expulsou de casa há anos e elas perderam contato.” Eu assenti, e ela continuou: “Faz anos que eu penso nisso. Sempre que ele me batia. Sempre que apertava meu pescoço até que eu desmaiasse. Sempre que pedia desculpas, prometia que nunca mais ia fazer aquilo e que me amava. Sempre que dizia que, se eu fugisse, iria atrás de mim e me mataria. Eu pensava: e se eu matá-lo, enterrar o corpo, pegar o dinheiro e fugir para um lugar seguro? E se eu pudesse compensar vocês por tudo? Você tem esse sonho, não tem, Candi? De fugir?”

– E você tinha – observou Matt.

Olivia ergueu o indicador.

– Com uma diferença. Eu disse antes que minha vida já estava acabada. Eu mergulhava nos livros, tentava ser otimista. Imaginava algo diferente para ter ao que me apegar. Olhe, não quero ser exagerada em relação àquela noite em Las Vegas. Mas eu pensava muito nela, Matt. Pensava no modo como você tinha me feito sentir. Pensava no mundo em que você vivia. Lembro tudo o que você disse, sobre sua família, sobre onde havia sido criado, sobre seus amigos e sua faculdade. O que você não sabia, o que ainda não entendeu, é que tinha descrito para mim uma vida que eu não podia sequer me permitir imaginar.

Ele não disse nada.

– Depois que você foi embora, naquela noite, não sei dizer quantas vezes pensei em ir atrás de você.

– Por que não foi?

Ela balançou a cabeça.

– Acho que você, mais do que ninguém, entende o que é sentir-se acorrentado.

Ele assentiu, com medo de responder.

– Mas isso não importa – prosseguiu Olivia. – Era tarde demais para pensar nisso naquele momento. Mesmo acorrentadas, tínhamos que agir. Então bolamos um plano. Era simples, na

verdade. Primeiro, enrolamos o corpo de Clyde em um cobertor e o colocamos no porta-malas de um carro. Trancamos o galinheiro com o cadeado. Emma conhecia um lugar. Clyde havia se livrado de pelo menos dois corpos lá, segundo ela, num trecho bem afastado, já no deserto. Nós o enterramos numa cova rasa, naquela terra de ninguém. Aí Emma ligou para a boate e deu um jeito para que todas as garotas tivessem que trabalhar até mais tarde, para que nenhuma delas voltasse ao galinheiro. Paramos na casa dela para tomar um banho. Quando entrei debaixo do chuveiro quente e vi aquela água vermelha escorrendo para o ralo, me senti como uma personagem de *Macbeth.*

Ela deu um sorriso cansado.

– Bem, foi mais ou menos isso, não? – comentou Matt.

Olivia balançou a cabeça devagar.

– Eu tinha acabado de enterrar um homem no deserto. Durante a noite os chacais o desenterrariam e fariam um banquete com o corpo. Levariam os ossos para longe. Foi o que Emma tinha me dito. E eu nem me importei.

Ela olhou para Matt como se o incitasse a desafiá-la.

– O que vocês fizeram em seguida? – quis saber ele.

– Adivinhe.

– Conte.

– Bem, Candace Potter não era ninguém, não havia nenhuma pessoa a quem a morte dela precisasse ser notificada. Emma, então, como sua chefe e supervisora, digamos assim, ligou para a polícia e comunicou que uma das meninas tinha sido assassinada. Quando os policiais apareceram, ela os levou ao trailer onde estava o cadáver de Cassandra. Minha identidade já estava no bolso dela. Emma identificou o corpo e confirmou que era uma de suas meninas, Candace Potter, conhecida como Candi Cane, e disse que ela não tinha ninguém no mundo. Ninguém questionou isso. Por que deveriam? Por que alguém duvidaria? Então Emma e eu dividimos o dinheiro. Eu fiquei com mais de 50 mil. Você pode imaginar? Quase todas as garotas do bar já tinham identidade falsa, não seria difícil conseguir uma para mim também.

– Aí você foi embora?

– Fui.

– E Cassandra? – perguntou Matt.

– O que tem ela?

– Ninguém quis saber o que tinha acontecido com ela?

– As meninas apareciam e iam embora a todo momento. Emma disse a todos que Cassandra tinha se demitido, que ficara muito apavorada com o assassinato de Candace. Duas outras garotas haviam feito o mesmo quando ficaram sabendo.

Matt balançou a cabeça, tentando avaliar a dimensão daquilo tudo.

– Quando nós nos conhecemos, você me disse que se chamava Olivia Murray.

– Isso.

– Foi esse o novo nome que você escolheu?

– Aquela foi a única vez que eu o usei. Com você, naquela noite. Você já leu *Uma dobra no tempo*?

– Li. Na quinta série, eu acho.

– Quando eu era criança, era meu livro preferido. A protagonista se chamava Meg Murray. Foi daí que tirei o sobrenome.

– E Olivia?

Ela deu de ombros.

– Pareceu ser um nome completamente diferente de Candi.

– E depois, o que aconteceu?

– Emma e eu fizemos um pacto. Nunca contaríamos a verdade a ninguém, não importava o que acontecesse, porque, se uma de nós falasse, a outra poderia ficar em apuros. Fizemos um juramento, e preciso que você compreenda como esse juramento foi solene.

Matt não sabia ao certo o que dizer.

– E aí você foi para a Virgínia?

– Fui.

– Por quê?

– Porque era lá que Olivia Murray morava. Era longe de Las Vegas e de Idaho. Eu criei o meu passado, inventei uma história de vida para mim. Estudei na Universidade da Virgínia. Não oficialmente, claro, mas assisti a muitas aulas como ouvinte. Naquela época a segurança não era tão rígida. Eu frequentava a lanchonete, a biblioteca... Conheci muita gente. Todos pensavam que eu fosse uma aluna regular. Alguns anos depois, fingi que tinha

me formado, arrumei um emprego e não pensei mais em Candi. Candace Potter estava morta.

– E foi nessa época que eu apareci?

– Foi. Olhe, eu era como uma criança assustada. Eu fugi e tentei criar uma vida real para mim. E, para falar a verdade, não estava interessada em arranjar um namorado. A sua empresa contratou a DataBetter, lembra?

– Lembro – retrucou ele.

– Eu não precisava de um relacionamento na minha vida. Mas quando eu vi você e... Sei lá. Talvez eu desejasse retornar àquela noite em que nos conhecemos, para reviver um sonho bobo. Você despreza a ideia de morar aqui, Matt. Não vê que esta cidade é o melhor lugar do mundo?

– É por isso que você quer vir morar aqui?

– Com você – disse Olivia, com um olhar suplicante. – Você não vê? Eu nunca acreditei nessa baboseira de almas gêmeas. Nós dois já vimos muita coisa nessa vida e... Talvez, sei lá, talvez nossas feridas acabem sendo algo bom. Quem sabe o sofrimento nos ensina uma nova forma de ver as coisas. A gente aprende a lutar pelo que outras pessoas já têm naturalmente. Você me ama, Matt. Você nunca acreditou mesmo que eu estivesse tendo um caso. Foi por isso que precisou ir atrás de uma prova. Porque, apesar de tudo o que acabei de lhe contar, você é a única pessoa que me conhece. E, sim, quero mudar para cá e construir uma família com você. Isso é tudo o que eu quero.

Matt abriu a boca, mas não saiu som algum.

– Está tudo bem – falou ela, com um leve sorriso. – É muita coisa para absorver.

– Não é isso, é que... – Ele não conseguia se expressar; as emoções ainda estavam à flor da pele. Precisava se acalmar primeiro. – O que deu errado? – indagou. – Depois de todos esses anos, como eles a encontraram?

– Eles não me encontraram – respondeu Olivia. – Fui eu que os encontrei.

Matt estava a ponto de fazer outra pergunta quando o clarão dos faróis de um carro passou pela janela, demorando-se um pouco demais. Matt ergueu a mão para ela se calar por um momento e os

dois ficaram em silêncio, apenas escutando. O barulho do motor era fraco, mas estava ali, bem perto, e não se distanciava.

Os dois se entreolharam. Matt aproximou-se da janela e olhou lá para fora.

O veículo estava estacionado do outro lado da rua. Os faróis tinham sido apagados. Logo em seguida, o motor também silenciou. Ele reconheceu o automóvel no mesmo instante. De fato, tinha estado dentro dele algumas horas antes.

Era o carro de Lance Banner.

capítulo 40

Loren voltou correndo à sala de interrogatório.

Cingle estava examinando as unhas.

– O advogado ainda não chegou.

Loren apenas a encarou por um momento, tentando imaginar como seria ter a aparência dela, ver os homens se derretendo, saber que podia conseguir qualquer coisa deles. Sua mãe fora um pouco assim. Loren tentava se colocar no lugar de Cingle e imaginar como devia ser ter aquele corpo. Seria bom ou ruim? Será que ela confiava demais nos próprios atributos físicos em detrimento de outras qualidades, como caráter e personalidade? Loren tinha a impressão de que não, o que a tornava uma ameaça ainda maior.

– Adivinhe o que achamos no computador do seu escritório – falou ela.

Cingle apenas piscou. Ela sabia. Loren imprimira a fotografia de Charles Talley, assim como alguns quadros do vídeo, e colocou as imagens sobre a mesa. Cingle mal olhou para elas.

– Não vou falar – avisou.

– Poderia apenas balançar a cabeça?

– O quê?

– Eu vou falando e você apenas confirma se eu estiver certa. Se quiser, claro. Porque acho que agora está tudo muito óbvio. – Loren sentou-se, entrelaçou os dedos e apoiou as mãos na mesa. – Nossos técnicos disseram que estas imagens são provenientes de um telefone celular. Então, nossa teoria é a seguinte: Charles Talley era uma espécie de psicopata. Sabemos disso. Tinha um longo histórico de violência e perversão. Então conheceu Olivia Hunter. Ainda não sabemos como, mas talvez você possa nos dizer quando seu advogado chegar. Mas não importa. Seja como for, por algum motivo doentio, ele enviou uma fotografia e um vídeo para o celular do nosso amigo Matt Hunter, que por sua vez levou as imagens para

você. Você, como boa detetive que é, descobriu que o sujeito se chamava Charles Talley e estava registrado no hotel Howard Johnson. Ou talvez tenha descoberto que Olivia Hunter estava hospedada lá. Não sei qual das duas opções.

– Não foi assim – disse Cingle.

– Talvez não exatamente, mas estamos perto. Desconheço os detalhes, e não me interessa saber como ou por que Matt Hunter procurou você. O que eu sei é que ele procurou, lhe deu o celular com as imagens recebidas, então você identificou Charles Talley, vocês dois foram confrontá-lo no hotel, Talley e Hunter brigaram, Hunter se feriu e Talley morreu.

Cingle desviou os olhos.

– Tem algo a acrescentar? – perguntou Loren.

O celular tocou outra vez, e a investigadora atendeu:

– Alô?

– Aqui é seu vizinho exemplar, Lance.

– O que houve?

– Adivinhe onde estou.

– Na frente da casa de Marsha Hunter?

– Muito bem. Agora adivinhe de quem é o carro estacionado na entrada de veículos.

Loren se empertigou.

– Você chamou reforço?

– Estão a caminho.

Ela desligou e viu os olhos de Cingle fixos nela.

– Algo a ver com Matt?

Loren assentiu.

– Estamos prestes a prendê-lo.

– Ele vai surtar.

Loren deu de ombros e esperou.

Cingle roeu uma unha.

– Você entendeu tudo errado.

– Como assim?

– Você acha que foi Charles Talley quem enviou as imagens para Matt.

– E não foi?

Cingle fez que não com a cabeça bem devagar.

– Então quem foi?

– Boa pergunta.

Loren se sentou. Pensou na foto de Charles Talley. Ele tinha uma mão erguida, quase como se estivesse constrangido por estar sendo fotografado. Não fora ele quem tirara a foto de si mesmo.

– Não importa. Teremos Matt sob custódia dentro de alguns minutos.

Cingle se levantou e começou a andar pela sala com os braços cruzados.

– Talvez – disse por fim – as fotos sejam uma armação.

– O quê?

– Ora, Loren, pense um pouco. Você não acha tudo isso certinho demais?

– Muitos casos de assassinato são assim.

– Porra nenhuma.

– Você encontra um homem morto e investiga a vida amorosa dele. Encontra uma mulher morta e investiga o amante ou o marido. Em geral é simples assim.

– Acontece que Charles Talley não era amante de Olivia Hunter.

– E como você chegou a essa conclusão?

– Não fui eu quem chegou. Foi Matt.

– Ainda gostaria de saber como.

– Porque as imagens são uma montagem.

Loren abriu a boca, mas fechou-a e esperou que Cingle falasse.

– Por isso Matt foi ao meu escritório. Queria ampliar as imagens, porque tinha percebido que não eram o que pareciam ser. Ele se deu conta disso quando começou a chover.

Loren se recostou na cadeira e espalmou as mãos na mesa.

– É melhor você explicar isso desde o começo.

Cingle pegou a foto de Charles Talley.

– Vamos lá... Está vendo esta janela aqui? Está vendo o sol invadindo o cômodo?

capítulo 41

O CARRO DE LANCE BANNER CONTINUAVA estacionado do outro lado da rua, na frente da casa de Marsha.

– Você o conhece? – perguntou Olivia a Matt.

– Conheço. Fomos colegas de escola. Ele é policial aqui na cidade.

– E veio fazer perguntas sobre o ataque?

Matt não respondeu. Fazia sentido, pensou. Com Cingle presa, era provável que a polícia quisesse fazer um relatório completo. Ou talvez Lance tivesse ouvido pelo rádio o nome de Matt ser mencionado como vítima ou testemunha. Ou quem sabe fosse apenas mais um pouco de pressão.

De qualquer forma, não era nada muito importante. Se Lance batesse à porta, Matt o despacharia. Era seu direito. Não podiam prender uma vítima de agressão por não ir correndo prestar depoimento.

– Matt?

Ele virou-se para Olivia.

– Você disse que não foram eles que a encontraram, mas sim você quem os encontrou.

– Isso.

– Acho que não entendi.

– Bem, essa é mesmo a parte mais difícil – retrucou ela.

Ele achou – não, esperou – que ela estivesse brincando. Matt tentava se controlar, não analisar, não racionalizar. Queria simplesmente ouvir.

– Eu contei muitas mentiras – disse Olivia. – Mas essa última foi a pior.

Matt continuou perto da janela.

– Eu me transformei em Olivia Murray. Já contei isso. Candace Potter estava morta para mim. Só que... Só que havia uma parte

dela da qual eu jamais poderia desistir.

Ela fez uma pausa.

– O quê? – indagou Matt com delicadeza.

– Quando eu tinha 15 anos, engravidei.

Ele fechou os olhos.

– Fiquei tão apavorada que não contei a ninguém até o último minuto possível. Quando a bolsa estourou, minha mãe adotiva da vez me levou ao médico. Eles me fizeram assinar vários papéis. Foi feito um pagamento, não sei de que valor. Nunca vi o dinheiro. O médico me deu um remédio para dormir e o bebê nasceu. Quando eu acordei...

A voz dela foi sumindo. Por fim Olivia deu de ombros e disse:

– Eu nem fiquei sabendo se era menino ou menina.

Os olhos de Matt estavam fixos no carro de Lance. Ele sentiu algo se dilacerar em seu íntimo.

– E o pai?

– Fugiu quando soube que eu estava grávida. Fiquei com o coração partido. Alguns anos depois, ele morreu num acidente de carro.

– E você nunca soube o que aconteceu com o bebê?

– Nunca. Jamais tive qualquer notícia. Por muitos anos, isso não me incomodou. Mesmo que eu quisesse, não poderia interferir na vida dela. Não com todos os meus problemas. Mas isso não significa que eu não me importasse, que não quisesse saber como ela estava.

Após um breve silêncio, Matt fitou Olivia nos olhos.

– Você disse “ela”.

– O quê?

– Agora mesmo. Primeiro você falou que não sabia se o bebê era menino ou menina, depois disse que não poderia interferir na vida *dela* e que queria saber como *ela* estava.

Olivia não respondeu.

– Quando você soube que era uma menina?

– Só há alguns dias.

– E como foi isso?

Olivia pegou uma folha de papel.

– Você sabe alguma coisa sobre grupos de apoio on-line a crianças e jovens abandonados?

– Não.

– Existem uns quadros onde os filhos podem deixar recados procurando seus pais biológicos e vice-versa. Eu sempre olho, só por curiosidade. Nunca pensei que poderia de fato encontrar uma pista. Candace Potter morreu há muito tempo. Mesmo que a filha dela procurasse a mãe biológica, acabaria descobrindo que estava morta e desistiria. Além do mais, eu não poderia mesmo fazer nada por causa do meu pacto com Emma. Arriscar-me a ser descoberta só poderia colocar minha filha em perigo.

– Mas você olhava os quadros mesmo assim?

– Olhava.

– Com que frequência?

– Que importância tem isso, Matt?

– Nenhuma, acho.

– Você não entende por que eu fazia isso?

– Não, não entendo – disse ele, apesar de não ter certeza de que fosse verdade. – Então, o que aconteceu?

Olivia entregou-lhe uma folha de papel.

– Encontrei este post num dos quadros.

A página estava amassada – era óbvio que havia sido dobrada e desdobrada muitas vezes. A data no alto era de quatro semanas antes. Ele leu:

> Esta é uma mensagem urgente e deve ser mantida em sigilo. Nós adotamos nossa filha há 18 anos, no dia 12 de fevereiro, no consultório do Dr. Eric Tequesta, em Meridan, Idaho. O nome da mãe biológica é Candace Potter, já falecida. Não temos informações sobre o pai.
>
> Nossa filha está muito doente. Ela precisa com muita urgência de um rim, e o doador deve ser um parente consanguíneo. Nosso apelo é para que qualquer familiar se apresente para um teste de compatibilidade. Se você for parente consanguíneo de Candace Potter, favor entrar em contato pelo...

Matt leu e releu a mensagem.

– Eu tinha que fazer alguma coisa – falou Olivia.

Ele assentiu, atordoado.

– Mandei um e-mail para os pais. A princípio, fingi ser uma antiga amiga de Candace Potter, mas eles não quiseram me dar nenhuma

informação. Eu não sabia o que fazer. Então escrevi de novo e falei que era parente dela. A partir desse momento tudo ficou muito estranho.

– Como assim?

– Acho... não sei... de repente os pais se retraíram. Combinamos nos encontrar pessoalmente. Marcamos data e local.

– Em Newark?

– Isso. Eles até reservaram um quarto em um hotel para mim. O combinado era que eu me registrasse e esperasse que entrassem em contato. Foi o que fiz. Um homem por fim me procurou e disse que eu fosse ao quarto 508. Quando cheguei lá, ele falou que precisava revistar minha bolsa. Acho que foi nesse momento que ele pegou meu celular. Então mandou que me trocasse no banheiro e colocasse o vestido e a peruca. Eu não entendi por quê, mas ele explicou que iríamos a um lugar e não queria que fôssemos reconhecidos. Eu estava com muito medo para recusar. Ele também colocou uma peruca preta. Quando fiquei pronta, ele pediu que me sentasse na cama. Aproximou-se de mim, como você viu no vídeo, parou bem perto e afirmou que sabia quem eu era, que, se eu quisesse salvar a vida da minha filha, teria que transferir dinheiro para a conta dele. E era para fazer a transferência no mesmo instante.

– E você obedeceu?

– Obedeci.

– Quanto?

– Cinquenta mil dólares.

Matt inclinou a cabeça em assentimento, fingindo estar calmo. Era todo o dinheiro que eles tinham.

– E depois?

– Ele disse que precisava de mais. Eu falei que não tinha e nós discutimos. Por fim, eu prometi que lhe daria mais dinheiro depois que visse minha filha.

Matt fitou o nada.

– O que foi? – perguntou ela.

– Você não começou a desconfiar?

– De quê?

– De que era algum tipo de golpe.

– Claro que sim. Li sobre esses golpistas que fingem ter informações sobre soldados desaparecidos em ação no Vietnã. Pedem dinheiro aos familiares para continuarem a busca, e eles querem tanto que seja verdade que não percebem que é armação.

– E...?

– Para todos os efeitos, Candace Potter estava morta – continuou Olivia. – Por que alguém tentaria arrancar dinheiro de uma morta?

– Talvez alguém tenha descoberto que ela estava viva.

– Como?

– Não sei. Emma Lemay pode ter dito alguma coisa.

– Vamos supor que sim. Mas e daí? Ninguém sabia sobre o bebê, Matt. A única pessoa em Las Vegas a quem contei sobre isso foi minha amiga Kimmy, mas nem ela tinha todas as informações. Data de nascimento, a cidade em Idaho, o nome do médico. Eu mesma nem lembrava o nome do médico até ler aquele post. As únicas pessoas que poderiam saber disso tudo eram a minha filha e os pais adotivos dela. E, mesmo que fosse algum tipo de golpe, apesar da peruca e tudo o mais, eu tinha que seguir em frente. Afinal, minha filha devia estar envolvida naquilo de alguma forma. Você não vê isso?

– Vejo – concordou ele. Também via que a lógica de Olivia era um pouco distorcida, mas aquele não era o momento para comentar isso. – E aí, o que aconteceu?

– Insisti em ver minha filha e ele marcou outro encontro, quando supostamente eu devo levar o resto do dinheiro.

– Quando?

– Amanhã à meia-noite.

– Onde?

– Em Reno.

– Em Nevada?

– É.

Nevada, de novo.

– Você conhece um homem chamado Max Darrow?

Ela não respondeu.

– Olivia?

– É o homem da peruca preta. O homem com quem fui me encontrar. Eu já o conhecia de Las Vegas. Ele sempre aparecia na

boate.

Matt não sabia o que fazer com essa informação.

– Onde em Reno?

– O endereço é Center Lane Drive, 488. Estou com a passagem aérea. Darrow disse que eu não devia contar a ninguém. Se eu não aparecer... Não sei, Matt. Eles falaram que poderiam machucá-la.

– Sua filha?

Olivia fez que sim, e seus olhos se inundaram de lágrimas.

– Não sei o que está acontecendo. Não sei se ela está doente, se foi sequestrada, não sei nem se... merda, não sei nem se está mesmo envolvida nessa história toda. Mas ela é real, está viva, e eu preciso encontrá-la.

Matt tentou processar tudo isso, mas não estava conseguindo. De repente, seu celular tocou. O primeiro impulso foi recusar a ligação, mas pensou melhor e olhou o identificador de chamadas. Àquela hora, era provável que fosse Cingle. Ela podia estar com problemas e precisando de ajuda. Voltou a olhar o identificador. Número restrito. Ele atendeu:

– Alô?

– Matt?

Ele franziu a testa. Parecia a voz de Meia-Idade.

– Ike?

– Matt, acabei de falar com Cingle ao telefone.

– O quê?

– Estou a caminho da promotoria de Essex – disse ele. – Eles querem interrogá-la.

– Ela ligou para você?

– Ligou, mas acho que tinha mais a ver com você.

– Como assim?

– Ela queria avisá-lo.

– Sobre o quê?

– Eu anotei, espere um instante. Aqui. Primeiro, você perguntou a ela sobre um homem chamado Max Darrow. Ele foi assassinado. Foi encontrado baleado em Newark.

Matt olhou para Olivia.

– O que foi? – perguntou ela.

Meia-Idade ainda estava falando:

– Mas o pior é que Charles Talley também está morto. Encontraram o corpo dele no hotel Howard Johnson, e havia um soco-inglês ensanguentado em sua mão. Estão fazendo um teste de DNA no sangue agora. Em menos de uma hora, vão ter as imagens do seu celular.

Matt ficou em silêncio.

– Ouviu o que eu disse, Matt?

Ele ouvira. Não demoraria muito para que pintassem o seguinte quadro: Matt Hunter, ex-presidiário condenado por provocar a morte de um rapaz numa briga, recebe uma série de montagens de imagens no celular que deixam claro que a mulher o está traindo com Charles Talley. Ele contrata uma detetive particular para descobrir onde os dois estão e invade o hotel durante a noite. Há uma briga. O fato é que devia haver pelo menos uma testemunha: o recepcionista do hotel. Provavelmente havia também um vídeo do sistema de segurança. E encontrariam evidências físicas, além de tudo: seu DNA devia estar espalhado por todo o corpo do morto.

Claro que existiam falhas nesse raciocínio. Matt poderia mostrar a janela com o vidro molhado e explicar que não estava chovendo. Também não sabia a que horas Talley tinha sido morto, mas, se tivesse sorte, o assassinato teria ocorrido quando ele se encontrava na ambulância ou já no hospital. Ou talvez o motorista de táxi pudesse ser seu álibi. Ou a esposa.

Alguma dessas coisas precisava funcionar.

– Matt? – chamou Meia-Idade.

– O que foi?

– A polícia já deve estar à sua procura.

Ele olhou pela janela. Uma viatura estacionou ao lado do carro de Lance.

– Acho que já me encontraram.

– Quer que eu combine uma rendição pacífica?

Uma rendição pacífica. Acreditar que as autoridades fariam as coisas direito. Agir dentro da lei e da justiça.

Da outra vez funcionara tão bem, certo?

Uma pessoa podia se enganar uma vez, mas duas...

Ainda que ele saísse ileso daquela confusão, o que aconteceria em seguida? Ele e Olivia teriam que contar tudo, inclusive o

passado dela. Ainda que Matt ignorasse o fato de ter jurado – *jurado* – jamais voltar para a prisão, restava o fato de que Olivia havia mesmo cometido um crime. No mínimo, fora cúmplice em uma ocultação de cadáver. Isso sem mencionar que Max Darrow, que também fora assassinado, a estava chantageando. O que tudo isso pareceria?

– Ike?

– Sim.

– Se eles souberem que conversamos, você pode ser acusado de instigação e cumplicidade.

– Não, Matt, eles não podem fazer isso. Eu sou o seu advogado. Estou lhe passando os fatos e o encorajando a se entregar. Mas o que você faz... bem, não posso controlar isso. Só posso ficar chocado e ultrajado. Entende?

Ele entendia. Olhou pela janela outra vez e viu que uma segunda viatura parara atrás da primeira. Pensou em como seria ir de novo para a prisão. No reflexo do vidro, ele viu o fantasma de Stephen McGrath. Stephen piscou para ele. Matt sentiu um aperto no peito.

– Obrigado, Ike.

– Boa sorte, amigo.

Meia-Idade desligou o telefone e Matt virou-se para Olivia.

– O que foi? – perguntou ela.

– Temos que dar o fora daqui.

capítulo 42

Lance banner aproximou-se da porta da frente da casa de Marsha Hunter.

Dois policiais com ar cansado o acompanharam. A barba de ambos estava no limite entre precisar ser feita ou estar de acordo com a última tendência da moda, resultado de mais um turno sem maiores sobressaltos em Livingston. Os dois eram jovens, recém-chegados à polícia. Caminhavam em silêncio. Podia-se ouvir sua respiração pesada. Tinham ganhado peso recentemente. Lance não sabia ao certo por que isso acontecia – por que os novatos sempre engordavam durante o primeiro ano de trabalho –, mas sabia que era assim em todos os lugares.

Lance se debatia num conflito interior. Tinha dúvidas sobre a conversa agressiva que tivera com Matt na véspera. Apesar de seu passado como criminoso condenado, apesar de quem pudesse ter se tornado, Hunter não merecia ser vítima da grosseria e do assédio estúpido dele. Lance sabia que agira como um policial brutamontes de um filme de segunda.

Na noite anterior, Matt ironizara a ingenuidade de Lance de querer proteger sua cidade do mal. Mas Matt não entendera o espírito da coisa. Lance não era idiota. Sabia muito bem que não podia erguer uma redoma em volta do subúrbio em ascensão. E era essa a questão. Você trabalha duro para ter uma vida digna e confortável. Ao longo do caminho, conhece pessoas que pensam como você, têm os mesmos objetivos, e juntos vocês constroem uma comunidade cada vez melhor. Então é claro que você vai lutar para preservar isso. Quando percebe qualquer coisa que possa ameaçar o bem-estar da comunidade, você a elimina. Era isso que ele estava fazendo com Matt Hunter. Era isso que homens como Lance Banner faziam por sua cidade. Eram os soldados, a linha de frente, as

poucas pessoas que trabalhavam dia e noite para que os outros, inclusive a família do próprio Lance, pudessem dormir em paz.

Por isso, quando os colegas de Lance começaram a dizer que era preciso tomar providências, quando Wendy, sua esposa, que fora da mesma turma da irmã mais nova de Matt Hunter na escola e achava que ela era a rainha das vagabundas, começara a discorrer sobre as consequências nefastas que poderiam advir do fato de um assassino e ex-presidiário morar ali, quando um dos membros do conselho da cidade expressara sua profunda apreensão –"Lance, você sabe o efeito que isso terá sobre os preços das propriedades?" –, ele entrara em ação.

E agora não sabia dizer se lamentava ou não.

Pensou na conversa que tivera com Loren Muse no dia anterior. Ela lhe perguntara como Matt era quando criança. Alguma vez Lance notara qualquer sinal de que ele fosse um psicopata? A resposta era um "não" em alto e bom som. Matt sempre fora um menino dócil, pacífico. Lance se lembrava de tê-lo visto chorar em um dos jogos de beisebol porque deixara passar uma bola fácil. O pai o confortara e Lance passara a vê-lo como um boboca. Mas é claro que as pessoas podiam mudar. A personalidade de uma criança de 5 anos não determina que tipo de ser humano ela será depois de adulta.

E a questão era que as mudanças sempre – *sempre* – ocorriam para pior, não para melhor.

Um adolescente psicopata nunca se tornará um homem equilibrado. Nunca. Mas é comum ver jovens criados de acordo com os valores certos, que respeitam a lei, amam o próximo e repudiam qualquer forma de violência, acabarem fazendo coisas terríveis.

Quem poderia dizer por que isso acontecia? Às vezes era, como no caso de Matt Hunter, apenas falta de sorte, mas tudo na vida tinha a ver com sorte, certo? A criação de uma pessoa, a herança genética, a experiência de vida, o que quer que fosse, tudo isso era uma questão de sorte. Matt Hunter estava no lugar errado na hora errada, pronto. Todo o resto não importava mais. Era possível ver isso nos olhos dele, no modo como andava, nos primeiros fios brancos em seus cabelos, na maneira como piscava, no sorriso tenso.

Algumas pessoas atraem coisas ruins.

E, por mais banal que isso possa parecer, ninguém quer ter gente assim por perto.

Lance bateu na porta da casa de Marsha Hunter. Os dois policiais se postaram um de cada lado, logo atrás dele. O sol tinha começado a nascer. Eles ficaram atentos a qualquer som.

Nada.

Lance olhou para a campainha. Sabia que Marsha Hunter tinha dois filhos pequenos. Se Matt não estivesse ali, ele se sentiria mal por acordar as crianças, mas não tinha alternativa. Apertou o botão.

Nada ainda.

Apenas por desencargo de consciência, Lance tentou a maçaneta, na esperança de que a porta estivesse destrancada. Não estava.

O policial à direita dele começou a ficar impaciente.

– Vamos arrombar?

– Ainda não. Não sabemos se ele está aqui.

Lance apertou a campainha de novo, três vezes seguidas.

O outro policial insistiu:

– Detetive?

– Vamos esperar mais alguns segundos – disse Lance.

Finalmente, uma luz se acendeu dentro da casa. Lance colou o nariz no vidro grosso e granulado da janela, porém a imagem era distorcida demais. Ele manteve o rosto pressionado no mesmo lugar, tentando ver algum movimento.

– Quem é?

A voz feminina soou hesitante, o que era compreensível naquelas circunstâncias.

– Detetive Lance Banner, do Departamento de Polícia de Livingston. Poderia abrir a porta, por favor?

– Quem?

– Detetive Lance Banner, do Departamento de Polícia de Livingston. Por favor, abra a porta.

– Espere um minuto.

Enquanto aguardavam, Lance continuou com o rosto colado ao vidro. Conseguiu distinguir uma silhueta descendo a escada, provavelmente Marsha Hunter. Os passos eram tão hesitantes

quanto a voz. Ouviu a chave girar na fechadura e o ferrolho ser puxado, e então a porta se abriu.

Marsha Hunter vestia um robe bem amarrado na cintura, grande demais para ela. Lance notou que o traje era felpudo e velho. Parecia um modelo masculino. Pensou por um segundo se tinha pertencido a seu marido. Os cabelos dela estavam desgrenhados. Marsha não tinha nenhum traço de maquiagem, e, embora ele sempre a tivesse considerado uma mulher atraente, achava que usar um pouco não lhe faria mal.

Ela olhou para Lance, depois para os policiais que o acompanhavam e de novo para ele.

– O que você quer a esta hora?

– Estamos procurando Matt Hunter.

Marsha estreitou os olhos.

– Eu conheço você.

Lance não disse nada.

– Você era o técnico do time de futebol do meu filho. Tem um filho da idade do Paul, não tem?

– Sim, senhora.

– Senhora não, por favor – corrigiu ela. – Meu nome é Marsha Hunter.

– É, eu sei.

– Nós somos vizinhos, droga – falou. Olhou mais uma vez para os policiais uniformizados antes de voltar a fitar Lance. – Você sabe que eu tenho filhos pequenos e ainda assim vem nos acordar com essa barulheira toda?

– Precisamos mesmo falar com Matt Hunter.

– Mamãe?

Lance reconheceu o menino que descia a escada. Marsha olhou com ar de reprovação para ele antes de se voltar para a criança.

– Volte para a cama, Ethan.

– Mas mamãe...

– Eu já vou subir. Vá se deitar. – Ela tornou a encarar Lance. – Estou surpresa por você não saber.

– Não saber o quê?

– Matt não mora aqui. Ele mora em Irvington.

– O carro dele está parado na sua entrada de veículos.

– E daí?
– Então, ele está aqui?
– O que está havendo?
Outra mulher apareceu no alto da escada.
– Quem é você? – perguntou Lance.
– Meu nome é Olivia Hunter.
– Olivia Hunter? Esposa de Matt Hunter?
– Como?
Marsha olhou para a cunhada.
– Ele quer saber por que o seu carro está na entrada de veículos.
– A esta hora? – retrucou Olivia. – Por que você quer saber isso?
– Eles estão procurando Matt – explicou Marsha.
– Sabe onde seu marido está, Sra. Hunter? – perguntou Lance.

Olivia continuou a descer a escada. Os passos dela pareciam calculados demais. Além disso, ela estava completamente vestida, de jeans e camiseta. Não roupas de dormir. Àquela hora.

Aquilo não fazia sentido.

Quando ele voltou a olhar para Marsha Hunter, viu um pequeno sinal de medo misturado com dissimulação. Droga. Como pudera ser tão burro? A demora em dar sinal de vida, a luz se acendendo, a eternidade para descer a escada, os passos lentos...

Ele se voltou para os policiais.
– Vão checar o quintal. Rápido!
– Espere! – interveio Olivia, num tom de voz estridente. – Checar o que no quintal?

Os homens saíram correndo, um pela direita, outro pela esquerda. Lance olhou para Marsha, que o fitou com ar de desafio.

Foi quando escutaram uma mulher gritando.

◆ ◆ ◆

– O que foi? – perguntou Olivia quando Matt desligou o celular.
– Temos que dar o fora daqui. Era Meia-Idade. Ligou para dizer que Charles Talley e Max Darrow estão mortos.
– Ah, meu Deus.
– E, a menos que eu esteja enganado – continuou, fazendo um gesto em direção à janela –, esses caras aí embaixo vieram me prender sob a acusação de ter assassinado os dois.

Olivia fechou os olhos, tentando pensar.

– O que você vai fazer?

– Preciso dar o fora daqui.

– Você quer dizer, *nós* precisamos dar o fora daqui.

– Não.

– Eu vou com você, Matt.

– Eles não estão atrás de você, Olivia. Não têm nada contra você. Na pior das hipóteses, podem pensar que você traiu seu marido. A única coisa que precisa fazer é recusar-se a responder às perguntas deles. Não podem prendê-la.

– E você vai simplesmente fugir?

– Não tenho opção.

– Para onde vai?

– Vou pensar em um lugar. Mas não podemos nos comunicar. Eles vão vigiar a casa, grampear os telefones.

– Precisamos de um plano, Matt.

– Que tal nos encontrarmos em Reno?

– O quê?

– Amanhã à meia–noite. No endereço que você disse, Center Lane Drive, 488.

– Você acha que ainda existe alguma chance de a minha filha...

– Duvido – disse Matt. – Mas também duvido que Darrow e Talley tenham armado tudo isso sozinhos.

Olivia hesitou.

– O que foi? – perguntou Matt.

– Como você vai atravessar o país assim tão depressa?

– Não faço ideia. Se eu não conseguir, vamos pensar em outra coisa depois. Olhe, eu sei que não é um plano sensacional, mas agora não temos tempo para mais nada.

Olivia deu um passo à frente e Matt sentiu outra vez aquela quentura no peito. Ela nunca lhe parecera tão bela e, ao mesmo tempo, tão vulnerável.

– Temos tempo para você dizer que ainda me ama? – disse ela.

– Eu te amo. Mais do que nunca.

– Mesmo?

– Mesmo – garantiu Matt.

– Mesmo depois de...

– Mesmo assim.

Olivia balançou a cabeça.

– Você é bom demais para mim.

– Sim, sou um verdadeiro príncipe.

Olivia riu em meio aos soluços. Matt a abraçou.

– Vamos falar sobre isso depois, mas agora precisamos encontrar sua filha.

Algo que ela havia dito sobre valer a pena lutar pela vida mexera mais com ele do que as revelações em si. Então ele decidira lutar. Por ambos.

Olivia assentiu, enxugando as lágrimas.

– Tome. Só tenho 20 dólares.

Ele pegou o dinheiro. Arriscaram um olhar pela janela e viram que Lance Banner se aproximava da porta, acompanhado de dois policiais fardados. Olivia se colocou à frente de Matt, como se disposta a levar um tiro em seu lugar.

– Você precisa se esgueirar pela porta dos fundos – disse ela. – Vou acordar Marsha e contar-lhe o que está acontecendo. Vamos tentar atrasá-los.

– Eu te amo, querida.

Ela deu um sorriso.

– É bom ouvir isso.

Os dois trocaram um beijo rápido e apaixonado.

– Não deixe que nada de ruim lhe aconteça – pediu Olivia.

– Não vou deixar.

Matt desceu e foi em direção à porta dos fundos. Olivia já estava no quarto de Marsha. Não era justo envolver a cunhada naquilo, mas que escolha eles tinham? Da cozinha, Matt ouviu outra viatura chegando.

Bateram à porta.

Não havia mais tempo. Matt tinha um esboço de plano. Estavam mais ou menos perto do reservatório de água de East Orange, localizado no meio de uma floresta. Ele havia brincado lá muitas vezes quando criança. Se conseguisse chegar à mata, seria difícil o encontrarem. Então iria até a estrada de Short Hills e depois... Bem, é claro que daí por diante precisaria de ajuda.

Mas pelo menos sabia para onde ir.

Quando ele colocou a mão na maçaneta, ouviu a campainha. Imediatamente, abriu a porta dos fundos.

Havia alguém ali, parado, e ele quase pulou de susto.

– Matt?

Era Kyra.

– Matt, o que...

Ele fez sinal para ela se calasse e a puxou para dentro.

– O que está acontecendo? – sussurrou a babá.

– O que você está fazendo acordada?

– Eu... – Ela deu de ombros. – Eu vi os carros da polícia. O que houve?

– É uma longa história.

– Aquela investigadora que veio aqui hoje, ela perguntou sobre você.

– Eu sei.

Ambos ouviram Marsha gritar “Espere um minuto”.

Kyra arregalou os olhos.

– Você vai tentar fugir?

– É uma longa história... – repetiu ele.

Os olhos de ambos se encontraram e Matt tentou imaginar o que Kyra iria fazer. Não queria envolvê-la. Se ela gritasse, ele entenderia. Era apenas uma criança. Não tinha nada a ver com aquilo tudo e não tinha motivo nenhum para confiar nele.

– Vá logo – sussurrou ela.

Matt não esperou nem agradeceu. Saiu apressado, enquanto Kyra se afastava para o lado oposto, em direção a seu quarto em cima da garagem. Matt olhou para o balanço que ajudara Bernie a montar. Parecia que fora em outra vida. No dia, fazia um calor absurdo. Os dois haviam tirado a camisa, e Marsha ficara esperando por eles na varanda, com cervejas. Bernie também queria instalar uma tirolesa, mas Marsha não concordara, alegando ser perigoso, e Matt lhe dera razão.

A gente se lembra de cada coisa...

O quintal era aberto demais – não tinha árvores, nem arbustos, nem pedras. Bernie tinha limpado boa parte do terreno pensando em construir uma piscina. Outro sonho, embora de menor importância, que morrera com ele. Agora havia ali bases brancas

dispostas como em um campo de beisebol e duas pequenas traves de futebol. Matt começou a cruzar o quintal. Kyra já havia entrado na garagem.

Nesse momento, ele ouviu a comoção.

– Espere! – Era a voz de Olivia. Ela estava gritando de propósito para que ele pudesse escutar. – Checar o que no quintal?

Não havia tempo a perder. Ali ele estava à vista de qualquer um. Deveria correr? Não havia muitas alternativas. Matt saltou para o quintal do vizinho, evitando pisar nos canteiros de flores – uma preocupação meio estranha num momento como aquele, mas ele tomou cuidado mesmo assim. Arriscou dar uma olhada para trás.

Um dos policiais chegava naquele instante aos fundos da casa.

Droga.

Mas ele não fora visto. Ainda. Procurou um lugar onde se esconder. Havia um galpão de ferramentas no quintal do vizinho. Matt saltou para trás dele e se espremeu contra a parede, como tinha visto nos filmes, mas não adiantou muita coisa. Levou uma das mãos à cintura e verificou que a arma estava ali.

Arriscou mais uma espiada para o quintal de Marsha.

O policial olhava na direção dele.

Pelo menos foi a impressão que teve. Matt recuou depressa. Será que tinha sido visto? Difícil dizer. Esperou que alguém gritasse, avisando que sabia onde ele estava.

Nada aconteceu.

Ele queria olhar outra vez, mas seria arriscado demais.

Ficou parado, esperando.

Então escutou uma voz. Devia ser do outro guarda.

– Sam, você viu alguma...

A voz sumiu abruptamente, como um rádio sendo desligado.

Matt prendeu o fôlego e aguçou os ouvidos. Estaria ouvindo passos? Não podia afirmar com certeza. Pensou em olhar de novo. Se estivessem indo na direção dele, o que teria a perder? De um jeito ou de outro, seria apanhado.

Mas estava tudo quieto demais.

Se os policiais ainda o estivessem procurando, estariam chamando um ao outro. Como não emitiam um único som, só havia uma explicação óbvia.

Eles o viram e se aproximavam em silêncio.

Matt aguçou os ouvidos de novo.

Escutou um ruído de algo balançando. Algo no cinto de um policial.

Não havia dúvidas agora. Estava sendo cercado. Seu coração acelerou. Podia senti-lo pulando no peito. Seria preso. Outra vez. Imaginou o que aconteceria: o tratamento rude, as algemas, o banco de trás da viatura...

A cadeia.

Foi tomado pelo pavor. Os policiais se aproximavam. Iriam pegá-lo, levá-lo embora e jogá-lo mais uma vez naquele lugar horrendo. Nunca ouviriam o que ele tinha a dizer. Apenas o trancafiariam. Já tinha sido condenado uma vez, e agora um homem morrera depois de uma briga com ele. Não faltava mais nada – estava ferrado.

E o que aconteceria com Olivia se a polícia o pegasse?

Não poderia nem mesmo contar a verdade, por mais que quisesse, porque se fizesse isso ela iria parar na cadeia. E se havia algo que o apavorava mais do que ser preso...

Matt não soube dizer como, mas de repente a arma estava em sua mão.

Acalme-se, pensou. *Não vamos atirar em ninguém*.

Mas podia ameaçar fazê-lo, não? Só que já havia vários policiais ali, quatro ou cinco pelo menos, e outros deviam estar a caminho. Eles também sacariam suas armas. E então? Será que Paul e Ethan já tinham acordado?

Matt foi deslizando até a extremidade do galpão. Arriscou um olhar e viu dois policiais a não mais que 3 metros de distância.

Eles o haviam localizado, não restava dúvida. Estavam indo em sua direção.

Ele não tinha como fugir.

Apertou a arma e se preparou para sair correndo. Então seus olhos foram atraídos por alguma coisa no quintal de Marsha.

Era Kyra.

Ela devia estar vendo tudo. Encontrava-se parada perto da porta da garagem. Ela o fitou e Matt teve a impressão de vê-la sorrir. Ele quase chegou a balançar a cabeça em negativa, mas não o fez.

Então Kyra gritou.

O grito cortou o ar e reverberou nos ouvidos de Matt. Os dois policiais se viraram na direção dela, sobressaltados, e ela gritou outra vez. Ambos correram para onde ela estava.

– O que houve? – gritou um deles.

Matt não hesitou. Aproveitou a distração proporcionada por Kyra e saiu em disparada para o lado oposto, onde ficava a mata. Ela gritou de novo, mas ele não se virou mais antes de já estar no meio das árvores.

capítulo 43

Sentada com os pés em cima da mesa, Loren Muse decidiu telefonar para a viúva de Max Darrow.

Deviam ser três ou quatro da manhã em Nevada. Ela nunca conseguia se lembrar se lá eram duas ou três horas a menos. De qualquer forma, imaginava que uma mulher que acabara de receber a notícia de que o marido fora assassinado não devia estar dormindo.

O telefone tocou duas vezes e a ligação caiu na secretária eletrônica. Uma voz masculina disse: “Casa de Max e Gertie. Não podemos atender agora. Provavelmente fomos pescar. Deixe seu recado, ok?”

Ouvir a voz de um homem que estava morto a paralisou. Max Darrow, policial aposentado, era um ser humano, afinal de contas. Isso era algo básico, mas às vezes fácil de esquecer. Você se concentrava nos detalhes, nas peças do quebra-cabeça, mas o fato era que uma vida se perdera. Gertie teria que gravar outra mensagem. Ela e Max nunca mais iriam pescar juntos. Parecia algo irrelevante, mas tratava-se de uma vida, de uma história que fora interrompida de forma abrupta.

Loren se identificou e deixou um breve recado com o número de seu telefone.

– Ei, no que você está trabalhando?

Era Adam Yates, o encarregado do escritório do FBI em Las Vegas. Ele tinha ido de carro com Loren até o escritório da promotoria depois da reunião com Joan Thurston. Ela olhou para ele.

– Em alguns desdobramentos estranhos.

– Como o quê?

Ela relatou a conversa com Cingle Shaker. Yates arrastou uma cadeira da mesa ao lado e sentou-se, sem desviar os olhos dos de

Loren. Ele era um grande adepto do contato visual.

Quando ela terminou de contar, Yates franziu a testa.

– Não consigo entender como o tal Hunter se encaixa nessa história.

– Ele deve ser preso em pouco tempo. Talvez consigamos descobrir alguma coisa.

Yates assentiu, sempre encarando-a.

– O que foi? – perguntou Loren.

– Este caso significa muito para mim – retrucou ele em voz baixa.

– Por alguma razão em especial?

– Você tem filhos?

– Não.

– É casada?

– Não.

– É lésbica?

– Meu Deus, Yates.

Ele ergueu a mão.

– Isso foi horrível, desculpe.

– Por que tantas perguntas?

– Você não tem filhos. Acho que não vai entender.

– Está falando sério?

Yates ergueu a mão outra vez.

– Não me expressei direito. Tenho certeza de que você é uma pessoa muito legal.

– Puxa, obrigada.

– Mas é que... quando a gente tem filhos, as coisas mudam.

– Faça-me um favor, Yates. Não me venha com essa conversa de que ter filhos muda uma pessoa. Já estou cansada de escutar essa bobagem das minhas pouquíssimas amigas.

– Não é isso. – Ele fez uma pausa. – Na verdade, acho que as pessoas solteiras são policiais mais competentes. São mais focadas.

– Por falar nisso... – Loren pegou alguns papéis e fingiu estar ocupada.

– Deixe-me perguntar uma coisa, Muse.

Ela esperou.

– Quando você acorda, qual é a primeira pessoa que lhe vem à mente?

– Como?

– É de manhã. Você acorda. Quem é a primeira pessoa em que pensa assim que abre os olhos?

– Que importância tem isso?

– Veja bem, não quero ofendê-la, mas a resposta é você, não é? Não há nada de errado nisso. É perfeitamente natural. Todas as pessoas solteiras agem assim. Acordam de manhã e pensam no que irão fazer durante o dia. É claro que há aquelas que têm que cuidar de um pai ou uma mãe idosos ou algo do tipo. Mas a questão é: depois que a pessoa tem um filho, ela nunca mais será prioridade, porque existe alguém mais importante que ela. E isso muda sua visão de mundo. Não tem jeito. Você pode achar que sabe tudo sobre proteger e servir, o lema da polícia, mas, quando se tem uma família...

– Qual é a conclusão disso tudo?

Adam Yates enfim rompeu o contato visual.

– Eu tenho um filho. Ele se chama Sam. Está com 14 anos. Quando tinha 3, pegou meningite. Pensamos que fosse morrer. Ficou no hospital, naquela cama branca enorme, grande demais para ele, sabe? Parecia que a cama ia engoli-lo. E eu só fiquei sentado ao lado dele assistindo a meu filho piorar.

Ele respirou fundo e engoliu em seco. Loren ficou esperando.

– Depois de algumas horas, peguei-o da cama e fiquei com ele em meus braços. Não dormi, nem o coloquei de volta na cama. Fiquei ali, abraçado a ele. Minha esposa diz que foram três dias inteiros. Francamente, não me lembro. Eu só sabia que, se ficasse segurando Sam junto de mim, cuidando dele, a morte não o tiraria de mim.

Yates desviou os olhos.

– Ainda não percebi aonde quer chegar – falou Loren, com delicadeza.

– O que estou querendo dizer – retrucou ele com a voz normal de novo, então a fitou mais uma vez – é que... eles ameaçaram a minha família.

Yates levou as mãos ao rosto e tornou a abaixá-las, como se não soubesse o que fazer com elas.

– Quando eu entrei neste caso... eles foram atrás da minha esposa e do meu filho. Entendeu agora?

Loren abriu a boca, mas não disse nada.

O telefone sobre a mesa tocou, e ela atendeu.

– Perdemos Matt – informou Lance Banner.

– O quê?

– Aquela garota que mora com a cunhada dele... Kyra, algo assim... Ela começou a gritar e... Bem, a esposa dele está aqui. Falou que veio para cá sozinha de carro, sem Matt, e que não sabe onde ele está.

– Ela está mentindo.

– Eu sei.

– Traga essa mulher para cá.

– Ela não quer ir.

– Como é?

– Não temos nenhuma acusação contra ela.

– Mas ela é a testemunha principal em um caso de homicídio!

– Ela está recorrendo à lei. Diz que ou a prendemos, ou a deixamos em paz.

O celular de Loren começou a vibrar. Ela verificou o identificador de chamadas e viu que a ligação vinha da casa de Max Darrow.

– Ligo para você depois. – Desligou o telefone fixo e atendeu o celular. – Investigadora Loren Muse falando.

– Aqui é Gertie Darrow. Você me deixou um recado?

Loren ouviu que ela chorava.

– Meus mais sinceros pêsames.

– Obrigada.

– Não quero incomodá-la neste momento difícil, mas preciso lhe fazer algumas perguntas.

– Eu entendo.

– Obrigada. – Loren pegou uma caneta. – A senhora sabe por que seu marido estava em Newark, Sra. Darrow?

– Não – respondeu ela, como se fosse a palavra mais dolorosa que já havia pronunciado. – Ele me disse que ia visitar um amigo na Flórida. Que eles iriam sair para pescar.

– Sei. Ele era aposentado, certo?

– Era.

– Pode me dizer se ele estava trabalhando em algum caso?

– Não estou entendendo. O que isso tem a ver com a morte dele?

– São apenas perguntas de rotina...

– Por favor, Srta. Muse – interrompeu Gertie, com voz um pouco mais firme. – Meu marido era policial, lembra? Você não ligou para minha casa a esta hora para fazer perguntas de rotina.

Loren suspirou.

– Estamos tentando encontrar um motivo.

– Um motivo?

– É.

– Mas... – A mulher pareceu acalmar-se. – O outro policial, que ligou antes... O investigador Wine...

– Sim. Ele trabalha aqui no meu escritório.

– Ele disse que encontraram Max num carro e que... – A voz de Gertie ficou trêmula, mas ela se controlou. – Ele falou que Max estava... com a calça abaixada.

Loren fechou os olhos. Então Wine já havia lhe contado. Era compreensível. Nos dias de hoje, a época da franqueza, não se podia mais nem poupar uma viúva.

– Sra. Darrow?

– O quê?

– Achamos que foi uma armação. Acredito que ele não estava com nenhuma prostituta. Acho que seu marido foi assassinado por outra razão, talvez relacionada a um caso antigo dele na polícia. Por isso eu perguntei se estava trabalhando em algum caso.

Houve um breve silêncio.

– Aquela garota.

– Como disse?

– Eu sabia. Tinha certeza.

– Desculpe, Sra. Darrow, acho que não entendi.

– Max nunca falava de trabalho. Não trazia os problemas profissionais para casa. E estava aposentado. Ela não tinha por que aparecer.

– Ela quem?

– Não sei o nome dela. Era bem jovem, tinha uns 20 anos.

– O que ela queria?

– Eu já lhe disse, não sei. Mas Max... Depois que ela saiu, ele ficou maluco. Começou a remexer em arquivos antigos.

– A senhora sabe sobre o que eram esses arquivos?

– Não. – Então, depois de uma pausa, ela falou: – Você acha mesmo que isso pode ter algo a ver com a morte de Max?

– Acho, senhora. Acho que pode ter tudo a ver com o que aconteceu. O nome Clyde Rangor significa algo para a senhora?

– Não, desculpe.

– E Emma Lemay ou Charles Talley?

– Não.

– Candace Potter?

Silêncio.

– Sra. Darrow?

– Eu vi esse nome.

– Onde?

– Numa pasta em cima da mesa dele. Deve fazer um mês, mais ou menos. Eu só vi o nome “Potter”. Lembro porque é o nome do vilão de um dos meus filmes favoritos.

– A senhora sabe onde está essa pasta?

– Vou procurar nas gavetas dele. Se ainda estiver aqui, vou encontrar, aí ligo para você.

capítulo 44

Matt aprendera a roubar carros quando estava na prisão. Pelo menos, era o que pensava.

Havia um rapaz chamado Saul, que ficava a duas celas de distância de Matt, que tinha o fetiche de passear em carros roubados. Era o tipo mais decente que se podia encontrar num presídio. Tinha seus fantasmas, que pareciam mais inofensivos do que os da maioria, e eles o dominavam por completo. Fora preso por roubo de carro aos 17 anos, depois outra vez aos 19. Na terceira, Saul perdera o controle da direção e provocara um acidente no qual uma pessoa morrera. Com duas ocorrências anteriores, fora condenado à prisão perpétua. Certa vez, dissera a Matt:

– Tudo o que você vê na TV é a maior besteira, a menos que você queira uma marca específica de carro. Se não, você não estoura a fechadura, não usa ferramentas nem faz ligação direta. De qualquer forma, essas coisas só funcionam com carros mais velhos. E com todos esses alarmes de hoje em dia, se você tentar esses métodos amadores, pode acreditar que o carro vai travar inteiro com você lá dentro.

– Então como é que se faz agora? – perguntara Matt.

– Você usa a própria chave do carro. Abre a porta como o dono faria e sai dirigindo.

Matt fizera uma careta.

– Simples assim?

– Não, não simples assim. Você faz o seguinte: vai até um estacionamento bem lotado. Os de shopping centers são ótimos, mas você precisa estar sempre de olho nos seguranças. Os dos supermercados são ainda melhores. Você procura uma área discreta, onde não haja muita gente circulando. Aí sai andando e passando a mão por cima dos pneus da frente ou por baixo dos para-choques. Algumas pessoas deixam as chaves ali. Outras usam

aqueles ímãs bonitinhos para prendê-las por baixo do para-lama do lado do motorista. Nem todas fazem isso, claro, mas pelo menos uma em cada cinquenta, sim. É só procurar que você acaba achando.

Agora, Matt pensava sobre isso. Fora muitos anos antes, e talvez a prática já estivesse ultrapassada. Mas fazia mais de uma hora que ele caminhava sem parar, primeiro na floresta, depois pelas ruas, sempre evitando as avenidas principais. Quando chegou à esquina da Avenida Livingston, pegou um ônibus para o campus da Bergen Community, uma universidade pública em Paramus. O trajeto levou cerca de uma hora. Matt dormiu o tempo todo.

A Bergen Community reunia alunos de diversas regiões do país. Havia centenas de carros de estudantes descuidados no estacionamento. Quase não havia segurança nenhuma, e Matt começou a procurar. Levou quase uma hora, mas, como Saul dissera, ele encontrou uma chave escondida em um Isuzu, com um quarto do tanque cheio. Nada mau. A chave estava presa por um ímã acima do pneu dianteiro. Ele entrou no veículo e pegou a Rota 17. Não sabia andar muito bem no condado de Bergen. Teria sido melhor ir para o norte pela Tappan Zee, mas preferira o caminho que conhecia e que passava pela ponte George Washington.

Estava a caminho de Westport, Connecticut.

Quando chegou à ponte, teve medo de que o funcionário do pedágio o reconhecesse, apesar de ter tirado o curativo da cabeça e colocado um boné dos New York Rangers, um time de hóquei no gelo, que encontrara no banco traseiro do automóvel. Mas isso não aconteceu. Matt ligou o rádio e escutou as notícias, primeiro numa estação por 22 minutos, depois em outra. Nos filmes, sempre interrompiam a programação para um boletim especial quando havia um fugitivo procurado pela polícia. Mas em nenhuma das duas emissoras o nome dele foi mencionado. Na verdade, não ouviu nem mesmo uma notícia sobre o caso – nada sobre Max Darrow, ou Charles Talley, ou sobre um suspeito foragido.

Matt precisava de dinheiro, de um lugar para dormir e de analgésicos. A forte descarga de adrenalina amortecera temporariamente suas dores, mas agora ele se sentia todo dolorido de novo. Só tinha dormido cerca de uma hora nas últimas 24 horas,

e na noite anterior, aquela em que recebera as imagens pelo celular, também mal tinha cochilado.

Verificou quanto dinheiro tinha. Trinta e oito dólares. Era pouco. Não podia ir a um caixa eletrônico nem usar um cartão de crédito, porque a polícia já devia estar rastreando todas as operações. Também não podia recorrer a parentes ou amigos mais próximos, pelo mesmo motivo. Não que houvesse muitos em quem pudesse confiar.

No entanto, existia uma pessoa a quem Matt poderia recorrer sem levantar suspeitas.

Pegou a saída para Westport e diminuiu a velocidade. Nunca tinha sido convidado a ir à casa dela, mas sabia o endereço. Ao sair da cadeia, passara de carro por aquela rua diversas vezes, mas nunca tivera coragem de entrar no quarteirão certo.

Mas agora virou à direita, depois à direita outra vez, e estacionou na rua sossegada e arborizada. Seu coração acelerou. Ele olhou para a entrada de veículos e só viu o carro dela parado ali. Pensou em usar o celular, depois mudou de ideia, pois a polícia também devia tê-lo grampeado. O mais simples talvez fosse mesmo tocar a campainha, mas ele ainda relutava em fazer isso. Por fim, decidiu-se pelo método mais seguro. Ligou o carro mais uma vez e rodou devagar, até encontrar um orelhão. Discou o número.

Sonya McGrath atendeu ao primeiro toque.

– Alô?

– Sou eu – disse ele. – Você está sozinha?

– Estou.

– Preciso da sua ajuda.

– Onde você está?

– A cinco minutos da sua casa.

◆ ◆ ◆

Matt conduziu o carro pela entrada de veículos da residência dos McGraths.

Havia um aro de basquete enferrujado acima da porta da garagem. A rede em farrapos não era substituída fazia muito tempo. Aquele aro não combinava com a casa. Estava velho e descuidado, enquanto o restante da construção era luxuoso e moderno. Por um

momento, Matt parou e olhou para a cesta. O fantasma de Stephen McGrath estava por perto, em ótima forma, com os olhos fixos no aro. Matt o viu jogar a bola com precisão. Stephen sorria.

– Matt?

Ele se virou. Sonya McGrath estava parada no degrau da frente. Ela acompanhou o olhar dele e, quando viu o que Matt encarava, seu semblante ficou muito sério.

– O que houve? – perguntou ela.

Matt contou-lhe tudo, mas, enquanto falava, percebeu que a expressão transtornada não se desfazia. Já vira aquela mulher receber golpes como aquele. Ela sempre se refazia, se não por completo, ao menos em parte. Mas não era o que acontecia agora. O rosto dela estava mortalmente lívido. Apesar disso, Matt não conseguia parar. Continuou falando, explicando por que estava ali, e em algum ponto da narrativa teve uma daquelas experiências extracorpóreas em que viu a própria imagem flutuar acima de si mesmo e de Sonya, ouviu o que dizia e como aquilo devia soar aos ouvidos dela. Mas não parou. Continuou falando enquanto uma vozinha fraca dentro de sua cabeça lhe pedia que calasse a porra da boca. Mas ele não obedeceu à voz. Persistiu, imaginando que de alguma forma conseguiria fazê-la entender.

Mas a verdade era que as palavras dele se resumiam ao seguinte: outra briga, outra morte.

Quando Matt finalmente se calou, Sonya apenas o encarou por muitos segundos. Ele se sentiu definhar e morrer sob seu olhar.

– E você quer que eu o ajude? – perguntou ela por fim.

Colocado dessa forma, Matt teve a completa noção de como aquilo parecia não apenas absurdo, mas também ultrajante.

Não sabia o que fazer.

– Clark descobriu sobre nossos encontros – disse Sonya.

Matt ia dizer que lamentava, ou algo assim, mas não lhe pareceu apropriado. Ficou calado e esperou.

– Ele acha que estou buscando consolo. Em parte ele tem razão, eu acho, mas não é só isso. Acho que preciso pôr um fim nisso tudo, perdoar você. Mas não consigo.

– É melhor eu ir embora – retrucou ele.

– Você devia se entregar, Matt. Se você é inocente, eles vão...

– Vão o quê? – interrompeu ele, em um tom de voz mais agressivo do que pretendera. – Já fiz essa tentativa antes, lembra?

– Eu sei. – Sonya McGrath inclinou um pouco a cabeça para o lado. – Mas você era inocente, Matt?

Ele olhou novamente para a cesta de basquete esfarrapada. Stephen estava com a bola na mão. Parou no meio do arremesso, virou-se e ficou esperando a resposta de Matt.

– Desculpe. – Matt virou as costas para os dois. – Eu preciso ir.

capítulo 45

O CELULAR DE LOREN MUSE VIBROU. Era a viúva de Max Darrow de novo.

– Encontrei – falou Gertie.

– E de que se trata?

– Parece o relatório da autópsia de Candace Potter. Quer dizer, *é* um relatório da autópsia. Está assinado por aquele médico-legista mais velho. Eu me lembro dele, é um homem muito simpático.

– E o que diz o relatório?

– Um monte de coisas. Peso, altura... Quer que eu leia tudo?

– Qual foi a causa da morte?

– Aqui está dizendo alguma coisa sobre estrangulamento. Também fala sobre espancamento grave e traumatismo craniano.

Aquilo se encaixava no que Loren já sabia. Então o que Max Darrow teria notado de diferente depois de tantos anos? O que o fizera ir a Newark atrás de Emma Lemay, que passara a viver como irmã Mary Rose?

– Sra. Darrow, a senhora tem aparelho de fax?

– Tenho, no escritório de Max.

– Pode me mandar esse relatório?

– Claro.

Loren informou o número.

– Investigadora Muse?

– Sim?

– Você é casada?

Loren conteve um suspiro. Primeiro Yates, agora a Sra. Darrow.

– Não, senhora.

– Já foi alguma vez?

– Não. Por quê?

– Eu acreditei naquele outro investigador. Sr. Wine, é isso?

– É.

– Eu acreditei quando ele disse que Max estava no carro com uma... bem, com uma mulher de vida fácil, como costumávamos dizer.

– Certo.

– Eu só queria que você soubesse.

– Soubesse o quê, Sra. Darrow?

– Que Max não era sempre um marido exemplar. Entende o que estou dizendo?

– Acho que sim – retrucou Loren.

– O que quero lhe contar é que Max já tinha feito esse tipo de coisa outras vezes. Em um carro, como agora. Foi por isso que eu logo acreditei. Achei que você deveria saber. Só para o caso de ser importante.

– Obrigada, Sra. Darrow.

– Vou mandar o fax agora mesmo.

Gertie desligou sem dizer mais nada e Loren sentou-se diante do aparelho de fax, à espera.

Adam Yates retornou com duas latas de Coca-Cola. Ofereceu uma a Loren, mas ela recusou.

– Hã... Aquilo que falei antes, sobre ter filhos...

– Deixe para lá – interrompeu Loren. – Entendi o que você quis dizer.

– Ainda assim, o modo como falei não foi legal.

– Não foi mesmo.

– Quais são as novidades?

– Acabei de saber que Max Darrow andou olhando o relatório da autópsia de Candace Potter.

Yates franziu a testa.

– O que isso tem a ver com o caso?

– Não chega a ser uma pista, mas duvido que seja mera coincidência.

O aparelho tocou e o fax começou a funcionar. A primeira página foi impressa lentamente. Não havia capa, o que era ótimo. Loren detestava desperdício de papel. Pegou a folha e tratou logo de procurar a conclusão. Na verdade, sempre lia apenas a conclusão dos relatórios da autópsia. O peso do fígado ou do coração podia

ser uma informação útil para algumas pessoas, mas para ela só interessava o que era pertinente ao caso.

Adam aproximou-se para ler por cima do ombro dela. Tudo parecia dentro do normal.

– Está vendo alguma coisa estranha? – perguntou Loren.

– Não.

– Nem eu.

– Pode ser um beco sem saída.

– Provavelmente é.

Veio outra página. Os dois começaram a lê-la.

Yates apontou um trecho no meio da coluna da direita.

– O que é isto aqui?

Havia uma marca de caneta indicando um item na descrição do corpo.

Loren leu em voz alta:

– Ausência de ovários e testículos ocultos, provável SIA.

– SIA?

– Quer dizer Síndrome da Insuficiência Androgênica – explicou ela. – Uma amiga minha na faculdade tinha isso.

– E será que é um dado importante? – perguntou Yates.

– Não sei dizer. As mulheres com SIA parecem e se sentem como mulheres normais, e para todos os fins práticos são consideradas dessa forma. Podem casar e adotar filhos legalmente.

Ela se calou, tentando entender a relevância dessa informação.

– Mas? – falou Yates.

– Mas, em resumo, quer dizer que, em termos genéticos, Candace Potter era homem. Tinha testículos e cromossomos XY.

Ele fez uma careta.

– Você está dizendo que ela era... transexual?

– Não.

– Então era o quê? Um homem?

– Como eu disse, em termos genéticos, sim, mas, em todos os outros aspectos, provavelmente não. Em geral, a mulher que tem essa síndrome só descobre na puberdade, com a ausência da menstruação. Não é algo incomum. Há alguns anos houve uma miss adolescente que tinha SIA. Muitos acreditam que Elizabeth I, Joana D'Arc, algumas atrizes e top models sejam portadoras, mas

na verdade é pura especulação. De qualquer forma, é possível que uma mulher com SIA tenha uma vida normal. Na verdade, se Candace Potter era uma prostituta, por mais perverso que possa parecer, isso pode ter sido bom para ela.

– Bom para ela? Como assim?

Loren olhou para ele.

– Uma mulher com SIA não pode engravidar.

capítulo 46

MATT ENTROU NO CARRO E FOI EMBORA. Sonya McGrath voltou para dentro de casa e fechou a porta. A relação deles, se é que algum dia chegara a existir uma, estava terminada. Era uma sensação estranha, apesar de um relacionamento como o deles, ainda que calcado na honestidade e em emoções cruas, já ter nascido fadado ao fracasso, por conta de sua fragilidade. Eram simplesmente duas pessoas que precisavam de algo que a outra jamais seria capaz de fornecer.

Matt imaginou se ela avisaria a polícia, e depois se isso faria alguma diferença.

Droga, fora idiotice ter ido lá, pensou.

A dor estava forte – ele precisava descansar. Mas ainda não havia tempo para isso. Precisava se obrigar a continuar. Verificou o ponteiro da gasolina. O tanque estava quase vazio. Parou no primeiro posto que encontrou e gastou o pouco dinheiro que tinha para abastecer.

Enquanto dirigia, pensava na bomba que Olivia jogara em seu colo. E, no fim das contas, por mais estranho ou ingênuo que parecesse, pensava no que tudo o que ela lhe dissera mudava realmente. Ainda a amava. Adorava o modo como ela franzia a testa quando se olhava no espelho, o pequeno sorriso que dava quando pensava em algo engraçado, o modo como revirava os olhos quando ele fazia algum comentário bobo de duplo sentido, sua mania de se sentar sobre as pernas dobradas quando lia, seu costume de respirar fundo quando estava irritada, quase como um personagem de desenho animado, o fato de seus olhos se encherem de lágrimas quando eles faziam amor, o modo como o coração dele se acelerava quando ela ria, a forma como ela o olhava quando achava que ele não estava prestando atenção no que dizia, a forma suave como os olhos dela se fechavam quando

ouvia uma de suas músicas favoritas no rádio, a maneira como segurava a mão dele a qualquer momento, sem hesitação ou vergonha, a sensação do contato com a pele dela, o modo como ela jogava a perna por cima dele na cama nas manhãs de preguiça, a forma como ela pressionava o peito contra as costas dele quando dormiam, o jeito como ela se levantava em silêncio de manhã cedo e o beijava no rosto, certificando-se de que ele estivesse bem coberto.

E se alguma dessas coisas mudasse, agora que ele sabia daquela história?

A verdade nem sempre libertava. O passado era passado. Ele mesmo, por exemplo, não contara à esposa sobre sua condenação e prisão para revelar o "verdadeiro Matt" ou "aprofundar a relação". Contara tudo porque ela acabaria descobrindo de qualquer maneira, e não porque tivesse desejado. Caso não tivesse dito nada, a relação deles não seria igualmente forte?

Ou isso tudo era apenas uma grande racionalização da parte dele?

Matt parou o carro em frente a um caixa eletrônico perto da casa de Sonya. Não tinha alternativa, precisava de dinheiro. E, se ela tivesse avisado à polícia, a essa altura eles já saberiam que ele estava naquela região. No entanto, mesmo que rastreassem a operação no caixa eletrônico, ele já estaria longe quando chegassem. Não tinha usado o cartão de crédito no posto de gasolina, para que a polícia não tivesse acesso à placa do carro. Agora era só sacar dinheiro e sair dali o mais depressa possível.

O limite de saque era de mil dólares, e foi essa a quantia que Matt retirou.

Em seguida, começou a pensar como poderia chegar a Reno.

◆ ◆ ◆

Loren estava ao volante, com Adam Yates sentado a seu lado no banco do passageiro.

– Explique de novo – pediu ele.

– Tenho um informante chamado Len Friedman. Há um ano encontramos duas mulheres mortas em uma viela onde as prostitutas faziam ponto. Eram duas jovens negras, e as mãos das

duas foram amputadas para que a polícia não pudesse identificá-las pelas impressões digitais. Mas uma delas tinha uma curiosa tatuagem na parte interna da coxa: o logotipo da Universidade de Princeton.

– É mesmo?

– É.

Ele balançou a cabeça.

– Decidimos divulgar essa característica nos jornais – continuou Loren. – A única pessoa que apareceu foi esse rapaz, Len Friedman, perguntando se a moça também tinha uma pétala de rosa tatuada no pé direito. Como esse detalhe nós não tínhamos divulgado nosso interesse cresceu de maneira bastante significativa.

– Vocês acharam que ele fosse o assassino.

– Claro, por que não acharíamos? Mas a questão era que as moças eram strippers, ou, como Friedman as chama, "dançarinas exóticas", e se apresentavam em um buraco chamado Honey Bunny, em Newark. Ele as conhecia porque é especialista em tudo o que se relaciona com esse universo. É o seu hobby. Coleciona pôsteres, biografias, informações pessoais, nomes reais, tatuagens, marcas de nascença, cicatrizes, absolutamente tudo. Tem um banco de dados completo. E não apenas do comércio local. Imagino que você já tenha andado pela Strip de Las Vegas, onde se concentra a maioria dos hotéis e cassinos da cidade.

– Claro.

– Sabe aqueles folhetos de propaganda de strippers, prostitutas e tudo do tipo que eles entregam lá?

– Claro, esqueceu que eu moro lá?

Loren assentiu.

– Bem, ele coleciona isso também, como se fossem álbuns de figurinhas. Passa semanas inteiras viajando para visitar todos os lugares e reunir informações sobre eles. Depois escreve textos que algumas pessoas poderiam considerar verdadeiros ensaios acadêmicos sobre o assunto. Também coleciona peças históricas. Tem um sutiã que pertenceu àquela famosa stripper Gypsy Rose Lee, por exemplo. Possui algumas peças de mais de um século.

Yates fez uma careta.

– Ele deve ser o cara mais divertido das festas.

Loren sorriu.

– Você não faz ideia.

– Como assim?

– Espere e verá.

Após alguns minutos de silêncio, Yates disse:

– Eu estou mesmo chateado por ter falado daquela maneira com você.

Loren fez um gesto com a mão descartando o comentário dele.

– Você tem outros filhos além de Sam? – indagou.

– Tenho duas meninas.

– Qual é a idade delas?

– Uma tem 17 e a outra, 16.

– É uma época complicada, não? – comentou Loren.

Yates sorriu.

– Muito.

– Tem fotos?

– Nunca ando com fotos dos meus filhos.

– Ah.

Yates remexeu-se no assento. Loren observou-o pelo canto do olho e notou que ele parecia subitamente desconfortável.

– Há mais ou menos seis anos – falou ele –, minha carteira foi roubada. É, eu sei, sou encarregado de um escritório do FBI e deixo que me roubem. Mas, enfim, aconteceu. Fiquei desesperado. Não por causa do dinheiro ou dos cartões de crédito, mas porque não parava de pensar que algum desgraçado estava com as fotos dos meus filhos. Meus filhos. O mais provável era que ele nem olhasse as fotos, que pegasse o dinheiro e jogasse a carteira em alguma lata de lixo. Mas suponha que não tenha feito isso, que tenha ficado com as fotografias só por, sei lá, diversão. Eu só ficava imaginando-o fantasiando, tocando as imagens, acariciando-as.

Loren franziu a testa.

– E você achando que Friedman deve ser o cara mais divertido das festas.

Yates deu uma risada sem humor.

– Bem, é por isso que eu não ando mais com fotos da minha família – concluiu.

Entraram na Avenida Northfield, em West Orange. Era uma cidade em franca evolução. A maioria dos subúrbios americanos tinha uma aparência meio falsa, como um implante de cabelo, mas em West Orange podiam-se ver lindos gramados e heras nas paredes externas. As árvores eram altas e frondosas. As casas não eram todas iguais – havia vários estilos arquitetônicos. Eram construções antigas, e não tinindo de novas, mas todas estavam em harmonia.

Havia um triciclo parado na entrada de veículos. Loren parou logo atrás dele. No gramado em frente à casa havia um daqueles lançadores automáticos de bolas de beisebol.

– É aqui que o seu informante mora? – perguntou Yates.

– Eu disse que você não fazia ideia.

Ele deu de ombros.

Loren tocou a campainha e a porta foi aberta por uma mulher que parecia saída de uma revista de decoração da década de 1950. Usava um avental quadriculado engomado e exibia um sorriso que Loren costumava associar a fervor religioso.

– Len está lá embaixo, no escritório – disse a mulher.

– Obrigada.

– Vocês aceitam um café?

– Não, obrigada.

– Mamãe!

Um menino de cerca de 10 anos apareceu correndo.

– Kevin, temos visitas.

O sorriso do menino era idêntico ao da mãe.

– Oi – cumprimentou ele, estendendo a mão e fixando os olhos nos de Loren. – Meu nome é Kevin Friedman.

Seu aperto de mão era firme. Ele se virou para Yates, que parecia surpreso, e também se apresentou a ele:

– Prazer em conhecê-lo. Mamãe e eu estamos fazendo um bolo de banana. Vocês aceitam uma fatia?

– Talvez mais tarde – disse Loren. – Nós... hã...

– Ele está lá embaixo – repetiu a mulher.

– Certo, obrigada.

Eles abriram a porta da escada que conduzia ao porão.

– O que eles fizeram com esse garoto? – murmurou Yates. – Não consigo fazer meus filhos dizerem “oi” nem para mim, quanto mais para estranhos.

Loren cobriu a boca com a mão para abafar a risada e chamou:

– Sr. Friedman?

Ele apareceu. O cabelo estava mais branco do que da última vez que Loren o vira. Ele usava um casaco de botões azul-claro e uma calça cáqui.

– É um prazer revê-la, investigadora Muse.

– O prazer é meu.

– E quem é seu amigo?

– Este é Adam Yates, agente especial encarregado do escritório do FBI em Las Vegas.

Os olhos de Friedman se iluminaram ao ouvir o nome da cidade.

– Las Vegas! Seja muito bem-vindo, Sr. Yates. Venham, vamos nos sentar e ver em que posso ajudá-los.

Len abriu uma porta trancada à chave. Lá dentro, tudo remetia ao mundo do striptease. Havia fotos nas paredes, recortes de jornais, calcinhas e sutiãs emoldurados, echarpes de penas, leques, pôsteres, cartazes. Um deles anunciava “Lili St. Cyr e sua Dança do Banho de Espuma”; outro era uma chamada para “Dixie Evans, a Marilyn Monroe do Burlesco”, que se apresentaria no Teatro Minsky-Adams, em Newark. Por um momento, Loren e Yates ficaram só olhando ao redor, boquiabertos.

– Vocês sabem o que é isso? – perguntou Friedman, apontando para um enorme leque de penas protegido por uma redoma de vidro.

– Um leque? – arriscou Loren.

Ele riu.

– Não é um simples leque. Chamar isso de leque seria como... – Friedman pensou um pouco. – Seria como chamar a Declaração de Independência de um pedaço de papel. Não, esse é o leque que foi usado pela maravilhosa Sally Rand no Paramount Club em 1932.

Friedman ficou esperando a reação dos dois, mas não houve nenhuma.

– Sally Rand inventou a dança do leque. Ela chegou a aparecer naquele filme *Bolero*, de 1934. O leque é feito com autênticas penas

de avestruz. Dá para acreditar? E aquele chicote ali? Foi usado por Bettie Page, conhecida como a Rainha da Servidão.

– Era conhecida assim também pela própria mãe? – perguntou Loren, sem conseguir resistir.

Friedman franziu a testa, claramente decepcionado. Loren ergueu uma das mãos em um gesto de desculpa. Ele suspirou e foi até o computador.

– Bem, presumo que tenham vindo aqui por causa de alguma dançarina exótica da região de Las Vegas.

– Isso mesmo. Pelo menos imaginamos que ela fosse de Las Vegas – confirmou Loren.

Ele sentou-se diante do monitor e começou a digitar algo.

– Vocês têm um nome?

– Candace Potter.

Ele parou.

– A vítima de assassinato?

– É.

– Mas faz dez anos que ela foi morta.

– Sim, nós sabemos.

– Muitos acreditam que foi assassinada por um homem chamado Clyde Rangor – contou Friedman. – Ele e a namorada, Emma Lemay, tinham olho clínico para meninas talentosas. Gerenciavam algumas das boates mais famosas que já existiram.

Loren arriscou um olhar para Yates. Ele balançava a cabeça, de admiração ou de repulsa. Era difícil saber qual. Friedman também viu.

– Ei! Alguns caras gostam de carros de corrida. Eu gosto de strippers – disse ele, dando de ombros.

– Pois é – retrucou Loren. – O que mais você sabe sobre o caso?

– Havia alguns rumores bem graves sobre Clyde Rangor e Emma Lemay.

– De que eles abusavam das meninas?

– Isso. Segundo os boatos, eram ligados à máfia. Infelizmente, isso não é incomum nesse meio. É algo que prejudica muito a estética do negócio, entende?

– Aham – disse Loren.

– Mesmo entre bandidos existe certo código de ética, mas Rangor e Lemay o romperam de forma deliberada.

– Em que sentido?

– Vocês já viram os novos comerciais de Las Vegas? – perguntou Friedman.

– Acho que não.

– Aqueles que dizem “O que acontece em Las Vegas não sai de Las Vegas”?

– Ah, sim, já vi – retrucou Loren.

– Pois bem, as casas de diversão para cavalheiros levam esse lema muito a sério. Ninguém jamais conta nada.

– E Rangor e Lemay falaram demais?

O semblante de Friedman tornou-se sombrio.

– Pior que isso. Eu...

– Chega – interrompeu Yates.

Loren virou-se para ele com ar de interrogação, porém ele a ignorou.

– Isso tudo é muito interessante – falou Yates, olhando para o relógio –, mas estamos com pressa. O que você pode nos dizer especificamente sobre Candace Potter?

– Posso fazer uma pergunta? – disse Friedman.

– Claro.

– Essa moça está morta há muito tempo. Alguma coisa nova foi descoberta?

– Talvez – respondeu Loren.

Friedman cruzou as mãos e esperou. Ela aproveitou a chance:

– Você sabia que Candace Potter pode ter sido hermafrodita? – Ela decidiu usar o termo mais popular e impreciso.

A novidade chamou a atenção dele.

– Uau.

– Pois é.

– Tem certeza?

– Eu vi o relatório da autópsia.

– Espere aí! – gritou Friedman da mesma forma que um editor de jornal nos filmes antigos grita “Parem as máquinas!”. – Você tem esse relatório?

– Tenho.

Ele molhou os lábios, tentando não parecer ansioso demais.

– Será que poderia me conseguir uma cópia?

– Talvez – retrucou Loren. – O que mais você tem a nos dizer sobre ela?

Friedman começou a digitar no computador.

– As informações sobre Candace Potter são bastante incompletas. Ela usava o nome artístico Candi Cane, que, convenhamos, é uma alcunha horrível para uma dançarina exótica. Fofinho demais, entendem? Quase angelical. Sabem um nome ótimo? Jenna Jameson. Vocês já devem ter ouvido falar dela. Começou como dançarina e depois engrenou na carreira de atriz pornô. Ela tirou o "Jameson" de uma marca de uísque irlandês. É outra coisa, concordam? É um nome forte, marcante.

– Claro – murmurou Loren, só para dizer alguma coisa.

– E a performance de Candi também não era das mais originais. Ela se vestia de enfermeira sexy. Que clichê... – Ele balançou a cabeça, com a expressão de um professor decepcionado com o desempenho de um aluno exemplar. – Em termos profissionais, será mais lembrada por um número que fazia sob o pseudônimo Brianna Piccolo.

– Brianna Piccolo?

– É. Ela fazia dupla com uma dançarina afro-americana escultural chamada Kimmy Dale, que no número atendia pelo nome de Gayle Sayers.

– Piccolo e Sayers? Por favor, diga que está de brincadeira.

– Não. As duas representavam uma espécie de versão exótica do filme *Glória e derrota.* Gayle dizia, em prantos: "Eu amo Brianna Piccolo!" Sabe, como no filme? Então Brianna aparecia na cama, doente. Elas ajudavam uma à outra a se despir. Sem sexo, nada disso, apenas uma representação exótica, artística. Tinha grande apelo para as pessoas com fetiche inter-racial, ou seja, praticamente todo mundo. Acho que foi uma das melhores declarações políticas já feitas no mundo da dança exótica, uma apresentação vanguardista de sensibilidade racial. Não cheguei a assistir ao espetáculo, mas, no meu entendimento, era um retrato comovente da situação socioeconôm...

– Sim, sim, muito comovente – interrompeu Loren. – Mais alguma coisa?

– Claro, claro, o que vocês querem saber? A apresentação de Sayers e Piccolo em geral era o número de abertura para o da condessa Allison Beth Weiss IV, mais conhecida como Realeza Judia. O número dela chamava-se “Diga à mamãe que é kosher”, imaginem só. Vocês devem ter ouvido falar.

O cheiro de bolo de banana chegou até eles. Era um aroma delicioso, mesmo naquela atmosfera que não estimulava o apetite. Loren tentou conduzir Friedman de volta ao assunto principal:

– Na verdade, eu gostaria de saber mais sobre Candace Potter. Algo que possa lançar uma luz sobre o que aconteceu com ela.

Friedman deu de ombros.

– Ela e Kimmy Dale não eram companheiras só no palco. As duas moravam juntas. De fato, foi Kimmy quem arcou com as despesas do funeral, para que Candi não fosse enterrada como indigente. Ela está sepultada no cemitério Holy Mother, em Coaldale, eu acho. Visitei o túmulo para prestar homenagem. Foi uma experiência muito comovente.

– Posso imaginar. Você tem registros do que acontece com as dançarinas exóticas depois que deixam o meio... hã... artístico?

– É claro! – Pela expressão de Friedman, era como se Loren tivesse perguntado a um padre se ele costumava ir à missa. – Em geral essa é a parte mais interessante. Vocês não acreditariam na variedade de caminhos que elas seguem.

– Sei. Então o que aconteceu com Kimmy Dale?

– Ainda está na ativa. É uma verdadeira guerreira. Claro, não tem mais aquele viço da juventude, mas ainda conta com um pequeno grupo de admiradores fiéis. O que ela perdeu com a passagem dos anos, compensa com a experiência adquirida ao longo desse tempo. Porém não está mais em Las Vegas.

– E onde ela está?

– Pelo que sei, em Reno.

– Mais alguma coisa?

– Não, acho que não... – Então Friedman estalou os dedos. – Espere, há algo que quero mostrar a vocês. Uma coisa de que me orgulho muito.

Loren e Yates esperaram. Len Friedman tinha três arquivos altos em um canto do cômodo. Ele abriu a segunda gaveta do arquivo do meio e começou a remexer lá dentro.

– O número de Piccolo e Sayers. O que vou lhes mostrar é uma raridade, e é a única reprodução polaroide em cores que existe. Eu adoraria encontrar outras. – Ele pigarreou e continuou a busca. – Você acha mesmo, investigadora Muse, que pode me conseguir uma cópia do relatório da autópsia?

– Vou ver o que posso fazer.

– Seria algo realmente valioso para os meus estudos.

– Estudos. Sei.

– Aqui está.

Ele tirou uma fotografia de dentro do arquivo e colocou-a na mesa. Yates examinou a imagem e assentiu. Em seguida, virou-se para Loren e viu a expressão dela.

– O que foi? – perguntou.

– Investigadora Muse? – completou Friedman.

Loren continuou em silêncio. Não diria nada. Não ali, não naquele momento. Olhou para o retrato de Candace Potter, também conhecida como Candi Cane, também conhecida como Brianna Piccolo, também conhecida como vítima de assassinato.

– Tem certeza de que essa é Candace Potter? – perguntou simplesmente.

– Tenho.

– Absoluta?

– Claro que sim.

Yates olhou para ela com ar interrogativo, mas ela não o encarou.

Candace Potter. Se aquela era mesmo ela, então não havia sido vítima de assassinato. Não estava morta, mas bem viva e com saúde, morando em Irvington, Nova Jersey, com o marido, o ex-presidiário Matt Hunter.

Eles tinham entendido tudo errado. Matt Hunter não era o ponto de convergência dos fatores naquele caso. As coisas finalmente começavam a fazer sentido.

Candace Potter tinha mais uma alcunha agora.

Ela era Olivia Hunter.

capítulo 47

ADAM YATES TENTAVA MANTER a calma.

Estavam do lado de fora, no jardim da casa dos Friedmans.

Fora por um fio. Quando aquele maluco do Friedman começara a falar sem parar, quase arruinara a vida dele. Mais um pouco e tudo estaria acabado: sua carreira, seu casamento, até mesmo sua liberdade. Seria o fim de tudo.

Yates precisava recuperar o controle.

Esperou até que ele e Loren estivessem de volta ao carro e, com toda a calma de que foi capaz, perguntou a ela:

– Então, pode me dizer agora por que ficou com aquela cara lá dentro?

– Candace Potter não morreu – disse ela.

– O quê?

– Está tão viva quanto eu e você, e casada com Matt Hunter.

Yates ouviu toda a explicação de Loren e estremeceu diversas vezes enquanto ela falava. Quando ela terminou a narrativa, ele pediu para ver o relatório da autópsia. Loren lhe entregou a folha de papel.

– Não tem fotos da vítima? – perguntou ele.

– Esse não é o relatório completo – esclareceu ela. – É apenas a página com os dados referentes a Max Darrow. Meu palpite é que, de algum modo, ele descobriu a verdade, que Candace Potter não foi morta. Talvez tenha algo a ver com o fato de a verdadeira vítima ser uma mulher com SIA.

– E por que diabo Darrow iria querer tirar isso a limpo agora? Quero dizer, depois de todos esses anos?

– Não faço ideia – confessou Loren. – Só sei que precisamos falar com Olivia Hunter.

Adam Yates assentiu, tentando digerir aquilo tudo. Não podia concordar em se aprofundar no caso. Olivia Hunter era Candi

Cane... Candace Potter, dada como morta dez anos antes. Ela estivera lá naquela noite, ele tinha certeza disso.

Agora era provável, muito provável, que Olivia Hunter estivesse com a fita de vídeo. Isso significava que ele precisava tirar Loren Muse do caso. Imediatamente.

Yates passou os olhos pelo relatório mais uma vez. Muse estava concentrada na estrada, e ele aproveitou o momento de silêncio para assimilar melhor as informações. O peso, a altura e a cor dos cabelos conferiam, mas a verdade agora lhe parecia óbvia. A verdadeira vítima tinha sido Cassandra Meadows. Fora ela que morrera. Ele devia ter pensado nisso antes. Cassandra não era esperta o suficiente para conseguir desaparecer.

Len Friedman estava certo sobre a ética entre bandidos. Yates tinha contado com isso, coisa que agora, pensando em retrospecto, fora uma idiotice completa. Aquele tipo de gente respeitava a ética visando aos lucros, não por conta de algum senso de honra. Se você ficasse conhecido por falar demais, perdia a clientela. Simples assim. Mas a questão era que Clyde Rangor e Emma Lemay tinham descoberto um modo de conseguir ainda mais dinheiro, e com isso o tal código de ética já não tinha razão de ser.

Não que fosse um comportamento frequente, mas ao longo dos anos Yates traíra Bess algumas vezes. Nunca havia considerado aquilo algo realmente importante. Estava além da crença consagrada de que “sexo e amor são coisas distintas”. O sexo com Bess era bom, mesmo depois de todos aqueles anos. Mas um homem precisa de mais. Em todos os anais da história da humanidade, esse era um fato. Nenhum grande homem tinha sido monogâmico. Era algo ao mesmo tempo simples e complexo.

E não havia nada de errado nisso. As esposas ficavam mesmo chateadas quando seus maridos assistiam a um filminho pornográfico? Isso era algum crime? Algo que merecesse o divórcio?

Claro que não.

Contratar uma prostituta não era muito diferente. Era o mesmo que ver fotos eróticas, ligar para um telessexo ou ter qualquer outro tipo de estímulo. Muitas esposas entendiam isso. Talvez até Bess compreendesse, se ele tentasse lhe explicar.

E, na realidade, não passara disso.

Rangor e Lemay... Que queimassem no fogo do inferno.

Fazia dez anos que Yates tentava achar Rangor, Lemay, Cassandra e o maldito vídeo. Agora, de uma vez só, descobria que no mínimo as duas mulheres estavam mortas e que Candace Potter de repente tinha passado a fazer parte da história.

O que será que ela sabia?

Ele pigarreou e olhou para Loren Muse. O primeiro passo seria afastá-la do caso. Como fazer isso?

– Você disse que conhece Matt Hunter? – perguntou ele.

– Conheço.

– Acho que não deveria ser você a interrogar a mulher dele, então.

Loren franziu a testa.

– Só porque fomos colegas de escola?

– É.

– Isso foi no ensino fundamental, Adam. Acho que não nos falávamos desde os 10 anos.

– Ainda assim, existe uma ligação.

– E daí?

– A defesa pode usar isso contra nós.

– De que maneira?

Yates balançou a cabeça.

– Diga – insistiu Loren.

– Você parece ser uma excelente profissional, Muse, mas às vezes sua ingenuidade me surpreende.

Ela apertou o volante com força e Yates percebeu que tinha conseguido o efeito pretendido.

– Volte para o escritório – falou. – Cal e eu assumiremos a investigação daqui em diante.

– Cal? O grandalhão que estava no escritório de Joan Thurston hoje de manhã?

– É um ótimo agente.

– Claro.

Os dois se calaram. Loren tentava achar uma saída. Yates, já ciente de como deveria conduzir a situação, esperou.

– Já sei o que fazer – disse ela por fim. – Levo você até a casa dos Hunters e fico do lado de fora para o caso de...

– Não.

– Mas eu quero...

– Você quer? – interrompeu Yates. – Com quem acha que está falando, investigadora Muse?

Ela ficou quieta, tentando engolir a raiva.

– Agora isto é uma investigação federal. De fato, a maioria dos acontecimentos parece levar ao estado de Nevada. De qualquer forma, sem dúvida o caso já ultrapassou até o âmbito estadual, imagine o do condado. Você é uma investigadora do condado, certo? Acima dos limites do condado estão os do estado, e acima deles estão os do país. Posso desenhar para você, se preferir. Mas não é você quem dá as ordens aqui. Eu dou. Você vai voltar para o seu escritório, e, se eu achar conveniente, a manterei informada do andamento das investigações. Fui claro?

Loren esforçou-se para controlar o tom de voz:

– Se não fosse por mim, você não teria nem ficado sabendo que Olivia Hunter é Candace Potter.

– Ah, entendi. É essa a questão, Muse? Seu ego? Quer ficar com os méritos, é isso? Tudo bem, o mérito é seu. Se quiser, mando colocar uma estrela dourada ao lado do seu nome no quadro de funcionários.

– Não foi isso que eu quis dizer.

– Mas sem dúvida é o que está parecendo. Ingênua e ávida por glória. Que combinação ótima.

– Isso não é justo.

– Isso não... – Yates riu. – Está brincando? Não é justo? Quantos anos você tem? Doze? Esta é uma investigação federal de um caso de homicídio e extorsão e sua preocupação é se eu estou ou não sendo justo com uma investigadora da promotoria do condado? Olhe aqui, vamos direto para o seu escritório e, se você quiser participar desta investigação – disse ele, dando-lhe um pequeno incentivo –, seu trabalho será descobrir o que puder sobre a outra garota, a moça negra com quem ela andava.

– Kimmy Dale.

– Isso mesmo. Descubra o paradeiro dela, o histórico, tudo o que conseguir. Mas não vá procurá-la antes de falar comigo. E, se não estiver satisfeita, considere-se fora do caso. Entendido?

Loren se esforçou para responder:

– Entendido.

Yates sabia que ela concordaria com a proposta. Loren queria permanecer no caso, e aceitaria ser rebaixada com a esperança de conseguir saltar de volta para o centro do palco. A verdade era que ela era uma ótima investigadora. Ele tentaria levá-la para a promotoria federal depois que tudo aquilo terminasse. Iria cobri-la de elogios e deixaria que ela ficasse com todos os méritos. Isso provavelmente faria com que ela não se concentrasse nos detalhes.

Pelo menos era o que ele esperava.

A verdade era que, até aquele ponto, as pessoas que haviam morrido não eram inocentes. Estavam tentando atingi-lo. Mas Loren Muse era diferente, e ele de fato não queria que ela se prejudicasse. Só que, entre os dois, Yates tinha que escolher a si mesmo.

Loren entrou no estacionamento e saiu do carro em silêncio. Yates deixou-a ir. Ligou para Cal Dollinger, o único homem em quem confiava para aquele tipo de informação. Explicou rapidamente o que precisava. Cal nunca exigia muitos dados.

Adam Yates reviveu a dolorosa lembrança de quando Sam estava no hospital com meningite. O que ele não contara a Loren fora o papel de Cal naquele pesadelo. Cal também se recusara a sair do hospital. Sendo o amigo mais antigo de Adam, ele pegara uma cadeira dura de metal e ficara sentado do lado de fora do quarto de Sam durante três dias inteiros, sem dizer uma palavra. Apenas permanecera ali de guarda, pronto para qualquer coisa de que Adam precisasse.

– Quer que eu vá sozinho? – perguntou Cal.

– Não, eu me encontro com você na casa dos Hunters – retrucou Yates em voz baixa. – Vamos pegar o vídeo e acabar com essa história de uma vez por todas.

capítulo 48

Olivia manteve-se firme até meia-idade conseguir livrá-la do detetive Lance Banner. Mais tarde, quando já estava na própria casa, ela baixou a guarda e chorou baixinho, as lágrimas escorrendo em profusão pelo rosto. Ela não era capaz de parar, e não sabia se o pranto era de alegria, de alívio, de medo ou de qualquer outra coisa. Só sabia que ficar ali sentada, esperando as lágrimas secarem, seria perda de tempo.

Tinha que fazer alguma coisa.

Sua mala ainda estava no hotel Howard Johnson. Ela simplesmente fez outra. Era melhor sair logo dali, porque a polícia poderia voltar e exigir respostas.

Tinha que ir para Reno imediatamente.

O fato de não conseguir parar de chorar não era comum para ela, mas compreensível, imaginou, dadas as circunstâncias. Sentia-se exausta, tanto em termos físicos quanto emocionais. Além disso, estava grávida. Também se preocupava muito com a filha que abandonara. E, por fim, depois daquele tempo todo, havia contado a Matt a verdade sobre o seu passado.

O pacto se rompera. Ela o quebrara no momento em que respondera àquela mensagem na internet. Mais do que isso: tinha responsabilidade direta pela morte de Emma Lemay. A culpa era sua. Emma fizera muita coisa errada na vida, machucara e prejudicara muitas pessoas. Mas Olivia sabia que ela tentara compensar o mal que causara, que de fato passara seus últimos anos pagando por seus erros. Não sabia em que posição isso a colocaria no dia do Juízo Final, mas, se havia alguém que merecia ser absolvido de seus pecados, era Emma.

O que Olivia não conseguia esquecer, o que a fazia chorar, era a expressão que tomara conta do rosto de Matt quando ela contara a verdade.

Não tinha sido nem um pouco como imaginara.

Ele deveria ter ficado bravo. E provavelmente estava. Como era possível que não estivesse? Desde que se conheceram em Las Vegas, Olivia passara a adorar o modo como ele a fitava – como se Deus nunca tivesse criado algo mais espetacular, mais (na falta de palavra melhor) puro. É claro que ela esperara que aquele olhar de Matt desaparecesse ou se tornasse menos intenso quando ele soubesse a verdade. Imaginara que os olhos azul-claros dele fossem ficar duros, frios.

Mas isso não acontecera.

Nada havia mudado. Matt ficara sabendo que a esposa era uma farsa, que fizera coisas que levariam outros homens a passar bem longe dela, enojados. Mas ele reagira com um amor incondicional.

Ao longo dos anos, Olivia se transformara em uma pessoa objetiva o bastante para perceber que o modo como fora criada a tornara, assim como a tantas outras meninas com as quais trabalhara, inclinada à autodestruição. Os homens que passavam pela mesma experiência na infância, indo de um lar adotivo para outro e vivenciando o lado mais sórdido da vida, em geral se tornavam violentos. A revolta pelos abusos sofridos explodia numa raiva que os impelia a lançar mão da brutalidade física.

Com as mulheres era diferente. Elas costumavam recorrer a formas mais sutis de crueldade ou, em muitos casos, direcionavam a raiva para si mesmas. Se não pudessem atingir ninguém, agrediam a si próprias. Fora o que acontecera com Kimmy. Com Olivia também, ou melhor, com Candi.

Até Matt aparecer.

Talvez fosse por causa dos anos que ele passara na prisão. Talvez, como ela dissera antes, tivesse a ver com as mágoas dos dois. O fato é que Matt era o homem mais incrível que ela conhecera. Ele não gastava energia com coisas pequenas. Vivia o momento. Só dava atenção ao que tinha importância. Não deixava as dificuldades ficarem no caminho. Ignorava o supérfluo e focava no que realmente valia a pena. E lhe ensinara a também enxergar além das aparências, pelo menos no que dizia respeito a si própria.

Matt não via nada de ruim nela – pelo menos ainda não –, logo, era algo que não existia.

Mas, enquanto fazia a mala, a verdade nua e crua foi se tornando óbvia para Olivia. Depois de tantos anos fingindo, ela ainda não se livrara daquela tendência autodestrutiva. De que outra forma seria possível explicar suas ações? Como pudera ser tão estúpida a ponto de procurar por Candace Potter na internet?

Quanto estrago tinha causado... Para Emma, para si mesma e, pior de tudo, para o único homem que amara.

Por que insistira em revolver o passado?

Porque, para ser sincera, não conseguira evitar. Uma mulher podia ler todos os argumentos a favor da escolha, da adoção e da vida, como Olivia fizera à exaustão, mas a verdade básica era a seguinte: ficar grávida era a encruzilhada definitiva na estrada. Não importava o caminho que escolhesse – ela sempre imaginaria como teria sido se houvesse optado pelo outro. Apesar de ela ser jovem demais na época, sem a menor condição de criar uma criança, e embora a decisão final tivesse sido tomada por outras pessoas, não se passava um dia sem que Olivia pensasse nas outras possibilidades.

Não havia mulher capaz de ignorar algo assim.

Ela ouviu uma batida à porta.

Esperou e escutou outra. Como não havia olho mágico, Olivia foi até a janela ao lado da porta e afastou a cortina rendada.

Havia dois homens parados na soleira. Um deles parecia recém-saído de uma página de revista de moda masculina. O outro era gigantesco. Usava um terno que não lhe cabia direito, mas, considerando seu tamanho, nenhum caberia. Tinha um corte de cabelo militar e aparentava não ter pescoço.

O gigante olhou na direção da janela e a viu espiando pela fresta da cortina. Chamou a atenção do outro, que fez a mesma coisa.

– FBI – informou o menor deles. – Gostaríamos de falar com você um momento.

– Não tenho nada a dizer.

Ele deu um passo na direção da janela.

– Acho que essa não é uma atitude muito sensata, Sra. Hunter.

– Por favor, fale com meu advogado, o Dr. Ike Kier.

O homem sorriu.

– Talvez seja melhor colocar de outra maneira.

Olivia não gostou do jeito como ele falou isso.

– Meu nome é Adam Yates e eu sou o agente especial encarregado do escritório do FBI em Las Vegas. E este – disse ele apontando para o grandalhão – é o agente especial Cal Dollinger. Gostaríamos muito de falar com Olivia Hunter ou, se ela preferir, podemos prender Candace Potter.

As pernas de Olivia fraquejaram. Um sorriso surgiu no rosto endurecido do grandalhão. Ele estava adorando a situação.

– A decisão é sua, senhora.

Em vista daquilo, não havia escolha. Ela fora apanhada em uma armadilha. Teria que deixá-los entrar e falar com os dois.

– Me mostrem as identidades de vocês, por favor.

O grandalhão aproximou-se da janela e Olivia teve que reprimir o impulso de recuar. Ele enfiou a mão por dentro do paletó, tirou a identificação e bateu com ela no vidro, fazendo-a dar um pulo. O menor, que se chamava Adam Yates, repetiu o gesto. Os documentos pareciam verdadeiros, apesar de ela saber que não seria nada difícil falsificá-los.

– Passem seus cartões de visita por baixo da porta. Vou ligar para o escritório para confirmar quem vocês são.

O grandalhão, Dollinger, deu de ombros, ainda com o sorriso asqueroso na boca, e falou pela primeira vez:

– Sem problemas, Candi.

Ela engoliu em seco. Ele pegou a carteira, tirou um cartão de visita e enfiou-o por baixo da porta. Não havia necessidade de averiguar nada. O cartão tinha um selo em alto-relevo e parecia legítimo. Além disso, ela não detectou nenhum traço de hesitação por parte de Dollinger, que, segundo os dados impressos, de fato era agente especial do escritório do FBI em Las Vegas, como Yates dissera.

Olivia abriu a porta e Yates entrou na frente. Dollinger teve que se abaixar para não bater a cabeça no batente. Ele se postou ao lado da porta, com os braços cruzados, feito uma sentinela gigante.

– O dia está lindo – comentou Yates.

Então Dollinger fechou a porta.

capítulo 49

LOREN MUSE ESTAVA furiosa.

Tinha vontade de ligar para Ed Steinberg e reclamar da forma como Yates a tratara, mas decidiu não fazê-lo. *A mocinha não consegue cuidar de si mesma. Precisa pedir ajuda ao chefe*, imaginava Yates dizendo. Não, não jogaria dessa forma.

Mesmo colocada de lado, ela ainda fazia parte da investigação, e isso era suficiente. Começou a recolher o máximo de informações possível sobre Kimmy Dale, a companheira de quarto de Candace Potter. Não foi difícil. Kimmy tinha passagem pela polícia, por prostituição. Ao contrário do que muitas pessoas pensavam, a prostituição era contra a lei no condado de Clark, onde fica Las Vegas.

Um dos agentes de condicional de Kimmy, um veterano chamado Taylor, chegou cedo ao trabalho. Ele se lembrava da moça.

– O que posso dizer? – começou ele. – Kimmy Dale teve um péssimo histórico familiar, mas qual daquelas meninas não teve? Você conhece o programa de Howard Stern no rádio?

– Claro.

– Já o ouviu recebendo strippers como convidadas? Ele sempre pergunta, meio em tom de brincadeira: “Com que idade você começou a sofrer abusos?” E a questão é que elas sempre têm uma resposta. Sempre. Sentam-se lá e dizem como é ótimo tirar a roupa, e que aquela foi a escolha delas, blá-blá-blá, mas sempre há alguma coisa por trás. Entende o que estou dizendo?

– Entendo.

– Pois é. Kimmy Dale é mais um caso típico. Fugiu de casa e começou a se apresentar em boates de striptease quando tinha uns 14 ou 15 anos, não mais que isso.

– Você sabe onde ela está agora?

– Mudou-se para Reno. Tenho o endereço dela, se você quiser.

– Quero, sim.

Ele lhe passou o endereço da casa de Kimmy Dale.

– A última notícia que eu soube é que estava se apresentando num lugar chamado Eager Beaver.

Eager Beaver, pensou Loren. Não era onde Yates tinha dito que Charles Talley trabalhava?

Taylor continuava falando:

– Reno é uma bela cidade. Não é como Las Vegas. Não me entenda mal, eu adoro Vegas. Todos adoram. Mesmo com todos os horrores, os mafiosos e tudo mais, ninguém vai embora daqui. Sabe do que estou falando?

– Estou ligando para você de Newark, Nova Jersey – respondeu Loren. – Então, sim, sei.

Taylor riu.

– De qualquer forma, Reno é um bom lugar para se criar uma família nos dias de hoje. O clima é ótimo, porque fica no pé das montanhas de Sierra Nevada. Já foi a capital do divórcio dos Estados Unidos e tinha o maior índice de milionários do país. Você já foi lá?

– Não.

– Você é bonita?

– Linda.

– Então venha para Las Vegas. Eu lhe mostro tudo.

– Estou indo no próximo voo.

– Espere, você não é uma daquelas feministazinhas que odeiam homens, é?

– Só quando não durmo o suficiente.

– Então de que isto tudo se trata?

O celular de Loren começou a vibrar.

– Conto tudo depois, está bem? Obrigada, Taylor.

– Vamos ficar no Mandalay Bay. Conheço um cara lá. Você vai adorar.

– Claro, em breve. Tchauzinho, sim?

Ela desligou e atendeu o celular.

– Alô?

Sem preâmbulos, a irmã Katherine foi logo dizendo:

– Ela foi assassinada, não foi?

Loren estava prestes a enrolá-la, mas algo no tom de voz da madre superiora a fez concluir que seria perda de tempo.

– Foi.

– Então preciso ver você.

– Por quê?

– Eu não podia falar nada antes. A irmã Mary Rose foi muito específica quanto a isso.

– Quanto a quê?

– Por favor, venha ao meu escritório o mais depressa possível, Loren. Preciso lhe mostrar uma coisa.

◆ ◆ ◆

– Como posso ajudá-lo, agente Yates? – perguntou Olivia.

De onde estava, ao lado da porta, Cal Dollinger correu os olhos pela sala. Adam Yates sentou-se e apoiou os cotovelos nas coxas.

– Você tem muitos livros – comentou.

– Muito observador.

– São seus ou do seu marido?

Olivia pôs as mãos nos quadris.

– Realmente é uma pergunta muito relevante, então deixe-me responder logo: a maioria dos livros é minha. Só isso?

Yates sorriu.

– Você é muito divertida... Ela não é divertida, Cal?

O grandalhão assentiu.

– Muitas strippers e prostitutas são amargas – falou. – Mas ela, não. Ela é como um raio de sol.

– Exatamente, um raio de sol – concordou Yates.

Olivia não estava gostando do rumo da conversa.

– O que vocês querem?

– Você simulou a própria morte – disse Yates. – Isso é crime.

Ela ficou em silêncio.

– A garota que morreu de verdade... Qual era o nome dela? – perguntou ele.

– Não sei do que está falando.

– O nome dela era Cassandra, não era? – Yates inclinou-se um pouco. – Foi você quem a matou?

Olivia não cedeu.

– O que você quer?

– Você sabe.

Yates cerrou os punhos e em seguida os abriu. Ela olhou para a porta. Cal permanecia impassível como uma estátua.

– Desculpe, mas não sei – disse ela.

Yates tentou sorrir.

– Onde está o vídeo?

O corpo inteiro de Olivia ficou tenso. Lembrou-se do trailer. Havia um cheiro horrível quando ela e Kimmy foram morar lá, como se pequenos animais tivessem morrido dentro das paredes. Kimmy comprara um purificador de ar com um perfume bem forte. Só que o perfume tentava esconder algo que não podia ser ocultado. Agora o cheiro tinha voltado à sua memória. Viu o corpo caído de Cassandra e recordou-se do medo estampado no rosto de Clyde Rangor ao perguntar: “Onde está o vídeo?”

Ela tentou manter a voz calma.

– Não sei do que está falando.

– Por que você fugiu e mudou de nome?

– Porque precisava de um recomeço.

– Simples assim?

– Não. Não teve nada de simples. – Olivia se levantou. – E não quero responder a mais nada sem a presença do meu advogado.

Yates olhou para ela.

– Sente-se.

– Quero que vocês saiam daqui.

– Eu disse para você se sentar.

Ela olhou para Cal Dollinger outra vez. Continuava plantado perto da porta, com um olhar inexpressivo. Olivia sentou-se.

– Eu ia dizer algo como “Você leva uma bela vida aqui, não precisa que eu estrague tudo” – começou Yates. – Mas não sei se isso daria certo. Este bairro é um lixo, assim como sua casa. Seu marido é um ex-presidiário procurado por triplo homicídio. – Ele tornou a sorrir. – Era de esperar que você conseguisse bem mais do que isso com o recomeço, Candi. Mas, inacreditavelmente, você fez o oposto.

O objetivo dele era tirá-la do sério, e Olivia não permitiria que isso acontecesse.

– Eu gostaria que vocês dois fossem embora agora.

– Você não se importa que fiquem sabendo do seu segredo?

– Por favor, saiam daqui.

– Eu posso prendê-la.

Foi então que ela decidiu arriscar. Estendeu as mãos, como se estivesse pronta para ser algemada. Yates não se moveu. Poderia prendê-la, é claro. Olivia não sabia com base em qual lei ou estatuto exatos, mas era evidente que interferira em uma investigação de assassinato. Tinha, de fato, trocado de lugar com a vítima, o que deveria bastar para que a jogassem na cadeia.

Mas não era isso que Yates queria.

A voz de Clyde retumbou em sua cabeça, implorando: “Onde está o vídeo?”

O que Yates queria era outra coisa, algo pelo qual Cassandra havia morrido, algo pelo qual Clyde Rangor tinha matado. Fitou o rosto dele. Os olhos estavam confiantes. Ele não parava de abrir e fechar os punhos.

Os pulsos dela continuavam juntos à sua frente. Ela esperou mais um pouco, então os baixou devagar.

– Não sei de nada sobre vídeo nenhum.

Foi a vez de Yates observá-la. Não teve pressa.

– Acredito em você.

Por alguma razão, aquilo a assustou mais do que qualquer outra coisa.

– Por favor, queira nos acompanhar – disse ele.

– Para onde?

– Você está presa.

– Sob que acusação?

– Você quer que eu liste em ordem alfabética?

– Preciso ligar para o meu advogado.

– Pode fazer isso na delegacia.

Olivia não sabia como lidar com aquilo. Cal Dollinger deu um passo em sua direção. Ao vê-la recuar, o grandalhão perguntou:

– Prefere que eu a arraste daqui algemada?

Olivia parou.

– Não há necessidade.

Eles saíram da casa, Yates caminhando na frente e Dollinger ao lado de Olivia. Ela olhou para os dois lados da rua. A gigantesca garrafa marrom continuava erguida em direção ao céu. Por algum motivo, aquilo a confortou. Yates abriu a porta do carro, entrou e deu a partida. Voltou-se e fitou Olivia, que de súbito ficou paralisada.

Ela o reconheceu.

Não tinha boa memória para nomes, mas dificilmente esquecia um rosto. Quando dançava, aquele era um meio de se entorpecer. Analisava os rostos, gravava cada um deles na memória, classificava-os pelo nível de tédio ou diversão, tentava lembrar quantas vezes os tinha visto ali. Era um exercício mental, um modo de se distrair.

Adam Yates frequentava a boate de Clyde.

Talvez ela tenha vacilado, ou talvez Cal Dollinger estivesse muito sintonizado com o que ocorria ao redor. O fato é que ela estava a ponto de fugir, de sair correndo até suas pernas não aguentarem mais, quando ele a segurou pelo braço com a mão enorme, com a força necessária apenas para chamar-lhe a atenção. Olivia tentou soltar-se, mas era o mesmo que tentar tirar o braço de baixo de um bloco de concreto.

Não conseguia se mexer.

Estavam mais próximos do carro agora. Cal acelerou o passo. Olivia percorreu a rua com os olhos e viu Lawrence. Ele se encontrava na esquina, junto com outro homem que ela não conhecia. Os dois seguravam garrafas embrulhadas em sacos de papel marrom. Lawrence olhou para ela e começou a erguer a mão para acenar.

Olivia moveu os lábios, sem produzir nenhum som: “Socorro.”

O semblante do sem-teto não se alterou. Ele não demonstrou nenhuma reação. O outro homem disse algo em tom de piada, Lawrence riu e deu-lhe um tapa na coxa.

Ele não a tinha visto.

Os dois estavam cada vez mais próximos do veículo. A mente de Olivia trabalhava sem parar. Não queria entrar naquele carro de maneira alguma. Tentou retardar o passo, mas Dollinger deu-lhe um forte apertão no braço.

– Continue andando – resmungou ele.

Chegaram junto à porta traseira do automóvel e Dollinger a abriu. Olivia tentou ficar do lado de fora, mas ele era forte demais e a empurrou para dentro.

– Ei, tem um dólar aí, moço?

O grandalhão deu uma olhada rápida para o lado. Era Lawrence. Dollinger começou a se virar, ignorando o sem-teto, mas Lawrence segurou o ombro dele.

– Por favor, moço, estou com fome. Tem um dólar?

– Dê o fora daqui.

Lawrence colocou as mãos no peito do grandalhão.

– Só estou pedindo um dólar, moço.

– Tire as mãos de mim.

– Um dólar. Não é nada para alguém como...

Neste momento, Dollinger soltou o braço de Olivia.

Ela hesitou, mas não por muito tempo. Quando o grandalhão segurou Lawrence pela camisa com as duas mãos, ela pulou para fora do carro e começou a correr.

– Fuja, Liv! – gritou o sem-teto.

Não precisou falar duas vezes. Ela já tinha saído em disparada.

Dollinger largou Lawrence e se virou para ir atrás de Olivia. O sem-teto saltou em suas costas, mas o grandalhão o jogou longe como se fosse uma mosca. Então Lawrence fez algo realmente insensato: bateu em Dollinger com a garrafa envolta no saco de papel. Olivia ouviu o barulho do vidro e, sem parar de correr, olhou por sobre o ombro a tempo de ver o gigante acertar um soco no meio do peito dele, que caiu para trás, inerte.

Então Dollinger começou a gritar:

– Pare! FBI!

Nem pensar, seu gigante.

Olivia escutou o carro arrancar com os pneus cantando e correu mais ainda. Deu outra olhada para trás.

Dollinger a estava alcançando. E tinha uma arma na mão.

A distância entre eles era agora de uns 50 metros. Ela corria o mais rápido que conseguia. Aquele era o bairro dela – isso lhe dava alguma vantagem, certo? Cortou caminho por uma viela deserta – não havia ninguém à vista. Dollinger a seguiu. Ela arriscou outro

olhar para trás. O grandalhão a estava alcançando e não parecia nem um pouco cansado.

Olivia seguiu em frente com todas as forças, usando os braços para dar impulso.

De repente uma bala cortou o ar, e logo depois outra.

Ah, meu Deus. Ele está atirando.

Precisava sair daquela rua, precisava encontrar pessoas. Ele não a atingiria na frente de um monte de gente.

Certo?

Olivia continuou a correr para a direita e desembocou na rua. O carro de Yates estava ali. Ele acelerou na direção dela. Ela rolou para a calçada por cima do capô de um carro estacionado. Encontravam-se agora na frente da fábrica desativada da Pabst Blue Ribbon, que em breve não existiria mais, sendo substituída por mais um shopping center sem personalidade. Naquele momento, porém, as ruínas da fábrica pareciam o paraíso.

Onde ficava mesmo aquele bar?

Ela virou à esquerda. Lembrou que o bar ficava na segunda viela. Não se atrevia mais a olhar para trás, mas ouvia os passos de Dollinger se aproximando cada vez mais. Estava alcançando-a.

– Pare!

De jeito nenhum, pensou ela. O bar. Onde ficava o maldito bar?

Ela virou à direita.

Pronto, ali estava!

A porta ficava logo adiante, a poucos metros. Olivia corria a toda a velocidade. Agarrou a maçaneta no instante em que Dollinger dobrava a esquina. Ela empurrou a porta e entrou.

– Socorro!

Havia um homem lá dentro, enxugando copos atrás do balcão. Ele ergueu os olhos para ela, surpreso. Olivia fechou a porta e rapidamente passou o ferrolho.

– Ei, o que está havendo? – gritou o barman.

– Estão tentando me matar!

Começaram a sacudir a porta.

– FBI! Abra!

Olivia fez que não com a cabeça. O barman hesitou, mas acabou indicando os fundos do bar com um gesto da cabeça. Ela correu

para lá, e o homem pegava um rifle no momento em que Dollinger arrombou a porta a pontapés.

O barman ficou perplexo com o tamanho do outro.

– Meu Deus do Céu.

– FBI! Largue isso!

– Vamos com calma, amigo...

Dollinger apontou a arma para ele e disparou duas vezes.

O homem foi jogado para trás e escorregou para o chão, deixando uma mancha de sangue na parede.

Ah, meu Deus, ah, meu Deus, ah, meu Deus!

Olivia queria gritar.

Não. Saia daqui. Rápido.

Pensou no bebê em seu ventre e suas forças se renovaram. Continuou correndo para os fundos do bar.

Os tiros ricochetearam na parede atrás dela. Olivia se jogou no chão.

Engatinhou em direção à porta de trás, que era feita de metal pesado. A chave estava na fechadura. Em um só movimento, ela girou a chave e puxou a porta para abri-la. Fez tanta força que a maçaneta se quebrou. Ela rolou para fora, de volta para a luz do dia. Às suas costas, a porta bateu e se trancou automaticamente.

Ouviu Dollinger sacudindo a maçaneta e depois esmurrando a porta. Dessa vez a estrutura de metal não cederia com tanta facilidade. Olivia se levantou e voltou a correr, evitando as ruas principais, atenta tanto ao carro de Yates quanto a Dollinger, a pé.

Não havia sinal de nenhum dos dois. Hora de dar o fora dali.

Olivia diminuiu o ritmo, alternando caminhadas rápidas com pequenos trotes por pouco mais de 3 quilômetros. Ao ver um ônibus parado em um ponto, saltou dentro dele, sem se importar com o destino. Desceu no centro de Elizabeth. Logo adiante havia um ponto de táxi.

– Para onde? – perguntou o motorista assim que ela entrou no primeiro carro da fila.

Olivia tentou recuperar o fôlego.

– Aeroporto de Newark, por favor – falou.

capítulo 50

Enquanto cruzava a divisa da Pensilvânia no Isuzu branco, Matt pensava na quantidade de informações que armazenara durante seu tempo na prisão e que julgara inúteis. Claro, a cadeia não é aquela escola do crime tão perfeita como se costuma acreditar. Afinal, todos os que estão ali dentro foram pegos, portanto, por mais que se vangloriem de suas habilidades fora da lei, em algum momento eles falharam.

Matt nunca prestara muita atenção naquele tipo de conversa. O mundo do crime não lhe despertava interesse. Seu plano ao sair da cadeia, que ele seguira à risca por nove anos consecutivos, fora ficar longe de qualquer atividade desse tipo.

Agora isso havia mudado.

A técnica de Saul para roubo de carros mostrara-se eficaz. E agora Matt se recordava de outras lições sobre como escapar da polícia que aprendera atrás das grades. Entrou no grande estacionamento de uma loja de artigos de construção na Rota 80. Como previra, não havia seguranças rondando por ali. Ele não queria roubar outro veículo, só uma placa com alguma letra que pudesse ser adulterada com facilidade. Teve sorte. Na área reservada aos funcionários, viu um carro com um P na placa. Como eram onze da manhã, um automóvel pertencente a um funcionário seria ótimo, porque significava que o dono não apareceria antes das duas da tarde, que em geral era o horário da troca de turno nesses lugares.

Ele entrou na loja e comprou um rolo pequeno de fita isolante fina, especial para fios de telefone. Assegurando-se de que ninguém o observava, usou a fita para transformar o P em B. A mudança não passaria despercebida a um olhar mais cuidadoso, mas seria suficiente para que ele alcançasse seu destino mais imediato: Harrisburg, Pensilvânia.

Não havia opção. Precisava chegar a Reno, e para isso teria que pegar um avião. Sabia que seria arriscado. Todas as dicas que conhecia para fugir da polícia, mesmo as mais engenhosas, eram todas anteriores ao 11 de Setembro. Os esquemas de segurança haviam mudado muito desde então, embora ainda houvesse estratégias que funcionavam. Ele só precisava pensar bem, agir depressa e contar com muita sorte.

Primeiro, lançou mão de um artifício de despistamento. Usou um orelhão na divisa de Nova Jersey para reservar passagem em um voo do Aeroporto de Newark para Toronto. Se rastreassem a operação, achariam que ele era um amador. Ou talvez não. Desligou, foi até outro orelhão e fez a reserva verdadeira. Anotou o número do bilhete, desligou e balançou a cabeça.

Não seria fácil.

Entrou no estacionamento do Aeroporto de Harrisburg. A Mauser M2 continuava em seu bolso, mas não poderia embarcar com ela. Enfiou-a embaixo do assento do passageiro, porque, se as coisas não saíssem conforme ele planejara, voltaria para o carro. O Isuzu funcionara muito bem. Queria deixar um bilhete para o dono, explicando o que havia feito e por quê. Com sorte, no futuro teria chance de explicar tudo a ele.

Agora era só ver se o plano daria certo...

Mas primeiro precisava dormir. Comprou um boné de beisebol em uma loja de suvenires, depois escolheu uma cadeira vaga na área de desembarque, cruzou os braços sobre o peito, fechou os olhos e puxou a aba sobre o rosto. Pessoas dormiam em aeroportos o tempo todo, então imaginou que ninguém iria incomodá-lo.

Acordou uma hora mais tarde, sentindo-se muito mal. Subiu a escada para a área de embarque. Comprou uma caixa de analgésico extraforte e outra de anti-inflamatório. Tomou três comprimidos de cada e em seguida foi ao banheiro para se lavar.

A fila do check-in estava grande, o que era bom para o plano. Queria que os atendentes estivessem bastante ocupados. Quando chegou sua vez, a mulher atrás do balcão dirigiu-lhe um sorriso distraído.

– Chicago, voo 188 – disse ele.

– Esse voo sai em vinte minutos – avisou ela.

– Eu sei. Fiquei preso no trânsito e...

– Documento de identidade com foto, por favor.

Matt mostrou a carteira de motorista. A moça digitou o nome dele no sistema. Aquele era o momento da verdade. Ele ficou totalmente imóvel. Ela franziu a testa e digitou outra coisa. Nada aconteceu.

– Não localizei seu nome na lista de passageiros, Sr. Hunter.

– Que estranho.

– O senhor tem o número da reserva?

– Claro.

Ele entregou-lhe o número que anotara ao fazer a reserva por telefone. Ela digitou: YTIQZ2. Matt prendeu a respiração.

A jovem suspirou.

– Já sei qual é o problema.

– Pois não?

– Seu nome está errado na reserva. O senhor aparece aqui como Mike em vez de Matt. E o sobrenome está Huntman em vez de Hunter.

– É um engano comum – disse Matt.

– O senhor ficaria surpreso com a quantidade de vezes que essas coisas ocorrem.

– Posso imaginar.

Os dois deram uma risada de cumplicidade, cujo significado implícito era que o mundo está cheio de idiotas. Ela imprimiu a passagem e recebeu o dinheiro. Matt sorriu, agradeceu e se dirigiu ao portão de embarque.

Não havia voo direto de Harrisburg para Reno, mas isso poderia ser um ponto positivo. Matt não sabia como o sistema de computadores da companhia aérea se conectava com o do governo federal, mas fazer dois voos curtos provavelmente seria melhor do que um longo. Será que a rede de computadores reconheceria seu nome de imediato? Matt duvidava, ou talvez só estivesse sendo otimista. Mas, pela lógica, levaria algum tempo. A informação tinha que ser coletada, selecionada, encaminhada para o setor competente. Devia levar algumas horas, no mínimo.

E ele chegaria a Chicago em uma hora.

Parecia um bom plano.

Quando o avião pousou na pista do Aeroporto O'Hare, em Chicago, foi como se o coração de Matt voltasse a bater. Ele desembarcou, tentando não chamar atenção e planejando uma rota de fuga caso visse algum grupo de policiais vigiando a saída, mas ninguém o deteve quando ele saiu da aeronave. Matt expirou longamente. Tudo indicava que não o haviam localizado – ainda. Mas a pior parte ainda estava por vir. O voo até Reno seria mais longo. Se descobrissem seu nome no primeiro trecho, teriam tempo suficiente para localizá-lo e prendê-lo.

Então resolveu tentar uma estratégia diferente.

Ali também havia uma longa fila no check-in. Isso podia ser útil. Matt ficou atrás da última pessoa e foi seguindo por entre os cordões de veludo. Enquanto isso, observava com atenção, a fim de localizar um funcionário que parecesse mais cansado ou complacente. Viu a atendente na extrema direita. Ela parecia muito entediada. Examinava as identidades, mas não havia vida em seus olhos. Suspirava e olhava ao redor o tempo todo, evidentemente distraída. Talvez estivesse passando por algum problema pessoal, Matt pensou. Quem sabe tivesse brigado com o marido, ou com a filha adolescente, ou algo assim.

Ou talvez, Matt, ela seja muito esperta e tenha apenas cara de tédio.

Ainda assim, que outra escolha ele tinha? Quando chegou a vez dele de ser atendido, a tal atendente estava ocupada. Ele começou a fingir que procurava alguma coisa e disse à família logo atrás dele na fila que passasse na sua frente. Repetiu a manobra mais uma vez e por fim foi chamado pela moça que queria.

Aproximou-se do guichê com o ar mais natural que conseguiu.

– Matthew Huntler – falou, entregando um papel com o número da reserva anotado.

A atendente o pegou e começou a digitar.

– Chicago para Reno/Tahoe, Sr. Huntler?

– Isso mesmo.

– Identidade, por favor...

Chegara à parte mais difícil. Matt tentou agir com a maior calma possível. Matthew Huntler era membro do clube de fidelidade daquela empresa aérea. Matt o cadastrara apenas algumas horas

antes. Os computadores não entendiam sutilezas, mas as pessoas às vezes sim.

Entregou o cartão e a atendente não o olhou de imediato. Ainda estava digitando. Talvez ele tivesse sorte e ela nem verificasse a identidade.

– Alguma bagagem para despachar?

– Não, hoje não.

Ela assentiu, ainda digitando. Então olhou para o cartão de fidelidade. Matt sentiu um embrulho no estômago. Lembrou-se de um teste que Bernie lhe enviara por e-mail muito tempo antes. Era o seguinte:

> Este é um teste muito divertido. Leia a frase abaixo:
>
> ARQUIVOS COMPLETOS SÃO O RESULTADO DE ANOS DE ESTUDO CIENTÍFICO COMBINADO COM ANOS DE EXPERIÊNCIA.
>
> Agora conte quantas letras “D” contém a frase.

Matt seguira a instrução e chegara ao total de quatro. A resposta correta era seis. Quando lemos, não vemos todas as letras. Não fomos programados para isso. Era com isso que ele contava agora. Hunter, Huntler. Será que alguém conseguiria mesmo ver a diferença?

A mulher olhou para ele.

– Corredor ou janela?

– Corredor.

Tinha conseguido. A verificação da segurança foi ainda mais fácil. Afinal, sua identidade já havia sido conferida no balcão. O guarda olhou para a foto e para ele, mas não percebeu que a identidade dizia “Hunter” e o cartão de embarque, “Huntler”. De qualquer forma, erros de digitação eram comuns. Aquele homem via centenas de milhares de cartões de embarque todos os dias. Realmente não notaria um detalhe tão pequeno.

Mais uma vez, Matt entrou no avião pouco antes de o embarque ser encerrado. Acomodou-se em seu assento no corredor, fechou os olhos e só acordou com a voz do comandante anunciando a aterrissagem em Reno.

◆ ◆ ◆

A porta da sala da irmã Katherine estava fechada.

Dessa vez, Loren não teve nenhum vislumbre do passado. Bateu com força na porta e levou a mão à maçaneta. Quando ouviu a voz da madre dizendo que entrasse, obedeceu de imediato.

A freira se encontrava de pé, de costas para a porta. Não se virou quando Loren entrou, apenas perguntou:

– Tem certeza de que a irmã Mary Rose foi assassinada?

– Tenho.

– E sabe quem a matou?

– Ainda não.

A irmã assentiu bem devagar.

– Já descobriu a identidade verdadeira dela?

– Já – disse Loren. – Mas teria sido mais fácil se a senhora tivesse me contado.

Esperou que a madre contestasse, mas não foi o que aconteceu.

– Eu não podia.

– Por quê?

– Infelizmente, a decisão não era minha.

– Ela lhe contou?

– Não exatamente. Mas eu cheguei a algumas conclusões.

– Como?

A freira deu de ombros.

– Algumas coisas que ela falou sobre o passado. Detalhes que não se encaixavam.

– A senhora chegou a confrontá-la?

– Não, nunca. E ela nunca me revelou sua verdadeira identidade. Disse que isso colocaria outras pessoas em perigo. Mas eu sabia que era algo sórdido. A irmã Mary Rose queria deixar o passado para trás. Queria compensar o mal que tinha causado. E conseguiu. Ela contribuiu muito para esta escola, para as crianças.

– Com trabalho ou com dinheiro?

– As duas coisas.

– Ela lhe deu dinheiro?

– Para a paróquia, não para mim – corrigiu a irmã Katherine. – Deu uma boa quantia.

– Tenho a impressão de que se tratava de dinheiro sujo.

A madre superiora sorriu.

– E por acaso existe outro tipo de dinheiro?

– Então aquela história sobre a massagem cardíaca...?

– Eu já sabia sobre os implantes. Ela me contou. Também disse que, se certas pessoas descobrissem quem ela era de verdade, a matariam.

– E, quando ela morreu, a senhora não desconfiou?

– Pareceu ser uma morte natural. Achei que seria melhor deixar para lá.

– O que a fez mudar de ideia?

– Algumas fofocas.

– Como assim?

– Uma das irmãs me confidenciou que tinha visto um homem no quarto da irmã Mary Rose. Fiquei desconfiada, é claro, mas não podia provar nada. Além disso, eu precisava zelar pela reputação do colégio. Então resolvi investigar o fato de maneira discreta, sem trair a confiança que a irmã Mary Rose havia depositado em mim.

– E foi aí que eu entrei na história.

– Isso.

– E agora que a senhora soube que ela foi assassinada, por que me chamou?

– Porque ela deixou uma carta.

– Para quem?

A irmã Katherine mostrou o envelope.

– Para uma mulher chamada Olivia Hunter.

◆ ◆ ◆

Adam Yates estava quase em pânico.

Estacionou a uma boa distância da cervejaria abandonada e esperou enquanto Cal fazia uma limpeza rápida. As pistas foram removidas, e a arma do grandalhão não podia ser localizada. As placas do carro que estavam usando eram frias. Alguma pessoa louca o suficiente para falar poderia dizer que vira um homem enorme perseguindo uma mulher, mas não havia nenhuma maneira concreta de associá-los ao barman morto.

Talvez.

Não, nada de talvez. Já estivera em enrascadas piores. O barman apontara um rifle para Cal. As impressões dele estavam na arma. E

a arma do crime seria deixada para trás. Os dois estariam fora do estado em uma questão de horas.

Conseguiriam se safar.

Quando Cal sentou no banco do passageiro, Adam olhou para ele.

– Você fez uma bela besteira.

Cal assentiu.

– Eu sei.

– Não deveria ter tentado acertá-la.

O grandalhão assentiu mais uma vez.

– Foi um erro – admitiu. – Mas não podemos deixá-la escapar. Se o passado dela vier à tona...

– Virá, de qualquer forma. Loren Muse sabe que ela está envolvida.

– É verdade, mas sem Olivia Hunter ela não vai chegar a conclusão alguma. Se Olivia for apanhada, vai tentar livrar a própria pele. E, para isso, talvez seja necessário tentar entender o que aconteceu há tantos anos.

Yates sentiu algo dentro dele começar a se dilacerar.

– Não quero machucar ninguém.

– Adam?

Ele olhou para o grandalhão.

– É tarde demais para isso – falou Dollinger. – Somos nós ou eles, lembra?

Yates assentiu devagar.

– Precisamos achar Olivia – continuou o grandalhão. – Se outros agentes colocarem as mãos nela antes...

Yates terminou a frase para ele:

– Ela pode contar tudo.

– Isso mesmo.

– Então vamos dizer que ela é uma testemunha fundamental para o caso – ponderou Yates. – Mandamos que fiquem de olho nos aeroportos e estações de trem da área e nos comuniquem no mesmo instante se a localizarem, mas que não tomem nenhuma providência até segunda ordem.

Cal assentiu.

– Considere feito.

Adam Yates considerou suas alternativas.

– Vamos voltar ao escritório do condado. Talvez Loren tenha descoberto algo útil sobre Kimmy Dale.

Cinco minutos depois, quando estavam a caminho, o telefone tocou. Cal atendeu:

– Agente Dollinger falando.

Escutou atentamente.

– Deixe que ela saia quando o avião pousar. Mande Ted segui-la, mas apenas para não perdê-la de vista, entendeu? Não se aproximem dela. Vou para aí no próximo voo.

Ele desligou.

– O que foi? – quis saber Yates.

– Olivia Hunter já embarcou num avião para Reno.

– Reno outra vez... – murmurou ele.

– O lar dos falecidos Charles Talley e Max Darrow.

– E talvez da fita de vídeo. – Yates fez uma curva à direita. – Todos os sinais apontam para o Oeste, Cal. Acho que é melhor irmos para Reno também.

capítulo 51

O MOTORISTA DE TÁXI TRABALHAVA para uma empresa chamada Reno Rides. Ele parou o carro, colocou-o em ponto morto, virou-se para trás e olhou Olivia de alto a baixo.

– Tem certeza de que é este o lugar, dona?

Olivia apenas o encarou.

– Senhora?

Um crucifixo pendia do espelho retrovisor do táxi. Havia adesivos com orações colados no porta-luvas.

– Aqui é Center Lane Drive, número 488? – perguntou ela.

– Sim, senhora.

– Então é aqui mesmo.

Ela abriu a bolsa e pagou a corrida. O motorista lhe deu um panfleto.

– Você pode sair desta vida – falou.

Era um panfleto de uma igreja. No alto da página, estava escrito João 3:16. Ela conseguiu dar um sorriso.

– Jesus a ama – disse o homem.

– Obrigada.

– Posso levá-la a qualquer lugar aonde queira ir. De graça.

– Está tudo bem – retrucou ela.

Olivia desceu do táxi e o motorista a fitou com um ar desconsolado. Ela acenou quando ele partiu. Então se virou e levantou uma das mãos para proteger os olhos do sol. A placa de neon meio apagada dizia:

EAGER BEAVER – DANÇARINAS EXÓTICAS

Ela começou a tremer. Uma reação retardada, pensou. Nunca tinha estado naquele lugar, mas ainda assim o conhecia. Conhecia aquelas picapes sujas no estacionamento, os homens que entravam

distraidamente, as luzes baixas, os postes de dança pegajosos. Seguiu na direção da porta, sabendo o que encontraria lá dentro.

Matt tinha pavor de voltar para a cadeia. Aquele lugar na frente dela era sua prisão.

Candi Cane voltava à vida naquele dia.

Olivia Hunter tentara exorcizar Candace Potter, ou Candi Cane, muitos anos antes. Agora ela estava de volta, e de uma forma muito ruim. Aquela história de que era possível passar uma borracha no passado não era verdade, ela sabia. Quase acreditara que conseguiria manter Candi trancada atrás de uma porta em algum lugar secreto e jogar a chave fora. Na verdade, quase conseguira. Teria sido capaz de fazer isso se não houvesse algo mais atrás daquela porta que a impedia de fechá-la para sempre.

Sua filha.

Um arrepio percorreu-lhe a espinha. *Ah, meu Deus,* ela pensou. *Será que a minha filha está trabalhando aqui?*

Por favor, não...

Eram quatro da tarde. Ainda havia muito tempo até o encontro à meia-noite. Poderia ir a outro lugar, talvez tomar um café ou ir para um hotel descansar. Dormira um pouco no voo, mas algumas horas de sono seriam bem-vindas.

Quando o avião pousara, Olivia ligara para o escritório do FBI e pedira para falar com Adam Yates. Mas desligara assim que a transferiram para o ramal dele.

Então Yates trabalhava mesmo no FBI. Dollinger também devia trabalhar, calculou.

Isso significava que dois agentes do FBI tinham tentado matá-la.

Não haveria prisão nem captura. Ela sabia disso.

As últimas palavras que Clyde dissera lhe retornaram à lembrança: “Apenas me diga onde está...”

Tudo começava a fazer sentido. Tinha ouvido rumores de que Clyde usava gravações em vídeo para fazer chantagem. Provavelmente chantageara o sujeito errado – ou Yates ou alguém próximo a ele. De alguma forma isso o levara até a pobre Cassandra. Será que ela estava com as fitas? Será que aparecia nelas?

Parada ali, lendo o cartaz na entrada que dizia buffet apenas $ 4,99, Olivia assentiu para si mesma.

Era isso. Só podia ser. Começou a caminhar em direção à porta.

Talvez fosse melhor esperar, voltar depois.

Não.

Lançou um olhar curioso para a porta. Uma mulher não ia sozinha a um lugar como aquele. De vez em quando um rapaz podia levar a namorada, que concordava para fazer-lhe a vontade, ou então porque tivesse alguma tendência homossexual, ou por qualquer outro motivo. O fato era que uma mulher não entrava ali desacompanhada.

Viu várias cabeças se virarem em sua direção quando entrou, mas não tantas quantas seria de esperar. As pessoas ficavam com os reflexos retardados em locais como aquele. A atmosfera era densa, lânguida. As luzes estavam baixas. Os clientes deviam imaginar que ela era uma das dançarinas chegando para o seu turno ou a namorada de uma das garotas que fora se encontrar com a companheira.

A canção “Don’t You Want Me”*,* do Human League, saía do sistema de som. Já era um clássico na época em que Olivia se apresentava. Um tanto retrô*,* pensou, mas sempre gostara da música. Num ambiente como aquele, a letra deveria significar uma cantada, mas, se você prestasse atenção, Phil Oakey, o vocalista, dizia coisas que levavam a pensar na dor e na tristeza de um coração partido. O título – “Você não me quer” – não era entoado no refrão com luxúria, mas com desilusão.

Olivia sentou-se a uma das mesas mais afastadas do palco. Havia três dançarinas se apresentando. Duas delas fitavam o nada, enquanto a outra seduzia um cliente, convidando-o a colocar notas de dinheiro em sua calcinha. Ele obedecia. Olivia deu uma olhada nos espectadores e constatou que nada havia mudado desde que trabalhara em lugares como aquele. Os homens eram do mesmo tipo. Alguns tinham rostos inexpressivos. Muitos exibiam aquele sorriso vidrado, outros tentavam assumir uma expressão superior, de distância, como se estivessem acima dos outros clientes. Havia os que tomavam cerveja de forma agressiva, olhando para as

strippers com hostilidade declarada, como se exigissem uma resposta para a pergunta eterna: “Então é só isso?”

As mulheres no palco eram jovens e estavam drogadas. Dava para ver. Sua antiga colega de quarto, Kimmy Dale, tinha dois irmãos que morreram de overdose. Kimmy não admitia o uso de drogas. Olivia... não, Candi... costumava beber, mas Clyde Rangor a obrigara a parar quando ela começou a tropeçar no palco. Clyde, conselheiro de reabilitação. Estranho, mas verdadeiro.

A gordura que vinha do bufê horroroso se espalhava pelo ar, transformando-se mais em uma espécie de gosma que grudava na pele do que em odor. *Quem come essas coisas?,* perguntou-se ela. Asas de frango que deviam estar ali havia dias, salsichas que flutuavam na água até se desfazerem, batatas fritas tão oleosas que seria impossível espetá-las com um palito. Homens gordos davam a volta no bufê e empilhavam os pratos, formando pilhas incríveis. Olivia quase podia ver as artérias deles endurecendo à luz difusa.

Algumas boates de striptease se autodenominavam “clubes de cavalheiros”, cujos frequentadores usavam terno e agiam como seres superiores. Tal pretensão não existia no Eager Beaver. Aquele era um lugar onde o número de tatuagens era superior ao de dentes. As pessoas brigavam. Os leões de chácara tinham mais gordura que músculos, porque músculos eram só para mostrar, e aqueles caras batiam para valer.

Olivia não estava com medo e não se sentia intimidada, mas não sabia ao certo o que fazia ali. As meninas no palco começaram o revezamento. A dançarina de um lado se retirou, enquanto outra jovenzinha entrou pelo outro lado. Aquela garota ainda não tinha 18 anos de jeito nenhum. Tinha as pernas enormes e andava sobre os saltos insegura e desajeitadamente, como um potro. Mas o sorriso dela parecia quase espontâneo, verdadeiro, e Olivia concluiu que a vida ainda não havia sido arrancada dela.

– Quer alguma coisa?

Com ar desconfiado, a garçonete fitava a coisa estranha que era Olivia naquele ambiente.

– Uma Coca-Cola, por favor.

Ela se afastou e Olivia ficou de olho na entusiasmada garota mais jovem. Algo nela a fez lembrar-se da pobre Cassandra. Devia ser a

idade, disse a si mesma. Só que Cassandra era bem mais bonita. E então, enquanto observava as três garotas no palco, a pergunta óbvia a atingiu: será que uma delas era a sua filha?

Examinou o rosto delas com atenção, procurando alguma semelhança, mas não achou nenhuma. Isso não significava nada, é claro. Sabia disso. A garçonete trouxe a Coca-Cola. Olivia a deixou na mesa. Não havia nenhuma chance de beber de um daqueles copos.

Dez minutos depois, as dançarinas fizeram mais uma troca. Outra garota novinha. Provavelmente faziam um revezamento de cinco. Três no palco, duas fora; eram turnos bem rápidos. Poderia ainda haver uma sexta para entrar. Olivia pensou em Matt, imaginou como ele faria para chegar até ali. Parecera bastante seguro de que conseguiria, ou a segurança dele havia sido apenas fingimento, para tranquilizá-la?

A dançarina no segundo poste seduzia um sujeito com uma peruca tão horrenda que parecia ter um zíper. Devia estar usando com ele a clássica história de que havia matado aula para estar ali, pensou Olivia. O fato de os homens ficarem animadíssimos com a ideia de que as mulheres dali eram estudantes sempre a deixara perplexa. Será que precisavam de um toque de pureza para se excitarem?

A garota que estava no primeiro poste quando Olivia entrara veio lá do fundo. Aproximou-se de um homem com uma asa de frango meio para fora da boca. O sujeito deixou a comida cair e limpou as mãos na calça jeans. A menina estendeu a mão para ele e os dois desapareceram por uma porta lateral. Olivia teve vontade de ir atrás dela. Queria pegar todas aquelas jovens e tirá-las dali.

Chega.

Fez um sinal para que a garçonete trouxesse a conta. A jovem se afastou de um grupo de homens que riam feito idiotas.

– Três e cinquenta – falou.

Olivia levantou-se, abriu a bolsa e pegou uma nota de cinco. Já estava quase entregando-a para a garçonete, ansiosa para sair logo daquele lugar escuro e horroroso, quando as dançarinas fizeram outra troca. Uma moça entrou no palco pela primeira vez desde que Olivia chegara.

Olivia ficou paralisada. Então um gemido abafado, carregado de angústia, escapou-lhe dos lábios.

– Moça? Você está bem? – perguntou a garçonete.

A recém-chegada atravessou o palco e ocupou a posição três.

Era Kimmy.

– Moça?

As pernas de Olivia quase cederam e ela voltou a sentar.

– Traga outra Coca-Cola.

Não havia sequer tocado na primeira, mas, se a garçonete percebeu, disfarçou muito bem. Olivia só ficou olhando. Por vários segundos, deixou-se envolver pelo turbilhão de emoções. Remorso, claro. Uma tristeza profunda por ver que Kimmy ainda estava na ativa depois de tanto tempo. Culpa pelo que fora forçada a deixar para trás. Mas também havia alegria por rever a velha amiga. Nas últimas semanas, Olivia visitara alguns sites tentando descobrir se Kimmy continuava se apresentando. Não encontrara nada, e torcera para que aquilo significasse que ela não trabalhava mais como stripper. Mas agora podia ver a verdade: Kimmy estava num nível baixo demais para sequer ser mencionada.

Olivia não conseguia se mover.

Ao contrário do que se poderia pensar, não era difícil criar aços de amizade naquele tipo de vida. As meninas, na maioria, gostavam mesmo umas das outras. Eram como colegas de exército, unindo-se na luta pela sobrevivência. Mas ninguém fora tão importante para Olivia quanto Kimmy Dale. Ela fora sua melhor amiga, aquela de quem ainda sentia falta, em quem ainda pensava, com quem gostaria de poder conversar. Kimmy a fazia rir, mantinha-a longe da cocaína e era a dona da arma que salvara a sua vida.

Olivia sorriu no escuro. Kimmy Dale, obcecada por limpeza, sua eventual parceira de dança, sua confidente.

E então a culpa e a tristeza retornaram.

Os últimos dez anos não foram generosos com Kimmy, embora, pensando melhor, nenhum ano da vida dela tivesse sido. Sua pele estava flácida, havia rugas ao redor da boca e dos olhos, um monte de pequenos hematomas coalhava suas coxas. Ela usava muita maquiagem agora, como as strippers velhas que as duas sempre

temeram se tornar. Aquele era o maior receio de Olivia e Kimmy: não conseguir perceber o momento de sair do negócio.

O número de Kimmy não tinha mudado. Eram os mesmos poucos passos, embora os movimentos fossem um pouco mais lentos, mais letárgicos, agora. Ela usava as mesmas botas pretas de cano alto que sempre foram suas preferidas. Houvera uma época em que Kimmy conquistava os clientes como ninguém – ela tinha um sorriso maravilhoso –, mas esse tempo ficara para trás. Olivia se retraiu.

Kimmy pensa que eu estou morta.

Pensou em como a amiga reagiria ao ver aquele... aquele fantasma. Imaginou o que fazer. Deveria se revelar ou seria melhor ficar nas sombras, esperar mais meia hora e dar o fora dali quando tivesse certeza de que Kimmy não poderia vê-la?

Ficou sentada ali observando Kimmy e tentando decidir o próximo passo. Era óbvio. Tudo estava vindo à tona. O pacto com Emma não valia mais nada. Yates e Dollinger sabiam quem ela era. Não havia mais motivo para se esconder. Não havia mais ninguém a quem proteger, e talvez, apenas talvez, pudesse haver alguém a quem salvar.

Quando Kimmy estava na última etapa do revezamento, Olivia fez um sinal para a garçonete.

– A dançarina da direita – disse.

– A negra?

– É.

– Nós a chamamos de Magia Negra.

– Certo, ótimo. Quero uma sessão particular com ela.

A garçonete ergueu uma sobrancelha.

– Você quer dizer lá nos fundos?

– Exato. Um quarto particular.

– São mais 50 paus.

– Sem problema – retrucou Olivia.

Havia tirado dinheiro no caixa eletrônico em Elizabeth. Entregou 10 dólares a mais para que a garçonete cuidasse dos próprios problemas.

A moça enfiou a gorjeta no decote e deu de ombros.

– Vá para o fundo e vire à direita. Segunda porta, a que está marcada com um B. Vou mandar Magia Negra para lá em cinco

minutos.

Demorou mais do que isso. Havia uma poltrona e uma cama no quarto, mas Olivia não se sentou. Ficou de pé, esperando. Tremia. Escutava os passos e as vozes das pessoas que passavam do lado de fora, para lá e para cá. No sistema de som, a música do Tears for Fears dizia que todos queriam comandar o mundo. Que novidade.

Bateram à porta.

– Você está aí?

Aquela voz. Não havia dúvida sobre quem era. Olivia secou os olhos.

– Pode entrar.

A porta se abriu e Kimmy entrou.

– Olhe, deixe-me lhe dizer logo o preço para...

Ela parou.

Por vários segundos, as duas ficaram imóveis, olhando uma para a outra, deixando as lágrimas correrem pelas faces. Kimmy balançou a cabeça, sem conseguir acreditar.

– Não pode ser...

Candi – não mais Olivia – enfim assentiu.

– Sou eu.

– Mas...

Kimmy levou a mão à boca e começou a soluçar. Candi abriu os braços e a outra quase desabou no chão. Candi deu um passo à frente e a amparou, impedindo que caísse.

– Está tudo bem – disse com delicadeza.

– Não pode ser...

– Está tudo bem – repetiu Olivia, acariciando o cabelo da amiga. – Estou aqui. Eu voltei.

capítulo 52

O VOO DE LOREN PARA RENO tinha escala em Houston.

Ela comprara a passagem com o próprio dinheiro. Corria um grande risco, algo que poderia forçá-la a deixar o emprego e mudar-se para um lugar como Novo México ou Arizona, mas os fatos estavam ali. Steinberg era obrigado a seguir as regras do jogo. Ela compreendia isso e concordava até certo ponto.

No entanto, sabia que aquele era o único caminho a seguir.

Yates, o poderoso agente federal, estava armando alguma coisa.

A desconfiança de Loren começara quando ele de repente se transformara em um sujeito odioso ao saírem da casa de Len Friedman. Do nada, ele começara a interpretar um canalha irracional, o que não era uma atitude incomum entre os agentes federais de alto escalão, como ela bem sabia. Mas aquele comportamento não lhe parecera natural, havia algo forçado nele. Yates quisera lhe dar a impressão de que estava no controle, mas Loren detectara uma ponta de verdadeiro pânico por trás daquela fachada.

Era evidente que ele não queria que ela se encontrasse com Olivia Hunter, nem que falasse com ela.

Por quê?

Ao pensar nisso, Loren se perguntou o que teria detonado aquela reação. Lembrou-se de algo que acontecera no porão da casa de Friedman – algo que lhe parecera desimportante na hora. Ele cortara Friedman bruscamente quando o homem estava prestes a lhes contar alguma coisa que Rangor e Lemay costumavam fazer e que, de acordo com ele, era pior do que falar sobre a clientela. Naquele momento, Loren ficara apenas irritada com a interrupção de Yates, mas depois, quando ele também fizera questão de tirá-la da investigação, ela somara dois e dois e concluíra que havia algo estranho ali.

Após a visita à irmã Katherine, ela ligara para o celular de Yates. Ele não atendera. Depois, tentara o telefone da casa de Olivia Hunter. Nada. Então ouvira pelo rádio a informação sobre um assassinato em um bar em Irvington que ficava perto da casa dos Hunters. Até aí, nada de mais, mas então ela escutara sobre um homem de proporções gigantescas correndo pela rua atrás de uma mulher.

Um homem de proporções gigantescas. Cal Dollinger, que Yates disse que levaria com ele à casa de Olivia para interrogá-la, era enorme.

Isso também, por si só, não significava muita coisa.

Mas somado ao que ela já sabia...

Ligou para Steinberg.

– Sabe onde Yates está? – perguntou.

– Não.

– Pois eu sei. Verifiquei com minha fonte no aeroporto. – O Aeroporto de Newark ficava no condado de Essex, o que queria dizer que o escritório da promotoria tinha vários contatos lá. – Ele e o Golias estão em um avião com destino ao Aeroporto de Reno-Tahoe.

– E por que isso deveria ser da nossa conta?

– Eu gostaria de ir atrás deles – retrucou Loren.

– O quê?

– Yates está tramando alguma coisa.

Ela contou ao chefe o que sabia. Quase pôde vê-lo franzindo a testa.

– Deixe-me ver se entendi. Você acha que Yates está envolvido nisso de alguma forma? Adam Yates, um agente condecorado do FBI? Um agente especial encarregado? Um dos caras mais importantes de Nevada? Sua teoria se baseia em: 1) uma mudança de humor, 2) um homem grande que pode ter sido visto correndo atrás de uma mulher em algum lugar próximo da cena do crime em Irvington, e 3) o fato de Yates estar voltando para o estado onde mora. É isso?

– Você devia tê-lo visto fazer o papel de policial bom e policial mau, chefe.

– Sei.

– Ele queria me afastar do caso e de Olivia Hunter. Ouça o que eu digo: Yates está metido em alguma sujeira, chefe. Eu sei.

– E você também sabe o que vou falar, não é?

Loren sabia.

– “Reúna evidências.”

– Exatamente.

– Posso lhe pedir um favor?

– Que favor?

– Verifique a história que Yates contou sobre Rangor e Lemay terem se tornado testemunhas do Estado.

– O que quer saber?

– Se é verdade.

– Por quê? Acha que ele inventou isso?

– Não custa checar.

Steinberg hesitou.

– Duvido que eu vá conseguir alguma coisa. Minha influência se restringe ao condado. Se um cara do FBI estiver mentindo, não vão me falar nada.

– Então pergunte a Joan Thurston.

– Ela vai achar que sou maluco.

– Ela já não acha isso?

– É, bem, faz sentido – concordou ele. Pigarreou. – Mais uma coisa.

– Sim, chefe.

– Você está pensando em fazer alguma estupidez?

– Eu?

– Como seu superior, você sabe que não vou autorizá-la a nada que seja fora da nossa jurisdição. Mas, se você não estiver a trabalho e eu não souber de nada...

– Deixe comigo, chefe.

Ela desligou. Sabia que as respostas estavam em Reno. Charles Talley trabalhava no Eager Beaver, em Reno. Kimmy Dale também. Agora Yates e Dollinger estavam a caminho de lá. Então Loren se assegurou de estar em seu horário de folga, reservou uma passagem e correu para o aeroporto. Antes de embarcar, deu mais um telefonema. Len Friedman ainda estava em seu escritório no porão.

– Olá – disse ele. – Alguma novidade sobre a cópia do relatório da autópsia de Candi Cane que ficou de me arranjar?

– Será sua se você responder a mais algumas perguntas. Você mencionou algo sobre “o que acontece em Las Vegas não sai de Las Vegas”.

– Sim.

– Quando perguntei se isso queria dizer que Clyde Rangor e Emma Lemay estavam chantageando clientes, você falou que era pior que isso.

Silêncio.

– O que quis dizer, Sr. Friedman?

– Foi só uma coisa que ouvi.

– O quê?

– Que Rangor tinha armado um esquema.

– Um esquema de chantagem, você quer dizer?

– É, mais ou menos – retrucou ele, depois ficou em silêncio.

– Como assim, mais ou menos?

– Ele fazia vídeos.

– Vídeos de quê?

– Disso mesmo que você está pensando.

– Dos clientes fazendo sexo com as mulheres?

Mais uma vez, silêncio.

– Sr. Friedman?

– Sim – falou ele. – Mas...

– Mas o quê?

– É que... – a voz dele foi ficando mais baixa – não tenho certeza de que fossem mulheres.

Loren franziu a testa.

– Eram homens?

– Não, não – afirmou Friedman. – Olhe, eu nem sei se isso é verdade. As pessoas inventam coisas o tempo todo.

– E você acha que esse é o caso aqui?

– Não sei, isso é tudo o que posso dizer.

– Mas você ouviu rumores?

– Ouvi.

– E quais eram? – insistiu Loren. – O que Rangor gravava nesses vídeos?

capítulo 53

MATT DESEMBARCOU E SAIU CORRENDO do aeroporto. Ninguém o deteve, e isso o animou. Tinha conseguido. Chegara a Reno com horas de antecedência.

Pegou um táxi.

– Center Lane Drive, número 488.

O trajeto transcorreu em silêncio. Quando o taxista encostou, Matt olhou pela janela para o Eager Beaver. Pagou a corrida, desceu do táxi e entrou no estabelecimento.

Adequado, disse a si mesmo.

Embora não esperasse que o número 488 da Center Lane Drive fosse uma boate de striptease, também não ficou surpreso. Havia algo importante naquela história toda que Olivia estava ignorando. Ele entendia isso. Até compreendia o porquê. Sua mulher queria encontrar a filha, e isso a deixara um pouco cega. Ela não conseguia ver o que para ele era óbvio: o que estava acontecendo envolvia muito mais do que uma adoção ou mesmo um esquema para extorquir dinheiro.

Estava tudo relacionado às imagens do celular.

Se uma filha sua está doente, você não pensa em deixar um marido com ciúme. Se é um trapaceiro que não tem onde cair morto e está atrás de uma grande recompensa, não se importa em destruir um casamento.

Mas era claro que aquilo tudo ia muito além disso. Matt não sabia ao certo o que se passava, mas tinha certeza de que era algo que fedia muito – algo que tinha levado quem quer que estivesse por trás de tudo a tentar arrastá-los de volta para um lugar como aquele.

Ele entrou e foi para uma mesa de canto. Olhou ao redor, esperando ver Olivia, mas ela não estava ali. Três garotas movimentavam-se languidamente no palco. Ele tentou imaginar sua linda esposa – que fazia qualquer um com sorte suficiente para

conhecê-la se sentir abençoado de alguma forma – fazendo o mesmo. Estranhamente, não foi algo difícil de ver. Em vez de confundi-lo, algo na chocante confissão de Olivia fizera com que tudo se encaixasse. Agora Matt compreendia por que ela dava tanto valor a pequenas coisas que para a maioria das pessoas não significavam nada, por que queria tanto formar uma família e morar no subúrbio. Ela desejava aquilo que era corriqueiro para qualquer pessoa. Matt entendia isso melhor agora. Tudo passara a fazer mais sentido.

Olivia estava certa: a vida que tentavam construir juntos era algo pelo qual valia a pena lutar.

Uma garçonete se aproximou e Matt pediu um café. Precisava de uma dose de cafeína. O líquido quente caiu-lhe muito bem. Enquanto bebia, ele observava as moças no palco e tentava ligar alguns fatos da história. Nada relevante lhe ocorreu.

Levantou-se e perguntou ao leão de chácara parado na entrada, um homem gordo com marcas de varíola no rosto, se havia um orelhão por ali. O sujeito lhe apontou um e Matt pegou um cartão telefônico na carteira. Ele sempre andava com um – outra reminiscência de seu aprendizado na prisão, pensou. Era possível rastrear um cartão telefônico – você podia descobrir quem o comprara e onde –, mas levava tempo. Lembrava-se de um caso em que a acusação conseguira rastrear uma ligação feita com cartão em um caso de bomba em Oklahoma. Mas fora um processo demorado. Apesar de ser um recurso que podia ser usado pela promotoria, Matt não se preocupava com isso.

Deixara o celular desligado, para evitar que descobrissem onde ele estava. Hoje em dia não era mais necessário que o aparelho estivesse em uso para ser rastreado. Matt inseriu o cartão e digitou os códigos de área, da operadora e em seguida o número do escritório de Meia-Idade.

– Ike Kier.

– Sou eu.

– Não diga nada que não queira que outras pessoas escutem.

– Então fale você.

– Olivia está bem.

– Eles a prenderam?

– Não. Ela está... ela viajou.

Era bom ouvir aquilo.

– E...?

– Espere um instante.

Ike passou o telefone para alguém.

– Oi, Matt! – Era Cingle. – Falei com aquela investigadora amiga sua. Espero que não fique bravo, mas eles me colocaram numa situação bem complicada.

– Tudo bem.

– De qualquer forma, nada do que eu disse poderá prejudicá-lo.

– Não se preocupe com isso – falou ele.

Matt olhava distraidamente para a entrada do bar. Cingle começou a falar sobre outra coisa, sobre Darrow e Talley, mas de repente a cabeça de Matt começou a zumbir e ele não conseguia prestar atenção.

Quase deixou o telefone cair quando viu quem acabara de entrar no Eager Beaver.

Loren Muse.

◆ ◆ ◆

Loren mostrou sua credencial para o homem gordo que tomava conta da entrada.

– Estou procurando uma dançarina daqui. O nome dela é Kimmy Dale.

O homem olhou para ela.

– Ouviu o que eu disse? – insistiu Loren.

– Ouvi.

– Então?

– Sua credencial é de Nova Jersey.

– Ainda assim, sou uma agente da lei.

O sujeito balançou a cabeça.

– Está fora de sua jurisdição.

– Por acaso você é advogado?

Ele apontou um dedo para ela.

– Muito boa, essa. Agora dê o fora daqui.

– Eu disse que estou procurando Kimmy Dale.

– E eu disse que você está fora de sua jurisdição.

– Quer que eu traga alguém da polícia local?

Ele deu de ombros.

– Se isso a deixa feliz, meu bem, vá em frente.

– Posso lhe causar muitos problemas.

– Veja minha cara de quem está morrendo de medo – falou o sujeito, sorrindo e apontando para o próprio rosto.

O celular de Loren tocou e ela deu um passo para o lado a fim de atender. O volume da música estava alto, então ela levou o aparelho à orelha direita e tapou o ouvido esquerdo com o dedo para escutar.

– Alô? – falou estreitando os olhos, como se isso pudesse melhorar a ligação.

– Quero fazer um acordo com você.

Era Matt Hunter.

– Estou ouvindo.

– Eu me entrego para você, e só para você. Vamos a algum lugar e esperamos pelo menos até uma da manhã.

– Por que uma da manhã?

– Você acha que matei Darrow e Talley?

– O que sei é que está sendo procurado para interrogatório.

– Não foi isso que perguntei. Quero saber se você acha que eu os matei.

Loren franziu a testa.

– Não, Matt. Eu não acredito que você tenha algo a ver com isso. Mas acho que sua esposa tem. Eu sei o nome verdadeiro dela e que ela vem se escondendo e mentindo há muitos anos. Acho que Max Darrow, não sei como, descobriu que ela estava viva. Imagino que eles tenham ido atrás dela e que, de alguma forma, você foi pego no meio disso tudo.

– Olivia é inocente.

– Disso eu já não tenho tanta certeza.

– Minha proposta está de pé. Eu me entrego para você e vamos a outro lugar conversar até uma da manhã.

– Para outro lugar? Você não sabe nem onde estou.

– Sei, sim – respondeu Matt. – Sei exatamente.

– Como?

Loren ouviu um clique. Droga, ele tinha desligado. Ela estava começando a digitar um número para solicitar a localização da

origem da chamada quando alguém tocou em seu ombro. Virou-se e deu de cara com Matt.

– E aí, será que fiz bem em confiar em você? – indagou ele.

capítulo 54

Quando o avião pousou, Cal Dollinger assumiu o comando. Yates estava acostumado com isso. Muitos achavam que o grandalhão fosse a parte dos músculos e Yates, a do cérebro. Na verdade, a parceria deles sempre estivera mais para um acordo político. Yates era o candidato idôneo que aparecia para o público e Dollinger ficava na retaguarda, fazendo o trabalho sujo.

– Vá em frente – disse o gigante. – Faça a ligação.

Yates telefonou para Ted Stevens, o agente incumbido de seguir Olivia Hunter.

– E aí, Ted, ainda está com ela à vista? – perguntou ele.

– Está tudo sob controle.

– Onde ela está?

– Você não vai acreditar. A Sra. Hunter desceu do avião e foi direto para uma boate de striptease chamada Eager Beaver.

– Ela ainda está lá?

– Não, saiu com uma stripper negra. Eu as segui até um lugar horroroso, na zona oeste da cidade.

Stevens deu-lhe o endereço e Yates o repetiu para Dollinger.

– Então Olivia Hunter ainda está nesse trailer com a outra moça? – perguntou Yates.

– Está.

– Tem mais alguém com elas?

– Não, estão só as duas.

Yates olhou para o parceiro. Já haviam conversado sobre como lidar com aquilo, como tirar Stevens do caso e se prepararem para o que estava por vir.

– Certo, obrigado, Ted. Pode ir agora. Encontre-me no escritório de Reno daqui a dez minutos.

– Alguém vem ficar no meu lugar? – perguntou Stevens.

– Não há necessidade – garantiu Yates.

– O que está havendo?

– Olivia Hunter trabalhava em boates de striptease do Pente. Nós a fizemos falar ontem.

– Quanto ela sabe?

– O bastante – retrucou Yates.

– E o que ela está fazendo com a garota negra?

– Bem, ela nos prometeu que tentaria convencer uma moça chamada Kimmy Dale, que é dançarina no Eager Beaver, a nos ajudar também. Garantiu que essa mulher tem muitas informações, então lhe demos uma oportunidade para ver se ela cumpre a palavra.

– Parece que é o que ela está fazendo.

– É.

– Então estamos bem.

Yates olhou para Dollinger.

– Enquanto o Pente não souber de nada, sim, acho que estamos bem. Encontro você no escritório em dez minutos, Ted. Lá a gente conversa mais.

Yates desligou o celular. Estavam no saguão do aeroporto, a caminho da saída. Ele e o parceiro caminhavam lado a lado, como faziam desde os tempos de colégio. Ambos moravam no mesmo quarteirão, em Henderson, nos arredores de Las Vegas. As esposas dos dois haviam sido colegas de faculdade e continuavam inseparáveis. O filho mais velho de Dollinger era muito próximo da filha de Yates, Anne. Ele a levava para a escola de carro todos os dias de manhã.

– Tem que haver outro jeito – disse Yates.

– Não há.

– Estamos prestes a ultrapassar um limite aqui, Cal.

– Já ultrapassamos outros.

– Não como este.

– Não, não como este – concordou Cal. – Mas temos nossas famílias.

– Eu sei.

– É só você pesar as alternativas. De um lado, temos uma pessoa. Candace Potter, ex-stripper, provavelmente ex-prostituta,

envolvida com gente da laia de Clyde Rangor e Emma Lemay. Este é um lado da balança, certo?

Yates assentiu, sabendo como aquilo ia terminar.

– Do outro lado, estão duas famílias. Dois maridos, duas esposas, três filhos seus, dois meus. Nós podemos não ser inocentes, mas nossos entes queridos são. Então, ou acabamos com essa ex-prostituta, talvez com duas, se eu não conseguir separá-la da tal Kimmy Dale, ou faremos com que outras sete vidas... vidas valiosas... sejam destruídas.

Yates manteve a cabeça baixa.

– Trata-se de nós ou elas – insistiu Dollinger. – Neste caso, não há nenhuma dúvida.

– Eu devia ir com você.

– Não. Você precisa ir ao escritório para falar com Ted. Tem que criar o cenário do assassinato. Quando o corpo de Olivia Hunter for encontrado, irá parecer naturalmente que se trata de uma queima de arquivo da máfia.

Chegaram do lado de fora do aeroporto. A noite começava a cair.

– Desculpe-me por envolvê-lo nisto – murmurou Yates.

– Você já me tirou de muitas enrascadas, Adam.

– Tem que haver outro modo – insistiu Yates. – Diga-me que há outro modo.

– Vá para o escritório – disse Dollinger. – Eu ligo quando estiver tudo resolvido.

capítulo 55

O CHEIRO QUE EXALAVA DE UM POTE de pétalas e folhas aromáticas pairava no trailer de Kimmy.

Na última década, sempre que Olivia sentia aquele aroma, era como se retornasse ao trailer em que morara nos arredores de Las Vegas. O trailer atual de Kimmy tinha o mesmo odor, e a impressão dela era de ter voltado no tempo mais uma vez.

O lugar era bem maltratado. As janelas sem vidros tinham sido cobertas com tábuas de madeira e o carro enferrujado de Kimmy estava escondido como um cachorro abandonado. O solo do terreno era de areia batida e manchada de óleo. Porém no interior do trailer estava tudo muito limpo e arrumado e, apesar da simplicidade da decoração, os objetos eram todos de bom gosto. Nada caro, claro, mas havia pequenos toques femininos, como almofadas delicadas e pequenos enfeites.

Resumindo, era um lar.

Kimmy pegou dois copos e uma garrafa de vinho. As duas se acomodaram no sofá e Kimmy as serviu. O ar-condicionado zumbia. Kimmy colocou seu copo de lado e levou as mãos ao rosto de Olivia.

– Não consigo acreditar que você está aqui – falou com ternura.

Então a amiga lhe contou toda a história.

A narrativa foi longa. Ela falou sobre a indisposição que sentira na boate, o retorno ao trailer, o corpo de Cassandra, o ataque de Clyde. Kimmy ouviu, totalmente absorta. Não disse uma palavra. Chorou em alguns trechos, balançou a cabeça em outros, mas em nenhum momento a interrompeu.

Quando Olivia mencionou as mensagens na internet sobre sua filha, percebeu que Kimmy ficou tensa.

– O que foi? – perguntou.

– Eu a conheci – retrucou Kimmy.

Olivia sentiu um embrulho no estômago.

– Minha filha?

– Ela veio aqui. Aqui, na minha casa.

– Quando?

– Há dois meses.

– Não estou entendendo. Por que ela veio aqui?

– Disse que estava atrás de informações sobre a mãe biológica, por curiosidade. Aí, da maneira mais delicada que consegui, contei que você tinha morrido, mas ela já sabia. Falou que queria encontrar Clyde para vingar sua morte, algo do tipo.

– Como ela poderia saber sobre Clyde?

– Ela disse... deixe-me pensar um segundo... ela disse que procurou o policial que cuidou do caso na época.

– Max Darrow?

– É, acho que é esse o nome. Ela foi procurá-lo e ele disse que achava que Clyde tinha matado você, mas que ninguém sabia onde ele estava. – Kimmy balançou a cabeça. – Todos esses anos... Aquele canalha miserável está morto desde aquele dia?

– Está – confirmou Olivia.

– É como ficar sabendo que o próprio diabo foi destruído para sempre, entende?

Olivia entendia.

– Como a minha filha se chama? – quis saber.

– Ela não disse.

– Ela parecia doente?

– Doente? Ah, sim, por causa do que você leu na internet. Não, ela parecia bastante saudável. – Kimmy sorriu. – Ela é uma graça. Não é uma beleza de parar o trânsito, mas tem uma vivacidade que chama a atenção. Como você. Dei aquela fotografia para ela. Sabe? Aquela de nós duas vestidas de Sayers e Piccolo?

– Sim, sim, eu lembro.

– Ainda não consigo acreditar que você esteja aqui. Parece que estou sonhando. Tenho até medo de daqui a pouco acordar e ver que estou sozinha outra vez neste ninho de baratas.

– Eu estou aqui, de verdade – garantiu Olivia.

– E está casada. E grávida. – Kimmy balançou a cabeça de novo e deu aquele sorriso deslumbrante. – Mal posso acreditar.

– Kimmy, você conhece um cara chamado Charles Talley?

– O Chally? É um doido. Ele trabalha na boate.

– Quando foi a última vez que você o viu?

– Ah, não sei. Acho que faz pelo menos uma semana. Por quê? O que aquele desgraçado tem a ver com isso?

Olivia ficou em silêncio.

– O que foi, Candi?

– Eles estão mortos.

– Quem?

– Charles Talley e Max Darrow. Estavam metidos nessa confusão de alguma forma, não sei exatamente como. Acho que o surgimento da minha filha foi a pista deles. Devem ter postado as mensagens na internet para me localizar. – Olivia franziu a testa. Havia algo que não se encaixava naquela parte da história, mas ela seguiu adiante: – Darrow queria dinheiro, e eu lhe dei 50 mil dólares. Charles Talley também estava envolvido.

– Não estou entendendo.

– Eu marquei um encontro com uma pessoa hoje à noite – contou Olivia. – Ela deveria me levar até minha filha. Só que agora Darrow e Talley estão mortos. E ainda há alguém procurando uma fita de vídeo.

Kimmy voltou a ficar surpresa.

– Uma fita de vídeo?

– É. Enquanto Clyde me atacava, não parava de perguntar onde estava a tal fita. E aí, hoje...

– Espere – interrompeu Kimmy, erguendo a mão. – Clyde lhe perguntou isso?

– Perguntou.

– E foi por isso que ele matou Cassandra? Para encontrar uma fita de vídeo?

– Acho que sim. Ele parecia alucinado atrás disso.

Kimmy começou a roer as unhas.

– Kimmy?

Mas a amiga dos velhos tempos apenas se levantou e foi até o armário.

– O que foi? – indagou Olivia.

– Eu sei por que Clyde queria a fita – falou Kimmy, com a voz subitamente calma. Ela abriu o armário. – E sei onde ela está.

capítulo 56

Matt levou loren até uma mesa nos fundos do Eager Beaver. Enquanto se sentavam, começou a tocar a música “The Look of Love”, do ABC. O ambiente estava escuro. De repente, as strippers pareceram muito longe.

– Você não está armada, está? – perguntou Matt.

– Não tive tempo de conseguir permissão para porte de arma.

– E está aqui por conta própria.

– E daí?

Matt deu de ombros.

– Se eu quisesse, acho que poderia nocautear você e sair correndo.

– Sou mais durona do que pareço.

– Não duvido. Você já era durona quando criança.

– E você, não.

Ele assentiu.

– Então, o que sabe sobre a minha mulher?

– Por que não começa você, Matt?

– Porque até agora só eu demonstrei que sou de confiança. É a sua vez.

– É justo.

– Então...?

Loren hesitou, mas não por muito tempo. Não havia por que não ser sincera. Ela acreditava que Matt era inocente, e se estivesse errada as evidências provariam isso. Ele não poderia escapar apenas com sua palavra. Ex-presidiários não tinham esse privilégio.

– Sei que o nome verdadeiro dela é Candace Potter.

Assim que ela começou a falar, ele não ficou calado. Interrompeu-a várias vezes com perguntas e esclarecimentos. Quando Loren chegou à parte sobre a autópsia de Candace Potter e o fato de ela ser portadora de SIA, ele se empertigou e arregalou os olhos.

– Repita essa parte.

– Max Darrow foi conferir o item do relatório que atestava que a vítima tinha SIA.

– Isso quer dizer que ela era hermafrodita?

– É... algo assim.

Ele assentiu, devagar.

– Então foi assim que Darrow descobriu.

– Descobriu o quê?

– Que Candace Potter estava viva. Escute, minha esposa deu à luz quando tinha 15 anos, e o bebê foi encaminhado para adoção.

Foi a vez de Loren assentir.

– Então, de algum modo, Darrow descobriu isso.

– Exatamente.

– E aí ele se lembrou desse detalhe na autópsia. Se Candace Potter já tinha engravidado...

– Significava que não era ela a moça assassinada – concluiu Matt.

– Sua esposa combinou vir aqui hoje à noite para ver a filha?

– Sim, à meia-noite.

Loren assentiu.

– Foi por isso que você quis que eu esperasse até uma da manhã. Assim ela poderia comparecer ao encontro com a filha.

– Isso.

– É muito legal da sua parte fazer esse sacrifício.

– É, eu sou um cara que vale ouro, a não ser pel... – Matt parou. – Ah, meu Deus, pense um pouco. É tudo uma armação. Só pode ser.

– Como assim?

– Muito bem, vamos supor que você seja Max Darrow. Digamos que você tenha descoberto que Candace Potter ainda está viva e que ela fugiu. Como você a encontraria depois de tantos anos?

– Não sei.

– Teria que tirá-la do esconderijo, certo?

– Sim, imagino que sim.

– E como conseguiria isso? Forçando-a a sair da toca. Postando uma história na internet dizendo que a filha perdida tanto tempo atrás está quase morrendo. Sendo um policial, você teria como descobrir detalhes sobre o hospital onde foi feito o parto, a cidade, o

nome do médico. Talvez até fosse capaz de encontrar a menina, não sei.

– Seria arriscado – observou Loren.

– Como assim, arriscado?

– O que o faria pensar que ela ainda estaria procurando na internet o seu nome antigo dessa forma?

Matt raciocinou um pouco.

– Não sei ao certo. Mas é claro que essa não é a única coisa que você faz. Começa também a seguir todas as pistas antigas. Retoma o caso e o analisa passo a passo. Mas, se ela estivesse por aí, se tivesse um computador, como praticamente todas as pessoas no mundo de hoje, talvez ficasse curiosa e acabasse por jogar seu nome antigo no Google. É bem possível que isso aconteça, concorda?

Loren franziu a testa, e Matt também. A mesma coisa continuava a incomodá-lo.

– A foto e o vídeo no meu celular? – disse ele.

– O que é que têm?

Ele estava pensando em como dizer aquilo quando a garçonete se aproximou.

– Mais uma bebida?

Matt pegou a carteira, tirou uma nota de 20 dólares e mostrou-a para a moça.

– Você conhece Kimmy Dale?

Ela hesitou.

– Apenas diga sim ou não. Valendo 20 paus.

– Sim.

Ele entregou a nota e pegou outra.

– Ela está aqui?

– Apenas sim ou não de novo?

– Isso mesmo.

– Não.

Matt estendeu-lhe a nota e pegou outras três.

– Se me disser onde ela está, tudo isto é seu.

A moça ficou pensativa e Matt manteve as cédulas à vista.

– Talvez ela esteja em casa. É estranho, porque o turno dela seria até as onze, mas ela saiu há mais ou menos uma hora com outra

moça.

Loren olhou para Matt, que nem piscou. Com o rosto impassível, tirou da carteira outra nota de 20 e também uma foto de Olivia.

– Foi esta moça que saiu daqui com Kimmy?

De repente, a garçonete pareceu apavorada. Não respondeu, mas nem precisou. Loren já estava de pé, se encaminhando para a porta. Matt largou as notas e a seguiu.

– O que foi? – perguntou.

– Vamos logo. Eu já tenho o endereço de Kimmy Dale.

◆ ◆ ◆

Kimmy colocou a fita no videocassete.

– Eu devia ter imaginado – murmurou.

Olivia se sentou no sofá e esperou.

– Você se lembra daquele armário na cozinha? – perguntou Kimmy.

– Lembro.

– Três ou quatro semanas depois do seu assassinato, eu comprei uma garrafa grande de óleo vegetal. Subi numa escada para colocá-la na prateleira de cima e vi essa fita. – Ela apontou com o queixo para o vídeo. – Estava presa com uma fita adesiva prateada atrás da sanefa da cortina.

– Você assistiu ao vídeo?

– Assisti – disse ela baixinho. – Mas acho que deveria ter me livrado dela. Entregado para a polícia ou algo assim.

– E por que não fez isso?

Kimmy deu de ombros.

– O que tem nela? – quis saber Olivia.

Kimmy estava prestes a responder, mas em vez disso apontou para a tela da TV.

– Veja.

Olivia se recostou no sofá. Kimmy ficou andando de um lado para outro, retorcendo as mãos, sem olhar para a imagem. Por alguns segundos não houve nada a não ser estática. Então surgiu um cenário familiar.

Um quarto.

A filmagem fora feita em preto e branco, e a data e a hora apareciam no canto. Um homem estava sentado na beirada de uma cama. Olivia não o reconheceu.

Então alguém sussurrou:

– Esse é o Sr. Alexander.

O tal Sr. Alexander – se é que era esse seu nome verdadeiro – começou a tirar a roupa. Do lado direito dele surgiu uma mulher, que começou a ajudá-lo a se despir.

– Cassandra – constatou Olivia.

Kimmy assentiu.

Olivia franziu a testa.

– Clyde estava filmando os clientes?

– Estava – respondeu Kimmy. – Mas não é só isso.

– Como assim?

Na tela, as duas pessoas ficaram nuas. Cassandra se posicionou em cima do homem. As costas dela estavam arqueadas e a boca, aberta. Era possível ouvir os gritos simulados de paixão, que não poderiam soar mais falsos nem se estivessem sendo dublados.

– Acho que já vi o suficiente – disse Olivia.

– Não – retrucou Kimmy. – Ainda não.

Ela pressionou o botão para avançar a fita. As atividades na tela se tornaram mais rápidas. Após algum tempo, o homem tinha terminado e já estava vestido de novo. Quando ele saiu do quarto, Kimmy soltou o botão. A passagem dos quadros diminuiu até a velocidade normal.

Cassandra se aproximou da câmera e sorriu para a lente. Olivia ficou sem fôlego.

– Olhe para ela, Kimmy. Era tão novinha...

Kimmy levou o dedo indicador aos lábios e apontou para a tela.

Ouviu-se uma voz masculina:

– Esta é uma lembrança para o Sr. Alexander.

Olivia fez uma careta. Parecia Clyde Rangor tentando disfarçar a voz.

– Você gostou, Cassandra?

– Adorei – respondeu ela, com a voz monótona. – O Sr. Alexander é demais.

Houve uma breve pausa. Cassandra passou a língua pelos lábios e olhou para alguém fora do alcance da câmera, como se esperando a deixa, que veio logo depois.

– Quantos anos você tem, Cassandra?

– Quinze.

– Tem certeza?

Ela assentiu. Alguém fora do alcance da câmera lhe entregou um papel.

– Fiz 15 anos semana passada. Aqui está a minha certidão de nascimento.

Ela aproximou o documento das lentes. Por um instante a imagem ficou borrada, mas em seguida alguém ajustou o foco. Cassandra segurou o papel por cerca de trinta segundos. Tinha nascido no Mercy Medical Center, em Nampa, Idaho. Os nomes dos pais eram Mary e Sylvester. As datas eram claramente visíveis.

– O Sr. Alexander disse que queria alguém de 14 anos – falou Cassandra, como se estivesse lendo aquele texto pela primeira vez –, mas depois disse que tudo bem.

A imagem desapareceu e a estática retornou.

Olivia ficou sentada em silêncio. Kimmy também. Levou algum tempo até que ela percebesse com clareza o que Clyde Rangor tinha feito.

– Meu Deus! – sussurrou.

Kimmy assentiu.

– Clyde não fazia apenas chantagem com os clientes e as garotas – concluiu Olivia. – Ele armava para que os caras fossem para a cama com meninas menores de idade. E mostrava as certidões de nascimento delas para provar. Até dava a entender que fora o cliente que pedira uma adolescente. Mas de qualquer maneira, mesmo que os homens alegassem acreditar que a menina tinha mais de 18 anos, ainda era um crime grave. Esse sujeito do vídeo, o Sr. Alexander, não estava correndo o risco apenas de constrangimento. Sua vida poderia ser arruinada. Ele poderia ir parar na prisão.

Kimmy assentiu.

A estática parou e apareceu outro homem na tela.

– Este é o Sr. Douglas – sussurrou a voz.

Olivia sentiu o sangue gelar.

– Ah, não!

– Candi?

Ela se aproximou da tela. Aquele homem na cama. Não havia dúvida. O Sr. Douglas era Adam Yates. Olivia estava hipnotizada. Cassandra entrou no quarto outra vez e ajudou-o a se despir. Então era aquilo. Era por isso que Clyde tinha ficado tão desesperado. Filmara a imundície de um importante agente federal. Ao fazer o vídeo, ele provavelmente não sabia – nem mesmo Clyde Rangor seria tão burro –, e, quando tentara chantageá-lo, dera tudo errado.

– Você o conhece? – perguntou Kimmy.

– Conheço – disse Olivia. – Acabei de conhecê-lo, na verdade.

Nesse instante, a porta da frente foi arrombada. Olivia e Kimmy deram um pulo e se viraram na direção do barulho.

Kimmy gritou.

– O que diab...?

Cal Dollinger fechou a porta atrás de si, empunhou a arma e mirou.

capítulo 57

LOREN HAVIA ALUGADO UM CARRO.

– Então, o que acha que aconteceu? – perguntou Matt. – Será que foi Darrow que deu início a tudo isso?

– É a hipótese que faz mais sentido – disse ela. – Darrow de alguma forma descobriu que sua mulher tinha uma filha, lembrou-se do relatório da autópsia e começou a imaginar o que realmente aconteceu naquela época. Sabia que havia dinheiro envolvido e contratou alguém fortão para ajudá-lo.

– E esse alguém seria Charles Talley?

– Isso mesmo.

– E você acha que ele localizou Olivia quando ela respondeu àquela mensagem na internet?

– É, mas... – Loren parou.

– O quê?

– Primeiro eles encontraram Emma Lemay.

– Como a irmã Mary Rose.

– Isso.

– Mas como?

– Não sei. Talvez ela estivesse tentando consertar as coisas erradas que tinha feito. A madre superiora me contou toda a história dela. Disse que levava uma vida pura desde que tinha trocado de identidade. Não sei, mas pode ser que ela também tenha visto a postagem na internet.

– E tenha tentado ajudar?

– É. Isso explicaria o telefonema de seis minutos do St. Margaret para a casa da sua cunhada.

– Será que ela estava tentando prevenir Olivia?

– Não sei, talvez. Mas tudo indica que eles encontraram Emma Lemay primeiro. O médico-legista informou que ela foi torturada. Talvez quisessem dinheiro, ou fazê-la revelar o nome de sua

esposa. Seja como for, Emma Lemay acabou morta. E, quando tentei descobrir a verdadeira identidade dela, acionei todos os alarmes.

– E aí acabou chamando a atenção desse sujeito do FBI, Adam Yates?

– Isso. Ou talvez ele já soubesse sobre Emma e tenha usado o caso como disfarce para aparecer e se encarregar dele. Não sei ao certo.

– E você acha que Yates está tentando encobrir alguma coisa?

– Uma das minhas fontes me contou sobre uma fita de vídeo usada para chantagem envolvendo meninas menores de idade. A pessoa não tem certeza de que seja mesmo verdade. Mas, se for, minha resposta é sim. Acredito que Yates esteja envolvido nessa história de alguma forma. Acho que me tirou do caso porque eu estava chegando perto demais. Ele está aqui em Reno neste momento.

Matt olhou para a frente.

– Quanto falta para chegarmos?

– É no próximo quarteirão.

O carro mal tinha feito a curva quando Loren avistou Cal Dollinger perto de um trailer. Ele estava curvado, espiando por uma janela. Ela pisou no freio.

– Merda.

– O que foi?

– Precisamos de uma arma.

– Por quê? O que houve?

– Aquele cara perto da janela é parceiro de Yates.

Dollinger se empertigou. Eles o viram enfiar a mão sob o paletó e sacar uma arma. Com uma velocidade que não combinava com seu porte, o agente foi até a porta, arrombou-a e desapareceu lá dentro.

Matt não hesitou.

– Espere, o que você vai fazer? – perguntou Loren.

Ele correu na direção do trailer, sem olhar para trás ou se deter. No caminho, conseguiu ver o interior pela janela a avistou Olivia lá dentro.

Ela se levantou de repente e ergueu as mãos. Outra mulher, que Matt imaginou ser Kimmy Dale, também estava lá, e abriu a boca

para gritar. Dollinger apontava a arma para as duas.

Subitamente, o grandalhão disparou.

Ah, não...

Kimmy caiu e Olivia desapareceu do campo de visão. Dollinger não estava longe da janela. Percebendo que não podia perder tempo, Matt nem pensou. Aproveitou o impulso da corrida e se atirou contra o vidro, protegendo o rosto com os braços.

A janela se espatifou com uma facilidade surpreendente.

Matt aterrissou com as pernas flexionadas e, mais uma vez, não hesitou. Dollinger ainda estava armado. Sua expressão era de surpresa, e Matt não podia desperdiçar a chance: saltou sobre o grandalhão no mesmo instante.

Foi como se jogar contra um bloco de concreto. Dollinger mal se moveu.

– Corra! – gritou Matt.

O grandalhão reagiu. Apontou a arma para Matt, que segurou seu pulso com as duas mãos e começou a puxar. Dollinger também puxou. Apesar de Matt estar usando ambas as mãos contra só uma do adversário, estava perdendo a batalha. Com a mão livre, o gigante acertou um soco nas costelas de Matt, que ficou totalmente sem fôlego. Sua vontade era se deixar cair e se encolher no chão.

Mas não iria fazer isso.

Olivia estava ali.

Então continuou a segurar o pulso do homem com toda a força que lhe restava.

Levou outro soco nas costelas. As lágrimas fizeram seus olhos arderem e ele viu estrelas. Estava quase perdendo a consciência.

Nesse momento, ouviu alguém gritar:

– Pare! Polícia! Largue a arma!

Era Loren Muse.

Dollinger o soltou e Matt desabou no chão. Ele olhou para o grandalhão, que tinha uma expressão estranha no rosto. Em seguida, olhou ao redor.

Loren Muse não estava à vista.

Matt sabia o que aconteceria a seguir. Dollinger se perguntaria por que a policial estava se escondendo. Então lembraria que ela tinha

acabado de chegar de Newark e que, como era investigadora do condado, não estava autorizada a portar arma em Reno.

Por fim, se daria conta de que Loren não tinha arma nenhuma e estava blefando.

Olivia rastejava até Kimmy. Nesse momento, os olhares dela e de Matt se cruzaram.

– Vá – disse ele, mexendo os lábios, sem produzir nenhum som.

Olhou para Dollinger, que percebeu o combinado e apontou a arma para Olivia.

– Não! – gritou Matt.

Ele entendia alguma coisa sobre brigas na vida real. E sabia que quase sempre o sujeito grande vencia o pequeno. Mas Matt não estava preocupado em vencer – queria apenas salvar sua mulher. Precisava garantir que Olivia conseguisse escapar.

Matt também sabia outra coisa: os homens maiores e mais fortes têm os mesmos pontos fracos que os outros.

Flexionou as pernas e lançou-as para a frente, como se fossem dois pistões, usando o impulso para cair sobre os dois pés, com a mão pronta para o golpe. Atingiu Dollinger bem entre as pernas. O grandalhão se curvou com um grunhido, mas agarrou Matt a caminho do chão. Ele tentou se endireitar, porém o outro era grande demais.

Pontos vulneráveis, pensou ele. *Atinja os pontos vulneráveis.*

Matt lançou a cabeça com força para trás. Seu crânio atingiu o nariz de Dollinger, que uivou e começou a se erguer. Matt olhou para Olivia.

Mas o que...?

Ela não tinha fugido. Matt não podia acreditar. Sua mulher continuava ao lado de Kimmy, trabalhando na perna da amiga, tentando desesperadamente, imaginou ele, interromper o sangramento ou algo assim.

– Dê o fora daqui! – gritou.

Dollinger havia se recuperado e apontava a arma para Matt.

Da outra extremidade do trailer, Loren gritou e pulou nas costas de Dollinger. Alcançou o rosto do grandalhão, que levantou a cabeça com a boca e o nariz cobertos de sangue. Ele se sacudiu e

atirou Loren longe, como um peão de rodeio. Ela colidiu com a parede enquanto Matt se levantava de um pulo.

Atinja os pontos vulneráveis...

Tentou acertar os olhos de Dollinger, mas errou. Suas mãos escorregaram para baixo e foram parar no pescoço do gigante.

Exatamente como antes.

Exatamente como tinha acontecido tantos anos antes, num campus de universidade em Massachusetts, com um garoto chamado Stephen McGrath.

Matt não se importou.

Apertou com força. Colocou o polegar na cavidade da garganta e pressionou mais ainda.

Os olhos de Dollinger se arregalaram, mas a mão que segurava a arma estava livre. O gigante apontou para a cabeça de Matt, que soltou uma das mãos do pescoço dele e tentou desviar sua mira. Mesmo assim, a arma disparou e algo quente entrou na pele de Matt, na altura do quadril.

Suas pernas perderam a firmeza. A mão escorregou do pescoço de Dollinger.

O grandalhão estava com a arma preparada. Fitou Matt nos olhos e começou a apertar o gatilho de novo.

Um tiro soou.

Os olhos de Dollinger saltaram um pouco mais. O projétil o atingira na têmpora. Ele desabou no chão. Matt virou-se e olhou para a esposa.

Na mão dela havia uma pequena pistola. Matt rastejou até ela. Eles olharam para baixo e viram que Kimmy não sangrava pela perna, mas por um ponto acima do cotovelo.

– Você lembrou – falou Kimmy.

Olivia sorriu.

– Lembrou o quê? – quis saber Matt.

– Aquilo que eu lhe contei – respondeu Olivia. – Kimmy sempre carrega uma arma na bota. Só precisei de alguns segundos para pegá-la.

capítulo 58

Loren muse estava sentada na frente de Harris Grimes, o diretor assistente encarregado do escritório do FBI em Los Angeles. Grimes era um dos agentes mais poderosos do FBI na região, e não estava nem um pouco satisfeito.

– Você tem noção de que Adam Yates é meu amigo? – disse ele.

– É a terceira vez que você fala isso – retrucou Loren.

Eles estavam em uma sala no segundo andar do Washoe Medical Center, em Reno. Grimes estreitou os olhos e mordeu o lábio inferior.

– Está me desafiando, Muse?

– Eu já lhe contei três vezes o que aconteceu.

– E vai contar de novo. Pode começar.

Loren obedeceu. Havia muito sobre o que falar, então a narrativa levou horas para ser concluída. O caso não estava encerrado. Ainda havia muitas perguntas. Yates havia desaparecido, e ninguém sabia para onde tinha ido. Mas Dollinger morrera, e Loren estava descobrindo que ele também era querido por seus colegas de trabalho.

Grimes se levantou e esfregou o queixo. Havia três outros agentes na sala, todos com blocos de notas, todos com a cabeça baixa, anotando tudo o que podiam. Eles sabiam. Ninguém queria acreditar, mas a fita que mostrava Yates com Cassandra não deixava dúvidas. Mesmo a contragosto, começavam a aceitar a teoria de Loren. O que não queria dizer que gostassem dela.

– Você tem alguma ideia de para onde Yates teria ido? – perguntou Grimes.

– Não.

– Ele foi visto pela última vez no escritório de Reno, na Kietzke Lane, talvez quinze minutos antes do incidente na residência da Srta. Dale. Falou com um agente especial chamado Ted Stevens,

que tinha recebido ordens de seguir Olivia Hunter quando ela desembarcasse no aeroporto.

– Certo. O senhor me disse isso. Posso ir agora?

Grimes virou-se de costas e acenou com a mão.

– Dê o fora daqui. Suma da minha frente.

Loren se levantou e desceu pela escada até a emergência, no primeiro andar. Olivia Hunter estava sentada perto da recepcionista.

– Olá – disse Loren.

– Oi. – Olivia conseguiu sorrir. – Acabei de ver a Kimmy.

Olivia não tinha sofrido nenhum ferimento sério. A amiga se encontrava na outra extremidade do corredor, onde colocavam seu braço numa tipoia. O tiro não atingira o osso, mas havia sérios danos nos músculos e em outros tecidos. A reabilitação seria dolorosa e ela teria que se submeter a um longo tratamento de fisioterapia. Mas, infelizmente, esta é uma época em que os pacientes são liberados do hospital o mais depressa possível – seis dias depois de uma operação de peito aberto, Bill Clinton já estava lendo no quintal de sua casa –, então eles terminaram de fazer as perguntas e mandaram Kimmy embora, aconselhando apenas que ela não saísse da cidade.

– Onde está Matt? – perguntou Loren.

– Acabou de sair do centro cirúrgico – informou Olivia.

– Correu tudo bem?

– O médico disse que ele vai ficar bom.

O tiro de Dollinger o atingira no fêmur, logo abaixo do quadril. Os médicos precisaram colocar alguns pinos, mas garantiram que fora uma cirurgia simples. O paciente estaria de pé em dois dias.

– Você devia descansar um pouco – sugeriu Olivia.

– Não posso – retrucou Loren. – Estou agitada demais.

– É, eu também. Por que não fica com Matt no quarto dele, para o caso de ele acordar? Só vou falar com Kimmy de novo e subo em seguida.

Loren pegou o elevador para o terceiro andar e se acomodou perto da cama de Matt. Pensou em tudo o que acontecera, em Adam Yates, imaginou onde ele estaria e o que poderia fazer.

Alguns minutos depois, Matt abriu os olhos e a fitou.

– Olá, herói – cumprimentou ela.

Matt conseguiu sorrir e em seguida virou a cabeça para outro lado.

– Onde está Olivia?

– Está lá embaixo com Kimmy.

– E Kimmy está...?

– Está bem. Olivia só está terminando de falar com ela e já vai subir.

Ele fechou os olhos.

– Há uma coisa que você precisa fazer para mim.

– Por que você não descansa?

Matt fez que não com a cabeça. Sua voz estava muito fraca.

– Quero que pegue alguns registros de telefone para mim.

– Agora?

– A foto e o vídeo do meu celular ainda não se encaixam – retrucou ele. – Por que Yates e Dollinger fariam aquelas imagens?

– Não foram eles. Foi Darrow.

– Por que...? – Matt fechou os olhos. – Por que ele faria isso?

Loren ficou pensativa. De repente, Matt abriu os olhos.

– Que horas são?

Ela olhou o relógio.

– Onze e meia.

– Da noite?

– Claro que da noite.

E então Loren lembrou. O encontro à meia-noite no Eager Beaver. Com toda a rapidez, ela pegou o telefone e ligou para a recepcionista da emergência.

– Aqui é a investigadora Muse. Eu estava aí embaixo agora mesmo com uma moça chamada Olivia Hunter. Ela estava esperando uma paciente chamada Kimmy Dale.

– Sim – disse a recepcionista. – Eu vi você.

– Elas ainda estão aí?

– Quem? A Srta. Dale e a Sra. Hunter?

– Isso.

– Não, saíram assim que você subiu.

– Saíram?

– Sim, de táxi.

Loren desligou.

– Elas saíram.

– Ligue para Olivia – pediu Matt, ainda deitado.

Ditou o número para Loren e ela, depois de teclar, posicionou o aparelho perto do ouvido dele. A ligação chamou três vezes antes que Olivia atendesse.

– Sou eu – disse ele.

– Você está bem? – perguntou ela.

– Onde você está?

– Você sabe.

– Você ainda acha que...?

– Ela ligou, Matt.

– O quê?

– Ela ligou para o celular de Kimmy. Ou alguém ligou. Ela disse que o encontro continua de pé, mas sem polícia, marido, ninguém. Estamos indo para lá agora.

– Olivia, isso está com cara de armação. Você sabe disso.

– Vou ficar bem.

– Loren está a caminho.

– Não, por favor, Matt. Sei o que estou fazendo. Por favor.

Então ela desligou.

capítulo 59

23h50
EAGER BEAVER
RENO, NEVADA

QUANDO OLIVIA E KIMMY CHEGARAM, o segurança apontou para a dançarina e disse:

– Você saiu muito mais cedo. Vai ter que compensar as horas.

Kimmy mostrou o braço na tipoia.

– Estou machucada.

– E daí, não consegue tirar a roupa por causa disso?

– Você está falando sério?

– Isto aqui – disse ele, apontando para o próprio rosto – sou eu falando sério. Alguns sujeitos ficam excitados com esse tipo de coisa.

– Um braço enfaixado?

– Claro. Como os que gostam de mulheres amputadas.

– Eu não sou amputada.

– Ei, há caras que ficam excitados até com uma rajada de vento, entende o que estou dizendo? – O segurança esfregou as mãos. – Conheci um que tinha tesão em dedos de pé sujos. Dá para imaginar?

– Que lindo.

– E quem é essa sua amiga?

– Ninguém.

Ele deu de ombros.

– Uma policial de Nova Jersey andou perguntando por você.

– Eu sei. Está tudo bem agora.

– Quero que vá para o palco imediatamente. Com essa tipoia.

Kimmy virou-se para Olivia.

– Posso observar você melhor de lá, sabe? Ninguém vai me notar.

Olivia assentiu.

– Você que sabe.

Kimmy desapareceu nos fundos da boate e Olivia sentou-se a uma mesa. Não prestou atenção no público. Não examinou os rostos das dançarinas procurando a filha. Os pensamentos se atropelavam em sua mente e uma grande tristeza a dominava.

Deixe isso tudo para lá, disse a si mesma. *Vá embora.*

Estava grávida. Seu marido estava internado num hospital. Era isso que importava agora. O que havia naquele bar era passado, e ela devia deixá-lo para trás.

Mas não fez isso.

Olivia pensou mais uma vez em como as pessoas que sofriam abusos sempre tomavam o caminho da autodestruição. Não conseguiam se controlar, era simples assim. Continuavam se arriscando apesar das consequências, sem ligar para o perigo. Ou às vezes, como no caso dela, faziam isso pela razão oposta – porque não importava quanto a vida as maltratasse, elas jamais deixavam de ter esperança.

Será que ainda havia uma chance de que naquela noite reencontrasse o bebê que entregara para adoção tantos anos atrás?

A garçonete se aproximou.

– Você é Candace Potter?

Olivia não hesitou.

– Sou eu.

– Tenho um recado para você.

A jovem lhe entregou um papel e se afastou. A mensagem era simples e direta: “Vá ao quarto B, nos fundos, agora. Espere lá por dez minutos.”

Era como se ela caminhasse sobre pernas de pau. A cabeça rodava, o estômago revirava. Esbarrou em um homem no caminho.

– Desculpe – falou.

– Que nada, gracinha, o prazer foi meu.

O amigo dele riu em aprovação.

Olivia continuou andando e chegou ao corredor dos fundos. Encontrou o quarto com a letra B, o mesmo em que estivera algumas horas antes.

Abriu a porta e entrou. O celular começou a tocar. Ela o pegou e atendeu.

– Não desligue. – Era Matt. – Você está na boate?
– Estou.
– Dê o fora daí. Acho que sei o que está acontecendo...
– Shh...
– O quê?
Olivia começou a chorar.
– Eu te amo, Matt.
– Olivia, seja lá o que você tenha em mente, por favor, apenas...
– Eu amo você mais do que qualquer coisa no mundo.
– Ouça o que estou dizendo. Saia daí e...

Olivia encerrou a ligação, desligou o aparelho e virou-se para a porta. Depois de cinco minutos ela continuava em pé no mesmo lugar, sem se mover, sem sequer olhar para os lados. Então ouviu uma batida na porta.

– Entre – disse ela.

E a porta se abriu.

capítulo 60

POR MAIS QUE QUISESSE, Matt não podia sair da cama.

– Vá logo! – gritou para Loren.

Ela avisou o Departamento de Polícia de Reno e correu para o carro. Estava a pouco mais de 3 quilômetros do Eager Beaver quando seu celular tocou.

Ela atendeu, irritada:

– Muse falando.

– Então você ainda está em Reno?

Era Adam Yates. A voz dele estava engrolada.

– Estou.

– Estão todos elogiando a sua genialidade?

– Na verdade, eu diria exatamente o oposto.

Yates deu uma risada.

– Eu era mesmo adorado.

Sem dúvida, ele tinha bebido.

– Diga-me onde está, Adam.

– Eu estava falando sério. Você sabe disso, não sabe?

– Claro, Adam. Eu sei.

– Quero dizer, sobre terem ameaçado a minha família. Nunca falei que foi algo físico. Mas minha esposa, meus filhos, meu emprego... Aquela fita era como uma arma de grosso calibre. Uma arma de grosso calibre que apontava para todos nós, entende?

– Entendo – disse Loren.

– Eu estava trabalhando disfarçado, fingindo ser um rico negociador de terras. Então Clyde Rangor achou que eu era a vítima perfeita. Eu não sabia que a menina era menor de idade. Você precisa acreditar nisso.

– Onde você está, Adam?

Ele ignorou a pergunta.

– Alguém ligou exigindo dinheiro em troca da fita. Então Cal e eu fizemos uma visita a Rangor. Fomos duros com ele. Ora, a quem quero enganar? Cal foi duro. Ele é um bom homem, mas tem esse gosto pela violência. Uma vez espancou um suspeito até a morte. Eu livrei a cara dele. Ele me salvava, eu o salvava. Era o que nos tornava amigos. Ele está morto, não está?

– Está.

– Merda. – Yates começou a chorar. – Cal machucou Emma Lemay. Deu-lhe uma pancada bem forte na altura dos rins. Esse foi o aviso. Quando entramos lá, eu achei que fôssemos ficar só nas ameaças, mas ele começou a bater nela sem dó. Rangor nem se incomodou. Afinal, ele também a espancava sempre. Antes ela do que ele, entende?

Loren estava quase chegando ao estacionamento.

– Então Rangor mijou nas calças. Literalmente, quero dizer. Estava tão assustado que correu para o armário dele para pegar a fita, só que ela não estava lá. A menina, ele disse, a menina do vídeo. O nome dela era Cassandra. Ele falou que ela devia ter roubado e garantiu que iria recuperá-la. Cal e eu achávamos que tínhamos mesmo deixado o cara apavorado, que ele faria o que mandássemos. Então, de repente, Rangor, Lemay e a tal Cassandra, todos desapareceram. Os anos passaram e eu continuava pensando nisso, não deixava de pensar um dia sequer. Aí recebemos a ligação do Centro Nacional de Informações Criminais. O corpo de Lemay tinha sido encontrado. Aquilo queria dizer que tudo voltara. Como eu sempre soube que aconteceria.

– Adam, não é tarde demais.

– É, sim.

Ela entrou no estacionamento.

– Você ainda tem amigos.

– Eu sei. Liguei para eles. É por isso que estou ligando para você.

– Por quê?

– Grimes vai dar um fim na fita.

– Do que você está falando?

– Se essa fita vier à tona, vai destruir a minha família. Vai acabar com a vida dos outros homens que aparecem nela também. Eles eram apenas vítimas, você sabe.

– Você não pode simplesmente fazer a fita desaparecer.

– Ninguém mais precisa dela. Grimes e o pessoal dele vão cuidar disso para mim. Eles só precisam da sua cooperação.

Então Loren percebeu o que ele ia fazer e o pânico a dominou.

– Espere, Adam, me escute!

– Cal e eu vamos morrer na linha de fogo.

– Adam, não faça isso. Você tem que me ouvir.

– Grimes vai armar para que todos acreditem nisso.

– Pense nos seus filhos...

– É o que estou fazendo. Nossas famílias vão receber pensão integral.

– Meu pai se matou, Adam. – Loren sentiu as lágrimas escorrerem pelo rosto. – Ele se matou. Por favor, você não sabe o que isso vai fazer com...

Mas ele não estava escutando.

– Você tem que guardar esse segredo, está bem? Você é uma boa investigadora. Uma das melhores. Por favor, pelos meus filhos.

– Mas que droga, Adam, me ouça!

– Adeus, Loren.

Então ele desligou.

Loren parou o carro. Desceu chorando e gritando em direção aos céus. Nesse momento, teve certeza de que, a distância, ouviu o eco de uma arma disparando.

capítulo 61

A PORTA DO QUARTO B se abriu e Olivia ficou esperando.

Quando Kimmy entrou no quarto, as duas apenas se olharam. Ambas choravam, como algumas horas antes.

Mas a situação era completamente diferente.

– Você sabe – disse Kimmy.

Olivia balançou a cabeça.

– Eu imaginei.

– Como?

– Você agiu como se não se lembrasse de Max Darrow. Ele foi um dos seus clientes nos velhos tempos. Mas o mais importante é que todo mundo acha que foi Darrow quem postou aquela mensagem na internet. Só que ele não tinha como saber que isso me atrairia. Só uma boa amiga, minha melhor amiga, imaginaria que eu ainda estava procurando meu bebê.

Kimmy deu mais um passo para dentro do quarto.

– Você me abandonou, Candi.

– Eu sei.

– Nós devíamos ter ficado juntas. Eu contei os meus sonhos para você, você me contou os seus. Uma sempre ajudou a outra, lembra?

Olivia assentiu.

– Você jurou – prosseguiu Kimmy.

– Eu sei.

Kimmy balançou a cabeça.

– Durante todos esses anos, pensei que você estivesse morta. Eu a enterrei, sabia? Paguei pelo seu enterro. Fiquei de luto, chorei durante meses. Fiz coisas de graça para o Max, tudo o que ele quis, só para garantir que continuasse tentando encontrar o seu assassino.

– Você precisa entender. Eu não podia falar. Emma e eu...

– Vocês o quê? – gritou Kimmy. O som ecoou no quarto. – Vocês fizeram um juramento, é isso?

Olivia não disse nada.

– Quando você morreu, eu morri junto, sabia disso? Os sonhos, a esperança de escapar desta vida, tudo se foi junto com você. Eu perdi tudo, todos esses anos.

– Como...?

– Como descobri que você estava viva?

Olivia assentiu.

– Dois dias depois de aquela garota ter ido à minha casa, Max também apareceu. Ele disse que a havia mandado, que ela não era mesmo a sua filha. Ele só queria me testar.

Olivia tentou entender.

– Testar você?

– É. Ele tinha consciência de que nós duas éramos amigas. Achou que eu sabia onde você estava, então armou aquilo. Mandou a garota fingir que era sua filha perdida e ficou me observando, para ver se eu ia ligar para você ou algo assim. Mas tudo o que fiz foi ir até o seu túmulo para chorar.

– Eu sinto muito, Kimmy.

– Coloque-se no meu lugar, está bem? Imagine o que senti quando Max foi até a minha casa e me mostrou o relatório da autópsia. Ele me disse que a garota morta tinha um defeito congênito, um negócio meio estranho, e que nunca poderia ter filhos. Falou que você não tinha morrido, e sabe o que eu fiz? Não acreditei. Quero dizer, como poderia? Eu garanti a ele que Candi jamais faria algo assim comigo, que nunca me deixaria para trás desse jeito. Mas Max me mostrou as fotos da menina assassinada... e era Cassandra. Então comecei a enxergar a verdade. Comecei a juntar as peças.

– E quis se vingar – concluiu Olivia.

– É. Quero dizer... eu *quis*. – Kimmy balançou a cabeça. – Mas ficou tudo tão fora de controle, entende?

– Foi você quem ajudou Darrow a me achar. Você teve a ideia de postar a mensagem no site de adoção. Sabia que eu morderia a isca.

– Isso.

– E então você armou o encontro no hotel.

– Não fui só eu. Se tivesse sido só eu... – Kimmy parou e fitou o nada por alguns segundos. – Eu estava muito magoada, sabe?

Olivia meneou a cabeça, sem dizer nada.

– Então, sim, eu queria me vingar. E queria ser recompensada também. Dessa vez eu é que iria conseguir uma nova vida. Finalmente a minha vez tinha chegado. Mas quando Max e Chally voaram para Nova Jersey... – Kimmy fechou os olhos e balançou a cabeça, como se quisesse afastar algo ruim – ... tudo fugiu ao controle.

– Você estava tentando me atingir – deduziu Olivia.

Kimmy assentiu.

– Então, primeiro tentou destruir o meu casamento com aquelas imagens enviadas para o celular do meu marido.

– Na verdade, isso foi ideia do Max. A princípio ele pensou em enviar as imagens do próprio celular, mas então percebeu que seria muito melhor usar o seu. Se algo desse errado, seria Chally quem apareceria nas imagens. Ele é que estaria com a batata quente nas mãos. Mas, antes, Max precisava da ajuda dele.

– Com Emma Lemay.

– Isso. Chally era um idiota que adorava violência. Ele e Max foram atrás de Emma, para fazê-la falar. Mas ela não entregou você nem depois do que fizeram com ela. Então eles pressionaram mais, e mais, e no fim... forçaram além do limite.

Olivia fechou os olhos.

– Então isto aqui – Olivia fez um gesto abrangendo o quarto –, nós estarmos aqui esta noite, é esse o seu *grand finale*, não é, Kimmy? Você pega o meu dinheiro, me deixa de coração partido com a revelação de que não há filha nenhuma, e depois o quê?

Kimmy ficou calada por vários segundos.

– Não sei.

– Sabe, sim, Kimmy. Você sabe.

Ela balançou a cabeça, mas o gesto não queria dizer nada.

– Darrow e Chally não me deixariam viva – falou Olivia.

– Darrow não pôde opinar sobre isso – retrucou Kimmy, com delicadeza.

– Porque você já o havia matado?

– Isso. – Ela sorriu. – Você tem ideia de quantas vezes aquele cafajeste abaixou as calças no carro comigo?

– Foi por isso que você o matou?

– Não.

– Então por quê?

– Eu precisava parar o que tinha começado – explicou Kimmy. – E precisava atacar primeiro.

– Achou que eles a matariam?

– Por uma quantia dessas, Max Darrow mataria até a própria mãe. Sim, eu fiquei arrasada quando descobri. Não, na verdade foi mais como... como se eu estivesse em estado de choque. Pensei que Max estivesse nisso comigo. Mas aí ele começou a agir por conta própria. E isso tinha que parar.

– Como assim?

– É que... – Kimmy parecia exausta. – Bem, não importa. O que importa é que Max não gostava de testemunhas, e eu era uma vagabunda em quem ele não podia confiar. Você acha que ele correria o risco?

– E Charles Talley?

– Seu marido conseguiu encontrá-lo. Eles tiveram aquela briga e ele fugiu. Chally me ligou. Eu estava no andar de baixo do hotel. Ele estava em pânico, morrendo de medo de que a polícia aparecesse. Estava em liberdade condicional, e mais um crime o condenaria à prisão perpétua. Ele faria qualquer coisa para evitar isso. Então eu disse que ele esperasse na escada.

– Você armou para dar a impressão de que Matt o havia matado.

– Era isso que Max queria fazer desde o começo, armar para Chally e seu marido. – Kimmy deu de ombros. – Achei que podia muito bem levar o plano adiante.

Olivia encarou a antiga amiga por um momento, depois se aproximou dela.

– Eu pensei muito em você – falou. – Você sabe disso.

– Eu sei – retrucou Kimmy. – Mas não era o suficiente.

– Eu fiquei com medo. Emma disse que, se descobrissem o que tínhamos feito, sobraria para todas nós. Viriam atrás da fita de novo, e ela não estava conosco. Então nos matariam.

– Olhe para mim – pediu Kimmy.

– Estou olhando.

Ela pegou a arma.

– Veja o que me tornei.

– Kimmy?

– O quê?

– Eu não planejei nada disso – explicou Olivia. – Achei que fosse morrer.

– Agora eu sei disso.

– E estou grávida.

Kimmy assentiu.

– Sei disso também.

A mão com a arma tremia.

Olivia deu mais um passo na direção dela.

– Você não vai matar o bebê.

Kimmy contorceu o rosto. A voz dela estava tão fraca que mal podia ser ouvida.

– Foi a fita.

– Foi a fita o quê, Kimmy? – Então Olivia entendeu. – Ah. Ah, não...

– Aquela maldita fita. – Lágrimas escorriam pelo rosto de Kimmy. – Foi por causa dela que mataram Cassandra, foi aquela maldita fita que começou tudo isso...

– Ah, meu Deus. – Olivia engoliu em seco. – Não foi Cassandra que roubou a fita de Clyde. Foi você.

– Fiz isso por nós, Candi. Será que você não vê? – argumentou ela. – Aquela fita era nossa passagem para sair daquela vida. Conseguiríamos uma boa grana e poderíamos fugir, como sempre falávamos. Seria a nossa vez, entende? E então, quando voltei para casa, fiquei sabendo que alguém a tinha matado...

– Durante todo esse tempo, todos esses anos, você... – Olivia sentiu o coração se partir. – Você se culpou pela minha morte.

Com esforço, Kimmy conseguiu assentir.

– Eu sinto muito, Kimmy.

– Doeu tanto quando eu soube que você estava viva... Compreende? Eu amava tanto você...

Olivia compreendia. Kimmy ficara de luto não só pela amiga morta, mas também por si mesma, pelo que poderia ter sido. Tinha

pensado que a melhor amiga, a única pessoa com quem construíra sonhos, tinha morrido por causa dela. Vivera com essa culpa por dez anos e então, um belo dia, descobrira que tudo tinha sido uma mentira.

– Podemos dar um jeito – garantiu Olivia.

Kimmy se empertigou.

– Olhe para mim – falou.

– Eu quero ajudar.

Nesse instante, bateram com força na porta.

– Abra! É a polícia!

– Eu matei dois homens – disse Kimmy, e depois sorriu. Um sorriso beatífico que fez Olivia voltar no tempo. – Pense na minha vida. É a minha vez, lembra? Minha vez de escapar.

– Por favor, Kimmy...

Mas Kimmy apontou a arma para o chão e atirou. Houve um momento de pânico e então a porta foi arrombada. Ela se virou para a porta e ergueu a arma. Olivia gritou:

– Não!

Seguiram-se vários tiros. Kimmy girou mais uma vez, como uma boneca de pano, e caiu inerte. Olivia ajoelhou-se e amparou a cabeça da amiga. Aproximou os lábios do ouvido dela.

– Por favor, não – implorou.

Mas finalmente, depois de tanto tempo, chegara a vez de Kimmy se libertar.

capítulo 62

Dois dias depois, Loren Muse estava em seu apartamento, preparando um sanduíche de presunto com queijo. Pegou duas fatias de pão e as colocou no prato. A mãe estava no sofá da sala, assistindo a um famoso telejornal. Loren escutou a familiar música de abertura. Enfiou a faca no vidro de maionese e espalhou-a no pão. De repente, começou a chorar.

Os soluços eram silenciosos. Ela esperou que parassem para conseguir falar:

– Mãe.

– Estou vendo o jornal.

Loren aproximou-se dela por trás. Carmen comia um pacote de salgadinhos. Tinha os pés inchados apoiados numa almofada sobre a mesa de centro. Loren sentiu o cheiro da fumaça do cigarro e escutou a respiração rascante da mãe.

Adam Yates tinha se suicidado. Grimes não conseguiria encobrir isso. As duas filhas dele, Ella e Anne, e o menino, Sam, o que Adam abraçara no hospital anos antes para proteger das garras da morte, ficariam sabendo da verdade. Não sobre a fita de vídeo. Apesar do pavor de Adam, não seriam aquelas imagens que assombrariam os filhos dele de madrugada.

– Eu sempre culpei você – disse Loren.

Não houve resposta. O único som vinha da televisão.

– Mãe?

– Eu ouvi.

– Um homem que acabei de conhecer... Ele se matou. Tinha três filhos.

Carmen por fim se virou no sofá.

– Sabe – prosseguiu Loren –, o motivo de eu culpar você é porque a outra opção...

Ela se calou e prendeu a respiração, apreensiva.

– Eu sei – disse Carmen com delicadeza.

– Como... – A voz de Loren ficou aguda e as lágrimas voltaram a jorrar: – Por que papai não me amou o suficiente para querer continuar vivo?

– Ah, meu bem...

– Você era a esposa, ele podia tê-la deixado. Mas eu era a filha dele.

– Ele a amava muito.

– Mas não o suficiente para permanecer vivo.

– Não é tão simples – retrucou Carmen. – Ele estava sofrendo demais. Ninguém poderia tê-lo salvado. E você foi a melhor coisa na vida dele.

– Você... – Loren enxugou o rosto com a manga da blusa. – Você permitiu que eu a culpasse.

Carmen ficou em silêncio.

– Você fez isso para me proteger.

– Você precisava culpar alguém – disse a mãe.

– Então, por todos esses anos, você suportou isso.

Loren pensou em Adam Yates, no amor que ele tinha pelos filhos, e que ainda assim esse sentimento também não fora suficiente. Enxugou os olhos.

– Eu preciso falar com eles – afirmou Loren.

– Com quem?

– Com os filhos dele.

Carmen assentiu e abriu os braços.

– Amanhã, está bem? Agora quero que você se sente aqui comigo.

Loren se acomodou ao lado da mãe, que deslizou para mais perto dela.

– Está tudo bem, filha.

Jogou o cobertor por cima de Loren. Começaram os intervalos comerciais. A jovem investigadora deitou a cabeça no ombro da mãe. Sentia o cheiro de cigarro entranhado nela, mas naquele momento era algo reconfortante. Carmen acariciou os cabelos da filha e ela fechou os olhos. Alguns segundos depois, a mais velha pegou o controle remoto e começou a zapear.

– Não tem nada de bom – reclamou.

Ainda com os olhos fechados, Loren sorriu e se aninhou ainda mais no colo da mãe.

◆ ◆ ◆

Matt e Olivia embarcaram no avião de volta para casa no mesmo dia. Ele se apoiava numa bengala. Estava mancando, mas em pouco tempo ficaria bem. Quando desceram da aeronave, falou:

– Acho que devo ir sozinho.

– Não. Vamos fazer isso juntos.

Matt não disse mais nada.

Pegaram a mesma saída para Westport e pararam na mesma rua. Havia dois carros na entrada de veículos. Matt olhou para a cesta de basquete. Não havia nenhum sinal de Stephen McGrath.

Foram juntos até a porta. Olivia segurou a mão do marido e ele tocou a campainha. Um minuto depois, Clark McGrath abriu a porta.

– Que diabo você está fazendo aqui?

Sonya aproximou-se por trás dele.

– Quem é, Clark?

Ela parou onde estava quando viu quem era.

– Matt?

– Eu apertei a campainha com força demais – disse ele.

O silêncio imperava. Não havia vento, nem carro passando, ou qualquer pedestre. Eram apenas quatro pessoas, e talvez um fantasma.

– Eu poderia ter soltado. Estava muito assustado, e pensei que Stephen era parte daquilo. E depois, quando nós caímos, não sei mais. Poderia ter feito alguma coisa. Fiquei segurando por tempo demais, agora sei disso. E não tenho como dizer quanto lamento.

O rosto de Clark McGrath estava ficando vermelho.

– E você acha que isso resolve tudo?

– Não – reconheceu Matt. – Sei que não. Minha esposa está grávida, então eu entendo melhor. Mas isso tem que terminar, aqui e agora.

– Do que você está falando, Matt? – perguntou Sonya.

Ele lhes estendeu um papel.

– O que é isso? – disse Sonya.

– Registros de telefone.

Quando Matt acordara da anestesia, no hospital, pedira a Loren que conseguisse aqueles documentos. Ele tinha uma leve suspeita, nada mais que isso. Mas havia algo no esquema de vingança de Kimmy que lhe parecia impossível que ela tivesse feito sozinha. Parecia um plano focado demais, pensado cuidadosamente para destruir não só Olivia...

... mas Matt também.

– Estas contas telefônicas pertencem a um homem chamado Max Darrow, que morava em Reno, Nevada – informou Matt. – Ele ligou para o número do seu marido oito vezes na semana passada.

– Não entendi – retrucou Sonya. – Clark?

Mas ele fechou os olhos.

– Max Darrow era policial – contou Matt. – Quando ele ficou sabendo quem Olivia era, deve ter investigado a vida dela. E deve ter descoberto também que o marido dela era um ex-presidiário famoso. Aí entrou em contato com o senhor. Não sei quanto o senhor lhe pagou, Sr. McGrath, mas faz muito sentido. Matar dois coelhos com uma cajadada só. Como a parceira de Darrow disse à minha esposa, ele estava agindo por conta própria... com a ajuda do senhor.

– Clark? – chamou Sonya.

– Ele devia estar na cadeia! – gritou Clark. – E não se encontrando com você para almoçar.

– O que você fez, Clark?

Matt se aproximou.

– Está tudo acabado agora, Sr. McGrath. Vou pedir desculpas mais uma vez pelo que aconteceu. Sei que o senhor não vai aceitar. Eu entendo isso. Lamento muito pelo Stephen. Mas vou lhe dizer algo que acho que vai entender.

Matt deu mais um passo à frente. Agora os dois estavam praticamente cara a cara.

– Se chegar perto da minha família de novo, eu mato você.

Então Matt se afastou. Olivia ficou mais um segundo. Olhou primeiro para Clark e depois para Sonya, como que reforçando as palavras do marido. Então deu meia-volta, alcançou Matt, pegou a mão dele e não olhou para trás.

capítulo 63

Já dentro do carro, os dois se afastaram da casa dos McGraths. Ficaram em silêncio por um longo tempo. Uma música irritante tocava no rádio, e Olivia esticou o braço e desligou.

– Isso é tão estranho... – comentou ela.

– Eu sei.

– O que faremos agora? Retomaremos nossa vida, como se nada tivesse acontecido?

Matt balançou a cabeça.

– Acho que não.

– Começamos de novo?

Ele balançou a cabeça mais uma vez.

– Acho que não.

– Ainda bem que esse ponto está esclarecido – brincou ela.

Ele sorriu.

– Quer saber de uma coisa? – falou.

– O quê? – retrucou Olivia.

– Vamos ficar bem.

– Isso não me parece suficiente.

– A mim também não.

– Nós vamos ficar *ótimos* – disse ela.

Chegaram à casa de Marsha. Ela correu para recebê-los e abraçou os dois a um só tempo. Paul e Ethan fizeram o mesmo. Kyra ficou na porta, com os braços cruzados.

– Puxa vida – disse Marsha –, o que aconteceu com vocês dois?

– É uma longa história.

– Sua perna...

Matt fez um gesto de desdém.

– Minha perna está ótima.

– Essa bengala é legal, tio Matt – elogiou Paul.

– É, é legal mesmo – concordou Ethan.

Eles se aproximaram da porta, onde Kyra esperava. Matt lembrou-se de como ela o ajudara a fugir do quintal do vizinho.

– Ei, obrigado por aquele grito.

Ela corou.

– De nada.

Kyra levou os meninos para o quintal e Matt e Olivia começaram a contar a Marsha o que acontecera. Ela escutou com toda a atenção. Eles não deixaram nenhum detalhe de fora. Ela pareceu agradecida pela confiança. Quando terminaram, Marsha olhou para eles e sorriu.

– Vou fazer o almoço para vocês.

– Olhe, não precisa...

– Eu faço questão.

Eles aceitaram. Olivia parecia um tanto distante. Matt podia ver que ainda havia um buraco imenso no peito dela.

– Já liguei para Cingle – disse ele.

– Obrigada.

– Vamos encontrar o seu bebê.

Olivia assentiu, mas não acreditava mais naquilo.

– Eu quero visitar o túmulo da Emma. Prestar minhas homenagens.

– Eu entendo.

– Não posso acreditar que ela tenha vindo parar tão perto de nós.

– Como assim?

– Isso era parte do nosso pacto. Nós sabíamos qual era a nova identidade uma da outra, é claro. Mas nunca entramos em contato. Eu achava que ela ainda estava numa paróquia no Oregon.

Matt sentiu um arrepio na espinha e se empertigou.

Olivia notou a reação dele.

– O que foi? – quis saber Olivia.

– Você não sabia que ela estava no St. Margaret?

– Não.

– Mas ela ligou para você.

– O quê?

– Como irmã Mary Rose. Está nos registros de telefone. Ela ligou para você.

Olivia deu de ombros.

– Acho que ela pode ter descoberto onde eu estava. Sabia meu nome. Talvez tenha tentado entrar em contato comigo para me prevenir.

Matt balançou a cabeça.

– Seis minutos.

– O quê?

– A ligação durou seis minutos. E ela não ligou para a nossa casa, ligou para cá.

– Não estou entendendo.

Então outra pessoa falou:

– Ela ligou para mim.

Os dois se viraram. Kyra apareceu de novo, e Marsha vinha atrás dela.

– Eu não sabia como contar a vocês – disse a babá.

Matt e Olivia ficaram rígidos como pedra.

– Você não quebrou o pacto, Olivia – continuou Kyra. – Foi a irmã Mary Rose quem quebrou.

– Como assim? – perguntou Olivia.

– O fato é que eu sempre soube que tinha sido adotada – contou a jovem.

Olivia levou a mão à boca.

– Ah, meu Deus...

– E, quando comecei a procurar, descobri bem depressa que minha mãe biológica tinha sido assassinada.

Um ofego escapou dos lábios de Olivia. Matt ficou parado, entorpecido.

Olivia, pensou ele, era de Idaho. E Kyra morava em algum estado do Meio-Oeste...

– Mas eu queria saber mais. Então procurei o policial que investigou a morte.

– Max Darrow – disse Matt.

Kyra assentiu.

– Contei a ele quem eu era. Ele pareceu querer me ajudar de verdade. Conseguiu todas as informações: onde eu nasci, o médico que fez o parto, tudo. E me deu o endereço de Kimmy Dale. Então eu fui atrás dela.

– Espere – interrompeu Matt. – Pensei que Kimmy tivesse dito que...

Kyra olhou para ele e Matt se calou. A resposta era óbvia. Darrow manipulara as informações para manter Kimmy no escuro. Por que contar que havia mesmo uma filha naquela história? Talvez Kimmy, que já parecia emocionalmente desequilibrada, pudesse tender para o outro lado se soubesse que a moça que a visitara era o bebê perdido de Candi.

– Desculpe – disse Matt. – Continue.

Kyra virou-se bem devagar para Olivia.

– Então eu fui ao trailer de Kimmy. Ela foi muito legal. Falar com ela me fez querer descobrir mais sobre você. Eu queria... Sei como vai soar o que vou dizer, mas a verdade é que eu queria encontrar o seu assassino. Então continuei procurando, investigando. E aí recebi um telefonema da irmã Mary Rose.

– Como...?

– Ela estava tentando ajudar algumas das meninas antigas, eu acho. Reparar o mal que havia causado. Tinha ouvido falar de mim e então me ligou.

– Ela contou que eu estava viva?

– Contou. E foi um completo choque. Eu achava que você tivesse sido assassinada. Aí, do nada, a irmã Mary Rose me ligou e disse que, se eu seguisse as instruções dela, poderia encontrar você. Mas tínhamos que agir com cautela, ela falou. Eu não queria colocar você em perigo nem nada do tipo. Só queria... Só queria uma chance de conhecê-la.

Matt olhou para Marsha.

– Você sabia?

– Não até ontem, quando Kyra me contou.

– E como aconteceu de você vir morar aqui?

– Em parte, foi sorte – retrucou Kyra. – Eu queria encontrar um modo de me aproximar de você. A irmã Mary Rose ia tentar me colocar na DataBetter, mas aí ficamos sabendo que Marsha precisava de alguém para cuidar dos meninos. A irmã Mary Rose ligou para alguém no St. Philomena e indicou meu nome para eles.

Matt lembrou-se de que Marsha havia conhecido Kyra por intermédio da igreja. Uma freira teria esse tipo de poder – quem iria

questionar uma recomendação como essa?

– Eu queria contar – afirmou Kyra, olhando apenas para Olivia. – Só estava esperando o momento certo. Mas então a irmã Mary Rose ligou. Como você falou. Há três semanas. Avisou que ainda era cedo demais, que eu não devia dizer nada antes que ela entrasse em contato comigo de novo. Fiquei assustada, mas confiava nela, então obedeci. Não sabia nem que ela tinha sido assassinada. E então, naquela noite, quando vocês chegaram de madrugada, eu já tinha decidido contar de qualquer jeito. Foi por isso que voltei da garagem. Mas Matt estava fugindo.

Olivia abriu a boca, então fechou-a, em seguida tentou de novo:

– Então você... você é... minha...

– Sua filha. Sim.

Olivia deu um passo hesitante na direção de Kyra. Estendeu uma mão na direção dela, mas pensou melhor e tornou a baixá-la.

– Você está bem, Kyra? – perguntou Olivia.

A jovem deu um sorriso tão parecido com o da mãe que Matt ficou pensando como não havia percebido antes.

– Estou, sim.

– É feliz?

– Sim, sou.

Olivia não disse nada. Kyra deu mais um passo.

– Estou bem, de verdade.

E então Olivia começou a chorar.

Matt desviou os olhos. Aquilo não era sobre ele. Escutou os soluços e os sons de duas pessoas tentando confortar uma à outra. Pensou na distância, no sofrimento, na prisão, no abuso, no passar dos anos e no que Olivia dissera sobre aquela vida, aquela existência simples pela qual valia a pena lutar.

epílogo

SEU NOME É MATT HUNTER.

Passou-se um ano.

Lance Banner lhe pediu desculpas. Por vários meses, ele continua desconfiado, mas então um dia, em um churrasco na vizinhança, ele o convida para ser seu assistente de técnico de beisebol. Alega, com um tapinha amigável nas suas costas, que seu sobrinho Paul está no time. E então, o que você acha?

Você aceita.

Você comprou a casa em Livingston, afinal de contas. Montou um escritório dentro dela e presta consultoria sobre assuntos jurídicos para a Carter Sturgis. Ike Kier é seu principal cliente. Ele paga bem.

Todas as acusações contra Cingle Shaker foram retiradas. Ela abriu a própria agência de investigação particular, a Cingler Service. Ike Kier e a Carter Sturgis passam para ela todos os serviços que podem. No momento, está conduzindo três investigações ao mesmo tempo.

Sua cunhada, Marsha, tem um relacionamento sério com um sujeito chamado Ed Essey. Ed trabalha com manufatura. Você não entende direito o que ele faz. Os dois pretendem se casar logo. Ele parece legal. Você tenta gostar dele, mas não consegue. No entanto, ele ama Marsha e vai cuidar bem dela. Provavelmente será o único pai de quem Ethan e Paul se lembrarão. Eles são pequenos demais para se recordar de Bernie. Talvez as coisas devam ser assim, mas isso ainda lhe faz muito mal. Você sempre tentará ser presente na vida deles, mas vai se tornar apenas um tio. Paul e Ethan vão correr primeiro para Ed.

Na última vez em que esteve na casa da cunhada, você procurou a foto de Bernie na geladeira. Ela continua lá, mas está coberta por fotos mais recentes, boletins e desenhos rabiscados.

Você nunca mais teve notícias de Sonya nem de Clark McGrath.

O filho deles, Stephen, ainda o visita de vez em quando. Não tanto quanto antes. E às vezes você fica até contente em vê-lo.

Depois que você comprou a casa em Livingston, Loren Muse foi visitá-lo. Vocês dois se sentaram no quintal e tomaram algumas cervejas.

– De volta a Livingston – diz ela.

– É.

– Está feliz?

– Cidades não fazem as pessoas felizes, Loren.

Ela assente.

Ainda há algo que o incomoda.

– O que vai acontecer com Olivia? – pergunta você.

Loren enfia a mão no bolso e tira um envelope.

– Nada – diz ela.

– O que é isso?

– Uma carta da irmã Mary Rose, nascida Emma Lemay. A irmã Katherine a entregou para mim.

Você se endireita na cadeira. Ela lhe entrega a correspondência e você começa a ler.

– Emma Lemay assumiu toda a culpa – explica Loren. – Ela, e só ela, matou Clyde Rangor. Ela, e só ela, escondeu o corpo. Ela, e só ela, mentiu para as autoridades sobre a identidade da vítima de assassinato. Ela diz que Candace Potter não sabia de nada a respeito. Tem mais, porém o mais importante é isso.

– E você acha que vai funcionar?

Loren dá de ombros.

– Quem pode contestar?

– Obrigado – diz você.

Loren assente. Ela apoia a cerveja na mesa e se endireita na cadeira.

– Agora, que tal me contar sobre aqueles registros de telefone, Matt?

– Não.

– Acha que não sei com quem Darrow falou em Westport, Connecticut?

– Não importa. Você não pode provar nada.

– Você não sabe disso. McGrath provavelmente mandou dinheiro para ele. Pode haver uma pista.

– Deixe para lá, Loren.

– Querer vingança não é defesa.

– Deixe para lá.

Ela pega a cerveja outra vez.

– Não preciso do seu consentimento.

– É verdade.

Loren olhou para longe.

– Se Kyra tivesse contado a verdade para Olivia no começo...

– É provável que a esta altura as duas estivessem mortas.

– O que o faz dizer isso?

– O telefonema de Emma Lemay. Ela pediu a Kyra que não falasse. E acho que tinha um bom motivo para isso.

– Que era...

– Imagino que Emma, ou a irmã Mary Rose, soubesse que eles estavam chegando perto.

– Você está dizendo que Emma quis receber o golpe por todas elas?

Você dá de ombros e pensa em como eles descobriram Emma, e apenas ela. Tenta entender por que ela não fugiu, se desconfiava de alguma coisa, como foi capaz de suportar toda aquela tortura sem entregar Olivia. Talvez tenha pensado que um último sacrifício fosse encerrar tudo. Ela não tinha como saber que eles iriam postar aquela mensagem sobre a adoção na internet. Provavelmente achava que era o único elo, e que, se esse elo fosse rompido para sempre – sobretudo pela força –, eles não teriam como encontrar Olivia.

Mas você nunca saberá com certeza.

Loren desvia o olhar de novo.

– De volta a Livingston – repete ela.

Vocês dois assentem e tomam um gole de cerveja.

No decorrer desse ano, Loren o visita sempre que pode. Quando o tempo está bom, vocês dois se sentam lá fora.

O sol está alto neste dia, um ano depois. Você e Loren estão estirados em espreguiçadeiras, bebendo cerveja. Loren comenta que essa marca é melhor do que a que tomaram da outra vez.

Você dá um gole e concorda.

Como sempre, Loren olha ao redor, balança a cabeça e repete o refrão:

– De volta a Livingston.

Vocês estão no quintal. Sua esposa, Olivia, está na outra extremidade, plantando flores em um canteiro. Seu filho, Benjamin, está sobre uma manta perto dela. Ele tem 4 meses agora. Dá gritinhos de contentamento, e você consegue ouvir sua vozinha mesmo do outro lado do quintal. Kyra também está lá, ajudando a mãe. Ela mora com vocês há um ano, e pretende ficar até se formar.

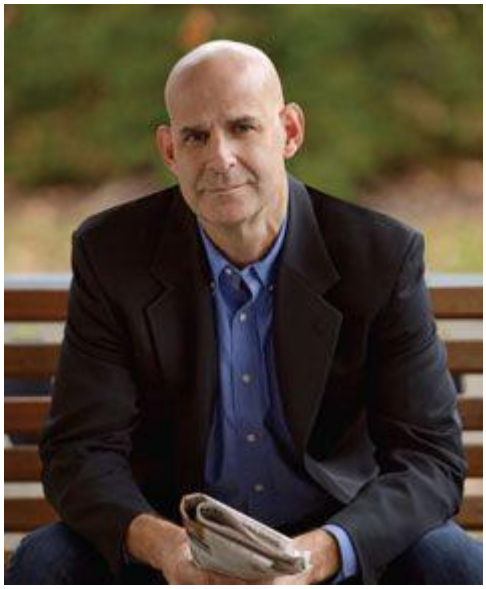
Então você, Matt Hunter, olha para os três. Olivia sente que você a está fitando, levanta a cabeça e sorri. Kyra também. O filho faz mais barulhinhos de alegria.

Você sente o peito leve.

– É – você diz a Loren, com um sorriso tolo no rosto. – De volta a Livingston.

sobre o autor

© Claudio Marinesco



HARLAN COBEN é autor de Refúgio (primeiro livro da série de Mickey Bolitar), *Fique comigo*, *Confie em mim*, *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre* e *Cilada* e dos livros protagonizados por Myron Bolitar – *Quebra de confiança*, *Jogada mortal*, *Sem deixar rastros*, *O preço da vitória*, *Quando ela se foi* e *Alta tensão* (Arqueiro) –, além de *A promessa*, *Silêncio na floresta*, *Não há segunda chance* e *O inocente* (Arx). Esses dois últimos serão relançados pela Arqueiro.

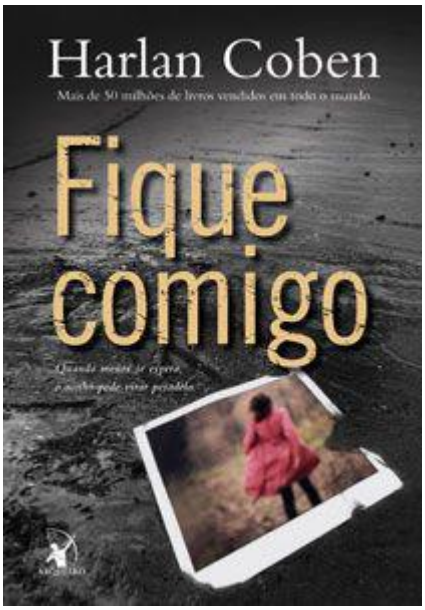
Vencedor de diversos prêmios, é o único escritor a ter recebido a trinca de ases da literatura policial americana: o Anthony, o Shamus e o Edgar Allan Poe, todos por livros da série de Myron Bolitar. Suas obras já foram traduzidas para 41 idiomas.

Aclamado na França, Coben é conhecido como “o mestre das noites em claro”. Seu livro *Não conte a ninguém* foi transformado no premiado filme homônimo estrelado por Kristin Scott Thomas e François Cluzet, disponível no Brasil em DVD.

Harlan nasceu em Newark, Nova Jersey. Depois de se formar em ciência política, trabalhou no setor de turismo. Hoje mora em Nova Jersey com os quatro filhos e a esposa.

www.harlancoben.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



Fique comigo

A vida de Megan Pierce nem sempre foi um mar de rosas. Houve uma época em que ela nunca sabia como seria o dia seguinte. Mas hoje é mãe de dois filhos, tem um marido perfeito e uma casa de sonhos de qualquer mulher – e, apesar disso, se sente cada vez mais insatisfeita.

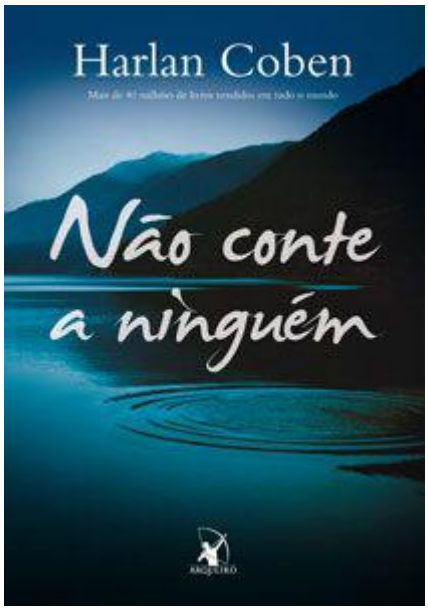
Ray Levine já foi um fotógrafo respeitado, mas agora, aos 40 anos, tem um emprego em que finge ser paparazzo para massagear o ego de jovens endinheirados obcecados em se tornar celebridades.

Broome é um detetive incapaz de esquecer um caso que nunca conseguiu resolver: há 17 anos, um pai de família desapareceu sem deixar rastro. Todos os anos ele visita a casa em que a mulher e os filhos do homem esperam seu retorno.

Essas pessoas levam vidas que nunca desejaram. Agora, um misterioso acontecimento fará com que seus caminhos se cruzem, obrigando-as a lidar com as terríveis consequências de fatos que pareciam enterrados havia muito tempo.

E, à medida que se deparam com a faceta sombria do sonho americano – o tédio dos subúrbios, a angústia da tentação, o

desespero e os anseios que podem se esconder nas mais belas fachadas –, elas chegarão à chocante conclusão de que talvez não queiram deixar o passado para trás.



Não conte a ninguém

Há oito anos, enquanto comemoravam o aniversário de seu primeiro beijo, o Dr. David Beck e sua esposa, Elizabeth, sofreram um terrível ataque. Ele foi golpeado e caiu no lago, inconsciente. Ela foi raptada e brutalmente assassinada por um *serial killer*.

O caso volta à tona quando a polícia encontra dois corpos enterrados perto do local do crime, junto com o taco de beisebol usado para nocautear David. Ao mesmo tempo, o médico recebe um misterioso e-mail, que, aparentemente, só pode ter sido enviado por sua esposa.

Esses novos fatos fazem ressurgir inúmeras perguntas sem respostas: Como David conseguiu sair do lago? Elizabeth está viva? E, se estiver, de quem era o corpo enterrado oito anos antes? Por que ela demorou tanto para entrar em contato com o marido?

Na mira do FBI como principal suspeito da morte da esposa e caçado por um perigosíssimo assassino de aluguel, David Beck contará apenas com o apoio de sua melhor amiga, a modelo Shauna, da célebre advogada Hester Crimstein e de um traficante de drogas para descobrir toda a verdade e provar sua inocência.

Não conte a ninguém foi o livro mais aclamado de 2001, indicado para diversos prêmios, entre eles Edgar, Anthony, Macavity, Nero e

Barry. Em 2006 foi adaptado para o cinema numa produção francesa vencedora de quatro Cesars (o Oscar francês), inclusive de melhor ator e diretor.



O preço da vitória
SÉRIE MYRON BOLITAR

Myron Bolitar não é fã de golfe, mas, ao ser convidado por seu amigo Win para assistir ao Aberto dos Estados Unidos, aproveita a oportunidade para tentar conquistar novos clientes.

E é o que acontece quando ele é procurado pelo pai de Linda Coldren, a golfista número 1 do ranking. Antes que perceba, Myron está novamente atuando como detetive, em busca de Chad, o filho de Linda que sumiu há dois dias.

O desaparecimento do garoto é mais um peso sobre os ombros do pai dele, o também golfista Jack Coldren, que lidera o torneio e luta para não repetir seu inexplicável fracasso de anos atrás.

Win se recusa a ajudar no caso ao ser informado de que foi sua mãe, com quem não fala há anos, que recomendou Myron à família Coldren. Mesmo sabendo que ela está à beira da morte, prefere manter distância.

Nesta trama repleta de suspense e reviravoltas, Harlan Coben nos leva a mansões monumentais e motéis de quinta categoria junto com Myron Bolitar, um herói complexo, de cabeça quente e coração de ouro, mais fascinante e imprevisível a cada página.



Uma questão de segundos
SÉRIE MICKEY BOLITAR

Mickey Bolitar nunca teve uma vida normal. Até os 15 anos, ele morou em diversos países por causa do trabalho beneficente dos pais. Quando, por fim, os três se estabeleceram nos Estados Unidos, o pai morreu em um acidente de carro e a mãe acabou internada em uma clínica de reabilitação.

Forçado a morar com seu tio Myron, Mickey descobre que está sendo vigiado por uma organização secreta chamada Abrigo Abeona e começa a investigá-la.

Uma das poucas pessoas que podem ajudá-lo é dona Morcega, uma vizinha reclusa e de passado obscuro, mas suas revelações geram mais confusão. Quando mostra a Mickey a foto de um nazista cruel que perseguiu a família dela, ele reconhece o paramédico que anunciou a morte de seu pai. Será que o homem mentiu e Brad Bolitar ainda está vivo?

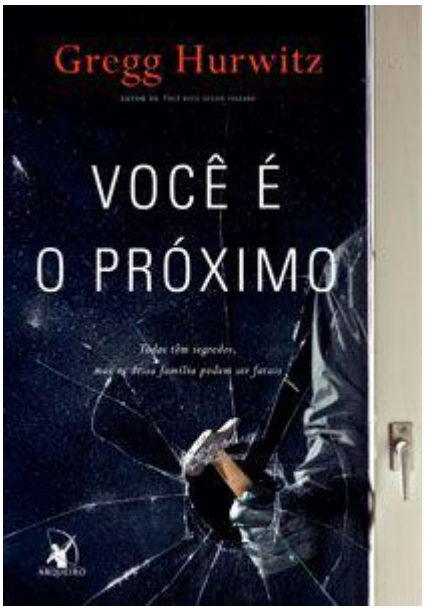
Enquanto Mickey é assombrado pelas dúvidas, a tragédia se abate sobre a cidade de Kasselton. Durante um suposto assalto, a mãe de sua amiga Rachel Caldwell morre e a garota é baleada.

Com receio de que o incidente seja mais um ataque às pessoas que estão ligadas ao Abrigo Abeona, Mickey se junta aos amigos

Ema e Colherada para descobrir quem é o criminoso.

Nesta sequência da série iniciada com *Refúgio*, Mickey precisa correr para proteger aqueles que mais ama, ainda que não saiba exatamente quem é o inimigo.

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Você é o próximo
GREGG HURWITZ

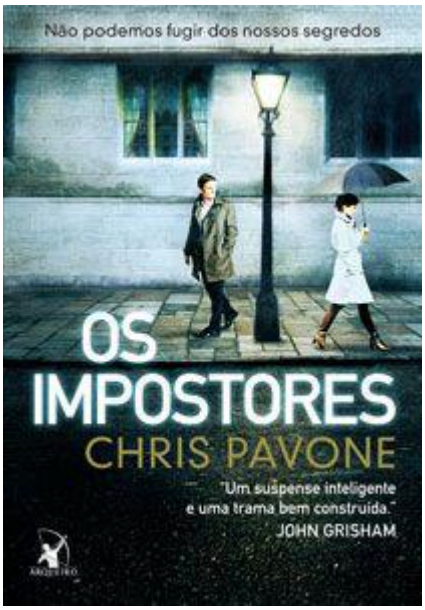
Mike Wingate teve uma infância difícil: aos 4 anos, foi abandonado em um parque e mandado para um lar adotivo. Ninguém nunca apareceu para buscá-lo e ele tem apenas algumas lembranças esparsas e fragmentadas de seus pais.

Agora, já adulto, ele leva a vida que sempre sonhou: é casado com uma mulher maravilhosa, tem uma linda filha de 8 anos e sua empresa de construção civil está prestes a terminar um condomínio de casas ecologicamente sustentáveis que garantirá um futuro sólido para todos eles.

Então o inimaginável acontece: Mike depara com demônios de um passado do qual nem mesmo se lembra. Dois sujeitos cruéis surgem do nada e começam a ameaçar não somente a ele, mas também sua família.

Quando as intimidações se transformam em ataques violentos, o instinto de sobrevivência passa a ser o único combustível de Mike e ele recorre a um aliado dos velhos tempos, um sujeito muito perigoso – e seu único amigo verdadeiro. Juntos, os dois farão o

que for preciso para manter Mike, a esposa e a filha a salvo de seus inimigos implacáveis.



Os impostores
CHRIS PAVONE

Kate Moore é uma mãe que trabalha fora e luta para equilibrar as despesas e o orçamento, criar os filhos, manter viva a chama do casamento... e guardar um segredo cada vez mais difícil de suportar. Por isso, quando seu marido, Dexter, recebe uma proposta de emprego em Luxemburgo, ela agarra a chance de deixar para trás sua vida dupla e recomeçar do zero longe de Washington.

Em outro país, Kate se reinventa, enquanto Dexter trabalha sem parar num emprego que ela nunca entendeu, para um cliente que ela não pode saber quem é. Em pouco tempo, a confortável vida europeia com que sonhava se revela uma rotina cansativa em que o marido vai ficando cada vez mais distante e evasivo e ela, solitária e entediada.

Chega então outro casal americano, que faz amizade com Dexter e Kate. Mas ela logo desconfia que os novos amigos não sejam exatamente quem dizem ser – e fica apavorada diante da possibilidade de estar sendo perseguida por fantasmas do passado.

Assim, Kate começa a investigá-los e acaba descobrindo camadas e mais camadas de mentiras que a cercam e, por trás

disso tudo, um golpe extremamente bem elaborado que ameaça sua família, seu casamento e até sua vida.



Não brinque com fogo
JOHN VERDON

No ano 2000, um criminoso que ficou conhecido como Bom Pastor matou seis pessoas em estradas, dentro de seus carros em movimento. Na época, ele enviou um manifesto à polícia no qual deixava claras suas motivações: uma cruzada solitária contra a ganância. Após o sexto assassinato, no entanto, encerrou a matança e nunca foi descoberto.

Dez anos depois, uma jovem estudante de jornalismo está fazendo um documentário sobre os familiares das vítimas quando coisas estranhas começam a acontecer em sua casa. Objetos são trocados de lugar, maçanetas são afrouxadas, luzes se apagam sozinhas.

Assustada, ela contrata Dave Gurney como consultor. Depois de ler o material sobre o caso – incluindo o perfil psicológico do assassino elaborado pelo FBI –, o detetive coloca em dúvida toda a lógica da investigação.

Ao confrontar os agentes responsáveis, porém, Dave percebe que está mexendo em um ninho de vespas, o que fica evidente quando até pessoas que o apoiaram no passado se voltam contra ele.

Agora seu único aliado é o antigo parceiro Jack Hardwick, um policial grosseirão e debochado que não esconde seu desprezo pelas autoridades. Com sua ajuda, Dave tem acesso aos relatórios confidenciais do caso e começa a própria investigação. Mais uma vez, ele se colocará em risco enquanto tenta provar seu ponto de vista e capturar o criminoso.

Além de reunir todas as qualidades da série Dave Gurney – personagens bem construídos e uma admirável engenhosidade narrativa –, *Não brinque com fogo* vai além: é um lembrete do poder da fé em si mesmo num mundo onde isso é cada vez mais raro.



O menino da mala
LENE KAABERBØL E AGNETE FRIIS

Nina Borg é uma enfermeira da Cruz Vermelha que, em segredo, cuida de imigrantes ilegais. Obcecada pelo trabalho, já percorreu diversos países para ajudar os mais necessitados e presenciou horrores inimagináveis.

Quando sua amiga Karin lhe pede um favor simples, ela aceita na mesma hora e recebe a chave de um guarda-volumes que abrirá a porta para um mundo cruel em que um frágil menino de 3 anos é preso em uma mala e deixado dentro de um armário.

O exagerado senso de dever da enfermeira a força a levar o garoto sem pedir ajuda à polícia e resolver tudo por conta própria. Ela sabe que esse sentimento de obrigação já vem arruinando seu casamento e afastando-a do convívio familiar, mas acaba, mais uma vez, inventando uma história para o marido e sumindo sem dar notícias.

Vagando pelas ruas de Copenhague, seu caminho se cruza com os dramas de uma mãe solitária e desesperada, um dinamarquês rico que zela pela família e um lituano que só deseja casar e ter uma vida feliz. O que mais importa para Nina é entender o que está

acontecendo e salvar a criança, mesmo que, para isso, seja necessário arriscar a própria vida.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, A vingança e *A traição*, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e *Fortaleza digital*, de Dan Brown

Uma Longa Jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes! e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio*, de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os doze*, de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br,
e curta nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta cadastrar-se diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

prólogo
capítulo 1
capítulo 2
capítulo 3
capítulo 4
capítulo 5
capítulo 6
capítulo 7
capítulo 8
capítulo 9
capítulo 10
capítulo 11
capítulo 12
capítulo 13
capítulo 14
capítulo 15
capítulo 16
capítulo 17
capítulo 18
capítulo 19
capítulo 20
capítulo 21
capítulo 22
capítulo 23
capítulo 24
capítulo 25

capítulo 26
capítulo 27
capítulo 28
capítulo 29
capítulo 30
capítulo 31
capítulo 32
capítulo 33
capítulo 34
capítulo 35
capítulo 36
capítulo 37
capítulo 38
capítulo 39
capítulo 40
capítulo 41
capítulo 42
capítulo 43
capítulo 44
capítulo 45
capítulo 46
capítulo 47
capítulo 48
capítulo 49
capítulo 50
capítulo 51
capítulo 52
capítulo 53
capítulo 54
capítulo 55

capítulo 56
capítulo 57
capítulo 58
capítulo 59
capítulo 60
capítulo 61
capítulo 62
capítulo 63
epílogo
sobre o autor
Conheça outros títulos do autor
Conheça mais títulos da Editora Arqueiro
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro